

# LORETTA CHASE

*Autora de O Príncipe dos Canalhas*

## O Último dos Canalhas



# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [xlivros.com](http://xlivros.com) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

***Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.***

*O Último  
dos Canalhas*



## O Arqueiro

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

LORETTA CHASE

*O Último  
dos Canalhas*



Título original: *The Last Hellion*  
Copyright © 1998 por Loretta Chekani  
Copyright da tradução © 2015 por Editora Arqueiro Ltda.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

*tradução:* Alves Calado  
*preparo de originais:* Gabriel Machado  
*revisão:* Flávia Midori e Livia Cabrini  
*projeto gráfico e diagramação:* Abreu's System  
*capa:* Duat Design  
*imagem de capa:* Richard Jenkins Photography  
*adaptação para ebook:* Marcelo Moraes

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

---

C436u

Chase, Loretta

O último dos canalhas [recurso eletrônico] / Loretta Chase [tradução de Alves Calado]; São Paulo: Arqueiro, 2015.  
recurso digital

Tradução de: The last hellion

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-85-8041-476-9 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Calado, Alves. II. Título.

15-26591

CDD: 813  
CDU: 821.111(73)-3

---

Todos os direitos reservados, no Brasil, por  
Editora Arqueiro Ltda.  
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia  
04551-060 – São Paulo – SP  
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818  
E-mail: [atendimento@editoraarqueiro.com.br](mailto:atendimento@editoraarqueiro.com.br)  
[www.editoraarqueiro.com.br](http://www.editoraarqueiro.com.br)

## PRÓLOGO

*Longlands, Northamptonshire – Setembro de 1826*

Os estudiosos de genealogia concordavam que a família Mallory, do duque de Ainswood, viera da Normandia e se estabelecera na Inglaterra do século XII ao mesmo tempo que várias outras de mesmo nome.

Segundo etimologistas, "Mallory" significa "infeliz" ou "azarado". Mas na história da família do duque, queria dizer "encrenca", com "E" maiúsculo. Alguns antepassados do duque tinham vivido muito, outros pouco, mas todos tiveram em comum uma vida intensa, porque essa era sua natureza: serem canalhas notórios de nascença.

Com o passar do tempo, porém, a família começara a se aquietar. O quarto duque, um velho perverso e devasso que morrera fazia uma década, tinha sido o último de sua geração. Os que sobraram eram um novo tipo de Mallory: mais civilizado, até mesmo virtuoso.

Exceto o filho único do irmão mais novo do quarto duque.

Vere Aylwin Mallory era o último canalha da família. Com bem mais de 1,80 metro, era o mais alto de todos e, segundo alguns, o mais bonito, além do mais tresloucado. Tinha o denso cabelo castanho do pai e em seus olhos – que tinham o verde mais escuro da geração anterior – brilhavam séculos da malícia e da sedução que arruinara centenas de mulheres. Com quase 32 anos, ele já pecara bastante.

No momento, ele estava percorrendo a floresta da grande

propriedade em Longlands, a região natal do duque de Ainswood. Vere se dirigia à estalagem Hare and Pigeon, num povoado próximo.

Num zombeteiro tom de barítono, entoava o serviço fúnebre anglicano com a melodia de uma balada obscena. Já o ouvira com tanta frequência na última década que o sabia de cor, desde a abertura – “Sou a ressurreição e a vida” – até o “amém” final.

– Visto que Deus Todo-Poderoso, em sua grande misericórdia, quis levar a alma de nosso querido irmão...

Ao falar “irmão”, sua voz ficou embargada. Ele enrijeceu os ombros largos, tentando conter o tremor que lhe sacudia o corpo. Apoiou-se num tronco de árvore, trincou os dentes e fechou os olhos com força, esperando que o sofrimento avassalador se amenizasse.

Tinha passado boa parte da última década de luto e havia derramado muitas lágrimas nos últimos sete dias, desde que seu primo Charlie, o quinto duque de Ainswood, dera o suspiro final.

Charlie agora se encontrava no mausoléu com os outros que o Deus Todo-Poderoso “quisera levar” ao longo dos dez anos anteriores. A interminável sucessão de funerais havia começado com o do quarto duque, que, na ausência dos pais de Vere, que morreram quando ele tinha 9 anos, fora como um pai para ele. Desde então, a morte reivindicara os irmãos de Charlie, junto com as esposas e os filhos homens, várias das meninas, além da mulher e do primogênito de Charlie.

Apesar dos anos de prática, o último funeral fora o mais difícil de suportar, já que Charlie não só era o primo Mallory mais querido de Vere, como um dos três homens que ele via como irmãos. Os outros dois eram Roger Barnes, visconde de Wardell, e Sebastian Ballister, o quarto marquês de Dain. Este último, um gigante mais conhecido como lorde Belzebu, era considerado por todos uma mancha odiosa no brasão de sua família. Ele, Wardell e Vere tinham sido parceiros de crime desde que estudavam em Eton. Mas o visconde fora morto durante uma briga de bêbados fazia seis anos e Dain partira para a

Europa continental alguns meses depois, estabelecendo-se de vez em Paris.

Não lhe restava ninguém importante. Do ramo principal da família, agora havia apenas um homem além de Vere: Robin, de 9 anos, o caçula de Charlie, que acabara de se tornar o sexto duque de Ainswood.

Charlie também havia deixado duas filhas, se é que alguém contava as mulheres – o próprio Vere não se importava – e seu testamento nomeava o parente do sexo masculino mais próximo como guardião das crianças. Não que Vere precisasse cuidar diretamente deles. Ainda que a lealdade familiar levasse as pessoas a tolerarem o último Mallory canalha – assim como a tradição ditava a nomeação de guardiões –, ninguém, nem mesmo Charlie, poderia acreditar que Vere era adequado para criar três crianças inocentes. Portanto, uma das irmãs casadas de Charlie se responsabilizaria por isso.

Em outras palavras, a posição de guardião era puramente nominal, o que estava ótimo, já que Vere não tinha dedicado um pensamento sequer aos filhos do primo desde que chegara, uma semana antes – a tempo de assistir à partida de Charlie para o além.

Para seu horror, tudo era exatamente como o tio havia previsto dez anos antes, em seu leito de morte.

– Eu vi tudo quando eles estavam reunidos ao meu redor. Eu os vi chegando e indo embora. Carregados de má sorte. “Ele vem, e é ceifado como uma flor.” Dois dos meus irmãos foram ceifados muito antes de você nascer. Depois seu pai. E hoje eu os vi, meus filhos: Charles, Henry, William. Ou seria a fantasia de um homem moribundo? “Ele se foi como uma sombra.” Eu os vi: sombras, todos. O que você fará então, rapaz?

Na época, Vere pensara que o velho estava caduco. Agora sabia que não.

*Sombras, todos.*

– Acertou em cheio, por Lúcifer! – murmurou enquanto se afastava da árvore. – Acabou sendo um profeta maldito, tio.

Retomou o serviço fúnebre de onde havia parado, entoando as palavras solenes de modo mais lascivo enquanto caminhava, ocasionalmente lançando um sorriso de desafio para o céu.

Os que o conheciam melhor, caso pudessem observá-lo naquele momento, entenderiam que ele estava desafiando o Todo-Poderoso, assim como havia feito com seus companheiros mortais. Vere Mallory estava procurando encrença, como sempre, e dessa vez tentava provocar uma briga com o próprio Criador.

Só que não deu certo. O encenqueiro chegou ao fim do serviço fúnebre sem que Deus retribuísse nem mesmo com uma trovoada de reprovação. Vere já ia iniciar a parte da oração do dia quando escutou gravetos se partindo e folhas farfalhando em meio ao som apressado de passos. Virou-se... e viu o fantasma.

Não se tratava de um fantasma, claro, mas chegava perto. Era Robin, tão dolorosamente parecido com o pai – louro e magro, com os mesmos olhos verde-mar – que Vere não suportava olhar para ele. Durante a semana anterior, Mallory fora bem-sucedido em evitá-lo.

Mas o garoto estava correndo em sua direção, logo não havia como escapar. Também não dava para ignorar aquela pontada de sofrimento. Vergonhosamente, Vere também estava irritado e ressentido por o menino estar vivo enquanto o pai se fora.

Com o maxilar retesado, ele lançou a Robin um olhar nada receptivo. O garoto parou a alguns passos de distância. Então seu rosto enrubesceu e os olhos chamejaram, e ele surpreendeu Vere, acertando-lhe uma cabeçada na barriga.

Ainda que o abdômen de Mallory fosse quase tão mole quanto ferro fundido, o garoto não só continuou dando cabeçadas, como passou a socá-lo. Sem dar importância à enorme diferença de idade,

tamanho e peso, o jovem duque desferia golpes no primo, um Davi enlouquecido tentando derrubar Golias.

Nenhum dos membros civilizados da família Mallory saberia o que pensar desse ataque desesperado e aparentemente louco. Mas Vere não era civilizado e o compreendia perfeitamente.

Ficou parado e deixou que Robin o atingisse dezenas de vezes, assim como o avô de Robin havia ficado um dia, muitos anos antes, enquanto um enfurecido Vere que acabara de perder os pais lhe desferia socos. Na ocasião, não soubera o que fazer além de chorar e, por algum motivo, isso estava absolutamente fora de questão. Da mesma forma que Vere, Robin seguiu em frente, lutando contra um pilar imóvel, até ficar exaurido e se deixar cair no chão.

Vere tentou se lembrar da fúria e do ressentimento de instantes atrás. Queria mandar o garoto para o inferno, desejava não se importar, mas foi em vão. Aquele era o filho de Charlie, e ele só podia estar desesperado, pois se esgueirara para longe dos familiares próximos e da guarda vigilante dos serviços e enfrentara sozinho uma floresta escura, tudo com o objetivo de encontrar o primo desregrado.

Vere não sabia de que Robin precisava, mas, claramente, o menino esperava que o primo resolvesse isso. Esperou até que a respiração do garoto se normalizasse, depois o colocou de pé.

– Você sabe que não deveria ficar a menos de um quilômetro de mim – disse Vere. – Sou má influência. Pergunte a qualquer um. Pergunte às suas tias.

– Elas não param de chorar – replicou Robin, olhando para as botas arranhadas. – Choram demais. E falam muito baixo.

– É, é horrível – concordou Vere, então se abaixou e espanou o casaco de Robin.

O menino o encarou... com os olhos de Charlie, porém mais novo e bem mais confiante. Vere sentiu uma ardência nos olhos, empertigou-se e pigarreou.

– Eu estava pensando em deixá-las cuidar de tudo. Pensei em ir para... Brighton. – Fez uma pausa e disse a si mesmo que essa ideia por si só já era uma loucura. Mas o garoto viera até ele, e Charlie nunca abandonara Vere. A não ser ao morrer. – Gostaria de ir comigo?

– Para Brighton?

– Foi o que eu disse.

Os olhos jovens começaram a brilhar.

– Quer dizer, lá onde fica o Pavilhão?

A construção pomposa e gigantesca conhecida como Pavilhão Real era o equivalente, para o rei George IV, a um chalé à beira-mar.

– Ficava lá, na última vez em que olhei – respondeu Vere, e começou a andar de volta para a casa.

O garoto logo foi atrás, correndo para acompanhar os passos compridos do tutor.

– É tão bonito quanto parece nas pinturas, primo Vere? É mesmo como um palácio de *As mil e uma noites*?

– Eu estava pensando em partir amanhã bem cedo. Quanto antes formos, mais cedo você poderá julgar por si mesmo.

Se dependesse de Robin, eles poderiam partir naquele minuto. Se dependesse das tias do menino e dos maridos delas, Vere iria sozinho. Mas isso não era da conta deles, como bem lhes disse pouco depois. Sendo o guardião legal do menino, não precisava da permissão de ninguém para levar Robin a Brighton ou mesmo a Bombaim, se quisesse.

Mas foi o próprio Robin que silenciou as objeções. O som de pancadas fortes atraiu a família para fora da sala de estar, a tempo de ver o jovem duque puxando sua mala de viagem pela grande escadaria e pelo corredor gigantesco até o vestíbulo.

– Pronto, está vendo? – disse Vere, virando-se para Dorothea, a irmã mais nova de Charlie, que havia protestado por mais tempo e com mais intensidade. – Ele mal pode esperar para ir embora. Vocês

são dramáticas demais... As lágrimas, as vozes baixas, as braçadeiras de luto e o tecido preto o apavoram. Tudo é escuro e os adultos ficam chorando. Ele quer ficar comigo porque sou grande e barulhento. Porque posso espantar os fantasmas. Você não percebe?

Percebendo ou não, ela cedeu e, assim, os outros logo a acompanharam na decisão. Afinal de contas, eram apenas algumas semanas. Nem mesmo Vere Mallory conseguiria arruinar a educação de uma criança num período tão curto.

Sem querer corromper o menino, ele partiu decidido a devolver Robin dentro de quinze dias.

Vere tinha plena consciência de que não poderia ser como um pai para ele nem para criança nenhuma. Não era casado nem tinha intenção de arranjar uma esposa que pudesse equilibrar seu jeito rude e deselegante. Sua criadagem era composta apenas de um serviçal, Jaynes, que possuía todas as qualidades maternas de um porco-espinho com problemas digestivos. Além disso, Mallory e o criado não tiveram uma moradia fixa desde que Vere saíra de Oxford.

Em suma, esse não era o modo adequado de criar uma criança, principalmente uma destinada a assumir os fardos de um grande ducado.

Mesmo assim, as poucas semanas acabaram se estendendo para um mês, depois outro. De Brighton, viajaram para Berkshire, até o Vale do Cavalo Branco, para ver antigos desenhos equinos numa colina de calcário. Então visitaram Stonehenge e West Country, seguindo o litoral e explorando enseadas até Land's End.

O outono esfriou e se tornou inverno, que, por sua vez, esquentou, virando primavera. Nessa época, chegaram as cartas de Dorothea e das outras com lembretes não totalmente sutis: a educação de Robin não podia ser adiada por tempo indefinido, suas irmãs sentiam falta dele e, quanto mais o menino viajasse, mais difícil seria se readaptar.

Era tudo verdade, dizia a consciência de Vere. Robin precisava de uma família decente, de estabilidade, de um lar.

Mesmo assim, não foi fácil levar Robin de volta a Longlands, separar-se dele, ainda que, obviamente, essa fosse a atitude correta. A propriedade não estava tão triste quanto antes: agora, Dorothea e seu marido estavam estabelecidos lá, com as irmãs de Robin, além dos próprios filhos. Os cômodos ressoavam de novo com as cantigas e os risos das crianças e as braçadeiras e os tecidos pretos já haviam dado lugar a tons menos lúgubres de meio-luto.

Vere realmente tinha feito seu trabalho: sem dúvida espantara os fantasmas, pois em poucas horas Robin já estava grudado nos primos, os filhos de Dorothea, atormentando as meninas. Quando chegou a hora de se despedir, Robin não demonstrou sinais de pânico. Não teve um chique nem atacou Vere, mas prometeu escrever regularmente. Arrancou dele a promessa de que voltaria no fim de agosto para seu aniversário de 10 anos, depois correu para ajudar os primos a encenar a Batalha de Agincourt.

Vere retornou muito antes do aniversário. Menos de três semanas após partir de Longlands, ele voltou às pressas.

O sexto duque de Ainswood havia contraído difteria.

A doença ainda não era bem entendida. O primeiro relato preciso da infecção fora publicado na França apenas cinco anos antes. O que se compreendia, mas não se debatia, era seu alto nível de contágio.

As irmãs de Charlie imploraram a Vere, seus maridos tentaram impedi-lo, mas ele era maior do que todos e, quando estava furioso, nem um regimento de soldados podia contê-lo.

Subiu intempestivamente a grande escadaria e marchou pelo corredor até o quarto do doente. Expulsou a enfermeira e trancou a porta. Então sentou-se junto à cama e segurou a mãozinha fraca do menino.

– Tudo bem, Robin – disse ele. – Eu estou aqui. Vou lutar contra a doença por você. Deixe-a ir, entregue-a para mim. Ouviu, garoto? Jogue fora essa enfermidade maldita e deixe que eu a enfrente. Eu consigo, você sabe disso.

A mãozinha fria ficou imóvel na dele, grande e quente.

– Entregue-a, por favor – insistiu Vere, reprimindo as lágrimas, tentando conter o sofrimento. – É cedo demais, Robin. Você mal começou a viver. Não conhece nem uma fração do que existe... do que há para ver, para fazer.

As pálpebras do jovem duque estremeceram e se abriram. Algo parecido com reconhecimento tremeluziu em seu olhar. Por um instante, ele esboçou um sorriso. Então seus olhos se fecharam.

E foi só. Ainda que Vere continuasse instigando, implorando, ainda que se agarrasse à mãozinha, não pôde arrancar a doença e puxá-la para si. Não pôde fazer nada além de esperar e olhar, como tinha feito tantas vezes. Dessa vez foi uma espera breve, a mais breve e dura de todas.

Em menos de uma hora, enquanto o crepúsculo se transformava em noite, a vida do menino deslizou para longe e fugiu... como uma sombra.

# CAPÍTULO 1

*Londres – Quarta-feira, 27 de agosto*

— Vou processá-los! — disse Angus Macgowan, furioso. — Há leis contra a calúnia neste reino e, se isso não é calúnia, eu sou um maldito bago de touro!

A enorme mastim preta que estivera cochilando diante da porta do escritório do editor levantou a cabeça e olhou com leve curiosidade de Macgowan para sua dona. Depois de se certificar de que ela não corria perigo iminente, a cadela pousou a cabeça outra vez nas patas dianteiras e fechou os olhos.

Sua dona, Lydia Grenville, de 28 anos, olhou para Macgowan com semelhante indiferença. Mas também não era fácil abalá-la. De cabelos claros e olhos azuis, com pouco menos de 1,80 metro, era quase tão delicada quanto uma valquíria ou uma amazona. Seu corpo, como o dessas guerreiras míticas, era tão forte e ágil quanto sua mente.

Quando Macgowan bateu o objeto de sua indignação sobre a mesa, Lydia pegou-o calmamente. Era a última edição da *Bellweather's Review*. Como o número anterior, dedicava várias colunas da primeira página a atacar o último empreendimento jornalístico de Lydia:

*Lady Grendel, da Argus, voltou a lançar um ataque violento contra um público insuspeitado, cuspiendo vapores venenosos*

*numa atmosfera já densa de suas poluições. As vítimas, ainda se recuperando de investidas anteriores à sua sensibilidade, são atiradas outra vez no próprio abismo da degradação de onde sobe o fedor de criaturas imundas e maculadas – porque mal podemos chamar de humano o verme que ela usou como tema –, cuja cacofonia de uivos de autopiedade – nem podemos chamar de linguagem essas excreções – o monstro de espartilho da Argus...*

Lydia parou de ler.

– Ele perdeu todo o controle da frase – disse a Angus. – Mas não podemos processá-lo por escrever mal. Nem por falta de originalidade. Pelo que lembro, a *Edinburgh Review* foi a primeira a me dar o apelido do monstro de *Beowulf*. De qualquer modo, não acredito que alguém tenha a patente do nome “Lady Grendel”.

– É um ataque indecente! – exclamou Angus. – Ele praticamente chama você de bastarda no penúltimo parágrafo, e insinua que uma investigação do seu passado iria... iria...

– “... sem dúvida revelaria a simpatia inexplicável da virago da *Argus* por uma profissão antiga cujos sinônimos são doença e corrupção” – leu Lydia em voz alta.

– Calúnia! – gritou Angus, batendo com o punho na mesa.

A mastim ergueu os olhos de novo, soltou um profundo suspiro canino e depois se ajeitou de novo para dormir.

– Ele só dá a entender que já fui prostituta – replicou Lydia. – Harriet Wilson foi meretriz, no entanto seus livros vendiam muito bem. Se o Sr. Bellweather a xingasse na imprensa, ousou dizer que faria fortuna. Ele e seus colegas sem dúvida foram responsáveis pelo nosso dinheiro. O número anterior da *Argus* se esgotou em 48 horas. O de hoje vai acabar antes da hora do chá. Desde que os periódicos literários começaram a me atacar, nossa circulação

triplicou. Em vez de processar o Sr. Bellweather, você deveria lhe escrever um bilhete de agradecimento e encorajá-lo a continuar com as boas ações.

Angus se deixou cair na cadeira atrás de sua mesa.

– Bellweather tem amigos em Whitehall – resmungou. – E algumas pessoas no Ministério do Interior não o que você chamaria de amigas.

Lydia sabia que havia incomodado algumas pessoas no círculo do secretário do Interior. Na primeira reportagem de sua série sobre o sofrimento das jovens meretrizes de Londres, ela sugerira a legalização da prostituição, o que permitiria à Coroa licenciar o ofício, assim como em Paris, por exemplo. Segundo Lydia, a regulamentação poderia pelo menos ajudar a reduzir os piores abusos.

– Peel deveria me agradecer. Minha sugestão foi recebida com tanto ultraje que a proposta dele, da Polícia Metropolitana, agora parece bastante amena e sensata para as mesmas pessoas que uivavam ser uma conspiração para esmagar o cidadão comum sob o calcanhar da tirania. – Ela deu de ombros. – Tirania, de fato. Se tivéssemos uma força policial decente, aquele demônio já teria sido apanhado.

O demônio em questão era Coralie Brees. Em apenas seis meses, desde que chegara da Europa continental, ela ganhara a fama de pior cafetina de Londres. Para obter as histórias das suas empregadas, Lydia havia prometido não revelar o nome da mulher – não que a identidade da alcoviteira fosse ajudar à causa da justiça. Escapar das autoridades era um jogo para pessoas como ela, que tinham inúmeras habilidades. Mudavam de nome com tanta frequência e facilidade quanto o pai de Lydia para fugir dos credores e corriam como ratos, de um covil para outro. Não era de espantar que os policiais não conseguissem acompanhá-las, nem se sentissem compelidos a isso. Segundo algumas estimativas, em Londres havia

mais de 50 mil prostitutas – boa parte delas com menos de 16 anos. Pelo que Lydia investigara, nenhuma das garotas de Coralie tinha mais de 19.

– Mas você a viu – disse Angus, interrompendo as reflexões soturnas de Lydia. – Por que não atçou esse monstro preto para cima dela? – Ele indicou a mastim com a cabeça.

– Não adianta prender a mulher se não há ninguém corajoso a ponto de depor contra ela – rebateu Lydia, impaciente. – A menos que as autoridades a peguem no ato, e ela toma cuidado para que isso não aconteça, não temos do que acusá-la. Não há provas. Nem testemunhas. A pequena Susan não poderia fazer muito por nós, a não ser matá-la ou aleijá-la.

Susan abriu um olho ao ouvir seu nome.

– Como a cadela só faria isso sob minha ordem – continuou Lydia –, eu seria processada por agressão ou enforcada por assassinato. Prefiro não morrer por causa de uma cafetina imunda e sádica.

Lydia recolocou a *Bellweather's Review* na mesa do patrão, depois pegou o relógio de bolso, que pertencera ao seu tio-avô Stephen Grenville. Ele e a esposa, Euphemia, haviam pegado Lydia para criar quando ela fizera 13 anos e tinham morrido no outono anterior, com horas de diferença.

Ainda que Lydia gostasse deles, não conseguia sentir falta da vida que levara com o fútil casal. Os dois não eram moralmente corruptos – como seu pai –, mas eram superficiais, estúpidos, desorganizados e afligidos por ataques virulentos de perambulação. Sempre queriam sacudir a poeira de algum lugar muito antes de ela ter tempo de se assentar. O território que Lydia havia percorrido com eles ia de Lisboa até Damasco e incluía os países do litoral sul do Mediterrâneo.

Porém, naquela vida, não teria um editor raivoso nem publicações rivais para fazê-lo soltar fogo pelas ventas.

Algo muito próximo de um sorriso curvou sua boca quando ela se

lembrou do diário que havia começado – imitando a mãe falecida e muito amada – no dia em que o pai a abandonara aos cuidados incompetentes de Ste e Effie.

Aos 13 anos, Lydia era quase analfabeta e seu diário era cheio de atrocidades ortográficas e crimes horrendos contra a gramática. Mas Quith, o serviçal dos Grenvilles, lhe ensinara história, geografia, matemática e, o mais importante, literatura. Fora ele quem a encorajara a começar a escrever e ela havia pagado do melhor modo possível.

Lydia convertera em pensão para seu mentor o dinheiro que Ste lhe deixara como dote matrimonial. Não era um grande sacrifício. Desejava uma carreira de escritora, e não um casamento. E assim, livre de todas as obrigações pela primeira vez na vida, Lydia partira para Londres. Tinha levado cópias das matérias de viagens que havia publicado em alguns periódicos da Inglaterra e de outros países da Europa, além do que restava do “espólio” de Ste e Effie: uma variedade de enfeites, badulaques e um pouco de dinheiro.

O relógio de bolso era tudo que ainda tinha dos pertences deles. Mesmo depois que Angus a contratara, Lydia não se dera o trabalho de recuperar os outros itens que havia penhorado durante os primeiros meses difíceis em Londres. Preferia gastar o salário no que fosse de fato necessário. A última compra fora um cabriolé e um cavalo para puxá-lo.

Podia se dar a esse luxo porque estava ganhando bem, muito mais do que o normal. Havia esperado passar por dificuldades durante pelo menos um ano, escrevendo para os jornais, a 1 *penny* por linha, relatos de incêndios, explosões, assassinatos e outros acidentes e desastres.

Mas o destino a agraciara no início da primavera. Lydia havia entrado na redação da *Argus* quando a revista se achava à beira da falência, e seu editor, Macgowan, estava desesperado a ponto de

fazer qualquer coisa que lhe desse uma chance de sobrevivência – até mesmo contratar uma mulher.

– Quase duas e meia – disse Lydia, pondo o relógio de volta no bolso e retornando ao presente. – É melhor eu ir. Vou me encontrar com Joe Purvis às três no restaurante de frutos do mar Pearkes', para olhar as ilustrações do próximo capítulo da maldita história.

Ela se afastou, indo em direção à porta.

– Não são os desgraçados dos críticos literários, e sim, sua “maldita história” que fez nossa fortuna – replicou Angus.

A história em questão era “A rosa de Tebas”, aventuras de uma heroína contadas em fascículos de dois capítulos na bissemanal *Argus* desde maio. Só ela e Angus sabiam que o nome do autor, S. E. St. Bellair, também era uma obra de ficção.

Nem mesmo Joe Purvis sabia que Lydia escrevia os capítulos ilustrados por ele. Como todas as outras pessoas, acreditava que o autor era um solteirão recluso. Nem em seus sonhos mais loucos imaginaria que a Srta. Grenville, a repórter mais cinicamente teimosa da *Argus*, havia criado uma única palavra daquela história fantasiosa e tortuosa.

A própria Lydia não gostava de ser lembrada disso. Ela se deteve e se virou mais uma vez para Angus.

– Fanfarrice romântica – comentou.

– Que seja, mas é sua fanfarrice fascinante que prendeu os leitores, em especial as damas, e é o que os traz de volta implorando por mais. Maldição, até eu estou me retorcendo no seu anzol. – Angus se levantou e rodeou a mesa. – Aquela garota esperta, a sua Miranda... A Sra. Macgowan e eu estávamos conversando sobre ela, e minha esposa acha que aquele sujeito maligno e vistoso deveria cair em si e...

– Angus, eu me propus a escrever tal história idiota sob duas condições – interrompeu Lydia em voz baixa e dura. – Uma era não sofrer interferência sua ou de qualquer outra pessoa. A outra era o

absoluto anonimato. – Ela o fuzilou com os olhos. – Se vazar a menor sugestão de que sou a autora daquela baboseira sentimental, vou considerá-lo pessoalmente responsável. Nesse caso, todos os contratos entre nós serão anulados.

Seus olhos azuis tinham uma semelhança espantosa com os de certos membros da nobreza, sob os quais gerações de subalternos haviam se intimidado.

Por mais que fosse um escocês de coração de leão, Macgowan se encolheu sob o olhar gélido como qualquer outra pessoa inferior, com o rosto avermelhado.

– Certo, Grenville – disse humildemente. – Foi muita indiscrição minha falar sobre isso aqui. A porta é grossa, mas é melhor não correr riscos. Você sabe que tenho plena consciência de minhas obrigações e...

– Ah, pelo amor de Deus, não precisa me bajular – reagiu ela com rispidez. – Você me paga suficientemente bem. – Lydia marchou para a saída. – Venha, Susan. – A mastim se levantou, a dona pegou a guia e abriu a porta. – Bom dia, Macgowan – despediu-se, e saiu sem esperar resposta.

– Bom dia – respondeu Angus, e acrescentou baixinho: – Majestade. Maldita rainha, é o que ela acha que é... mas a cadela sabe escrever, preciso admitir.

Nesse momento, muita gente na Inglaterra concordava que a Srta. Grenville sabia escrever. Porém, algumas teriam afirmado que o S. E. St. Bellair escrevia melhor ainda.

Era o que o Sr. Archibald Jaynes, criado do duque de Ainswood, estava tentando explicar ao patrão.

Jaynes não parecia um criado. Magro e musculoso, com pequenos olhos pretos muito próximos do nariz comprido e torto – por ter sido quebrado várias vezes –, mais parecia o tipo de rufião

ardiloso encontrado frequentemente em apostas de corridas de cavalo ou lutas de boxe.

O próprio Jaynes hesitaria em se chamar de “cavalheiro de um cavalheiro” – expressão comumente usada para os valetes. Não que ele mesmo não fosse arrumado e distinto, mas seu patrão alto e bonito não era o que Jaynes poderia considerar um cavalheiro.

Os dois estavam sentados na melhor sala de jantar – o que não significava muito, na opinião de Jaynes – do Alamode Beef House, em Clare Court. A rua, uma via estreita perto da infame Drury Lane, nem de longe era a mais elegante de Londres, e a culinária do local não pretendia mesmo atrair paladares exigentes. Tudo isso servia admiravelmente ao duque, já que ele não era mais elegante nem exigente do que um selvagem mediano, talvez menos ainda, pelo que Jaynes tinha lido sobre as raças aborígenes.

Após destroçar rapidamente um alto monte de carne, Ainswood havia se acomodado – ou se esparramado, melhor dizendo – na cadeira e observava um garçom encher sua caneca de cerveja.

O cabelo castanho do duque, do qual Jaynes se esforçara tanto para cuidar pouco tempo atrás, agora estava numa desordem completa, como se declarasse jamais ter conhecido pente ou escova na vida. O lenço de pescoço, que já fora muitíssimo bem engomado e amarrado meticulosamente, com cada dobra formada a intervalos e ângulos adequados, tinha caído num desarranjo frouxo e amarrotado. Quanto ao resto dos trajes... parecia que ele dormira vestido. Aliás, essa era a sua aparência usual, não importando o que fosse feito.

Por que é que me incomodo mesmo?, pensou Jaynes, mas o que estava falando era:

– “Rosa de Tebas” é o nome dado a um grande rubi que a heroína encontrou alguns capítulos atrás, quando estava presa na tumba do faraó com as serpentes. É uma história de aventura, veja bem, e faz o maior furor desde o verão.

Assim que o garçom se afastou, o duque relanceou os olhos verdes e entediados para o exemplar da *Argus* em cima da mesa, que ainda não estava aberto. Só por uma fenomenal força de vontade é que Jaynes conseguira resistir a abri-lo.

– Isso explicaria por que você me tirou de casa ao romper da aurora – disse Sua Graça. – E me arrastou de uma livraria para outra, procurando-a... e todas estavam cheias de mulheres. Muitas do tipo errado – acrescentou, com uma careta. – Nunca vi tantas criaturas desmazeladas em tantos aglomerados tagarelas como nesta manhã.

– Já são duas e meia – replicou Jaynes. – O senhor nem viu a manhã. Quanto à aurora, ela estava rompendo quando o senhor enfim chegou cambaleante em casa. Além disso, eu discerni várias jovens atraentes nos grupos que o senhor acabou de desdenhar de modo insensível. Mas, afinal de contas, se não estiverem com o rosto tomado pela pintura e se os seios não estiverem pulando dos corpetes, são invisíveis para o senhor.

– Uma pena também não serem inaudíveis – murmurou o patrão. – Umas patetas que só sabem piar e dar sorrisos afetados. E, ao mesmo tempo, dispostas a arrancar os olhos umas das outras por... Que negócio é esse, mesmo? – Ele pegou a revista, olhou a capa e largou-a. – *Argus*, de fato. “O cão de guarda de Londres”, é o que ela se propõe a ser, como se o mundo estivesse faminto por mais doutrinação vinda da Fleet Street.

– A redação da *Argus* fica na Strand, e não na Fleet Street. E sua falta de doutrinação é revigorante. Desde que a Srta. Grenville passou a escrever lá, a publicação se tornou mais parecida com o que o subtítulo afirma. O Argos da mitologia, talvez o senhor se recorde...

– Eu preferiria não me lembrar dos dias de escola. – Ainswood estendeu a mão para a caneca. – Quando não era latim, era grego, e vice-versa. Quando não era nenhum dos dois, era palmatória.

– Isso quando não era bebida, jogos e prostitutas – disse Jaynes, baixinho.

O criado já deveria esperar aquela reação, pois entrara para o serviço de Vere Mallory quando ele contava 16 anos. O ducado se achava aparentemente seguro, com vários Mallorys do sexo masculino postados entre Vere e o título. Mas agora eles não existiam mais. Com a morte do último, um menino de 9 anos, quase um ano e meio antes, o patrão de Jaynes havia se tornado o sétimo duque de Ainswood.

Mas seu caráter não havia mudado nem um pouco com o novo título. Pelo contrário, ele fora de mal a pior, e daí a indizível.

– O Argos tinha cem olhos, o senhor deve lembrar – falou Jaynes em voz alta. – O xará jornalístico tem como objetivo tornar a população bem informada, observando sem se abalar e relatando à metrópole como se tivesse cem olhos. Por exemplo, o artigo da Srta. Grenville falando sobre as jovens infelizes...

– Achei que só havia uma – interrompeu Mallory. – A imbecil que acabou presa na tumba com as cobras. Típico. – Ele abriu um sorrisinho. – E algum pobre idiota precisa galopar para salvar milady. E acabar morrendo de picada de cobra em troca do esforço. Se tiver sorte.

Cabeça-dura, pensou Jaynes.

– Eu não estava me referindo à história do Sr. St. Bellair, cuja heroína, para sua informação, escapou da tumba sem auxílio externo. Estava falando de...

– Não diga: ela matou as cobras de tanto tagarelar. – Ainswood levou a caneca de cerveja aos lábios e a esvaziou.

– Eu estava falando do trabalho da Srta. Grenville. Os artigos e ensaios dela são tremendamente populares com as mulheres.

– Deus nos livre das metidas a intelectuais. Sabe qual é o problema delas, Jaynes? Como não trepam com regularidade, algumas mulheres assumem as fantasias mais estranhas, como a de

imaginar que conseguem *pensar*. – O duque limpou a boca com as costas da mão.

Ele era um bárbaro, sem dúvida, pensou Jaynes. Ainswood pertencia às hordas de vândalos que haviam saqueado Roma. Quanto às opiniões sobre as mulheres, desde sua elevação ao ducado, tinham regressado rapidamente ao período antediluviano.

– Nem todas as mulheres são burras – insistiu o criado. – Se o senhor se der o trabalho de conhecer algumas de sua própria classe em vez de prostitutas analfabetas...

– As prostitutas me dão a única coisa que desejo de uma mulher e não esperam de mim nada além do pagamento. Não consigo imaginar um único motivo para me incomodar com o outro tipo.

– Um bom motivo é: o senhor jamais vai arranjar uma duquesa de verdade caso se recuse a chegar a menos de um quilômetro de uma mulher respeitável.

O duque pousou a caneca.

– Que o diabo o carregue. Vai começar com isso de novo?

– O senhor completará 34 anos em quatro meses. No ritmo em que anda ultimamente, suas chances de chegar a esse aniversário são quase nulas. É preciso considerar o título, as responsabilidades dele, principalmente conseguir um herdeiro.

Ainswood se afastou da mesa e ficou de pé.

– Por que devo considerar o título? Ele nunca me considerou. – O duque pegou o chapéu e as luvas. – Ele deveria ter ficado onde estava e me deixar em paz, mas não quis, não é? Tinha que se esgueirar até mim, um funeral odioso depois do outro. Bom, quero que continue se esgueirando após me enterrarem com os outros. Então ele pode cravar as garras em algum pobre imbecil, como um maldito albatroz!

Com isso, Vere saiu pisando duro.

Alguns instantes depois, Vere chegou ao fim da Catherine Street e rumou para o oeste, pretendendo aquietar seu tumulto interior perto do rio, com a ajuda de mais algumas canecas de cerveja na taberna.

Quando entrou na Strand, viu um cabriolé atravessar o engarrafamento de veículos perto do Exeter'Change. Por pouco ele não acertou com o eixo um vendedor de torta, então se desviou perigosamente na direção de uma carroça que vinha no sentido contrário, corrigiu o rumo na última hora e, depois, virou depressa e seguiu em direção a um cavaleiro que começava a atravessar a rua.

Sem parar para pensar, Vere saltou adiante, agarrou o sujeito e puxou-o de volta para a calçada – um átimo antes de o cabriolé disparar para a Catherine Street.

Enquanto ele passava trovejando, Mallory captou um vislumbre de quem o estava dirigindo: uma mulher de roupa preta, com um mastim negro ao lado, um cavalo obviamente em pânico às rédeas e nenhum laçao na plataforma atrás para ajudá-la.

Ele pôs o sujeito de lado e correu atrás do veículo.

Lydia praguejou ao ver suas presas entrarem correndo na Russel Court. A passagem apinhada era estreita demais para o cabriolé e, se ela percorresse o longo circuito ao redor do teatro Drury Lane, sem dúvida iria perdê-las. Fez o veículo parar e saltou, seguida de perto por Susan. Um garoto maltrapilho veio correndo.

– Cuide da égua, Tom, e lhe dou um trocado – disse Lydia ao moleque de rua.

Então, suspendendo as saias, entrou correndo na Russel Court.

– Você aí! Solte essa menina!

Susan deu um latido grave que ecoou na passagem estreita.

Madame Brees – era com ela que Lydia gritava – lançou um olhar rápido por cima do ombro, depois disparou à esquerda, entrando num beco mais estreito ainda, rebocando a garota.

Lydia não sabia quem era a menina. Pela aparência, devia ser uma serviçal vinda do campo, provavelmente uma das incontáveis fugitivas que chegavam a Londres todo dia e logo caíam nas garras das cafetinas que esperavam em cada estalagem de diligências desde Piccadilly até Ratcliffe.

Lydia tinha visto as duas na Strand, a garota boquiaberta diante de tudo, como qualquer caipira, enquanto Coralie – vestida como uma matrona respeitável, com uma touca cara empoleirada nos cachos tingidos de graxa preta – arrastava-a implacavelmente para a ruína: a Drury Lane e sua legião de valas de vício, sem dúvida.

Se chegassem a qualquer bordel para onde a madame ia, Lydia não teria permissão de entrar e a garota jamais sairia.

Mas, quando adentrou o beco, viu a jovem arrastando os calcanhares e tentando se soltar da mão de Coralie.

– Isso, garota! – gritou Lydia. – Livre-se dela!

Conseguiu escutar gritos masculinos vindos de trás, mas o latido trovejante de Susan abafou as palavras.

Agora a jovem estava lutando de verdade, mas a cafetina a segurava com força, arrastando-a para o Vinegar Yard. No momento em que Coralie ergueu uma das mãos para dar um tapa na garota, Lydia trombou com elas e empurrou a rameira para longe.

Coralie cambaleou para trás, batendo numa parede suja.

– Cadela assassina! Deixe-nos em paz!

Ela se lançou para a frente outra vez, mas não foi suficientemente rápida para alcançar a garota, que Lydia puxou para longe.

– Susan, em guarda – disse à mastim.

A cadela se aproximou da garota, de sua saia marrom e maltrapilha, e soltou um rosnado de alerta. A bandida hesitou, com o rosto retorcido de raiva.

– Recomendo que você se arraste de volta para o buraco de onde veio – falou Lydia. – Se tentar pôr as mãos nessa criança de

novo, vou fazer com que você seja presa, acusada de sequestro e tentativa de agressão.

– Acusada, é? – repetiu a mulher. – Vai me denunciar? E o que você quer com ela, sua putinha?

Lydia encarou a jovem assustada, que ora a olhava, ora olhava a cafetina. Obviamente, não sabia em qual das duas confiar.

– Fui atacada e r-roubada – gaguejou a criança – e ela estava me levando para B-Bow Street, para...

– Na verdade, para a ruína – emendou Lydia.

Nesse momento, um rufião alto entrou correndo no Vinegar Yard com outro sujeito nos calcanhares. Vários homens também emergiam de tabernas e becos.

Lydia sabia muito bem que, onde uma turba se congregava, geralmente havia encrenca. Mas não iria deixar que aquela mulher escapasse.

Ignorando a multidão, Lydia se concentrou na jovem.

– A Bow Street fica para lá – avisou, gesticulando para o oeste. – Essa víbora estava levando você para a Drury Lane, onde ficam todos os lindos bordéis. Qualquer um desses sujeitos elegantes pode confirmar.

– Mentirosa! – guinchou Coralie. – Eu a encontrei primeiro! Encontre suas próprias garotas, sua bruxa gigante! Vou lhe dar uma lição por ter vindo caçar no meu quintal.

Ela partiu em direção à menina, mas o rosnado agourento de Susan a fez parar.

– Tire essa fera daí! – berrou. – Ou vou fazer você se arrepender.

Não era de espantar que as garotas tivessem medo dela, refletiu Lydia. A mulher devia ser meio louca para chegar tão perto assim de Susan. Até os homens – sem dúvida patifes gerados na sarjeta – mantinham uma distância respeitosa da mastim que rosnava.

– Você ainda não entendeu, não é? – disse Lydia calmamente. –

Vou contar até cinco. Se não for embora, vou fazer  *você*  se arrepender muito. Um. Dois. Tr...

– Ora, senhoras... – O rufião alto se aproximou, empurrando outro vagabundo para fora do caminho. – Toda essa ousadia e provocação vai arrepiar seus espartilhos, minhas belezuras. E tudo por quê? Pelo menor dos problemas: uma franguinha que duas galinhas querem. Há um monte de franguinhas por aí, certo? Não vale a pena macular a paz do reino e incomodar os policiais, concordam?

Ele tirou do bolso a sacola de moedas.

– Eis o que vamos fazer: 1 libra para cada uma, minhas caras. E eu livro a pequenina das suas mãos.

Lydia reconheceu a entonação característica das pessoas das classes superiores, que estão acostumadas a dar ordens, mas ficou ultrajada demais para pensar nisso.

– Uma libra?! – exclamou. – É esse o valor que você dá por uma vida humana? *Uma libra?*

Ele fixou os olhos verdes e brilhantes em Lydia, analisando-a de cima a baixo. Era muitos centímetros mais alto do que ela, algo não muito comum.

– Pelo modo como estava guiando a carruagem, você não dá qualquer valor à vida – retrucou com frieza. – Quase matou três pessoas na Strand no intervalo de um minuto. – O olhar descarado do sujeito percorreu a plateia. – Deveria haver uma lei contra mulheres guiando carruagens. Elas são uma ameaça pública.

– Ainswood, não deixe de falar disso no próximo discurso na Câmara dos Lordes! – gritou alguém.

– No próximo? – berrou outro. – Você quer dizer no primeiro, né? Se bem que é capaz de ter um desastre quando ele entrar cambaleante no parlamento.

– Cacete! – exclamou uma voz ao fundo. – Esse aí é o Ainswood?

– É, e bancando nada menos do que o rei Salomão! – respondeu

alguém que estava na frente. – Como sempre, puxou o rabo da égua errada. Apresente-se a Sua Graça, Srta. Grenville. Ele está achando que a senhorita é uma abadessa de Covent Garden.

– Que novidade! – disse um dos colegas dele. – Já confundiu a marquesa de Dain com uma cafetina, não foi?

Nesse instante, Lydia percebeu quem era o palerma.

Em maio, Ainswood, bêbado, havia encontrado Dain e sua noiva numa estalagem na noite do casamento deles e se recusara a acreditar que a moça era uma dama, quanto mais esposa. O marquês fora obrigado a corrigir o equívoco do antigo colega de escola com os punhos e o incidente foi o principal assunto em Londres durante semanas.

Não era de se admirar que Lydia tivesse tomado o homem por um patife qualquer de Covent Garden. Pelo que falavam, o duque de Ainswood era um dos libertinos mais depravados, inconsequentes e teimosos listados no *Nobiliário de Debrett*, o que não era um feito pequeno, levando-se em conta o estado lamentável da aristocracia atual.

Além disso, como percebeu Lydia, o duque era um dos mais desalinados. A impressão era que passara dias com as mesmas roupas de corte caro, dormindo ou mergulhado na devassidão. Não estava de chapéu, e uma mecha de cabelo castanho pendia sobre o rosto, que exibia as poucas noites de sono, bem como as muitas de atividades intensas. A única concessão aos cuidados básicos fora deixar que alguém o barbeasse num passado recente – com certeza enquanto estava entorpecido pela bebida.

Percebeu mais do que isso: o brilho de fogo do inferno nas profundezas verdes dos olhos, a inclinação arrogante do nariz, as linhas rígidas do malar e do maxilar... e a própria boca do demônio, prometendo tudo, perfeita para gargalhadas, para o pecado, o que fosse.

Lydia não deixou de ser afetada. O demônio que havia nela,

normalmente bem oculto, com certeza a impeliria para ele. Mas Lydia não era idiota. Sabia reconhecer a expressão de um cafajeste e podia resumi-la em uma palavra: problemas.

Só que aquele cafajeste era um duque, e até mesmo o pior nobre tinha mais influência com as autoridades do que um mero jornalista, ainda mais uma mulher.

– Sua Graça, o senhor se confundiu – disse ela com polidez rígida. – Sou Grenville, da revista *Argus*. Esta mulher é conhecida por seus atos criminosos. Estava atraindo a garota para um bordel sob o pretexto de levá-la à Bow Street. Se o senhor levar a cafetina sob custódia, eu irei acompanhá-lo com prazer e testemunhar...

– Sua mentirosa desgraçada! Eu só estava levando a menina para o Pearkes's. – Coralie indicou o restaurante de frutos do mar do lado oposto. – Para comer uma coisinha. Ela passou por alguns problemas...

– E terá problemas muito piores nas suas mãos – interrompeu Lydia, e voltou sua atenção para Ainswood. – O senhor sabe o que acontece com as crianças que têm a infelicidade de cair nas garras dela? Passam fome, são espancadas e estupradas até se reduzirem a um estado de terror abjeto. Depois, ela as coloca na rua, algumas com 11 e 12 anos...

– Sua puta falsa, imunda! – bradou a cafetina.

– Estou manchando sua honra? – perguntou Lydia. – Ficarei feliz em dar satisfação. Aqui e agora se quiser. – Ela avançou para cima da alcoviteira. – Vejamos como você se sente do lado errado de uma surra.

Duas mãos grandes seguraram seus braços e a puxaram para trás.

– Basta, senhoras. Vocês estão me dando uma tremenda dor de cabeça. Vamos fazer as pazes, está bem?

– Sensacional! – gritou alguém. – Ainswood promovendo um

acordo de paz. Será que a vaca tossiu quando eu não estava olhando?

Lydia olhou para a mão que apertava seu braço.

– Tire as patas de mim – ordenou com frieza.

– Garanto que vou tirar quando alguém me arranjar uma camisa de força para colocar em você. Quem a deixou sair do hospício?

Lydia desferiu uma cotovelada no homem, esperando encontrar uma barriga flácida. Porém, acabou atingindo um abdômen rígido e a dor se irradiou pelo antebraço até o pulso. Ainda assim, o golpe não foi inútil, pois o duque murmurou um palavrão e a soltou, em meio a vaias e assobios da multidão.

*Saia daqui enquanto pode, alertou sua voz da razão, e não olhe para trás.*

Lydia a teria ouvido se a irritação provocada pelos comentários zombeteiros não se esganiçasse mais alto ainda. A natureza não havia formado seu caráter para recuar, e seu orgulho proibia qualquer atitude que sugerisse fraqueza ou – que Deus não permitisse – medo.

Com os olhos semicerrados e o coração martelando furiosamente, ela o encarou.

– Encoste a mão em mim de novo e eu vou deixar seus dois olhos roxos.

– Ah, faça isso, alteza! – instigou um espectador. – Toque nela de novo.

– É, eu aposto em você, Ainswood!

– E eu aposto que ela vai lhe dar um par de butucas inchadas, como prometeu – desafiou outra voz.

Enquanto isso, o duque a avaliava da touca às botas de cano médio.

– É grande, sim, mas não tanto quanto eu – anunciou. – Avalio que tenha um 1,75 metro. E uns 65 quilos despida – acrescentou,

analisando o corpete de Lydia. – Aliás, eu pagaria 50 guinéus para vê-la nua.

As previsíveis gargalhadas ásperas e os comentários lascivos se seguiram a isso.

Nem o riso nem as obscenidades desconcertaram Lydia. Ela conhecia aquele mundo rude; tinha passado a maior parte da infância nele. Mas o barulho da turba a fez se lembrar da questão principal. A garota que ela queria resgatar estava imóvel, com a expressão assombrada de alguém que se encontrasse na selva, cercada por canibais – o que não estava muito longe da realidade.

Ainda assim, Lydia não podia deixar aquele imbecil dar a última palavra.

– Ah, parabéns. Está melhorando a educação da criança, não é? Dando uma bela visão dos costumes em Londres e da moral elevada da nobreza.

Tinha muito mais a dizer, porém lembrou que seria o mesmo que fazer sermão para uma pedra. Se aquele babaca já tivera alguma consciência, ela havia morrido abandonada décadas antes.

Contentando-se com um último olhar gélido para o duque, virou-se e começou a andar até a jovem.

Lydia examinou a multidão às pressas e, frustrada, percebeu que a cafetina havia sumido. De qualquer forma, caso ela tivesse ficado, não teria feito muita diferença, já que nenhum daqueles imbecis boquirrotos se importava com qualquer coisa além da própria diversão.

– Venha, querida – disse, aproximando-se da garota. – Não vamos conseguir nada com essa ralé.

– Srta. Grenville – ela ouviu a voz do duque atrás de si.

Com os nervos à flor da pele, Lydia girou e trombou com um corpo rijo. Recuou, mas apenas meio passo, ergueu o queixo e empertigou a coluna.

Ele ficou imóvel e ela se esforçou para se manter firme. Não

conseguia ver direito para além do tronco forte, e de perto tinha uma consciência avassaladora da estrutura musculosa que as roupas justas envolviam.

– Reflexos excelentes – comentou ele. – Se você não fosse mulher, eu aceitaria sua oferta. Quero dizer, a das butucas inchadas. Ou, melhor, dos olhos...

– Eu sei o que significa.

– De fato é ótimo ter um vocabulário amplo. Mas, no futuro, minha pombinha, recomendo que exercite um pouquinho de sua razão, uma lasca mínima, antes de exercitar a língua. Você consegue fazer isso, não é? Porque outro sujeito, veja bem, poderia receber suas pequenas e adoráveis ousadias e provocações como um desafio divertido. Nesse caso, você poderia se pegar num tipo de confronto diferente. Entende o que quero dizer, minha pequena?

Lydia arregalou os olhos.

– Ah, nossa, não – disse, ofegante. – O senhor é profundo demais para mim, Sua Graça. Meu cérebro minúsculo simplesmente não consegue acompanhá-lo.

Os olhos verdes dele brilharam.

– Talvez a touca esteja apertando muito a sua cabeça.

Ele ergueu os braços e deteve as mãos a centímetros das fitas da touca.

– Eu não faria isso se fosse o senhor – disse ela com a voz calma, o coração retumbando nas costelas.

Vere gargalhou e puxou as fitas. Lydia tentou socá-lo, mas ele agarrou seu punho, ainda rindo, e puxou-a para si.

Ela meio que havia esperado isso, pressentiu o que viria. Mas não estava preparada para o calor nem para a explosão de sensações que não conseguia identificar, e eles a desestabilizaram.

No instante seguinte, sua boca estava na dele, quente, firme e experiente demais, e Lydia começou a tombar para trás, desorientada e impotente. Tinha uma consciência pulsante da mão

enorme grudada em suas costas, do calor irradiado através das camadas de tecido de suas roupas e das peças íntimas, da ardência na cintura, enlaçada pelo braço musculoso.

Durante um momento perigoso, sua mente cedeu como os músculos, dominada pelo ardor, pela força e pela mistura caótica de cheiro e sabor masculinos.

Mas seus instintos haviam sido moldados de forma rígida e, no instante seguinte, ela reagiu.

Afrouxou-se nos braços de Mallory, tornando-se um peso morto.

Sentiu a boca do duque abandonar a sua.

– Por Deus, a mulher desmai...

Lydia desferiu um golpe no queixo dele.

## CAPÍTULO 2

Quando Vere deu por si, já estava caído de costas numa poça de lama. Acima do zumbido nos ouvidos, escutava a multidão aplaudindo, vaiando e assobiando.

Ele se apoiou nos cotovelos e seu olhar percorreu as botas pretas da mulher vitoriosa, subindo pela saia de tecido grosso, preto até o casaco masculino e severo abotoado até o queixo.

Acima do primeiro botão, havia um rosto de beleza tão nítida que o ofuscara por um instante quando ele o vira pela primeira vez. Era uma beldade invernal, de olhos azuis glaciais e pele branca como a neve, emoldurados sob a touca preta pelo cabelo sedoso da cor do sol de dezembro.

No momento, a mulher o fuzilava com aqueles olhos notáveis, como uma autêntica górgona. Vere não duvidou que, se estivesse num mito grego, e não na vida real, viraria pedra no mesmo instante.

Como de praxe, sentiu endurecer o lugar de sempre, porém mais depressa do que o normal. A ousadia dela, além do rosto e do generoso corpo, o excitara antes mesmo de ele puxá-la para si e tocar seus lábios.

Agora, enquanto Vere a olhava como um idiota, a boca que antes lhe dera uma fome tão insana se curvava num meio sorriso de desprezo. A expressão zombeteira o trouxe de volta à realidade.

Aquela criatura insolente achava que tinha vencido – e todo mundo devia pensar isso também. Em poucas horas, toda Londres

ouviria dizer que uma mulher havia derrubado Ainswood, o último dos canalhas da família, de bunda no chão.

Por ser mesmo um cafajeste, Vere preferiria ser assado lentamente num espeto a expor o orgulho ferido ou demonstrar qualquer coisa que estivesse sentindo de verdade.

E assim respondeu ao desprezo dela com o riso provocador pelo qual era famoso.

– Bom, que isso lhe sirva de lição – disse.

– A coisa fala – informou Lydia aos curiosos. – Acho que vai sobreviver.

Ela se virou, e o farfalhar do tecido grosso das saias soou como o sibilar de serpentes para ele.

Ignorando as mãos que se estendiam para ajudá-lo, Vere se levantou sem afastar os olhos dela. Observou o movimento arrogante dos quadris enquanto ela se afastava, recolhia friamente a cadela e a garota e se virava para a saída sudoeste do Vinegar Yard, fora das vistas.

Mesmo então, Vere não conseguia dar toda a atenção aos homens ao redor, porque sua mente borbulhava com hipóteses lascivas que a deixavam caída de costas, e não ele.

Mesmo assim, conhecia o trio que estava por perto – Augustus Tolliver, George Carruthers e Adolphus Crenshaw – e eles o conheciam, ou pensavam conhecer. Por isso, sua expressão permaneceu ebriamente divertida como esperavam.

– Que sirva de lição para ela, é? – disse Tolliver, rindo. – Que lição foi? Como dar um soco quebra-queixo?

– “Quebra-queixo”? – repetiu Carruthers, indignado. – Como ele está falando, então? Sério, você deve ser meio cego. Não foi o soco que o derrubou, mas aquele curioso truque acrobático.

– Já ouvi falar desse tipo de coisa – falou Crenshaw. – Tem algo a ver com equilíbrio, acho. É um tremendo sucesso na China, na

Arábia ou sei lá onde. E é o que seria de se esperar dessas pagãs inescrutáveis.

– Mais ou menos o que seria de se esperar de Lady Grendel, então – observou Carruthers. – Ouvi dizer que ela nasceu num pântano em Bornéu e foi criada por crocodilos.

– Provavelmente foi em Seven Dials – emendou Tolliver. – Você ouviu esse pessoal aplaudindo. Eles a conhecem. Ela é uma deles, foi gerada nos pardieiros da Terra Santa, sem dúvida.

Seven Dials era o coração negro de um dos bairros mais desagradáveis de Londres, em St. Giles, também apelidado ironicamente de Terra Santa, por causa da grande quantidade de imigrantes irlandeses.

– Onde aprendeu truques de luta pagãos, então? – perguntou Crenshaw. – E como é que só ouviram falar dela alguns meses atrás? Onde ela estava esse tempo todo, que ninguém notou uma grandalhona assim? Não é exatamente difícil avistá-la.

Ele se virou de novo para Vere, que estava tirando lama da calça.

– Você a olhou e ouviu de perto, Ainswood. Há alguma sugestão de Terra Santa na voz dela? Você diria que ela foi criada em Londres ou não?

Vere duvidava que a górgona Grenville precisaria se afastar muito das fronteiras daquele bairro para aprender o tipo de truque de luta sujo que empregava. O fato de não ter discernido nenhum sotaque *cockney* não significava nada. Jaynes havia crescido na parte pobre da cidade, mas sua forma de falar tinha mudado por completo depois.

Talvez ela tivesse falado mais como uma dama do que Jaynes como cavalheiro. O que isso significava? Muitas vagabundas malnascidas tentavam macaquear seus superiores. E se, no momento, Vere não conseguia se lembrar de alguma que fizesse isso parecer tão natural, também não discernia um único motivo para ficar ali parado, incomodando-se com isso. Coberto de lama e

fervendo de raiva, não estava com clima para encorajar aquele bando de imbecis a exercitar seus intelectos limitados nesse ou em qualquer outro argumento.

Ao deixá-los, foi intempestivamente para a Brydges Street, ultrajado como havia anos não ficava.

Tinha corrido para resgatar a maldita e a encontrara praticamente implorando por um tumulto. Sua intervenção na hora certa sem dúvida lhe poupou uma facada nas costas. Em recompensa, recebera insultos e provocações.

A Srta. Insolência havia ameaçado deixar seus olhos roxos. Tinha ameaçado a ele próprio – Vere Aylwin Mallory – que nem mesmo aquele brutamontes narigudo, lorde Belzebu, pudera derrotar.

Seria de espantar que ele adotasse o método antigo e eficaz de silenciar uma mulher rabugenta?

E, se ela não havia gostado, por que não lhe dera um tapa no rosto, como uma pessoa normal faria? Será que aquela dona pensava que Vere revidaria – nela ou em qualquer outra mulher? Achava que ele pretendia violentá-la no Vinegar Yard diante de uma turba de bêbados, cafetões e prostitutas?

Como se ele já não tivesse chegado a um nível tão baixo, pensou, furioso. Como se precisasse tomar alguma mulher à força. Como se não tivesse que se defender quase com porretes dos avanços delas.

Estava na metade do caminho para a Brydges Street quando uma voz alta penetrou em sua indignação.

– Ora, se não é o Ainswood!

Vere se virou. O homem que o chamava era o tal que ele havia salvado do cabriolé desgovernado.

– No começo, não consegui me recordar do nome – continuou o sujeito ao alcançá-lo. – Mas depois disseram alguma coisa sobre Dain e minha maldita irmã, então lembrei quem você era. Deveria ter percebido logo de cara, porque ele falou o seu nome mais de

uma vez, mas vou dizer a verdade: fui puxado e jogado de um lado para outro até me sentir como aquele grego... como é mesmo o nome dele?... aquele que foi perseguido pelas tais Fúrias... e é um espanto que meus miolos não tenham pifado de uma vez por todas. Se a dona alta tivesse me atropelado, eu não saberia a diferença, só que talvez fosse o primeiro descanso que eu teria em semanas. De qualquer forma, muito obrigado, pois tenho certeza de que é um modo bem ruim de partir, com os ossos esmagados por uma roda, e eu me sentiria honrado se você dividisse uma garrafa comigo. – Ele estendeu a mão. – Ah, Bertie Trent! Quero dizer, esse sou eu. É um prazer conhecê-lo.

Lydia empurrou o duque de Ainswood para o canto mais escuro da mente e se concentrou na jovem. Não era a primeira donzela em perigo que ela havia resgatado. Em geral, levava-as para uma das organizações de caridade mais confiáveis de Londres.

Porém, no início do verão, Lydia fizera diferente. Duas jovens de 17 anos, Bess e Millie, tinham fugido de patrões violentos e ela as contratara como empregadas, intuindo que lhe serviriam. Acabou acertando em sua aposta. A mesma intensa voz interior dizia agora que aquela menina também ficaria melhor ao seu lado.

Ao espreme-la com Susan no cabriolé, Lydia teve certeza de que a garota não vinha das classes trabalhadoras. Tinha um ligeiro sotaque da Cornualha, mas bem polido, e as primeiras palavras que saíram de sua boca foram praticamente “Não posso acreditar que é a Srta. Grenville, da *Argus*”. As criadas e as camponesas não costumavam estar familiarizadas com a revista.

A jovem se chamava Tamsin Prideaux – definitivamente um nome da Cornualha – e tinha 19 anos. A princípio, Lydia lhe dera 15 anos, porém, num exame mais detido, a maturidade ficara evidente.

A questão é que Tamsin era uma garota pequena, exceto pelos

olhos, enormes e de um castanho aveludado, além de míopes. Além da roupa do corpo, os óculos eram os únicos pertences que lhe restavam, amassados e com uma lente quebrada.

Tamsin os havia tirado pouco depois de sair da diligência para limpá-los, porque estavam com uma grossa camada de poeira da estrada. A estalagem se achava lotada e alguém a empurrara. De repente, teve a bolsa e a mala de lona arrancadas com tanta violência que ela se desequilibrou e caiu. Quando se levantou, a garota viu que seu baú também havia sumido. Nesse instante, a cafetina chegara, fingindo simpatia e se oferecendo para levá-la ao escritório do magistrado na Bow Street para denunciar o crime.

Era um truque velho, mas até mesmo os londrinos mais experientes eram assaltados e roubados diariamente, garantiu Lydia.

– Você não deve se culpar – disse à jovem quando chegaram em casa. – Poderia ter acontecido com qualquer um.

– A não ser com a senhorita, que está preparada para tudo.

– Não seja boba – retrucou Lydia rapidamente enquanto a conduzia para dentro. – Já cometi minha cota de erros.

Notou que Susan não demonstrou sinais de ciúme, o que parecia promissor. Além disso, ela havia resistido à tentação de manipular o novo brinquedo humano. Isso era ótimo, pois a garota, já aterrorizada, poderia interpretar mal os afetos caninos e começar a gritar, irritando a mastim. Ainda assim, quando entraram no corredor, Lydia tomou precauções.

– Susan, amiga – disse à cadela enquanto dava um tapinha de leve no ombro de Tamsin. – Seja boazinha, ok? Escutou? *Boazinha*.

Susan lambeu a mão da jovem delicadamente.

Tamsin lhe fez um carinho cauteloso.

– Susan é muito inteligente – explicou Lydia –, mas você precisa se comunicar com ela em termos simples.

– Antigamente usavam mastins para caçar javalis, não é? – perguntou a jovem. – Ela morde?

– Está mais para devorar. Mas você não tem o que temer. Se ela ficar muito brincalhona, diga com firmeza: *Boazinha*. A não ser que queira ser derrubada e afogada em baba de cachorro.

Tamsin riu baixinho, o que era um sinal encorajador. Então Bess apareceu e, em pouco tempo, a hóspede foi levada para um chá, um banho quente e um cochilo.

Depois de se lavar rapidamente, Lydia foi para seu gabinete. Só ali, de porta fechada, deixou cair a máscara de confiança inabalável.

Mesmo tendo visto um bocado do mundo – mais do que a maioria das pessoas sofisticadas de Londres, tanto homens quanto mulheres –, não era tão mundana quanto todos acreditavam.

Nenhum homem havia beijado Lydia Grenville antes.

Até mesmo o tio-avô Ste, gentil mas desajustado, nunca fizera mais do que lhe dar um tapinha na cabeça – ou na mão, quando ela começara a se transformar em uma gigante.

O duque de Ainswood fora bem mais longe. E Lydia descobriu que não era nem um pouco imune.

Desabou na cadeira atrás da mesa e pressionou a cabeça contra a base das mãos, esperando que o acalorado tumulto interior se amenizasse e seu mundo organizado e controlado, voltasse ao normal.

Mas isso não aconteceu. O caos da infância inundou seus pensamentos. A maré de imagens ia e vinha, enfim se detendo na cena gravada com mais profundidade na memória: a ocasião em que seu mundo e sua consciência mudaram para sempre.

Enxergou-se como era na época, uma menininha sentada num banco velho, lendo o diário da mãe.

Ainda que jamais fosse fazer isso, Lydia poderia ter escrito a história mais ou menos no mesmo estilo que usava para "A rosa de Tebas".

*Londres, 1810*

*Era fim de tarde, horas e horas depois de Anne Grenville ir para o descanso final no cemitério da paróquia. Foi então que sua filha mais velha, Lydia, de 10 anos, encontrou o diário. Estava escondido sob uma pilha de sobras de tecidos velhos guardados para fazer remendos, no fundo do cesto de costura da mãe.*

*Já havia um bom tempo, a caçula, Sarah, havia chorado até dormir e o pai das duas, John Grenville, tinha partido para buscar consolo nos braços de uma das suas vagabundas ou numa garrafa – ou em ambas, mais provavelmente.*

*Ao contrário da irmã, Lydia estava acordada e seus olhos azuis permaneciam secos. Não conseguira chorar. Estava com raiva demais de Deus, que havia levado a mãe, e não o pai.*

*Mas, afinal de contas, o que Deus queria com papai?, perguntou-se enquanto afastava uma mecha de cabelos dourados e procurava um remendo para o avental de Sarah. Assim, encontrou o caderninho, preenchido com a letra minúscula e precisa da mãe.*

*Esquecendo-se do remendo, sentou-se encolhida perto da lareira fumacenta e passou a noite lendo as anotações, em sua maior parte enigmáticas. O diário era pequeno e sua mãe não havia escrito com muita regularidade. Consequentemente, Lydia terminou de ler antes que o pai chegasse cambaleante em casa, pouco depois do alvorecer.*

*Esperou até o meio da tarde, quando ele estava sóbrio e o pior de seu mau humor havia se dissipado, num momento em que Sarah brincava no beco com a filha de uma vizinha.*

*– Encontrei uma coisa que mamãe escreveu – comentou Lydia. – É verdade que ela já foi uma dama? E o senhor já foi ator? Ou mamãe só estava fantasiando?*

*Ele estava procurando alguma coisa na pilha de roupas*

*passadas, mas se deteve e lhe lançou um olhar ligeiramente divertido.*

*– O que importa o que ela era? Isso nunca nos serviu de nada, não é? Você acha que estaríamos vivendo neste pardieiro se ela tivesse vindo com um dote? O que importa para você, Srta. Emproada? Acha que é uma grande dama, é?*

*– É verdade que eu puxei aos ancestrais de mamãe? – insistiu Lydia, ignorando o sarcasmo do pai. Tinha aprendido a não deixar que isso a incomodasse.*

*– Ancestrais? – Ele abriu um armário, deu de ombros para o parco conteúdo, depois o fechou com uma pancada. – Esse é um modo grandioso de falar. Foi assim que sua mãe explicou?*

*– Ela escreveu num caderno... parece um diário... que era dama de uma família antiga e nobre. E um primo era lorde, marquês de Dain. Ela escreveu que fugiu com o senhor para a Escócia. A família ficou com muita raiva e cortou relações como se ela fosse "um ramo doente da árvore Ballister". Só quero saber se é verdade. Mamãe era... fantasiosa.*

*– Era mesmo. – O pai ficou com um olhar ardiloso, muito pior do que a zombaria e até a aversão que às vezes ele se esquecia de esconder.*

*Então, tarde demais, Lydia percebeu que não deveria ter mencionado o diário.*

*Agora, tudo que podia fazer era dar um tapa na própria cabeça pela burrice. Mas conseguiu não demonstrar os sentimentos – como sempre – quando ele ordenou:*

*– Traga o caderno, Lydia.*

*Ela obedeceu e nunca o viu de novo, como era de esperar. O caderno desapareceu, como tantos pertences deles haviam desaparecido antes e continuariam a desaparecer nos meses seguintes.*

*Lydia tinha certeza absoluta de que ele empenhara o diário da mãe e, das duas, uma: ou jamais iria reivindicá-lo de volta ou já o vendera de uma vez. Era assim que o pai conseguia dinheiro. Às vezes perdia no jogo, às vezes ganhava, mas a verdade era que Lydia e Sarah raramente viam a cor dele.*

*Nem as pessoas a quem John Grenville devia.*

*Após dois anos, apesar de muitas mudanças de nome e residência, seus credores o alcançaram. Ele foi preso por dívida e mandado para a prisão Marshalsea, em Southwark. Depois de morar ali durante um ano com as filhas, foi declarado devedor insolvente e solto.*

*Mas, para Sarah, a liberdade chegou tarde demais: já havia contraído tuberculose e morreu pouco depois.*

*Com a experiência, John Grenville aprendeu que o clima da Inglaterra não era saudável para ele. Deixou Lydia, de 13 anos, com seus tios Ste e Effie e prometeu buscar a garota "em alguns meses". Então partiu para a América.*

*Na noite da partida do pai, Lydia começou a escrever seu próprio diário. A primeira anotação tristemente mal escrita começava assim: "Papai foi embora – pra sempre, espero com todas as minhas forças – e já foi tarde."*

Normalmente Vere teria recusado a oferta de Trent com a mesma facilidade com que descartara os agradecimentos do sujeito.

Mas ele não estava se sentindo normal.

Tudo havia começado com o cara de fuinha do Jaynes discursando sobre a necessidade de levar a linhagem adiante – quando era óbvio para qualquer imbecil que os Mallorys era amaldiçoados e estavam destinados à extinção. Vere não desejava

ter filhos só para observá-los morrer anos depois, sem poder fazer nada.

Em segundo lugar, a maior machona do século tinha se empinado toda no seu caminho. Então, quando Sua Majestade do Enxofre acabou com ele, seus supostos amigos precisaram debater quem ela era, de onde viera e a técnica que havia usado com ele. Como se na verdade a considerassem – uma mulher! – *adversária* dele. Numa luta de punhos!

Trent, em compensação, ofereceu um muito obrigado cortês e calmo e, depois, uma bebida recompensadora.

Foi por isso que Vere deixou Trent acompanhá-lo até em casa. Após um banho e uma troca de roupas – ajudado por um Jaynes de expressão azeda, mas misericordiosamente silencioso –, Mallory partiu para dar ao sujeito um gostinho da vida noturna de Londres, que não poderia incluir a entrada nos domínios da Sociedade Educada, onde hordas de senhoritas famintas por casamento atacavam qualquer homem com dinheiro e pulsação. O último canalha preferiria ser estripado com uma lâmina enferrujada a passar três minutos com um monte de virgens cheias de risinhos sem graça.

O passeio incluiu estabelecimentos onde a bebida e a companhia feminina custavam apenas algumas moedas. Naquela noite, o duque escolheu, por acaso, lugares que os escribas de Londres costumavam frequentar. Vere passava mais tempo ouvindo os outros fregueses e se retesou, atento, nas duas ocasiões em que ouviu mencionarem o nome de uma determinada mulher, mas Sir Bertram Trent nem reparou.

Esses detalhes não escapariam a Jaynes, mas ele era um sujeito irritantemente esperto, enquanto Trent... passava longe disso.

“O maior pateta do hemisfério norte”, era como lorde Dain havia descrito o cunhado.

Vere não demorou muito a perceber que Belzebu fora gentil, para

dizer o mínimo. Além de se enfiar em discussões das quais nem mesmo o Todo-Poderoso com a ajuda dos anjos jamais conseguiria encontrar uma saída, Trent demonstrava um raro talento para entrar embaixo de cascos de cavalos ou diretamente sob objetos em queda, para colidir com obstáculos humanos ou inanimados e para despencar de onde quer que estivesse de pé, sentado ou deitado.

Inicialmente, tudo que Vere sentiu por ele – nos breves intervalos em que sua mente parava de pensar, furioso, em dragões de olhos verdes – foi perplexidade mesclada com diversão. Nem passava por sua cabeça ter um relacionamento mais próximo com Trent.

Mudou de ideia mais tarde, durante a noite.

Pouco depois de sair do Westminster Pit – onde tinham assistido a Billy, o terrier, realizar a façanha de matar cem ratos em dez minutos, como fora anunciado –, encontraram lorde Sellowby. O homem fizera parte do círculo de Dain em Paris e conhecia Trent bem. Mas, afinal de contas, ele conhecia todo mundo e sabia de absolutamente tudo que as pessoas faziam. Era um dos principais colecionadores e disseminadores de fofocas da Inglaterra.

Depois de se cumprimentarem, Sellowby perguntou, simpático:

– Sua Graça ficou com algum ferimento permanente devido ao histórico encontro de hoje com Lady Grendel? Lá no White's, contei catorze apostas distintas sobre o número de dentes que você perdeu na... ahn... altercação.

Nesse momento, era Sellowby que corria um sério perigo de perder todos os dentes, além do maxilar. Mas, antes que Vere pudesse iniciar hostilidades, Trent, de rosto vermelho, irrompeu numa refutação indignada:

– Quebrou os dentes dele? – gritou, esganiçado. – Ora, foi só um tapinha no queixo, e qualquer um podia ver que ele só estava representando, tentando fazer uma piada e divertir o pessoal. Se você estivesse lá, Sellowby, veria que uma turba de fregueses feios chegou correndo de tudo que é lado, pronta para ver cabeças

quebradas. Você viu pessoalmente o que minha prima fez em Paris, do que mulheres furiosas são capazes de fazer, e essa era quase tão alta quanto eu, com a maior mastim que você já viu na vida...

Trent continuou nesse ritmo durante vários minutos, sem deixar que Sellowby conseguisse pronunciar uma palavra. Quando enfim o baronete parou para tomar fôlego, o lorde se afastou às pressas.

Por um momento – e pela primeira vez em anos –, o próprio Vere ficou sem fala.

Não conseguia se lembrar da última vez em que alguém havia saltado em sua defesa. Mas logo pensou que seu comportamento nunca tinha merecido defesa, porque estava muito longe de ser santo – praticamente o mais longe que alguém poderia chegar sem ser enforcado. Assim, concluiu, só um cérebro de toucinho feito o de Trent imaginaria que Vere Aylwin Mallory precisava de um defensor... ou mesmo de um amigo leal.

Como seu coração havia endurecido muito tempo atrás, o duque de Ainswood não poderia achar tocante a algaravia jovial de Bertie Trent a seu favor, assim como não poderia admitir qualquer dúvida incômoda com relação aos seus atos no Vinegar Yard. Preferiria se submeter a ser flagelado vivo antes de confessar, até para si mesmo, que algumas farpas de Lady Grendel haviam penetrado em seu couro grosso.

O duque decidiu que a inexpressiva perplexidade de Sellowby durante o discurso de Trent era a coisa mais cômica que via em meses, e que Trent era um imbecil tremendamente divertido.

Foi por isso, acreditava ele, que convidou Bertie a levar as próprias malas da George Inn para a Ainswood House e lá ficar à vontade.

Durante o jantar, Lydia descobriu que os modos da Srta. Prideaux à mesa eram impecáveis. Seu apetite era bom, suas assertivas

inteligentes e temperadas com um humor agradavelmente seco. Tamsin tinha uma voz musical que fez Lydia se lembrar de Sarah, ainda que a garota fosse muito mais velha e, sem dúvida, muito mais resistente.

Em meio aos queijos e às frutas, Lydia iniciou o interrogatório em tom afável:

– Imagino que você tenha fugido de casa.

A jovem pousou a faca com que estivera cortando uma maçã e encarou Lydia.

– Srta. Grenville, sei que fugir é uma tolice, e fugir para Londres é provavelmente insano, mas há um limite para o que podemos tolerar, e eu o atravessei.

Sua história não era nada comum.

Dois anos antes, de repente, a mãe havia se tornado religiosa. Vestidos bonitos foram proibidos. Dança e música, exceto hinos, eram proibidas. Todo o material de leitura – a não ser Bíblias, sermões e livros de orações – era proibido. Os exemplares da *Argus* contrabandeados pela Srta. Prideaux constituíam seu único elo com o “mundo racional”, como ela mesma chamou.

– Como li seus artigos e ensaios, eu tinha plena consciência de que enfrentaria dificuldades em Londres, e vim preparada, garanto. Se não tivessem me roubado tudo, eu nem sonharia em lhe causar incômodo. Tinha o suficiente para pagar a hospedagem até arranjar um trabalho e estava disposta a exercer qualquer função honesta.

Seu rosto se retorceu e os olhos enormes começaram a marejar, mas ela se recompôs rapidamente e continuou:

– Mamãe e suas amigas fanáticas expulsaram papai de casa. Fazia quinze dias que eu não o via quando ela anunciou que eu precisaria abrir mão das joias de tia Lavinia. A seita queria imprimir exemplares dos sermões do Irmão Ogbert. Infelizmente, todos os gráficos eram instrumentos do diabo, a ponto de cobrar pelo serviço.

Mamãe disse que eu deveria contribuir para a salvação das almas com as coisas da minha tia falecida.

– Quer elas quisessem ser salvas ou não – murmurou Lydia. – Há muita gente desse tipo em Londres. Desperdiçando dinheiro em Bíblias e panfletos, quando o que as pessoas precisam mesmo é de trabalho, de um teto sobre a cabeça e de comida na mesa.

– Era exatamente como eu me sentia – comentou Tamsin. – Eu não poderia abrir mão das joias da minha tia para aquelas criaturas fraudulentas. Elas foram deixadas para mim em testamento e, quando eu as usava ou simplesmente olhava para elas, pensava na minha tia, em como ela era boa e quanto nos divertíamos. Eu a amava m-muito – concluiu ela, trêmula.

Lydia ainda possuía o camafeu de sua irmã Sarah. Se não fosse feito de um metal sem valor, seu pai o teria empenhado ou apostado no jogo. Se esse tivesse sido o caso, Lydia, que não tinha nenhuma lembrança da mãe, também não teria nada da irmã.

Não podia usar o camafeu porque ele esverdeava sua pele, mas guardava-o numa caixa no quarto e o pegava toda noite, pensando na irmãzinha tão amada.

– Sinto muito – disse gentilmente. – As chances de resgatar as joias não são muito boas.

– Sei que não há esperança. Eu não me importaria se tivessem levado todo o resto, deixando só isso. Mas, a esta altura, os ladrões já despedaçaram tudo e fundiram. De qualquer forma, ninguém devolveria as joias, com certeza.

– Elas eram valiosas, então? – perguntou Lydia.

– Não sei dizer ao certo. Havia um colar de rubi com um bracelete e brincos combinando. E também um conjunto de ametistas, bem antigo, num engaste de prata em filigrana. E três anéis. Não eram de pedra falsa, mas não sei se valem grande coisa. Nunca mandei avaliar. O valor não importava para mim.

– Se não forem falsas, há uma boa chance de serem receptadas.

Eu tenho informantes que se relacionam com esse tipo de comércio.

Ela tocou a sineta e, quando Millie apareceu um instante depois, pediu material de escrita.

– Faremos uma lista detalhada – disse Lydia à hóspede após a saída da empregada. – Você pode desenhá-las?

Tamsin confirmou com a cabeça.

– Ótimo. O desenho vai aumentar as chances de rastreá-las. Não que possamos contar em pegá-las de volta – alertou Lydia. – Você não deve ter muitas esperanças.

– Não vou me preocupar com elas – disse a garota, insegura. – Mas é péssimo pensar que as salvei dos ladrões devotos amigos de mamãe só para perdê-las para um bando de ladrões ímpios. Se ela descobrir, vai dizer que foi uma punição de Deus. Mas não devo ter que ouvir isso nunca mais, assim como nenhum dos sermões insuportáveis dela. – A jovem corou e seu lábio inferior tremeu. – Quero dizer, a senhorita não se sente obrigada a contar a elas onde estou, não é? Deixei um bilhete dizendo que tinha fugido com um amante. No momento, acham que eu estou no mar, indo para a América. Veja bem, fui obrigada a inventar algo desesperadamente imoral e irrevogável para impedir qualquer perseguição.

– Se você não pode honrar pai e mãe, isso é questão sua. E infortúnio deles. Não tem nada a ver comigo. Mas se quiser garantir que eles não fiquem sabendo onde você se encontra, recomendo que troque o nome para algo menos característico.

Porém, isso não iria protegê-la dos males de Londres. Ela parecia mais nova do que era, e vulnerável demais.

Depois de uma pausa brevíssima, Lydia continuou:

– Acaba de me ocorrer que sua dificuldade atual é vantajosa para mim. Eu estava planejando contratar uma acompanhante. – Isso não era verdade, mas pouco importava. – Se você quiser ficar comigo, vai me poupar o trabalho de procurar alguém. Os termos são: quarto, comida e...

Tamsin começou a chorar.

– Por favor, me desculpe – disse enxugando os olhos inutilmente.

– Não quero parecer b-boba, mas a senhorita é tão b-boa!

Lydia se levantou, foi até ela e enfiou um lenço em sua mão.

– Não tem problema. Você passou por uma situação difícil. Outra garota teria um ataque de histeria. Você tem todo o direito de chorar um pouco. Isso vai fazer com que se sintam melhor.

– Não acredito que a senhorita não esteja nem um pouco abalada – disse Tamsin depois de enxugar os olhos e limpar o nariz.

– Foi a senhorita que precisou enfrentar todo mundo, mas nem um fio de cabelo lhe saiu do lugar. Não sei como conseguiu. Nunca vi um duque antes... não que eu tenha conseguido enxergá-lo muito bem. Ainda assim, não saberia o que dizer a alguém tão importante, mesmo se tivesse adivinhado quem ele era. Para mim, foi tudo como um borrão e eu não sabia se ele estava realmente brincando ou furioso.

– Duvido que ele também soubesse – comentou Lydia, ignorando o arrepio ardente que percorreu sua coluna. – O sujeito é um cretino. O lugar dele é no zoológico do Exeter'Change.

Nesse momento, chegou o material de escrita, e Lydia logo fez com que sua hóspede afastasse os pensamentos de lorde Ainswood.

Já os próprios pensamentos de Lydia não podiam ser manipulados com tanta facilidade.

Horas mais tarde, sozinha em seu quarto, ainda não conseguia apagar a lembrança do beijo breve, nem conter completamente os antigos desejos que ele havia despertado.

Sentou-se diante da penteadeira, segurando o camafeu de Sarah.

Lembrou-se dos dias sombrios na prisão de Marshalsea, quando entretinha a irmã com histórias sobre o príncipe encantado, que viria num cavalo branco. Na época, Lydia era suficientemente jovem e romântica para acreditar que um dia um príncipe viria de verdade e ela viveria com ele num lindo palácio repleto de crianças felizes.

Sarah também iria se casar com um príncipe e morar com sua prole contente no castelo vizinho.

No mundo real, adulto, era mais fácil encontrar unicórnios do que príncipes encantados.

No mundo real, um duque – a coisa mais próxima de um príncipe – não se incomodava nem de levar a bruxa mais maligna para a masmorra onde era seu lugar de direito.

No mundo real, nenhum beijo poderia transformar uma solteirona convicta em uma menina de olhos sonhadores. Em especial *aquela* beijo, que obviamente era um substituto para o soco na boca que Sua Graça teria lhe dado se ela fosse um homem.

De qualquer modo, disse Lydia a si mesma, havia coisas muito mais importantes em que pensar, como na Srta. Prideaux, que provavelmente estava chorando no travesseiro agora mesmo, coitada. Suas roupas poderiam ser substituídas, assim como os óculos, se não pudessem ser consertados. E ela não estava sozinha e sem amigos: iria ficar com Lydia.

Mas as joias, as lembranças preciosas... Ah, essa perda deve tê-la feito sofrer muito.

Se ao menos aquele duque imbecil tivesse levado a cafetina para a Bow Street, haveria uma grande chance de recuperar as coisas da garota. Era óbvio que os ladrões trabalhavam para Coralie, porque ela já havia feito esse jogo antes. Várias de suas meninas eram hábeis batedoras de carteira e os valentões empregados por ela não tinham escrúpulos em assaltar jovens indefesas.

Contudo, Ainswood não estivera interessado nos problemas da Srta. Prideaux, porque não era um herói nobre e cavalheiresco. Ele só *parecia* um príncipe encantado – e um príncipe encantado devasso e em frangalhos, ainda por cima.

Se houvesse alguma justiça no mundo, pensou Lydia, o sujeito teria se transformado no sapo que ele era, no instante em que sua boca maligna tocara a dela.

O espírito atormentado da Srta. Grenville poderia se aplacar se ela soubesse que lorde Ainswood sofria indignidades piores do que a de se transformar num sapo.

O duque estava acostumado a ser assunto de conversas. Encrenqueiro nato, quase sempre se encontrava no centro de alguma cena ou escândalo. Desde que ele recebera o título, o mundo – principalmente os jornais – seguia seus feitos com mais avidez que antes.

Seus contratempos com Ballister na noite de casamento do marquês, um episódio com a participação do filho bastardo de Belzebu uma semana depois e um fiasco numa corrida de carruagens em junho haviam ocupado quilômetros de papel, em que foram usadas toneladas de tinta. Os conhecidos de Vere o ridicularizaram implacavelmente.

As sátiras e caricaturas publicadas, assim como as piadas particulares às suas custas, tinham sido desconsideradas pelo duque com a mesma facilidade com que ele se esquivava de uma série de meretrizes, logo esquecidas sem nenhuma dificuldade.

Porém, nas ocasiões anteriores, os oponentes de Vere eram homens, e os casos eram conduzidos segundo regras masculinas, esportivas.

Dessa vez, sua oponente era uma mulher.

E agora Vere não sabia o que era pior: ter parado para discutir com uma mulher – quando todos tinham consciência de que elas eram as criaturas mais irracionais da face da Terra – ou ter caído, literalmente, num dos truques de luta mais antigos da história. Lady Grendel tinha bancado a morta e ele, que vinha brigando desde bebê, baixara a guarda.

Agora desejava tê-la deixado cair e bater com a cabecinha teimosa. Isso poderia compensar de algum modo o incômodo que precisou suportar nos dias seguintes.

Em todos os lugares, seus amigos não conseguiam resistir a

exercer sua limitada espirotuosidade.

Quando levou Trent para assistir às lutas do Fives Court, na St. Martin's Street, alguém teve que perguntar por que Vere não havia trazido a Srta. Grenville para ser sua parceira de ringue. Àquela altura, os pretensos pugilistas caíram na gargalhada.

Em todo lugar aonde Vere ia, algum engraçadinho queria saber quando aconteceria a luta seguinte, se o maxilar de Ainswood estava bom o bastante para que ele conseguisse comer alimentos sólidos ou se achava que a avó de fulano de tal poderia enfrentá-lo.

Enquanto isso, todos os ilustradores de Londres disputavam entre si para fazer "O retrato mais hilariante da grande batalha".

Três dias depois do evento, furioso, Vere parou diante de uma vitrine de livraria. Dentro, estava uma grande gravura com a seguinte legenda: "Lady Grendel dá uma sova no duque de A\_\_\_\_\_."

O artista o havia desenhado como um grande brutamontes com sorriso de vilão de teatro, que estendia a mão para a górgona, retratada como uma mulher minúscula e delicada. Acima de sua cabeça, o balão dizia: "Ora, minha beldade, nunca ouviu falar em *droit de seigneur*? Agora eu sou duque, não sabia?"

A Srta. Grenville estava posicionada com os punhos erguidos e falava: "Vou lhe mostrar um *droit* – e um *gauche* também."

O débil joguinho com as palavras francesas que significavam "direita" e "esquerda", explicou ele a um perplexo Trent, era para ter sido engraçado.

– Essa parte eu entendi – disse Bertie. – Mas esse negócio de *droá de seinhé* não significa "2 soberanos" em francês? Achei que você só tinha oferecido 1 libra pela garota.

O *droit de seigneur*, explicou Vere com o maxilar tenso, era o direito de o senhor feudal deflorar as noivas de seus vassallos.

O rosto quadrado de Trent enrubesceu.

– Ah, isso não é engraçado. Virgens... e ainda por cima recém-casadas.

Ele foi até a porta da livraria, sem dúvida pretendendo resolver a questão imediatamente em seu estilo inimitável. Vere puxou-o de volta.

– É só uma gravura. Uma piada, Trent, só isso.

Lembrando-se do ditado “O que os olhos não veem o coração não sente”, ele guiou seu defensor para o meio-fio e começou a atravessar a rua com ele. Mas logo precisou puxar Bertie de volta, para fora do caminho de um veículo preto que vinha para cima deles.

– Ora, não é possível! – exclamou Trent enquanto cambaleava de volta para a calçada. – Foi só falar no diabo...

Era ela, a causa das piadas incessantes e das caricaturas sem graça.

Enquanto passava a toda velocidade, a rainha celta Budica saudou-os num estilo de cocheiro, tocando a borda da touca com o chicote e dando um breve sorriso presunçoso.

Se ela fosse um homem, Vere correria atrás, a arrancaria do veículo e enfiaria aquele sorriso metido a besta goela abaixo. Mas ele só podia olhar, raivoso, até que ela dobrou uma esquina logo depois... Seus olhos não mais a viam, mas o coração palpitava.

## CAPÍTULO 3

O humor do duque de Ainswood poderia ter melhorado se ele soubesse como Lydia chegou perto de trombar com a esquina – e na loja que ficava ali – em vez de dobrá-la.

Ela recuperou a atenção bem a tempo, por pouco não capotando. Fora que, apenas alguns segundos antes, quase havia atropelado os dois homens. Isso tudo porque, mal Lydia reconhecera a figura alta junto ao meio-fio, seu cérebro pifou. Não fazia ideia de onde estava nem do que estava fazendo.

Foi só por um momento, mas o suficiente para atrapalhá-la. Ela ainda levou um tempo para se recuperar totalmente. Apesar de ter conseguido executar muito bem a saudação fria, teve uma suspeita horrível de que seu sorriso tinha sido largo demais e... bom, estúpido, para ser sincera. Um sorriso imbecil, lunático, refletiu raivosa, combinando com as pancadas idiotas do coração. Como se ela fosse uma garota boba de 13 anos, e não uma solteirona endurecida de 28 anos.

Ficou fazendo sermão para si mesma por todo o caminho até a prisão de Bridewell. Mas, quando entrou na fortaleza de sofrimento, deixou de lado os problemas pessoais.

Foi à sala de triagem. Ali, mulheres pobres que diziam residir em outras partes da Inglaterra eram mantidas por uma semana antes de ser mandadas de volta às suas regiões, já que a filosofia predominante era: "A caridade começa em casa."

Havia uma fileira de cubículos baixos e estreitos, forrados de palha, na parede virada para a entrada. No lado oposto, havia uma

série semelhante de cubículos, interrompida apenas pela porta e pela lareira. Cerca de vinte mulheres, algumas com crianças, ocupavam o aposento.

Havia aquelas que tinham vindo a Londres fazer fortuna; umas haviam perdido tudo antes de vir e fugiam da desgraça; outras se afastavam dos problemas de sempre: sofrimento, pobreza, brutalidade.

Lydia descreveria o lugar para os leitores em seu estilo usual. Esboçaria em termos claros e simples o que via e contaria as histórias daquelas mulheres do mesmo modo, sem moralização ou sentimentalismo.

O público leitor não tinha o direito de saber das moedas que ela distribuía disfarçadamente às entrevistadas, ou das cartas que escrevia para elas, ou das pessoas com quem falava mais tarde a favor delas.

Grenville ficava frustrada por poder fazer tão pouco e seu coração doía o tempo todo em que ouvia as mulheres, mas essas emoções não constavam da publicação, pois não eram da conta de ninguém.

A última entrevista foi com uma garota recém-chegada de 15 anos que segurava no colo um bebê fraco demais até para chorar. O menino estava frouxo nos braços da mãe e, de vez em quando, soltava um gemido cansado.

– Deixe-me ajudar – pediu Lydia. – Se sabe quem é o pai dele, Mary, diga, e eu falo com ele por você.

Comprimindo os lábios com força, Mary se balançava para trás e para a frente no seu monte de palha suja.

– Você se espantaria com a quantidade de pais que concordam em ajudar – continuou Lydia, quase acrescentando “Depois de eu dar um jeito neles”.

– Às vezes os pais levam eles embora – disse a garota. – Agora

eu só tenho o Jemmy. – Ela parou de embalar o menino e lançou um olhar perturbado para Lydia. – A senhorita tem algum?

– Filho? Não.

– Tem um homem?

– Não.

– Já gostou de algum?

– Não. – *Mentirosa, mentirosa, mentirosa*, zombou o demônio interior de Lydia. – Já – consertou ela com um riso curto.

– Eu também já fui de sim e não – comentou Mary. – Eu ficava me dizendo que era uma garota boa e que não adiantava gostar dele, porque ele estava quilômetros além do meu alcance, e gente assim não se casa com garotas de fazenda. Mas todos os “nãos” estavam na minha cabeça e eu continuava gostando dele ardentemente. E acabou sendo “sim”, e aqui está o bastardinho para provar. E a senhorita deve pensar que eu não posso cuidar dele como ele precisa, e é verdade. – Seu beijo tremeu. – Certo, então, mas não precisa falar nem escrever por mim. Eu sei escrever. Aqui.

A mulher estendeu a criança para Lydia, que rigidamente trocou o caderno e o lápis por aquilo. Aliás, por ele.

Lydia via criancinhas o tempo todo, já que eram uma mercadoria que os pobres de Londres possuíam em abundância. Ela já as segurara no colo, mas nenhuma era tão pequenina, tão desamparada assim.

Fitou o rostinho fino. O bebê não era bonito ou forte, nem mesmo limpo, e Lydia sentiu vontade de chorar por ele e pelo futuro breve e desgraçado que o esperava, e por sua mãe, que não tinha posses e mal passava de uma criança.

Mas os olhos de Lydia permaneceram secos e ela preferiu não dar vazão aos desejos inúteis que faziam arder seu coração. Ela não era adolescente, mas uma adulta madura o bastante para deixar que a cabeça governasse seus atos, mesmo que não pudesse comandar totalmente o coração.

Assim, apenas balançou em silêncio o bebê, como a mãe estivera fazendo, e esperou que Mary rabiscasse o papel bem devagar. Quando, enfim, o bilhete ficou pronto, Lydia devolveu Jemmy à mãe com apenas uma pontada minúscula de pesar.

Até mesmo um pesar tão ínfimo era indesculpável, censurou-se, enquanto deixava o interior noturno da Bridewell.

A vida não era nenhum conto de fadas. Na vida real, Londres assumia o lugar do palácio de sua imaginação romântica juvenil. As mulheres e crianças esquecidas eram suas irmãs e sua prole, e toda a família de que ela precisava.

Não podia operar milagres e curar tudo que as afligia, mas podia fazer por elas o que não pudera fazer pela mãe e pela irmã: podia falar por elas. Nas páginas da *Argus*, suas vozes eram ouvidas.

Essa era a sua vocação, lembrou a si mesma. Era por isso que Deus a havia criado forte, inteligente e destemida. Não era brinquedo de homem nenhum. E certamente não arriscaria todas as coisas pelas quais batalhara só porque um príncipe encantado palerma tinha provocado um furor em seu coração turbulento.

Três noites depois de quase atropelar Vere e Bertie, Lady Grendel tentou quebrar o crânio de Adolphus Crenshaw diante do clube Crockford's na St. James's Street.

No lado de dentro, Vere e Bertie se juntaram à multidão na janela no instante em que ela segurou Crenshaw pelo lenço de pescoço e o empurrou de costas contra um poste.

Com um sinistro sentimento de déjà-vu, Vere saiu correndo do clube, avançou para ela e segurou sua cintura com firmeza. Espantada, Lydia soltou o lenço e ele a ergueu, depositando-a no chão, fora do alcance do ofegante Crenshaw.

Ela tentou de novo o truque da cotovelada na barriga, mas Vere conseguiu se esquivar, ainda mantendo-a segura. Não estava

preparado para o salto da bota esmagando seu pé, mas ainda assim não a soltou, mesmo enquanto a dor se irradiava pela perna.

Agarrou os braços dela e a arrastou para longe do grupo de homens reunidos na entrada do Crockford's.

Lydia se debateu por todo o caminho e o duque teve que lutar para conter a forte tentação de jogá-la no meio da rua, onde uma carruagem de aluguel que se aproximava poderia fazer um grande favor a Londres e esmagá-la sob as rodas. Em vez disso, Vere sinalizou para o veículo, que parou diante dos dois.

– Você pode entrar ou eu posso jogá-la aí dentro. Escolha.

Lydia murmurou algo que pareceu o sinônimo de “ânus”, mas quando Mallory abriu a porta, ela subiu rapidamente. Uma pena, pensou o duque, porque não se incomodaria nem um pouco em apressá-la com um tapa no traseiro.

– Onde você mora? – perguntou, depois de Lydia se jogar no assento.

– No hospício, onde mais?

Ele entrou na carruagem de aluguel e sacudiu Lydia.

– Onde você mora, maldição?

Ela mencionou algumas partes do corpo com as quais ele se parecia antes de admitir, relutante, que morava num covil na Frith Street, no Soho.

Vere repassou o endereço ao cocheiro e se acomodou, certificando-se de ocupar mais do que o espaço devido.

Depois de viajarem um bom trecho num silêncio raivoso, Lydia bufou, impaciente.

– Meu Deus, que confusão você fez – disse ela.

– Confusão? – repetiu ele, pasmo. – Foi você que...

– Eu não ia machucar o Crenshaw. Só estava tentando fazê-lo me escutar. Precisava de toda a atenção dele primeiro.

Por um momento, Vere só pôde encará-la numa incredulidade vazia.

– Não havia necessidade de fazer uma cena, e ainda mais em St. James's – continuou ela. – Mas acho que não adianta falar, não é? Todo mundo sabe que *Sua Graça* adora dar espetáculos. Você andou fazendo arruaças de uma ponta a outra da Inglaterra neste último ano, pelo menos. Cedo ou tarde você deveria trazer seu pandemônio de volta a Londres. Ainda assim, eu não achei que seria tão cedo. Só faz três meses desde sua infame corrida de carruagem.

Finalmente o duque conseguiu falar:

– Sei o que você está tentando fazer...

– Você não faz a mínima ideia. Mas não está interessado em determinar os fatos de uma situação antes de interferir. Você salta às suas próprias conclusões loucas e vem se meter. Essa é a segunda vez que você entra no meu caminho e provoca complicações e atrasos desnecessários.

Vere sabia o que ela estava fazendo. A melhor defesa é um bom ataque; esse era um dos seus próprios modos de atuar. Não iria deixar que aquela mulher o tirasse do rumo.

– Você é parente daquele tal Gentleman Jackson, o boxeador? Deixe-me explicar uma coisa, Srta. Pugilista. Não dá para sair causando tumulto em Londres, dando socos em todo sujeito que atravessa o seu caminho. Até agora você teve sorte, mas um dia desses vai se meter com um homem que vai reagir...

– Talvez isso aconteça – interrompeu ela com altivez. – Mas não sei por que isso é da sua conta.

– Passa a ser da minha conta – retrucou ele, com os dentes trincados – quando se trata de um amigo que precisa de ajuda. Como...

– Não sou sua amiga e não preciso de ajuda.

– Como *Crenshaw* é meu amigo – prosseguiu ele, teimosamente – e como ele é cavalheiro demais para reagir...

– Mas não é cavalheiro demais para seduzir e abandonar uma garota de 15 anos.

Esse golpe o pegou desprevenido, mas Vere logo se recuperou:

– Não diga que a garota por quem você tentou começar um tumulto alega que Crenshaw a arruinou, porque eu sei com certeza que ela não faz o tipo dele.

– Não, ela é velha demais – retrucou a górgona. – Uma anciã. Já tem 19 anos. Crenshaw gosta de meninas rústicas e gorduchas de 14 e 15 anos.

Madame Insolência tirou do bolso um pedaço de papel amarrotado e o estendeu para ele. Muito inquieto, Vere alisou-o e o leu. Em letras grandes e redondas de colegial, o bilhete informava a Crenshaw que ele tinha um filho de 2 meses que residia atualmente com a mãe, Mary Bartles, na Bridewell.

– A garota está na sala de triagem – disse a machona. – Eu vi o bebê. Jemmy se parece muito com o pai.

Vere devolveu o bilhete.

– Imagino que você tenha anunciado isso a Crenshaw diante dos amigos dele.

– Eu lhe dei o bilhete. Ele leu, amassou e jogou fora. Eu vinha tentando encurralá-lo havia três dias. Mas, toda vez que ia à casa dele, o serviçal dizia que o Sr. Crenshaw não estava. Mary vai ser mandada de volta dentro de alguns dias, provavelmente para o asilo de seu distrito. Se ele não ajudá-la, a criança vai morrer lá, e Mary talvez morra de sofrimento.

A mulher dragão virou o olhar glacial para a janela.

– Ela me disse que o bebê era tudo que tinha. E ali estava o pai dele, indo ao Crockford's jogar dinheiro fora no baralho e nos dados, enquanto o filho está fraco e doente, sem ninguém para cuidar dele, a não ser uma mãe que também é uma criança. Você tem excelentes amigos, Ainswood.

Ainda que Vere não considerasse nem um pouco cavalheiresco um homem de quase 30 anos seduzir jovens rústicas e ignorantes – apesar de julgar indesculpável a reação do colega ao bilhete

desesperado –, não iria admitir isso à Srta. Automeada Guardiã da Moral Pública.

– Deixe-me explicar uma coisa – disse Mallory. – Se quiser tirar algo de um homem, não é correto quebrar a cabeça dele num poste.

Lydia se virou para encará-lo e o duque se perguntou que poder maligno havia criado aquele monstro de beleza chocante.

Normalmente, a penumbra da carruagem embotaria o impacto do rosto extraordinário. Porém, as sombras só sugeriam intimidade, tornando impossível vê-la com distanciamento. Ele a tinha visto nos sonhos, mas os sonhos eram seguros. Aquela situação, não. Só precisaria levantar a mão para tocar a pureza sedosa daquele rosto. Só precisaria se aproximar alguns centímetros para levar a boca à dela, macia e carnuda.

Se o impulso de tocar e saborear fosse menos feroz, ele teria se rendido, como fazia geralmente com esses impulsos. Mas já sentira esse ímpeto poderoso antes, no Vinegar Yard, e não bancaria o idiota outra vez.

– Você só precisaria sorrir – explicou ele –, tremelicar os cílios e estufar os seios diante dele. Crenshaw faria o que você quisesse.

Lydia o encarou sem piscar durante um longo tempo, então tirou um pequeno caderno e um toco de lápis de um bolso escondido nas dobras pesadas da saia preta.

– É melhor anotar isso. Não quero perder uma sílaba preciosa de sabedoria.

De forma exagerada, abriu o caderno gasto e lambeu a ponta do lápis. Baixando a cabeça, escreveu “Sorrir” e “Tremelicar os cílios”.

– O que era a outra coisa?

– *Coisas* – corrigiu ele, inclinando-se para ver o que Lydia havia escrito. – Plural. Seios. Você deve enfiá-los sob o nariz de Crenshaw.

Os seios dela estava sob o nariz dele, e a meros centímetros dos dedos que coçavam.

Lydia anotou as instruções com uma aparência ridícula de

concentração intensa: os olhos semicerrados, a ponta da língua presa entre os dentes.

– Será mais eficaz se você usar algo mais decotado – acrescentou ele. – Caso contrário, ele pode imaginar que você está escondendo alguma deformidade.

O duque se perguntou se ela teria alguma ideia da tentação avassaladora representada pela comprida fileira de botões, ou de como o corte masculino das roupas só deixava os homens mais conscientes da forma feminina tão rigidamente enclausurada. Imaginou que bruxa maligna havia produzido o perfume dela, uma mistura demoníaca de fumaça, lírios e alguma outra coisa que ele não conseguia identificar.

Sua cabeça baixou mais. Ela olhou-o com um sorriso minúsculo.

– Que tal pegar o lápis e o caderno e anotar todas as suas fantasias, com sua própria letrinha? Então terei uma lembrança desta ocasião deliciosa. Isto é, a não ser que você prefira arfar no meu pescoço.

Muito devagar, para não parecer desconcertado, ele recuou.

– Você também precisa de lições de anatomia – replicou o duque. – Eu estava arfando no seu *ouvido*. Se quiser que eu arfe no seu pescoço, não deveria usar golas tão altas.

– Eu quero que você arfe em Madagascar.

– Se a incomodo tanto, por que não bate em mim?

Ela fechou o caderninho.

– Agora entendi tudo: você provocou a confusão na St. James' Street porque não quer que eu bata em ninguém além de você.

Ignorando o coração acelerado, Ainswood lançou um olhar de pena para ela.

– Coitadinha... Todo esse esforço para escrever fez com que você tivesse um problema cerebral.

Nesse momento, para seu enorme alívio, a carruagem parou.

Ainda com expressão de pena, Vere abriu a porta e, muito

gentilmente, ajudou-a a sair.

– Durma um pouco, Srta. Grenville – recomendou, solícito. – Descanse sua mente perturbada. E, se não recuperar a razão amanhã de manhã, não deixe de chamar um médico.

Antes que ela pudesse pensar numa réplica, Mallory lhe deu um leve empurrão em direção à porta. Em seguida, disse ao cocheiro para voltar a Crockford's e rapidamente entrou na carruagem. Enquanto fechava a porta, viu-a olhar de relance. Ela lhe lançou um sorriso convencido antes de se afastar, com um andar petulante e os quadris balançando, até a entrada da casa modesta.

Lydia tinha um talento inato para a mímica, que lhe permitia incorporar a personalidade e os maneirismos das outras pessoas. Segundo Ste e Effie, o pai dela possuía habilidades semelhantes. Aparentemente, ele havia fracassado como ator porque o sucesso teatral exigia trabalho duro e só dava seu suor para bebida, jogo e prostitutas.

Ela usara melhor esse dom capturando no papel, com precisão vívida, a personalidade das pessoas sobre quem escrevia, e desenvolvendo facilmente uma camaradagem com os homens. Meses antes, sua imitação do discurso de lorde Linglay na Câmara dos Lordes lhe garantira um convite para a noite de bebedeira das quartas com seus colegas escritores na taberna Blue Owl. Atualmente, as reuniões semanais eram consideradas incompletas se Grenville não estivesse presente para fazer uma das suas hilariantes imitações.

Naquela noite, em seu quarto, ela entreteve Tamsin com uma animada representação do encontro com Ainswood. Em público, a garota agora era chamada de Thomasina Price, mas, quando estavam a sós, Lydia deixava o nome de lado.

Tamsin estava sentada ao pé da cama, assistindo à performance

diante da lareira. Ela ria tanto quanto os homens embriagados que costumavam fazer parte da plateia de Lydia.

Pelo menos a garota estava se divertindo, pensou Lydia, agradecendo com uma reverência. Ela também deveria se divertir, mas não conseguia manter o distanciamento usual. Era como se sua alma fosse uma casa onde, subitamente, espíritos malignos tivessem começado a arrastar correntes nos cantos escuros.

Agitada e inquieta, foi até a penteadeira, sentou-se e começou a soltar o cabelo. Tamsin observou-a durante alguns minutos, então falou:

– Os homens são criaturas muito estranhas. O duque de Ainswood parece ser um dos piores. Não consigo imaginar qual é o propósito dos atos dele.

– Ainswood é uma daquelas pessoas que não suportam a paz e a quietude. Se não há uma agitação, ele precisa provocar. Vive gerando brigas, mesmo com os amigos. Eu achava que as pessoas exageravam ao falar das encrencas dele. Mas eu mesma presenciei uma. Ele não consegue deixar os outros em paz. Em vez de só me colocar na carruagem e me mandar embora, esse imbecil precisou me atormentar por todo o caminho. Dá para entender perfeitamente por que Dain bateu nele. Ainswood é capaz de esgotar a paciência de um santo.

– Que eu saiba, o lorde Dain não é nenhum santo – comentou Tamsin com um risinho. – Pelo que me falaram, ele e o duque são farinha do mesmo saco.

– Pode ser, mas Ainswood não tinha nada que puxar briga com Dain na noite do casamento dele. – Lydia fez uma careta para o espelho pequeno. – Aquele sujeito grosseiro deveria ter pensado pelo menos nos sentimentos de Lady Dain.

Ela não sabia por que ainda estava tão ultrajada pela confusão em Amesbury. Dain não era nada para a jornalista, apenas um parente bem distante. Sua mãe viera de um ramo inferior dos

Ballisters e eles passaram a ignorá-la assim que ela se casou com John Grenville. Pelo que Lydia sabia, nenhuma pessoa viva sabia de sua ligação com os Ballisters e ela estava decidida a manter tudo escondido. O problema era que não conseguia parar de se preocupar com Dain, ainda que, como Tamsin dissera, ele fosse equivalente a Ainswood em perversidade.

Lydia havia ficado do lado de fora da igreja de St. George, na praça Hanover, no dia do casamento de Dain. Como seus colegas jornalistas, tinha ido apenas pela matéria. Mas, quando o marquês saiu da igreja com os olhos de ébano reluzentes de modo pouquíssimo satânico, ao lado da dama que fitava tão amorosamente seu rosto moreno e áspero... Bom, para resumir, Lydia chegara muito perto de abrir o berreiro – em público, no meio de um bando de repórteres, ainda por cima.

Apesar de saber que era algo absurdo, desde então sentia por ele um afeto dolorido e uma ridícula vontade, ainda maior, de protegê-lo.

Ficara furiosa com Ainswood ao saber como ele havia estragado a noite de núpcias de Dain com a briga idiota, e a raiva permanecia, contra qualquer argumento razoável.

A voz de Tamsin rompeu seus pensamentos:

– Mas o duque estava muito embrigado, não estava?

– Se ele conseguia se manter de pé e pronunciar frases coerentes, não podia estar tão bêbado quanto as pessoas parecem acreditar. Você não faz ideia da capacidade que esses homens têm para ingerir álcool, sobretudo os patetas grandalhões como o Ainswood. – Seus olhos se estreitaram. – Ele só fingiu que estava cego de tanta bebida. Assim como finge ser burro.

– É, e é isso que eu quis dizer quando falei que o comportamento dele é muito estranho. Ele não é nem um pouco desarticulado. Obviamente, só com uma inteligência ágil é possível manter uma luta verbal com você, Lydia. Se na carruagem estivesse

um homem burro, tenho certeza de que você teria dado nós na língua dele. Em vez disso... – Ela parou, franzindo a testa. – Bom, é difícil dizer quem venceu a guerra de palavras desta noite.

– Foi empate. – Lydia pegou a escova e a passou nos cabelos, raivosa. – Ele teve a última palavra, mas só por causa do empurrão que me deu antes que eu pudesse responder. Aliás, foi um gesto muito infantil, eu mal consegui ficar impassível, quanto mais confiar em mim mesma para dizer alguma coisa sem gritar.

– Ah, meu Deus, olhe o que você está fazendo! Vai arrancar tufo de cabelo e deixar a pele com inchaços vermelhos! – exclamou Tamsin, levantando-se da cama e indo até a penteadeira. – Deixe-me fazer isso.

– Você não é minha criada.

Tamsin pegou a escova.

– Se você está irritada com Sua Graça, não deveria descontar no próprio couro cabeludo.

– Ele deixou o Crenshaw escapar – retrucou Lydia, tensa. – Agora aquela ratazana vai sumir e Mary Bartles precisará ir para casa e ser tratada como lixo. Ela não é como as outras...

– Eu sei, você contou.

– Não está acostumada a ser maltratada – continuou Lydia com raiva, ignorando o deslizar suave e tranquilizador da escova. – Os homens são desprezíveis demais. Ele vai se livrar sem fazer nada pela coitadinha.

– Talvez o duque fale com ele – arriscou Tamsin.

Lydia se afastou bruscamente da escova.

– Ele não dá a mínima! Eu contei a você o que ele disse depois de ler o bilhete de Mary. Voltou a me provocar na mesma hora.

– Talvez o orgulho não permitisse...

– Sei tudo sobre orgulho masculino. – Lydia foi até a lareira e voltou para junto de Tamsin. – Ele percebeu a oportunidade de se vingar de mim pelo que aconteceu no Vinegar Yard. Agora,

provavelmente, já deve ter entornado dezenas de garrafas de champanhe comemorando a grande vitória sobre Lady Grendel. Ele só estava se importando em mostrar aos amigos que eu não era grande demais para *ele* enfrentar ao me levantar da calçada e me carregar quase até a outra rua, como se eu não pesasse nada. Lutei contra ele, por todo o caminho até a carruagem, e o sujeito nem ficou *sem fôlego*, maldito.

E seu coração idiota havia se derretido, e o cérebro pifara, porque ele era tão grande e forte. Meu Deus, isso bastava para lhe dar ânsias de vômito. Lydia não conseguia *acreditar* nas ideias ridículas que vinham à sua cabeça.

– Então, depois de esvaziar a adega do Crockford's e largar vários milhares de libras nas mesas de jogo – vociferou ela –, Ainswood vai sair cambaleante do clube e entrar num bordel caro das vizinhanças.

E pegaria uma meretriz em seus braços poderosos, e arfaria em seu pescoço, e...

*Dane-se*, disse Lydia a si mesma.

– Ele vai esquecer que eu existo, enorme e detestável como sou – trovejou ela, continuando a andar de um lado para outro. – Logo, deve esquecer tudo sobre uma porcaria de bilhete de uma garota que ele provavelmente acredita que *pediu* para ser arruinada. Como se a criança tivesse alguma ideia de que os homens podem ser tão traiçoeiros...

– Realmente é muito injusto a mulher ser castigada e o homem ser admirado por sua virilidade – concordou Tamsin. – Mas não vamos deixar que ela seja castigada. Sei que você precisa ir a um inquérito amanhã, mas posso ir à Bridewell...

– Não pode, não.

– Eu levo Susan. Você só precisa me dizer como tirar Mary e o bebê de lá. Se for necessário pagar uma multa, você pode descontar do meu salário.

Tamsin agarrou o braço de uma Lydia perplexa e levou-a de volta à penteadeira.

– Eles podem ficar no meu quarto até conseguirmos algo adequado. Mas a prioridade é tirar os dois de lá. A semana dela acaba na quinta-feira, não é? E amanhã é quarta. – Ela empurrou Lydia sobre a cadeira. – Escreva o que eu preciso fazer, e eu vou amanhã de manhã. Onde está seu caderno?

– Por Deus, que criatura dominadora você está virando! – exclamou Lydia, mas obedientemente enfiou a mão no bolso, divertindo-se com a própria dócil servilidade a uma garota com metade de seu tamanho e quase dez anos mais nova.

Lydia encontrou o caderno no bolso, mas não o lápis; devia tê-lo deixado cair na carruagem.

– Há um lápis na gaveta do criado-mudo – informou Tamsin, pegando-o rapidamente e lhe entregando.

Lydia encarou a garota de expressão resoluta.

– Tem certeza, querida?

– Eu consegui vir sozinha do outro lado da Inglaterra até Londres. E só caí numa encrenca aqui porque não conseguia enxergar. Desta vez, prometo não tirar os óculos por nada. E terei Susan como guarda-costas. Ficarei muito feliz em fazer algo útil – acrescentou, séria.

Em seis dias ficara claro que Tamsin gostava de ser útil. O tempo também havia provado que ela não era boba.

Uma pena que isso não pudesse ser dito dela mesma, pensou Lydia enquanto começava a escrever.

No início da manhã de quarta-feira, uma carruagem com Adolphus Crenshaw, Mary Bartles e o bebê Jeremy saiu da prisão de Bridewell.

Bertie Trent deveria ter partido junto, mas caíra num estado de abstração e agora estava murmurando:

– Não foi o Carlos II, mas tem algo a ver com ele. Só que... O quê? Essa é a questão.

Um grito curto feminino interrompeu suas cogitações e ele ergueu os olhos a tempo de ver um enorme mastim preto que vinha em sua direção, levando a reboque uma jovem pequena de óculos.

A garota tentava frear a cadela, mas era como reduzir a velocidade de um elefante em disparada, pensou Bertie. Como ela estava com dificuldade para permanecer de pé, ele avançou para ajudar. O animal rosnou e arreganhou os dentes quando Bertie segurou a coleira.

Ele a olhou com reprovação.

– Ora, o que eu fiz para você querer arrancar minha cabeça? Ainda não tomou o café da manhã?

– Grrrrrrrrr – fez a cadela, recuando até a garota.

Bertie soltou a coleira com cuidado.

– Ah, é isso? Bom, eu não vou machucá-la. É só que você estava puxando forte demais, porque não conhece a própria força, menina.

A mastim parou de rosnar. Os dois se entreolharam cautelosamente. Bertie estendeu a mão enluvada. A cadela a farejou, bufou e se sentou.

Acima da enorme cabeça canina, Bertie deu com o olhar espantado da jovem. Atrás do par de óculos muito pequenos empoleirados no nariz minúsculo, havia dois olhos castanhos muito grandes.

– Ah, era você no Vinegar Yard no outro dia, não era? – exclamou Bertie. – Mas não estava usando óculos. Espero que aquela mulher alta não tenha se metido depois num acidente e provocado um treco nos seus olhos.

A jovem o encarou por um momento.

– Sou míope – respondeu ela. – Não estava usando os óculos na... ahn... na outra ocasião porque eles quebraram. A Srta. Grenville fez a gentileza de mandar consertá-los. – Ela se deteve,

então acrescentou: – Parece que o senhor estava lá quando ela me salvou. Achei seu rosto familiar, mas não tinha certeza. Sem os óculos, o mundo vira um borrão.

– Ela ficou com você, então. – Bertie assentiu, aprovando. – Bom, por falar no diabo... Eu estava pensando nela agorinha mesmo. Eu a vi ontem à noite e ela me fez pensar em alguém, só que não consigo lembrar quem. Carlos II fica me vindo à caixola, mas não entendo por quê.

– Carlos II? – A garota o encarou com muita intensidade.

– Não o que foi decapitado, mas o seguinte, quando houve o incêndio.

Ela o encarou mais um pouco. Depois disse:

– Ah, o rei Carlos II. Talvez porque a Srta. Grenville seja tão majestosa.

– Au – fez a cadela.

Bertie lhe fez um carinho distraidamente.

– O nome da cadela é Susan – disse a garota.

Bertie se lembrou dos bons modos e se apresentou. Ficou sabendo que a jovem era a Srta. Thomasina Price e que ela havia se tornado acompanhante contratada da Srta. Grenville.

Então ela contemplou o prédio atrás de Bertie, franzindo a testa.

– Não é muito aconchegante, não é?

– Não é o local mais alegre em que já estive – concordou ele.

Mas certamente era menos alegre ainda para a garota com quem Crenshaw “fizera o bebê”, assim Bertie havia abordado a questão com o sujeito na noite anterior.

Depois da briga de Ainswood com a Srta. Grenville, Bertie tinha levado Crenshaw até uma taverna para uma bebida, “já que ser emboscado por mulheres dá nos nervos”.

Encontrando um ouvido acolhedor, ele pusera para fora suas preocupações. Mas, no fim, Bertie observara que fatos eram fatos,

por mais que fossem desagradáveis. Como o sujeito fora acusado de ser pai de um bastardo, eles precisavam cuidar disso, certo?

Assim, Bertie viera com ele à Bridewell naquela manhã, onde ficou claro que Crenshaw era culpado. Em seguida, houvera um bocado de choro e, no fim das contas, Adolphus garantira que cuidaria de Mary e Jemmy. E fora isso.

Ainda que muitas pessoas não acreditassem, Bertie era bastante capaz de somar dois e dois. Ora, ali estava a Srta. Price, acompanhante da Srta. Grenville, que na noite anterior havia emboscado Crenshaw por causa de Mary Bartles. Ali estava a prisão de Bridewell atrás deles, onde Mary estivera confinada.

– Por acaso, a senhorita estaria aqui para pegar uma garota e um bebê da triagem? Se for a que deixou a Srta. Grenville tão alterada ontem à noite, pode dizer a ela que Crenshaw veio e levou-os. Eu estava com ele, e os três partiram há menos de quinze minutos, e... por Júpiter, o que ele está fazendo acordado a esta hora?

A garota se virou para onde Bertie olhava. O duque de Ainswood realmente estava de pé, apesar de só ter chegado em casa ao alvorecer, pelo que Jaynes dissera, bêbado feito um gambá.

Isso explicava por que Sua Graça estava com cara tão fechada quanto um céu com seis nuvens de tempestade.

Apesar de Vere ter demorado um momento para situar a jovem, reconheceu a mastim preta imediatamente. Nesse momento, pensou em virar na direção oposta porque, se a cadela estava ali, a górgona também deveria estar. Mas o animal o encarava, com os dentes à mostra, emitindo um rosnado grave e constante. Se Vere se afastasse agora, daria a impressão de que ela o amedrontara.

Por isso, avançou e olhou com frieza para a fera, que tinha um

tamanho incomum para uma fêmea; os músculos esplêndidos sobressaíam sob os pelos pretos e brilhantes.

– Vejo que ela não foi a menorzinha da ninhada. E tem uma personalidade tão encantadora!

A mastim esticou a guia. Trent segurou a coleira.

– Grrrrrr. *Grrrrrrr.*

– Amável como a dona – disse Vere, elevando a voz acima daquele comentário hostil –, que, por sinal, não deveria deixar sua cadelinha aos cuidados de uma garota miúda que, obviamente, não consegue controlá-la. Mas isso é típico da irresponsabilidade da Srta. Grenville...

– Srta. Price, este aqui é o Ainswood – interrompeu Bertie. – Ainswood, Srta. Price. E quem está tentando arrancar meu braço do ombro é Susan. Linda manhã, não é? Acho que vou chamar uma carruagem de aluguel para a senhorita, que pode voltar e dar a boa nova à Srta. Grenville.

Trent arrastou para longe a mastim que rosnava. A Srta. Price fez uma reverência rápida e foi atrás. Pouco depois, a garota e a cadela estavam enfiadas com segurança numa carruagem.

Ao voltar, Trent examinou Vere.

– Por que não vamos a algum lugar curar essa ressaca bebendo mais um pouco? Você não está com uma aparência exatamente agradável nesta manhã, Ainswood, se não se incomoda que eu diga.

– Jaynes já disse como estou, obrigado. – Vere começou a andar.  
– Se eu não tivesse ficado no Crockford's esperando por vocês eternamente ontem à noite, não seria obrigado a engolir um barril de champanhe ruim e ouvir um monte de imbecis me chamando de Beowulf.

A verdade era que Vere estivera esperando Crenshaw para concluir o serviço que a amazona havia iniciado.

*Sustentaráis teus bastardos* era o mandamento que os Mallorys usavam para substituir os que falavam sobre cobiçar a mulher do

próximo e não cometer adultério. Até mesmo Dain – que não era da família, não tinha consciência e vivia inteiramente segundo as próprias regras – sustentava sua prole ilegítima.

Confrontado pelo bilhete de Mary, Crenshaw deveria ter estufado o peito e dito: “Por Deus, parece que sou pai de novo. Muito obrigado pela informação, Srta. Grenville. Vou dar um pulo na Bridewell e pegá-los amanhã cedinho.”

Então a Srta. Átila, o Huno, teria ido embora rebolando seu traseiro arrogante e Vere não a teria visto, quanto mais se embolado com ela, nem precisaria tolerar seu sarcasmo e conter as mãos durante todo o caminho insuportável até o covil do dragão.

Mas Crenshaw não havia feito o que deveria e não aparecera no Crockford’s para ser devidamente espancado. Nem mesmo todas aquelas garrafas de champanhe tinham bastado para levar embora a irritação de Mallory.

Agora, como se não bastassem todo o incômodo e todas as provocações da noite anterior, como se não bastassem os canhões disparando em sua cabeça por ter se levantado numa hora ingrata, a Srta. Estrela Guia da Civilização ficaria sabendo que ele viera à Bridewell e facilmente deduziria o motivo. E pensaria que tinha vencido. De novo.

– Eu deveria ter pedido a alguém que lhe dissesse para não me esperar – lamentou-se Trent. – Mas não achei que você voltaria, já que havia arranjado algo mais agradável para a noite.

Vere se deteve e o encarou.

– Algo mais *agradável*? Lady Grendel?! Ficou maluco?

Trent deu de ombros.

– Acho que ela é bastante bonita.

Vere recomeçou a andar. Só mesmo Bertie Trent imaginaria que o duque de Ainswood havia saído com o dragão de olhos azuis com objetivos de folguedo. Esse pensamento jamais atravessara a mente dos homens com quem Vere tinha passado a noite. Eles pensaram –

corretamente – que isso faria tanto sentido quanto ir para a cama com um crocodilo.

Em vez da figura corcunda, retorcida e escamosa que complementar a sua personalidade, aquela mulher tinha um corpo esguio e luxuriosamente feminino, que só podia ser uma piada perversa dos poderes malignos que governavam sua vida.

Era nisso tudo que ele pensava enquanto entornava uma garrafa depois da outra, e era nisso que pensava ao chegar em casa e não conseguir dormir. E também de manhã ao ver a cadela e seu coração começar a martelar, mesmo quando estava prestes a dar meia-volta com o objetivo de evitar a dona. E mais uma vez alguns instantes atrás, ao descobrir que o dragão não estava por perto e algo sofredamente parecido com desapontamento entrou em seu coração.

E pensou o mesmo naquele momento, porque os sentimentos perturbadores permaneciam ali, sob o bolso do peito do colete, onde ele guardava um toco de lápis que ela havia deixado para trás na noite anterior.

## CAPÍTULO 4

**E**ntrear na Blue Owl naquela noite fria e úmida era como descer ao inferno. Vere estava acostumado com estalagens e tabernas cheias de homens barulhentos e bêbados. Mas ali havia apenas seres humanos normais.

A Blue Owl estava repleta de escritores, e o rumor das vozes ia além de qualquer coisa que ele já havia encontrado na vida, assim como a fumaça, espalhando-se pelos salões como a névoa densa lá fora, vinda do Tâmis. Absolutamente todos os fregueses tinham um cachimbo ou um charuto na boca.

Quando Vere se virou para o salão anexo ao bar, esperou ver chamas saltando e o diabo em meio às labaredas.

Mas as formas que enxergou eram inquestionavelmente mortais. Sob um lampião que ganhara um doentio amarelo-esverdeado devido à fumaça, dois homens jovens e magros como caniços gritavam no ouvido um do outro.

Atrás deles, havia uma porta aberta, de onde brotavam ocasionalmente nuvens fumacentas, assim como gargalhadas trovejantes.

Quando Vere se aproximou, o rugido se tornara uma folia quase ensurdecidora. Acima desse som, ele ouviu alguém berrar "Mais um, mais um!", e outras vozes fizeram coro.

Ao chegar à soleira, Vere viu cerca de trinta homens ao redor de algumas mesas, a maioria esparramada em cadeiras e bancos, alguns encostados nas paredes. Ainda que a fumaça fosse mais densa ali dentro, conseguiu vê-la com clareza. Ela estava diante da

grande lareira, e a luz do fogo por trás delineava nitidamente sua vestimenta preta.

A dramaticidade das roupas não o impressionara antes. Mas agora o atingia em cheio. Talvez fosse a fumaça e o barulho infernal. Talvez fosse o cabelo dela. Grenville havia tirado a touca e parecia perturbadoramente desprotegida, exposta demais. As mechas, de um dourado suave e claro, desciam soltas desde o nó desalinhado junto à nuca branca, suavizando suas feições belas e austeras, fazendo-a parecer jovem, jovem demais. Uma menina. Mas isso acima do pescoço.

Abaixo dele, havia o contraste dramático da roupa preta, com a linha de botões marchando desde a cintura até o queixo, prontos para derrotar e destruir todos os invasores.

Noite após noite, repetidamente, ele tinha aberto aqueles botões em seus sonhos. Imaginou quantos homens teriam sonhado o mesmo.

Todos, naturalmente, já que eram homens. Ela era a única mulher no recinto, e ali estava desfilando na frente de uma turba de escrevinhadores de mente suja, e todos a haviam imaginado nua, em cada posição lasciva conhecida pela espécie humana.

Observou-a se inclinar sobre um bêbado, que espiava boquiaberto o seu corpete. Os punhos de Vere se fecharam ao lado do corpo.

Então, quando Grenville se afastou, ele viu que ela estava com uma garrafa de vinho numa das mãos e um charuto na outra. A mulher deu apenas alguns passos, mas claramente se via que ela estava bêbada. Cambaleou insegura na direção de um grupo de homens à esquerda, então se deteve, oscilante, para dar um riso de desprezo ébrio a um deles.

– É grande, sim, mas não tanto quanto eu – disse ela, a voz se destacando facilmente acima do burburinho. – Avalio que tenha um

1,75 metro. E uns 65 quilos despida. Aliás, eu pagaria 50 guinéus para vê-la nua.

Vere levou um tempo para situar as palavras, depois mais alguns instantes para situar a voz, que não era dela. Como a plateia irrompeu em gargalhadas, demorou mais um momento ainda para acreditar nos próprios ouvidos.

Eram as suas palavras. No Vinegar Yard.

Mas aquela não podia ser... a *sua* voz?

– Cinquenta? – gritou alguém. – Eu não sabia que você conseguia contar até um número tão grande, Sua Graça.

Ela enfiou o charuto no canto da boca e pôs a mão em concha junto ao ouvido.

– Foi um camundongo guinchando que eu ouvi? Ou foi... por Deus, *é, sim*. É o pequeno Joey Purvis. E eu achando que você ainda estava no hospício.

Era uma voz fantasmagoricamente parecida com a voz de Vere, profunda e engrolada de bebida, saindo daquela boca farta. E aqueles eram os seus gestos. Era como se sua alma tivesse entrado no corpo do dragão.

Ficou imobilizado, fascinado, abstraído as gargalhadas da plateia.

Ela tirou o charuto da boca e usou-o para chamar o importuno.

– Quer saber se eu sei contar, *é*? Bom, venha cá, rapaz, e vou ensinar como eu conto dentes... enquanto você recolhe os seus do chão. Ou prefere uma chave de pescoço? Você sabe o que *é*, não sabe, meu pequeno inocente? É quando eu envolvo o seu pescoço com um braço e dou socos com o outro.

Dessa vez, houve poucos risos. Vere arrastou o olhar para longe da mulher e examinou a plateia. Todas as cabeças haviam se voltado para a porta, onde ele estava.

Ao encará-la de novo, notou que os olhos azuis de sua imitadora se fixavam nele. Sem demonstrar o menor tremor de desconforto,

ela levou a garrafa aos lábios e bebeu. Em seguida, pousou-a. Depois de enxugar a boca com as costas da mão, cumprimentou-o com um ligeiro movimento de cabeça.

– Sua Graça.

Ele se obrigou a sorrir, então aplaudiu. A sala ficou mais silenciosa ainda, até que o único som eram suas palmas ritmadas.

Grenville prendeu o charuto entre os dentes de novo, tirou um chapéu imaginário e fez uma reverência exagerada.

Por um instante, Mallory esqueceu onde estava enquanto o pensamento escapulia do presente e captava uma lembrança. Algo muito familiar, porém muito antigo. Tinha visto isso antes. Ou experimentado.

Mas a sensação desapareceu tão depressa quanto havia surgido.

– Parabéns, minha cara – disse com frieza. – Bastante divertido.

– Nem de longe como o original – respondeu ela, ousadamente olhando-o de cima a baixo.

Ignorando o ardor que o exame descarado lhe provocava, Vere riu. Em meio a aplausos esparsos, andou até ela, observando suas lindas feições se firmarem numa expressão mais dura, a boca maligna curvada num sorriso mínimo.

Ele já vira aquela expressão zombeteira e fria, mas dessa vez achou que não passava de fingimento. Talvez fosse a fumaça e a luz doentia, mas o que tremeluzia nos olhos dela parecia insegurança.

De novo, discerniu a jovem por baixo da linda monstruosidade. E quis tomá-la e carregá-la para longe daquele lugar infernal, para longe daqueles suínos bêbados de olhos agitados e pensamentos lascivos. Se ela precisava zombar dele e ridicularizá-lo, pensou, que fizesse isso somente para ele.

*... não quer que eu bata em ninguém além de você.*

Como na noite anterior, afastou os pensamentos daquelas palavras enfurecedoras com uma sensação absurda de agouro.

– Só tenho uma pequena crítica – comentou, parando a um

passo de distância.

Ela ergueu uma sobrancelha.

Ao redor, Vere ouvia o murmúrio baixo. Uma tosse aqui. Um arrote ali. Mas não tinha dúvida de que os espectadores escutavam avidamente. Afinal de contas, eram jornalistas.

– O charuto – continuou, e franziu a testa para o que estava repousando entre os dedos compridos, levemente manchados de tinta. – O charuto está longe de ser o correto.

– Não diga! – Ela fechou a cara para o charuto, imitando a expressão dele. – Mas esse é um charuto Trichinopoli.

Ele tirou uma fina cigarreira de prata do bolso interno do paletó, abriu-a e estendeu-a para Lydia.

– Como pode ver, estes são mais compridos e mais finos. A cor do tabaco indica uma qualidade mais elevada. Pegue um.

Grenville lhe olhou de relance, depois deu de ombros, jogou seu charuto no fogo e pegou um dele. Rolou-o entre os dedos graciosos. Cheirou-o.

Era um desempenho bastante frio, mas Vere estava perto o bastante para perceber o que os outros não percebiam: o tom róseo praticamente imperceptível que tingia a curva dos málares, o subir e o descer acelerado dos seios.

Não, ela não estava controlada como fazia os outros acreditarem. Não era tão durona, cínica e descaradamente segura quanto parecia.

Vere se sentiu tentado a se inclinar mais para perto e descobrir se a sugestão de rubor iria se aprofundar. O problema era que já havia captado o perfume dela, uma armadilha mortal para os homens, como tinha descoberto na noite anterior.

Deu as costas para ela e se virou para os espectadores. Alguns já tinham o emudecimento de lado e faziam irreverentes comentários envolvendo o charuto.

– Peço perdão pela interrupção, senhores – disse Vere. – Prossigam. As bebidas são por minha conta.

Sem olhar para trás – como se já a tivesse esquecido –, ele saiu com passo emproado. Tinha vindo até ali, para aquele buraco dos infernos na Fleet Street, pretendendo apagar qualquer impressão errada que ela pudesse ter sobre sua ida à Bridewell de manhã cedo.

Havia pensado em fazer um grande estardalhaço devolvendo o lápis – diante de uma plateia de escrevinhadores ruidosos – ao mesmo tempo que indicaria, com sugestões adequadas, que ela não perdera só o instrumento de escrita na carruagem de aluguel.

Quando terminasse, Grenville estaria convencida, sem sombra de dúvida, de que Mallory era o debochado insuportável, presunçoso e sem consciência que todo mundo acreditava – com razão. Mais algumas insinuações bastariam para convencê-la de que ele só encontrara Trent e a Srta. Price por acaso, após sair de uma casa de má reputação nas vizinhanças, quando já havia se esquecido *completamente* da existência de Mary Bartles. Portanto, seria impossível Vere ter ido até lá para obter a libertação da garota. Nunca teria passado por sua cabeça mandá-la a seu colega, a fim de que ele fizesse os arranjos necessários para tirá-la de Londres e acomodá-la confortavelmente – de modo que nunca mais precisaria ter notícias da menina nem pensar nela e em seu maldito bebê doente.

Se alguma boa ação fora feita, Vere deixaria claro, o único responsável era Bertie Trent.

Havia sido um plano muito bom, em especial considerando que fora arquitetado enquanto Mallory estava nas garras de uma experiência de quase morte, graças a sua noite de sono de apenas 22 minutos e à água suja que o Crockford's servia como se fosse champanhe.

Mas Vere havia esquecido esse ótimo plano no instante em que parou junto à porta e discerniu a garota sob aqueles cabelos dourados e revoltos. Agora, lembrando-se do leve rubor e da

respiração acelerada de Grenville, abandonou de vez o planejamento anterior.

Tinha se enganado: ela não era exatamente o que fazia o mundo acreditar. Não era imune a ele. A fortaleza não era inexpugnável. Vere havia percebido uma rachadura. E, fazendo jus a sua natureza – insuportável, presunçosa, sem consciência etc. etc. –, seu dever era penetrar ali se quisesse dismantelar as defesas, tijolo por tijolo.

Ou, melhor, emendou enquanto sua boca se curvava num sorriso perigoso, *botão por botão*.

### *Blakesleigh, Bedfordshire*

**N**a segunda-feira após o encontro de lorde Ainswood com a Srta. Grenville na taberna, as damas Emily e Elizabeth Mallory, de 15 e 17 anos respectivamente, estavam lendo tudo a respeito nas páginas do *Whisperer*.

Na verdade, não deveriam nem ver o tal jornal sensacionalista. Não tinham permissão de olhar nem mesmo os periódicos respeitáveis que chegavam diariamente em Blakesleigh. Seu tio, lorde Mars, separava todos os dias um tempo para ler em voz alta as partes que ele considerava adequadas aos ouvidos inocentes. Seus ouvidos, assim como os olhos, não eram nada inocentes, pois o lorde fora político durante toda a vida adulta. Em particular, lia tudo, inclusive as publicações de escândalos.

O jornal que as jovens damas estavam examinando tarde da noite, à luz da lareira do quarto, fora tirado de uma grande pilha de periódicos debaixo da escada que esperava pelo homem que recolhia trapos e garrafas.

Como outros exemplares libertados antes, aquele seria entregue

às chamadas assim que elas tivessem descoberto o máximo possível sobre os feitos de seu guardião, o sétimo duque de Ainswood.

Elas eram filhas de Charlie, irmãs de Robin.

No momento, o fogo da lareira fazia resplandecer alguns fios no par de cabeças castanhas curvadas sobre o jornal. Quando terminaram de ler os relatos do encontro de seu guardião com a Srta. Grenville no Crockford's e na Blue Owl, elas se encararam, com os olhos verde-mar brilhantes, tendo no rosto a mesma expressão de perplexidade e diversão.

– Obviamente algo interessante aconteceu na carruagem de aluguel quando ele a “acompanhou” desde o Crockford's – comentou Emily. – Não falei? O Vinegar Yard não foi o fim. Ela o derrubou de bunda no chão e chamou sua atenção.

Elizabeth assentiu.

– E, obviamente, ela é bonita. Tenho certeza de que ele não a teria beijado se ela não fosse.

– E inteligente também. Eu gostaria de tê-la visto fazendo aquele truque. Entendo a parte de fingir desmaio, e posso até visualizar o soco de baixo para cima, mas ainda não consigo imaginar como ela o derrubou.

– Vamos descobrir – disse Elizabeth, cheia de confiança. – Só precisamos continuar tentando.

– Não vou experimentar fumar charutos – replicou Emily, fazendo careta. – Não com os charutos do tio John, pelo menos. Fiz isso uma vez e achei que nunca mais iria comer. Como ela não vomitou em cima do primo Vere?

– A Srta. Grenville é jornalista. Pense só nos lugares imundos onde ela precisa entrar para obter suas matérias. Pode fumar charutos porque tem estômago forte. Se você tivesse, não ficaria enjoada.

– Você acha que ela vai escrever sobre ele?

Elizabeth deu de ombros.

– Teremos que esperar para descobrir. A próxima edição da *Argus* sai depois de amanhã.

Mas só chegaria em Blakesleigh no mínimo na quinta-feira. Então passaria por várias mãos, inclusive do mordomo, antes de ser posta na pilha de publicações descartadas.

As duas sabiam que deveriam esperar pelo menos uma semana depois da chegada. Tio John nunca lia a *Argus* em voz alta, nem mesmo o folhetim “A rosa de Tebas”. Sua heroína turbulenta – para dizer o mínimo – poderia ter um efeito infeliz sobre a mente sugestionável das jovens damas.

Ele ficaria apavorado se soubesse que as duas jovens filhas do irmão de sua mulher se identificavam com a fictícia Miranda. E, pior ainda, que consideravam o maldito Diabolo o herói da história. Se tomasse conhecimento disso, lorde Mars concluiria que o luto as desnorteara e mandaria chamar um médico.

Porém, muito novas, Elizabeth e Emily já tinham aprendido a lidar com o sofrimento. Haviam encarado cada perda, às vezes até furiosas, porque seu pai lhes dissera que era natural sentir raiva.

Com o tempo, a raiva se apacava e o luto doloroso se transformava em tristeza silenciosa. Agora, dois anos depois de perder o amado pai, e quase dezoito meses após a morte do irmãozinho que elas adoravam, o impulso natural pela vida estava retornando.

O mundo não era mais todo negro. Havia momentos sombrios, sem dúvida, mas também havia sol. E o duque era um brilhante raio de luz; seus feitos proporcionavam uma empolgação interminável em meio a uma existência insípida e estuprificante em Blakesleigh.

– Aposto qualquer coisa que metade das cartas que tia Dorothea recebe das amigas é sobre ele – disse Elizabeth, depois de um longo suspiro.

– Duvido que as fofoqueiras saibam mais do que o *Whisperer*. Elas recebem tudo de segunda mão. Ou terceira. – Emily olhou para

a irmã. – Não sei se papai aprovaria que nós xeretássemos a caixa de correspondência de tia Dorothea. Não deveríamos pensar nisso.

– Não sei se ele aprovaria não nos contarem nada sobre o duque – retrucou Elizabeth. – É um desrespeito para com papai, que o nomeou guardião, não é? Lembra que ele lia as cartas dos amigos e ria, dizendo “Escutem só o que o seu primo Vere andou aprontando desta vez, o patife”?

Emily sorriu.

– “Um canalha”, era como ele o chamava. “Um verdadeiro canalha Mallory, como o avô de vocês e os irmãos dele.”

– “O último da verdadeira cepa antiga” – completou Elizabeth baixinho, citando o pai. – “Vere, de *veritas*.”

– “Aylwin: amigo formidável”. Ele era amigo de Robin, não era?

– Um amigo formidável. – Os olhos de Elizabeth brilharam. – Ninguém podia fazê-lo parar. Eles nos mantiveram longe quando Robin estava morrendo, porque todos ficaram com medo. Menos o primo Vere. – Ela tomou a mão da irmã. – Ele foi fiel ao Robin.

– Seremos fiéis a ele.

As duas sorriram uma para a outra.

Elizabeth jogou o *Whisperer* no fogo.

– Agora, quanto àquelas cartas... – disse.

– Não tão apertado, maldição – disse Lydia com rispidez. – Preciso respirar.

Ela estava vestindo algo parecido com um espartilho, engenhosamente projetado para transformar uma forma feminina em masculina. A pessoa com que Lydia falava era Helena Martin. Nos velhos tempos, quando as duas brincavam juntas nos cortiços de Londres, Helena tivera uma carreira bastante bem-sucedida como ladra. Atualmente, era uma cortesã mais bem-sucedida ainda. A

amizade havia sobrevivido a anos de separação e a mudanças de vocação.

No momento, estavam no atulhado quarto de vestir da residência discretamente cara de Helena em Kensington.

– Precisa ficar apertado – respondeu a cortesã. – A não ser que você queira que seu peito masculino vá numa direção enquanto o resto de você vai na outra.

Ela deu um último puxão brutal no cadarço e, em seguida, se afastou.

Lydia examinou o próprio reflexo. Graças ao dispositivo, agora possuía um peito de pombo. A aparência era extremamente elegante. Para obtê-la, muitos homens acolchoavam o peito e os ombros e espremiavam a cintura com cintas. Menos Ainswood. A forma masculina por baixo das roupas não devia nada aos artifícios.

Mais ou menos pela milésima vez na semana desde o encontro na Blue Owl, Lydia removeu a imagem dele da mente.

Afastou-se do espelho e se vestiu. Com o dispositivo no lugar, o resto da vestimenta masculina logo se encaixou de modo satisfatório.

Meses antes, Helena usara aquele conjunto num baile de máscaras e enganara todo mundo. Como ela era menor que Lydia, foram necessárias algumas poucas alterações, e a jornalista esperava um sucesso semelhante, se bem que não ia a um baile.

Seu destino era o Jerrimer's, um antro de jogatina numa rua discreta perto da St. James's Street. Tinha dito a Macgowan que queria escrever uma matéria sobre aquele local, o tipo de lugar pelo qual suas leitoras ansiavam saber: a visão de uma mulher sobre um mundo normalmente proibido a elas – pelo menos às damas.

Isso era verdade, mas não o motivo para Lydia ter escolhido o Jerrimer's. Ouvira boatos de que uma atividade secundária do lugar eram as transações com produtos roubados. Como até agora

nenhum de seus informantes ficara sabendo nada sobre os bens de Tamsin com os receptadores usuais, deveria tentar outras fontes.

Tamsin não havia concordado com a ideia.

– Você já desperdiçou duas semanas procurando minhas joias – censurou-a naquela noite. – Você tem coisas muito mais importantes a fazer, a favor de pessoas que precisam realmente de ajuda. Quando penso em Mary Bartles, fico envergonhada com as lágrimas que derramei por causa de um bocado de pedras e metal.

Lydia lhe garantira que o projeto principal era obter a matéria sobre o antro de jogatina. Se por acaso esbarrasse com alguma notícia sobre as joias, tanto melhor, mas não correria atrás disso.

Não que alguém pudesse “correr atrás” de qualquer coisa numa jaula rígida feita de tarlatana e osso de baleia, pensou enquanto se virava para inspecionar as costas do disfarce no espelho.

– Você vai se encrencar um bocado se alguém descobrir que você não é homem – comentou Helena.

Lydia foi até a penteadeira.

– É apenas um clube de jogos. Os fregueses não veem nada além das cartas, dos dados ou da roleta. E os donos e empregados estarão vigiando o dinheiro. – Na confusão de cosméticos, frascos de perfume e joias, ela desenterrou o charuto que Ainswood lhe dera e o enfiou num bolso interno. Erguendo os olhos, deu com a expressão preocupada de Helena, então acrescentou: – Eu corri mais perigo entrevistando prostitutas na Ratcliffe Highway, mas na ocasião você não ficou nervosa.

– Isso foi antes de você começar a se comportar de modo estranho. – Helena se dirigiu até a cômoda alta, onde a criada havia posto uma bandeja com uma garrafa de conhaque e duas taças. – Até muito recentemente, você controlava melhor o seu humor. E era mais fina ao lidar com as pessoas que discordavam de você. – Ela serviu a bebida. – Sua confusão com o Crenshaw, por outro lado, me

lembra da briga que você teve com um moleque de rua porque ele xingou Sarah e a fez chorar. Na época, você estava com 8 anos.

Lydia se aproximou para pegar a taça oferecida por Helena.

– Talvez eu tenha exagerado.

– O desejo reprimido pode nos tornar muito temperamental – disse Helena com um sorriso. – Eu mesma andei irritada nas últimas semanas. Em geral fico assim num período entre dois amantes.

– Admito que meu desejo de assassinar certas pessoas está reprimido pelo código penal em vigor.

– Estou falando de desejo sexual e você sabe muito bem disso. O instinto de acasalamento. E reprodução.

Lydia bebeu o conhaque, olhando a amiga por cima da borda da taça.

– Ainswood é muito bonito – continuou Helena. – E tem miolos, além de músculos. Isso sem falar do sorriso capaz de fazer rosas brotarem no inverno do Ártico. O problema é que ele é o tipo de libertino que despreza as mulheres. Para ele, nós temos apenas uma utilidade e, se já fomos usadas, perdemos totalmente o valor. Se ele despertou algum pensamento que se desvie do caminho da virtude, Lyddy, recomendo que você se desvie com um substituto. Que tal Sellowby? Ele não despreza as mulheres, e você definitivamente o intriga. Só precisa chamar e ele vem.

Pelo que Lydia sabia, nenhuma prostituta em Londres cobrava tão caro quanto Helena, e por um bom motivo: ela podia avaliar um homem num instante e reagir de acordo, tornando-se a mulher dos sonhos dele. Seu conselho era não ser desconsiderada.

Mas Lydia nem podia pensar no substituto recomendado, pois sabia por que lorde Sellowby sentia-se “intrigado” com ela.

O principal fofoqueiro de Londres havia notado Lydia no meio da turba de jornalistas acampada diante da igreja de St. George no dia do casamento de Dain. Dias depois, Sellowby disse a Helena que

tinha vislumbrado uma mulher que “poderia ter saído da galeria de retratos ancestrais de Athcourt”. Athcourt, em Devon, era o lar do marquês de Dain. Desde então, Lydia o evitava completamente. Um olhar atento para ela poderia levá-lo a fazer indagações em Athcourt e descobrir o que o orgulho de Lydia exigia que continuasse enterrado.

– Sellowby está fora de questão. Um fofoqueiro e uma jornalista são concorrentes. De qualquer modo, este não é um bom momento para eu me envolver com nenhum homem. Ainda que os escândalos vendam revistas, qualquer pequena influência que eu tenha sobre a opinião pública desapareceria se soubessem que sou uma mulher decaída.

– Então talvez você devesse encontrar outro ramo de trabalho. Você não vai ficar mais nova, e seria um enorme desperdício...

– Sim, querida, sei que você quer ajudar, mas será que podemos falar em outra hora sobre o que está sendo desperdiçado e reprimido? – Lydia esvaziou sua taça e pousou-a. – Está ficando tarde e preciso voltar ao centro da cidade.

Ela pôs o chapéu, deu uma última olhada no espelho, pegou a bengala e foi até a porta.

– Vou ficar esperando! – gritou Helena. – Portanto, certifique-se de voltar para cá e não...

– Claro que vou voltar para cá. – Lydia abriu a porta. – Não quero que os vizinhos vejam um homem estranho entrando na minha casa de madrugada, certo? Tampouco quero acordar a Srta. Price e as criadas para me ajudarem a sair desta cinta infernal. Esse prazer duvidoso será todo seu. Espero ter uma bebida me esperando ao fim da noite.

– Tenha cuidado, Lyddy.

– Certo, certo. – Lydia se virou e abriu um sorriso petulante. – Com os diabos, mulher. Será que precisa ficar pegando no meu pé o tempo todo?

Em seguida, saiu com passo presunçoso, deixando para trás a gargalhada nervosa de Helena.

Naquela noite de quarta-feira, a reunião dos jornalistas na Blue Owl foi monótona, pois Grenville se ausentara. Mas Joe Purvis estava lá, e Vere o encontrou no corredor quando o homem retornava da privada.

Deveria ter sido necessário mais de um copo de gim para soltar a língua de Joe sobre o paradeiro de sua colega de trabalho. Mas o ilustrador da *Argus* já estava no maior pileque, o que exacerbava seu sentimento de injúria.

Primeiro, reclamou que, na semana anterior, os colegas tinham passado a chamá-lo de “Esganiçado”, quando Grenville fingira confundir sua voz com a de um camundongo. Para completar, Lydia havia conseguido arrancar uma tarefa gorda só para ela, como sempre.

– Eu deveria ir ao Jerrimer’s com ela – resmungou Joe –, já que vai ser a principal matéria da próxima edição e querem uma ilustração de capa. Mas Sua Majestade disse que eu iria ser reconhecido em qualquer antro de jogatina em Londres e acabaria estragando tudo. Como se alguém fosse deixar de notar um mulherão daqueles num buraco apertado como aquele.

Por menor que fosse o Jerrimer’s, Vere quase não a descobriu.

Foi o charuto que atraiu sua atenção. Se não fosse por isso, mal teria olhado para o rapaz, notando apenas que ele se vestia no estilo característico dos jovens funcionários de escritório aspirantes a dândis, e que parecia estar se saindo bem numa roleta. Mas, ao passar por trás do sujeito, Vere captou o cheiro do charuto e se deteve.

Apenas uma tabacaria em Londres vendia aqueles charutos específicos. Como Mallory havia comentado com a Senhorita Teatral

uma semana antes, eles eram mais compridos e finos do que os comuns. Também poderia ter dito que aquele fumo era uma mistura especial e que o estoque limitado era reservado exclusivamente para ele. Em certas reuniões sociais, num grupo seletivo de homens que pudessem apreciar tais charutos, Vere ficava mais do que feliz em compartilhá-los.

Não participava de uma reunião assim havia meses. E Joe Purvis dissera que ela estaria ali. Contendo um sorriso, chegou mais perto.

Lydia descobriu que, ali no Jerrimer's, a roleta era muito popular, seguindo a moda que se espalhava por toda a Inglaterra. A sala do jogo estava lotada e nem todas as pessoas pareciam ter se banhado recentemente. Mesmo assim, o ar ali nem se comparava ao da prisão de Marshalsea e de tantos outros lugares que ela conhecia, e o charuto entre os dentes ajudava a mascarar os piores odores. Ao mastigá-lo, também aliviava a frustração que lhe roía por dentro, enquanto fingia vigiar a roleta.

A pilha de fichas que crescia à sua frente mal tinha importância se comparada ao prêmio que divisava à distância de uma mesa: Coralie Brees.

Gotas de rubi pendiam de suas orelhas. Um colar de rubi envolvia-lhe o pescoço e um bracelete combinando sobressaía em seu pulso. O conjunto se encaixava perfeitamente com a descrição e o desenho feitos por Tamsin.

A sala pequena estava apinhada a ponto de sufocar. No meio do aperto generalizado e das cotoveladas, madame Brees provavelmente não notaria os movimentos hábeis que iriam despi-la dos bens roubados.

O problema era que essas manobras em particular não estavam ao alcance das habilidades de Lydia e, sim, de Helena, que se encontrava a quilômetros de distância, em Kensington.

Ainda que derrubar a cafetina e arrancar as joias violentamente de seu corpo bexiguento fossem atitudes próprias do repertório de Lydia, ela sabia que não era nem o lugar nem a hora para tais métodos.

Mesmo se não estivesse usando uma cinta que lhe atrapalhasse seriamente os movimentos, poderia listar vários excelentes motivos para se conter: aquele era um lugar escuro e apinhado; ela não tinha aliados potenciais; havia um grande número de possíveis inimigos – ainda mais se ela fosse desmascarada, o que com certeza aconteceria se houvesse uma luta. O próprio desmascaramento era uma boa razão para se reprimir, pois, na melhor das hipóteses, a humilharia e, na pior, provocaria ferimentos sérios e possivelmente mortais.

É, era revoltante ver as joias de Tamsin adornando a cafetina mais maligna de Londres. É, ficava transtornada ao pensar na garota e em sua tia amada, e no que as joias representavam.

Mas não, Lydia não deixaria seu temperamento dominá-la outra vez. Sem dúvida não deixaria o “desejo reprimido” pelo misógino Ainswood transformá-la numa menina temperamental de 8 anos.

Empurrando para longe a imagem dele, obrigou-se a se concentrar fria e calmamente no problema imediato. A roleta parou no 21vermelho. Com o rosto impassível, o crupiê empurrou os ganhos de Lydia na direção dela. No mesmo instante, ela ouviu o jorro de palavrões esganiçados solto por Coralie.

Na última hora, a cafetina só estava acumulando derrotas. Agora, por fim, ela se afastou da mesa da roleta.

Se estava sem dinheiro, Coralie poderia trocar as joias, como outras pessoas haviam feito com bens valiosos, pensou Lydia. Já descobrira onde essas transações ocorriam.

Contou rapidamente seus ganhos: 200 libras. Não era muito pelos padrões de alguns clubes – no Crockford’s, por exemplo, milhares eram perdidos no espaço de minutos –, mas talvez fosse o

suficiente para comprar um conjunto de joias de rubi de uma rameira viciada em jogo.

Começou a abrir caminho por entre as pessoas. Decidida a manter sua presa à vista, desviou-se por reflexo de uma vagabunda que havia tentado atrair sua atenção antes e deu uma cotovelada num batedor de carteiras. O que Lydia não notou, na pressa de se aproximar de Coralie, foi a bota no caminho.

Tropeçou nela.

A mão grande puxou-a de pé, segurando em seu braço com um aperto digno de um torno.

Lydia ergueu a vista... e deparou com olhos verdes e brilhantes.

Vere se perguntou o que seria necessário para lascar o brilhante verniz de compostura que a envolvia. Ela só piscou uma vez de surpresa, depois tirou com frieza o charuto da boca.

– Por Deus, é você, Ainswood? Não o vejo há séculos. Como está a gota? Ainda incomodando?

Como ele já tinha visto Coralie Brees – junto com um par de guarda-costas corpulentos –, Vere não ousou desmascarar Grenville, com uma atuação digna de Sarah Siddons, naquele antro de jogatina.

Ela manteve no papel e Mallory entrou no jogo, enquanto a acompanhava rapidamente para fora do local. Mesmo depois de saírem, ele continuou lhe segurando o braço com força e a fez marchar pela St. James's Street em direção à Piccadilly.

Ela seguiu andando com o mesmo passo presunçoso, o pedaço de charuto – do charuto *dele* – preso entre os dentes brancos, a bengala balançando na mão livre.

– Já está se tornando um hábito, Ainswood... Sempre que a situação está indo bem, você aparece para estragá-la. Eu estava ganhando direto, caso não tenha notado. Além disso, estava

trabalhando. Como um emprego assalariado não está no seu âmbito de experiência, deixe-me explicar um pouco sobre economia básica. Se os escritores de revistas não conseguem realizar suas tarefas, não são feitas matérias. Sem matérias, os leitores não vão comprar a publicação, porque, veja bem, eles esperam que haja algo escrito. E, quando os leitores não compram, os escritores não são pagos. – Ela o encarou. – Estou explicando depressa demais para o seu gosto?

– Você deixou de lado a roleta antes que eu a interrompesse, pois tinha se decidido por um jogo diferente. Enquanto você vigiava a cafetina, eu vigiava você. Já vi essa expressão nos seus olhos e sei o que ela significa: confusão.

Enquanto Vere falava, Grenville soltava baforadas friamente, com toda a aparência de jovem despreocupado própria de seu disfarce. Ele lutou contra uma ânsia irracional de gargalhar.

– Deixe-me dizer uma coisa que talvez você não tenha percebido – continuou Mallory. – A cafetina estava acompanhada por dois valentões. Se você saísse atrás dela, aqueles brutamontes iriam arrastá-la para o beco escuro mais próximo e picariam você em pedaços minúsculos.

Foi então que chegaram à Piccadilly. Lydia jogou fora os restos do charuto.

– Você está falando de Josiah e Bill, pelo visto. Gostaria de saber como alguém que não é cego deixaria de ver aquele par de gárgulas.

– Sua visão não é nem um pouco confiável. Você não *me* viu. – Ele fez sinal para um cabriolé de aluguel que se afastava do chafariz mais adiante na rua.

– Espero que esteja chamando esse cabriolé para você mesmo. Porque eu tenho uma missão a ser concluída.

– Você pode concluir sua missão, mas não no Jerrimer's. Você não vai voltar para lá. Se eu a descobri, outros também podem

descobrir. Se, como você suspeita, houver alguma atividade ilegal naquele lugar, os criminosos vão garantir que Grenville da *Argus* não só não conclua sua missão, mas também que jamais seja encontrada de novo.

– Como você sabe que eu estava em busca de atividades ilegais? Minha missão deveria ser secreta.

O cabriolé parou. Não era um dos modelos compactos do Sr. David Davies, mas um veículo desajeitado que evidentemente pertencera a algum cavalheiro um século antes. O cocheiro ficava sentado na frente, e não atrás, como nos transportes modernos de aluguel. Na plataforma estreita traseira, teriam ficado de pé dois lacaios – sem dúvida mortos e enterrados havia muito tempo.

– Para onde, cavalheiros? – perguntou o cocheiro.

– Soho Square – respondeu Vere.

– Você está maluco?! – exclamou ela. – Não posso ir para lá vestida assim.

– Por que não? – Ele a examinou de cima a baixo. – Vai amedrontar sua doce cadelinha?

– Campden Place, Kensington – disse ela ao cocheiro. Em seguida, soltou-se bruscamente da mão de Vere, acrescentando em tom grave: – Você tinha razão. Não vou voltar ao Jerrimer's. Se você descobriu quem eu era, qualquer idiota poderia descobrir.

– Mas você mora no Soho.

– Minhas roupas estão em Kensington. E minha carruagem.

– Cavalheiros? – gritou o cocheiro. – Se não vêm...

Ela foi pisando firme até o veículo, abriu a porta e subiu. Antes que pudesse fechá-la, Vere segurou a maçaneta.

– Faz séculos que não visito Kensington. Imagino se o ar do campo iria curar minha gota.

– Kensington é muito úmido nesta época do ano – respondeu ela em voz grave e ríspida. – Se deseja uma mudança de clima, experimente o deserto de Gobi.

– Pensando bem, talvez eu vá a um belo e caloroso bordel.  
Ele bateu a porta com força e saiu andando.

## CAPÍTULO 5

Quando a carruagem passou pela pista ao redor do Hyde Park, Lydia tinha plena consciência de que era a principal culpada pelo fracasso da noite.

Na Blue Owl na semana anterior, vira Ainswood no instante em que ele chegara à porta. Naturalmente, seu orgulho não lhe permitiria interromper a encenação. Ainda que ela fosse apenas meio Ballister por nascimento, por natureza era inteiramente. Não poderia pausar a apresentação nem sentir um mínimo de embaraço só porque um duque palerma a estava olhando.

Ainda assim, poderia ao menos ter resistido ao demônio interior que a instigava a zombar dele, e escolhido outro alvo. Como não se metera numa enrascada, deveria ter percebido que a encenca viria cedo ou tarde. Ainswood também havia representado. Tinha fingido bom humor porque não queria que todos aqueles homens achassem que uma mera mulher seria capaz de incomodá-lo.

Mas Lydia o incomodara e ele devia ter retornado à Blue Owl naquela noite para se vingar de algum modo. Lá, alguém que estivera na última reunião de pauta da *Argus* devia ter deixado que a bebida ou um suborno lhe soltasse a língua e contado a Ainswood onde ela se achava. Sua Graça tinha ido ao Jerrimer's só para atrapalhar sua tarefa, sem se importar se Lydia estava lá a trabalho ou por diversão. Depois de estragar tudo, ele poderia seguir seu caminho alegre e depravado.

Assim, graças ao comportamento infantil dela – e ao rancor

infantil dele –, Lydia havia perdido a chance de resgatar o conjunto de rubis de Tamsin.

Enquanto isso, Ainswood estaria se parabenizando por colocar Lady Grendel em seu devido lugar. Ele provavelmente transformaria o acontecimento numa anedota, para divertir todos no prostíbulo onde estivesse.

Devia estar rindo, envolvendo com os braços poderosos alguma vagabunda voluptuosa, arfando no pescoço dela e...

*Dane-se*, disse a si mesma.

Talvez a parte sensata e razoável de Lydia realmente não desse importância ao que ele fazia com outras mulheres e tivesse adorado que ele fora embora.

Mas o demônio dentro dela se importava, pois era uma faceta tão louca, maligna e desavergonhada quanto ele.

No momento, essa parte lhe dava vontade de pular da carruagem, persegui-lo e arrancá-lo do abraço da meretriz anônima.

Ficou inquieta e furiosa até chegar a Campden Place. Não por causa das joias de Tamsin ou da missão interrompida, mas por causa do comentário provocador de Ainswood e da porta batida na sua cara.

Como não parava de pensar numa série de respostas esmagadoras que desejava ter disparado e de imaginar Sua Graça em meio a meretrizes pintadas, Lydia levou um tempo para perceber que tinha chegado ao seu destino.

Desembarcou apressadamente, pagou ao cocheiro e se dirigiu para a casa de Helena.

Então imobilizou-se. Sua mente fumegante compreendeu tarde demais o que os olhos haviam captado: o veículo bonito parado a poucos metros do portão.

Helena tinha visita.

E Lydia sabia quem era porque fazia questão de reconhecer o veículo, com o objetivo de evitar o dono: lorde Sellowby.

Olhou para a rua mais adiante, porém a carruagem já ia longe e o cocheiro nunca ouviria seu grito. Xingando baixinho, deu um olhar furtivo para as janelas da casa e foi até a carruagem de Sellowby. Trocou amenidades com o laçao, obteve orientações sobre a estalagem mais próxima e começou a andar na direção indicada.

Ficar de pé na plataforma traseira da carruagem antiga durante cerca de 5 quilômetros não era o modo mais confortável de se viajar. Mas o que Vere presenciava naquele momento compensava a corrida que sacudia seus ossos.

Como tivera a presença de espírito de desembarcar enquanto a carruagem ainda reduzia a velocidade, conseguira se esconder nas sombras antes que sua presa emergisse. Obviamente, ela não tivera a mínima suspeita de que Vere a seguira.

Mas ele também nunca imaginaria que o destino dela fosse a casa da cortesã mais cara de Londres. Quando a górgona de olhos azuis dissera que suas roupas e sua carruagem estavam em Kensington, Vere achou que a mulher havia trocado de figurino em alguma estalagem, onde suas idas e vindas atrairiam pouca atenção. Esperava ter um encontro interessante num local desses. Mas aquela situação prometia ser muito melhor.

De seu esconderijo na sebe alta do jardim, Vere conseguiu enxergá-la lutando para se despir, ainda que a lua não estivesse cheia. O casaco era elegantemente justo, e a armação que ela havia colocado para ocultar a forma física atrapalhava-lhe os movimentos de forma cômica. Depois de saltitar, se torcer e se sacudir um tanto, finalmente conseguiu arrancá-la e jogá-la no chão. Então tirou o chapéu, a peruca e o gorro apertado que vinha embaixo, revelando o cabelo louro achatado e enrolado em volta da cabeça.

Vere esperou, com a respiração suspensa, que ela soltasse as madeixas cheias, que deviam ser compridas a ponto de cascatear

sobre os ombros. Ele estava parecendo um colegial, parado ali sem fôlego, aguardando algo tão simples, como se não tivesse visto centenas de mulheres soltarem o cabelo e tirarem a roupa.

Ela ainda estava totalmente coberta, com camisa e calças, mas ainda assim a temperatura de Ainswood se elevou. Ele disse a si mesmo que a reação acalorada decorria daquela situação depravada, por estar escondido nas sombras, olhando-a se despir.

Mas ela não tirou sequer um grampo de cabelo nem qualquer outra vestimenta. Em vez disso, esgueirou-se até o canto da casa e começou a escalar o cano de água.

Vere pestanejou, incrédulo, depois correu até ela, sem se incomodar com o barulho de cascalho sob os pés.

Espantada com o ruído, Lydia escorregou e caiu com uma pancada fraca na grama. Antes que pudesse se levantar, ele a agarrou por baixo dos braços e puxou-a de pé.

– Que diabo você acha que está fazendo? – sussurrou ele.

Lydia se soltou bruscamente.

– O que lhe parece? – Ela esfregou o traseiro. – Seu desgraçado, eu podia ter quebrado uma perna. Que diabo você pretende se esgueirando atrás mim? Você deveria estar num bordel.

– Eu menti. Não acredito que você caiu no velho ardil do “estou indo para um bordel”. Nem olhou pela janela para se certificar se eu tinha ido embora.

Ela nem se esforçou para ocultar a incredulidade.

– Não é possível que você tenha se pendurado na traseira de uma carruagem por todo o caminho.

– São só 5 quilômetros.

– Por quê? Do que você quer se desferrar agora?

Ele lhe lançou um olhar magoado.

– Não estava tentando me desferrar de nada. É só que eu estava consumido pela curiosidade.

Lydia estreitou os olhos.

– Com relação a quê?

– Como você fez isso. – Ele fitou seu peito masculino. – Não está amarrado, está? O que você fez com os seios?

Ela abriu a boca, então fechou. Olhou para si mesma, depois para ele. Em seguida, respondeu por entre os dentes:

– É uma cinta projetada especialmente com essa finalidade. A frente tem a forma do tronco masculino, mas as costas são iguais às de qualquer espartilho comum.

– Ah. Cadarço atrás.

– É. Nem um pouco interessante. Nada que você não tenha visto centenas de vezes. – Ela se virou e retornou ao cano de água. – Se quiser ser útil, pode me dar uma ajudinha.

– Não posso ajudar nem admitir que você roube uma casa.

– Desde quando você virou defensor da lei e da ordem?

– Desde que você comentou sobre meu fracasso em fornecer um exemplo de moral elevada. Estou estudando para virar santo.

– Então vá estudar em outro lugar. Não vou roubar nada. Só quero pegar minhas roupas.

– Se a Srta. Martin está com elas, por que não vai pela porta da frente?

– Ela está acompanhada – respondeu Lydia, impaciente. – De um homem. Não esperava que eu retornasse tão cedo. Minhas roupas estão no quarto de vestir. A janela está aberta.

Ela apontou para cima.

– Só preciso entrar e sair sem incomodar os pombinhos.

Vere fitou a janela, depois Lydia.

– É uma tremenda escalada.

– Eu consigo – sussurrou ela, indignada.

Mallory olhou para as calças que abraçavam amorosamente as pernas compridas e torneadas.

– Eu faço isso. Assim é mais rápido.

Depois de alguns minutos e uma discussão curta e furiosa, o duque de Ainswood empurrou Lydia pela janela do quarto. Isso não seria necessário se não houvesse a maldita cinta, que impossibilitava movimentos mais fluidos.

Não muito gentilmente, ele a suspendeu por cima do parapeito pelas axilas, deixando-a cair embolada no chão do outro lado.

Mas Lydia não se abalava com facilidade. Se precisasse de tratamento delicado, não teria se tornado jornalista. Se Mallory quisesse mesmo machucá-la, poderia fazer coisas muito piores. Estava irritado, só isso, porque ela se recusara a agir como ele sugerira.

Ainswood queria que Lydia esperasse no jardim. Como se ela pudesse esperar a noite toda enquanto ele procurasse suas roupas no escuro, colidisse com portas e derrubasse móveis, alertando todo mundo para a invasão.

Lydia não confiava na discrição dele. Provavelmente Vere pensaria numa boa piada para contar a Helena e seu hóspede. Era fácil visualizar Ainswood entrando no quarto com um punhado de roupas nos braços e dizendo: "Desculpe interromper, Srta. Martin, mas poderia me dizer qual destas ceroulas pertence à Srta. Grenville?"

A cena lhe provocou uma careta de desgosto, mas Lydia logo lembrou quem era o hóspede de Helena e ficou alerta. Se Sellowby a olhasse bem, muitos podres familiares seriam apresentados para a diversão do público.

Levantou-se, agradecendo aos céus porque o tapete era grosso. Se não fosse, toda a casa teria ouvido o baque. Foi verificar a porta do quarto.

– Que diabo você está fazendo? – sussurrou Ainswood, irritado. – Não consegue ficar parada?

Ignorando-o, Lydia apurou os ouvidos, então entreabriu a porta cautelosamente. Já mais calma, fechou-a de novo.

– Eles não estão no quarto – informou baixinho a Ainswood. – Estão na sala de estar.

– Ficou frustrada? Nem tiveram a consideração de fornicar no quarto para você assistir...

– Eu gostaria que você tivesse a consideração de ficar quieto. Não pode encontrar as coisas sem fazer essa barulheira?

– Não consigo ver porcaria nenhuma. Fique perto da janela para eu saber onde você está. Quer que eu tropece em você?

– Por que *você* não fica perto da janela e me deixa procurar?

– Conheço bem a textura e o cheiro desse tecido, maldição. Já estive em muitos enterros.

Lydia foi até a janela, onde um débil raio de luar formava um estreito retângulo de visibilidade. Com cortinas grossas e atulhado de roupas e móveis, o quarto estava bem mais escuro do que o exterior.

Ela mal conseguia definir os contornos de Vere, uma forma perturbadoramente grande e mais negra contra a escuridão ao redor. Viu-o se abaixar e pegar algo para cheirar.

– Encontrei – sussurrou ele, e se aproximou de Lydia, empurrando as roupas para ela. – Vamos.

– Você primeiro. Eu o alcanço num minuto. Preciso... me trocar.

Ela preferia fazer isso ali, onde estava escuro. O silêncio caiu sobre o quarto. Lydia ergueu o queixo e disse:

– Já foi bem difícil subir, e vai ser mais difícil ainda descer se eu não tirar a cinta. – Isso realmente era verdade.

Seguiu-se outra pausa, mais longa. Ela esperava que a cinta grossa abafasse as pancadas irregulares de seu coração.

– Srta. Grenville, acho que você se esqueceu de um pequeno detalhe.

– Eu consigo descer de saia. Já fiz isso muitas vezes.

– A cinta – sibilou ele. – É amarrada por *trás*, lembra? Como pretende tirá-la?

Por um instante, os pensamentos fugiram da mente de Lydia e ela ficou sem reação. Então o calor subiu por seu pescoço e tomou-lhe o rosto. Ela havia esquecido: amarrar e desamarrar a cinta não era manobra para apenas uma pessoa.

– Eu pulo da saliência. – Virou-se para olhar o jardim lá embaixo. Muito lá embaixo. E banhado em luar. – Não é muito longe.

Vere murmurou algo; ela duvidava que fosse uma oração.

– Não vai pular, nada – retrucou ele em voz tranquila. – Você vai se afastar da janela. Depois vai tirar a blusa. No escuro. Consegue fazer isso?

– Claro que...

– Ótimo. Então eu desamarro a porcaria da maldita cinta se você conseguir ficar parada por dois minutos.

As mãos de Lydia começaram a suar.

– Obrigada – agradeceu com ar contido.

Muito calmamente, afastou-se da janela e foi para o canto oposto – e muito mais escuro – do quarto. Ela ouviu-o se aproximar. Sentiu-o se aproximar. Apertando as roupas com força contra a barriga, sussurrou:

– Com sua vasta experiência, tenho certeza de que consegue desamarrar uma cinta em poucos segundos.

Assim, ela não teria tempo para fazer nada idiota, disse a si mesma, enquanto afastava da mente a lembrança de loucas sensações, de calor e de mãos poderosas, grandes e firmes. Não ouviria nenhum demônio interior. Não cometeria um erro pelo qual pagaria durante o resto da vida.

Forçou os dedos rígidos a soltar as roupas. Com os músculos rígidos, tirou a blusa o mais depressa possível.

Engoliu em seco quando os dedos dele tocaram seu ombro. Ele os afastou quase no mesmo instante.

– Meu Deus – sussurrou Ainswood. – Você não está com nada por baixo.

– Os homens não usam camisola.

– Você não é um homem.

Ela ouviu um som baixo, raspado, como se Mallory estivesse rilhando os dentes.

– Primeiro preciso encontrar o laço – avisou ele, com um sussurro áspero, querendo dizer que precisaria fazer isso pelo tato, pois não conseguia enxergar.

Lydia voltou a engolir em seco.

– Para baixo – orientou ela. – Embaixo do ombro direito.

Os dedos dele tocaram seu ombro de novo e desceram, deixando uma trilha ardente de sensações.

Vere encontrou o lugar rapidamente, mas mesmo com as mãos nas barbatanas da cinta, e não em sua carne, o calor continuava a pinicar. Uma gota de suor escorreu entre seus seios.

Lydia podia sentir a respiração quente de Ainswood no pescoço e nas costas enquanto ele desamarrava os cadarços, descendo pouco a pouco, e a peça de confinamento se afrouxava.

Teoricamente, deveria ser mais fácil respirar, mas na prática não era.

Na metade do caminho, a cinta deslizou até os quadris e, na mesma hora, ela segurou a parte da frente para esconder os seios. As mãos às suas costas se detiveram e a respiração de Lydia travou nos pulmões.

A pausa durou apenas duas pulsações, então ele retornou ao trabalho, concluindo-o com uma eficiência desconcertante. Por fim, ele se afastou.

Lydia foi tomada pela vergonha, que a escaldou do topo da cabeça até os dedos dos pés. O que havia esperado que ele fizesse? Enlouquecesse de paixão só porque ela estava seminua? Mallory era um devasso, um tremendo libertino. Tinha visto centenas de mulheres completamente nuas.

Enquanto se dava uma bronca silenciosa por ser tão idiota, vestiu

rapidamente a camisola e a blusa de corte masculino, em seguida pôs a saia por cima das calças. Não que houvesse qualquer sentido no recato se ele não podia vê-la e deixara claro que não estava interessado em ver. Mesmo assim, ela se sentia menos vulnerável expondo o traseiro por baixo do abrigo da saia.

Vestiu a ceroula, depois tirou-a, porque a colocara de trás para a frente. Xingando baixinho, ajeitou-a e, por fim, pôs a anágua e amarrou-a rapidamente. Podia ouvi-lo respirar asperamente, como se resfolegando, claramente louco para ir embora.

Enfiou-se às pressas no casaquinho e disse:

– Pode ir. Preciso encontrar minhas botas.

Ele soltou um som grave e gutural. Era muito parecido com o som que Susan fazia quando ficava irritada: se alguém negava um biscoito extra para aquela criatura gananciosa, por exemplo, ou ordenava que ela parasse de pular nas criadas.

Algo nessa analogia fez com que Lydia ficasse com os nervos à flor da pele. Ignorando a sensação, ela se pôs de quatro para procurar as botas de cano curto. Encontrou-as ali perto, embaixo do sofá encostado no gaveteiro. Antes que pudesse calçá-las, ouviu passos e a voz de Helena se aproximando.

– Tenho certeza de que é o gato do vizinho – dizia Helena. – Rosa deve ter deixado a janela aberta.

Lydia olhou para a janela, mas Ainswood já não estava mais lá. No instante seguinte, surgiu do seu lado no tapete, também de quatro.

Ela ouviu o estalo fraco da maçaneta sendo girada. Engatinhou rapidamente de lado e empurrou Mallory para baixo do sofá. Puxou a grossa franja de volta para o lugar no momento em que a porta se abriu por completo.

Helena entrou.

– Aqui, gatinho! Aqui, gatinho! – gritou. Depois de fechar a porta, sussurrou: – É você, Lyddy?

- Sou eu.
- Não esperava que você voltasse tão cedo.
- Eu sei. Tudo bem. Volte para o seu convidado. Estou ótima.

Lydia não estava nada ótima. Uma ponta da saia estava presa sob o corpo de Ainswood e ela não poderia se levantar sem que ele também se mexesse. Levando-se em conta o limitado espaço ali embaixo, se Mallory levantasse um músculo sequer, viraria o sofá.

– Aqui, gatinho – repetiu Helena em voz alta. Depois, bem baixinho, continuou: – Tente fazer menos barulho. Sellowby não está muito bêbado e ouviu alguma coisa. Com certeza suspeita que estou com outro homem escondido em casa e quer saber quem é. Você seria uma surpresa mais agradável para ele. Tem certeza de que não quer vir e...

- Ele é todo seu – sussurrou Lydia, tensa.
- Precisa de ajuda com a cinta?
- *Não*. Já estou quase vestida. Por favor, vá logo, Helena, antes que ele resolva investigar por conta própria.

Houve uma longa pausa. Lydia esperava que Ainswood tivesse o bom senso de prender a respiração. O coração dela já estava batendo forte demais.

– Ah, Lydia, acho melhor avisar você. – O sussurro de Helena tinha um tom preocupado. – Sellowby ouviu dizer que Ainswood foi visto entrando esta noite na Blue Owl, na Fleet Street. Ele acha que você atraiu o interesse de Sua Graça. Só por segurança, talvez fosse bom você arranjar tarefas longe de Londres nas próximas semanas.

Lydia percebeu um movimento embaixo do sofá. Tinha certeza de que, a qualquer minuto, Ainswood iria tombá-lo e correr para cima de Sellowby, para corrigir com os punhos as suposições do sujeito.

– Sim, claro, mas vá logo – insistiu ela. – Acho que ouvi o Sellowby.

Helena saiu rapidamente, gritando:

– Estou indo! Foi só aquele gato chato! Ele...

Lydia não escutou o resto. Sua atenção havia retornado a Ainswood, que suspirou profundamente. Ela esperava ouvi-lo soltar inúmeros palavrões enquanto se espremia de baixo do sofá e se embolava ainda mais em sua saia. Em vez disso, discerniu algo pior.

Disse a si mesma que não podia ser o que imaginava e tentou se concentrar em soltar a saia, mas sem sucesso; ele não estava colaborando nem um pouco.

Os ombros de Mallory sacudiam, seu peito subia e descia, sua garganta emitia sons estrangulados. Suas suspeitas tinham se confirmado.

Ela pressionou a mão contra a boca de Ainswood.

– Não – sussurrou furiosamente. – Não ouse gargalhar. Eles vão ouvir.

– Mmmmmmf. Mmmmmmmmf – fez Ainswood, tentando se libertar.

Lydia arrancou a mão. Um tapa, pensou em frenesi. Isso iria... Não... Faria barulho demais... e ele nem sentiria. Uma joelhada na virilha... Não, impossível... Ela mal conseguia mexer as pernas... mas... sim, suas mãos estavam livres. Fechou o punho e golpeou a barriga – maldição, parecia feita de tijolo. Quando ia mirar mais embaixo, ele se adiantou e, de uma hora para outra, Lydia se viu caída de costas, a mão presa ao tapete e Ainswood em cima dela.

– Saia de cima de mim, seu...

A boca de Ainswood sufocou-lhe as palavras e deixou-a sem ar. Com a mão livre, Lydia deveria tê-lo empurrado ou fincado as unhas nele, mas não foi o que fez. Não pôde.

Ele a beijara antes, mas fora em público, diante de uma plateia irrequieta, e seus lábios mal tinham se encontrado antes que ela recuperasse a razão.

Dessa vez não havia espectadores para mantê-la fria e concentrada. Dessa vez havia apenas a escuridão, o silêncio e a

pressão quente, insistente, daquela boca. Ela não reagiu a tempo e, agora, o demônio interior a dominou.

Não conseguia pensar em nada além do gosto e do cheiro masculinos. Não conseguia se obrigar a lutar contra aquela força poderosa. Ele era grande demais, lindo e ardente, e sua boca tinha sabor de pecado – selvagem, sombrio e irresistível.

A mão que estava presa contra o tapete se entrelaçou à dele, e a mão que estava livre segurou o casaco de Mallory. Lydia pressionou a boca na dele, silenciosamente respondendo “sim” quando deveria ter dito “não” e se entregando a ele mesmo sabendo que só seria levada ao desastre.

Nas profundezas de sua consciência enevoada, sabia diferenciar o certo do errado, o seguro do perigoso, mas não conseguia juntar as armas, a sabedoria adquirida a duras penas. Naquele momento sombrio, tudo que queria era ele.

Aquela situação durou apenas um instante, e toda uma vida.

Vere se afastou quando Lydia mal havia começado a compreender o que desejava dele.

Ainda que totalmente cônica da própria tolice, ainda conseguia sentir o gosto do pecado nos lábios e a necessidade urgente que ele havia provocado entre suas pernas. Queria puxá-lo de volta, para descobrir o que ansiava e o que estivera faltando em sua vida.

De longe, veio o som de uma gargalhada feminina. A dois cômodos de distância, Helena estava nos braços de... outro libertino.

Foi como o toque de uma sineta, que chamou Lydia de volta à sanidade. Pensou na carreira para a qual tanto se preparara, na pequena porém preciosa influência que tinha obtido e que, com zelo, poderia incrementar. Pensou nas mulheres e crianças por quem lutava.

E se lembrou de que tipo de homem ele era.

*O tipo de libertino que despreza as mulheres.*

*Para ele, nós temos apenas uma utilidade e, se já fomos usadas,*

*perdemos totalmente o valor.*

– Você está bem? – perguntou Ainswood, com um sussurro áspero, bem próximo dela.

Não, não estava. Ela duvidava que fosse ficar bem durante um tempo. O fruto proibido deixava um travo amargo.

– Saia de cima da minha roupa, seu maldito. Como vou me levantar com você sentado em cima?

A relação entre Vere e sua consciência nunca fora amigável. Havia um ano e meio os dois não se falavam direito.

Consequentemente, ele estava longe de sentir qualquer pontada de culpa por seus planos de seduzir Grenville e não deixaria que algum escrúpulo o impedisse de ser bem-sucedido. Estava se divertindo bastante, mais do que se divertia em séculos. As aventuras daquela noite trouxeram de volta lembranças agradáveis de antigas proezas com seus dois parceiros no crime, Dain e Wardell.

Fazia muito tempo que Vere não pegava carona na traseira de uma carruagem nem cometia absurdos para perseguir uma mulher atraente.

Ainda que as coisas não tivessem ocorrido exatamente como esperava, a novidade da experiência compensou a ocasional irritação. Ainda que entrar e sair por janelas com objetivos ilícitos lhe fosse uma atividade familiar, aquela era a primeira vez em que fazia isso na casa de uma prostituta famosa.

Tinha achado hilariante a Srta. Maldita Grenville esconder da amiga meretriz que o depravado duque de Ainswood estava em sua residência. Como se alguma coisa, por mais escandalosa que fosse, pudesse chocar Helena Martin.

Para tornar tudo mais divertido, Sellowby também se encontrava na casa e suspeitava que Helena tivesse um homem escondido – o

que era verdade – e a mulher dragão preocupada e agitada o tempo todo. E ainda Vere escondido embaixo do sofá, mesmo num quarto escuro como um buraco de privada, em que a anfitriã não poderia enxergar a própria mão diante do corpo.

Ele quase havia morrido sufocado, tentando conter a gargalhada. E então...

Como ele poderia resistir? Depois de todo o esforço de madame Dragão para se enfiar em todas aquelas camadas de roupa de baixo e de cima, Vere teve que mostrar a ela como seria fácil tirar tudo de novo. Vendo-a preocupada com a possibilidade de ser descoberta, Ainswood achou que deveria lhe dar algo mais interessante em que pensar.

Nesse ponto, a situação sofreu uma reviravolta muito estranha.

No Vinegar Yard, Vere mal havia encostado na boca de Grenville. Dessa vez, tinha se preparado para o cerco longo e lento de um beijo capaz de derrubar qualquer resistência. E deparara com o maior choque da sua vida.

Ela não sabia beijar.

Levou um tempo para se dar conta dessa anomalia, e antes que ele a tivesse digerido, Lydia já havia absorvido o básico. Era impossível não estar plenamente consciente do corpo luxuriante embaixo do seu, ou do perfume fatal. E assim ele havia se excitado rápido demais para se preocupar se ela era virgem ou se isso deveria importar. As dúvidas não lhe afligiam, logo não fazia sentido que ele interrompesse sua investida. Mas alguma coisa... o incomodou.

Foi então que levantou a cabeça e perguntou:

– Você está bem?

Obviamente, esse foi um erro tático, pois ela o empurrou com uma força surpreendente, levantou-se e saiu pela janela enquanto ele ainda tentava entender o que havia acontecido.

Afastando todos os pensamentos, Vere passou por cima do

parapeito e desceu rapidamente. Como não viu nada no jardim, refez o caminho que Grenville havia usado para entrar, pelo portão dos fundos. Na pressa da partida, ela o deixara aberto, poupando-lhe trabalho e preciosos segundos com o trinco.

Correu pela passagem que levava à rua, aonde chegou a tempo de ouvir os passos dela se afastando rapidamente.

Vislumbrou um pedaço da saia; ela havia acabado de virar a esquina seguinte.

Ainswood acelerou o passo e foi atrás... e se deu conta do erro no meio segundo antes que a bengala acertasse seus tornozelos.

Ouviu o estalo de osso se partindo, sentiu a dor se irradiar pelas pernas e viu o chão se aproximar, tudo no mesmo instante.

## CAPÍTULO 6

**P**rimero ele xingou.

Depois gargalhou.

Depois xingou mais.

Com os punhos fechados, Lydia estava de pé, fuzilando o duque com os olhos. Por um instante horrível, pensou que lhe tinha causado um ferimento grave. Mas era claro que não. Só uma manada de touros em debandada poderia causar qualquer dano significativo àquele enorme pateta.

– Não espere qualquer empatia da minha parte. Por mim, pode ficar aí deitado até o dia do Juízo Final. Você me fez quebrar minha bengala favorita, seu desgraçado. – Não as pernas dele, como havia temido.

Gemendo, Ainswood ergueu a cabeça.

– Foi um truque muito sujo. Você me *emboscou*.

– E não foi um truque muito sujo que você usou lá no quarto? Sabendo que eu não ousaria fazer qualquer protesto veemente? E não diga que um simples “não” teria bastado, porque com você as palavras não bastam nunca.

– Podemos discutir isso mais tarde, Grenville? – Soltando uma série de palavrões, ele rolou o corpo com certa dificuldade e se apoiou num cotovelo. – Você poderia me dar uma mãozinha.

– Não. – Reprimindo uma pontada de consciência, ela recuou para longe do alcance. – Você interferiu com uma missão e poderia ter posto minha vida em perigo – disse, tanto para esclarecimento de sua consciência pouco razoável quanto para a dele. – Além do

mais, estragou minha oportunidade de fazer um serviço para uma amiga. Já é a terceira vez que você complica tudo, entrando no meu caminho. Fora que isso tudo poderia ter custado o meu cargo. Se Sellowby tivesse entrado no quarto e me encontrasse numa posição comprometedor com o devasso mais famoso da Inglaterra, teria espalhado a notícia por toda Londres e eu perderia o pouco respeito que ganhei depois de meses de trabalho insano.

Ela se abaixou e recolheu os restos da bengala.

– Conheço muitos outros truques além desse – acrescentou, empertigando-se. – Se me incomodar de novo, Ainswood, eu vou machucar você *de verdade*.

Então, antes que ele pudesse apontar as falhas em seu sermão, ela se virou e foi andando pelo beco sem olhar para trás.

– Vejam, eis que o caçador de dragões retorna – anunciou Jaynes quando Vere entrou mancando pela porta às três da madrugada.

Trent, que havia saído rapidamente para o corredor segurando um taco de bilhar, ficou mudo, olhando Vere de cima a baixo com uma expressão penalizada.

Vere dissera a eles que iria à Blue Owl naquela noite “caçar um dragão”. Jaynes lhe repreendera e Trent falara sem parar, mas Vere não tinha ouvido uma sílaba sequer.

Suas expressões pareciam dizer agora “eu não avisei?”. Seu casaco e suas calças estavam rasgadas e imundas, o rosto arranhado e com um hematoma. Ele havia caído de cara no chão com força e, ainda que o nariz e os tornozelos não estivessem quebrados, pareciam estar, latejavam como o diabo.

Ele conseguiu abrir um sorriso.

– Não me lembro da última vez que me diverti tanto. Vocês perderam uma tremenda pândega. Quando eu contar...

– Vou lhe preparar um banho – disse Jaynes num tom

martirizado. – E acho melhor pegar a caixa de medicamentos.

Vere observou-o se afastar, depois se virou para o hóspede.

– Você nunca vai adivinhar o que aconteceu, Trent.

– Acho que não – respondeu o hóspede com tristeza.

Vere começou a mancar em direção à escada.

– Venha, então, e eu lhe conto.

A *Argus* chegou a Blakesleigh na manhã de sexta-feira. Só uma semana depois é que Elizabeth e Emily puseram as mãos na revista.

Felizmente, nesse dia, os tios estavam recebendo um grande número de convidados, que mantinham as empregadas ocupadas demais para entrar de supetão no quarto das meninas e mandá-las de volta para a cama.

Tinham a noite inteira para examinar a publicação. Mas, dessa vez, não foram diretamente para “A rosa de Tebas” e, sim, para o relato da Srta. Grenville sobre sua colisão com o guardião das duas no Vinegar Yard.

No final, estavam enroladas no chão, segurando a barriga, repetindo pedaços da história em meio a gargalhadas convulsivas. Quando enfim conseguiram sentar-se de novo, entreolharam-se com a boca ainda trêmula de riso.

Elizabeth pigarreou e falou:

– Engraçadíssima. Ela foi engraçadíssima.

Emily imitou muito bem a expressão “crítica” do tio e disse:

– “Sim, Elizabeth, creio que podemos inferir isso razoavelmente.”

– A máscara crítica se dissolveu e os olhos dela dançaram. – Acho que é a melhor coisa que ela já escreveu.

– Você não leu *tudo* que ela escreveu. Nunca temos tempo. Além disso, é injusto comparar trabalho sério com comédia.

– Acho que ele a inspirou – opinou Emily.

– Ele realmente traz o demônio das pessoas para fora. Era o que

papai dizia.

– Ele fez isso com o Robin. – Elizabeth sorriu. – Meu Deus, ele estava impossível quando voltou. E como nos fez rir, coitadinho.

Os olhos de Emily se encheram de lágrimas.

– Ah, Lizzy, como sinto falta dele...

Elizabeth a abraçou.

– Eu sei.

– Gostaria que estivéssemos em Longlands. – Emily enxugou os olhos. – Sei que eles não estão lá. O que está no mausoléu não é eles. Mas Longlands é nosso lar, e é onde estão os espíritos de todos. Não há nenhum Mallory aqui. Nem um fantasma. Tia Dorothea é casada há tanto tempo que se esqueceu de como é ser uma Mallory.

– Vou dar um jeito de me casar com algum filho mais novo – disse Elizabeth –, porque eles quase nunca se comportam direito. Talvez, como o primo Vere não está morando em Longlands, ele nos deixe ficar lá. Tentarei arranjar um marido na minha primeira temporada social, só faltam seis meses. Depois você vai morar conosco. E nunca vai se casar, logo poderá ficar em Longlands para sempre. E cuidar das crianças.

Emily assentiu.

– Acho que está bem. Mas você não deve se casar com alguém parecido com o tio John. Ele é bondoso, mas prefiro que você encontre alguém que não seja tão emproado.

– Quer dizer, como o Diabolo?

Lizzy pressionou as mãos contra o peito. A natureza ainda não lhe dera o que poderíamos chamar adequadamente de seios.

– É, como o Diabolo.

– Bom, então vamos estudá-lo, assim eu saberei exatamente o que procurar.

Elizabeth pegou a *Argus* e folheou-a até chegar a “A rosa de Tebas”.

Na quarta-feira seguinte, Vere e Bertie estavam sentados no Alamode Beef House, fortificando-se depois de algumas horas estafantes das últimas aventuras de Miranda em "A rosa de Tebas".

– Miranda despistou as cobras para sair da tumba – dizia Vere ao companheiro de jantar. – Ela vai enganar um guarda, ou o próprio Diabolo, para sair da masmorra, ouça o que eu digo.

Bertie pegou mais uma garfada de carne.

– Não sei. Acho que agora eles vão ficar atentos a qualquer truque, porque ela já tentou um e não deu certo.

– Você acha que aquele inútil metido do Orlando vai tirá-la de lá?

Mastigando, Bertie balançou a cabeça.

– Então como?

– A colher. Você se esqueceu da colher. Acho que ela vai cavar um túnel.

– Com uma colher, para sair de uma masmorra?

Vere tomou um gole de cerveja.

– Quero dizer, primeiro ela vai afiar a colher, nas pedras, sabe – respondeu Bertie de boca cheia.

– Ah, sim, e é possível fazer qualquer coisa com uma colher afiada. Ela pode até serrar as barras de ferro.

Vere fitou a revista que estava junto ao cotovelo de Bertie. Inicialmente, ele não pretendia conhecer a Miranda ficcional. No dia seguinte ao do ataque da bengala, tinha começado a ler os números antigos da *Argus* que Jaynes guardava, só para descobrir como funcionava a mente deturpada da Srta. Ataque Maligno. Partira da primeira edição para a qual ela havia escrito. Na página oposta à do seu artigo sobre um processo por dívida, estava uma ilustração de "A rosa de Tebas". Da imagem, seu olhar se desviara para baixo, até o texto.

Quando deu por si, havia chegado ao fim do segundo capítulo e estava revirando a pilha de revistas que Jaynes deixara na mesa da biblioteca, à procura da edição seguinte.

Em suma: como meio mundo, aparentemente, ele estava fisgado pela história de St. Bellair. Mesmo sem demonstrar, naquela manhã Vere estivera tão ansioso quanto Bertie para pegar o último número, recém-impresso.

A capa daquele dia exibia uma turba de homens e mulheres apinhados em volta de uma mesa de roleta. O título era "Roleta russa". Já familiarizado com o estilo da mulher dragão, Vere tinha certeza de que aquela manchete não era de autoria dela. Ainda que Grenville não fosse totalmente avessa a trocadilhos, não usaria um tão sem graça. Além disso, o fraco jogo de palavras nem de longe estava à altura do humor seco e dos comentários ácidos do artigo, no qual, por sinal, o duque de Ainswood não figurava.

No número anterior, uma caricatura dele havia adornado a capa numa ilustração de dois painéis. No primeiro, ele estava com os braços estendidos e os lábios franzidos, implorando um beijo à mulher dragão. Ela era representada com os braços cruzados e o nariz empinado, de costas para ele. No segundo painel, ele aparecia como um sapo usando uma coroa de duque, olhando triste para a figura de Grenville, que se afastava. Acima da cabeça dela, havia um balão: "Não me culpe. Foi *sua* ideia." A legenda da imagem dizia: "O beijo de Lady Grendel quebra o feitiço."

Ela escrevera a matéria que acompanhava a ilustração num estilo que parodiava o de *Beowulf*, dando-lhe o título de "A batalha de titãs no Vinegar Yard".

Esse desprante era a cara dela, pensou Vere. Como havia dominado um bando de escrevinhadores e rabiscadores frouxos, se considerava um titã.

*Se me incomodar de novo, Ainswood, eu vou machucar você de verdade.*

Ah, sim, e o último Mallory canalha tremera que nem vara verde. Estava muito aterrorizado. Ele, que enfrentara lorde Belzebu e seus 2 metros de altura brutalmente assassinos. Quantas vezes Dain já

não havia feito ameaças semelhantes no mesmo tom grave e mortal? Como se uma voz ameaçadora fosse dar calafrios em Vere Mallory.

Será que a Srta. Ivan, a Terrível, acreditava que podia *intimidá-lo*?

Muito bem, deixe-a pensar assim, decidiu. Ele lhe daria tempo suficiente. Semanas. Permitiria que ela desfrutasse do triunfo aparente, enquanto sua miscelânea de talhos e hematomas se curavam. Com o passar dos dias, a vigilância dela iria relaxar à medida que sua presunção se intensificasse. E então lhe daria uma ou duas lições, como “O orgulho precede a destruição, e um espírito altivo vem antes da queda” e “Quanto mais alto, maior o tombo”.

Havia muito tempo ela merecia tombar de seu pedestal de vanglória. Havia muito tempo ela merecia despertar bruscamente da ilusão de que estava acima de qualquer homem, de que usar calça e imitar homens a tornava invulnerável.

Ele sabia que ela não era. Sob os disfarces e a fanfarronice, era uma menina brincando de faz de conta. E, como achava isso divertido – e até mesmo adorável, pensando bem –, decidiu ser gentil com ela.

Não iria humilhá-la publicamente. Vere seria a única testemunha da queda, que seria em seus braços e, em seguida, na cama. E ela gostaria, e admitiria que gostava, e imploraria por mais. Depois, se por acaso ele se sentisse caridoso, cederia aos rogos. E então...

De repente, um menino entrou correndo no salão do restaurante.

– Ah, socorro, socorro, por favor! Uma casa desabou... e tem gente dentro.

Não apenas uma, mas duas casas haviam desabado: os números quatro e cinco da Exeter Street, junto à Strand. Mais de cinquenta homens tinham corrido da obra nas escavações do esgoto nas ruas

Catherine e Brydges, ali perto, e rapidamente começaram a retirar os escombros.

A primeira vítima que descobriram era um carroceiro morto, que estava trazendo uma carga de carvão quando a casa desmoronou. Meia hora depois, encontraram uma mulher idosa, viva, com o braço fraturado. Após uma hora, surgiu um menino de 7 anos, praticamente ileso, e seu irmãozinho bebê, morto. Em seguida, a irmã deles, de 17 anos, com hematomas. O irmão de 9 anos foi o último a ser resgatado. Apesar de ter sido encontrado no fundo dos escombros, estava vivo e balbuciando, delirante. A mãe não sobreviveu à tragédia. O pai estava longe de casa.

Lydia obteve a maioria dos detalhes com um dos jornalistas que recebiam 1 *penny* por linha e colaborava ocasionalmente para a *Argus*. Ela havia chegado tarde ao local, pois estava num inquérito na Lambeth Road, mas não tarde demais para testemunhar o papel de Ainswood no resgate.

Ele não a viu.

Discretamente posicionada em meio a um grupo de repórteres, Lydia notou que o duque não tinha consciência de nada ao seu redor, exceto do monte de destroços em que trabalhava com firmeza e ferocidade, auxiliado por Trent. Ela observou Ainswood carregar tijolos e vigas, abrindo uma passagem até o menino, depois apoiar uma trave em seu ombro largo enquanto outras pessoas tiravam a criança.

Quando o corpo mutilado da mãe foi libertado dos escombros, Lydia viu o duque ir até a filha dela, que estava aos prantos, e lhe entregar sua bolsa de dinheiro. Então abriu caminho pela multidão e foi embora arrastando Trent, como se os dois tivessem feito algo constrangedor.

Como um dos empurrões mais fracos de Ainswood poderia jogar uma pessoa comum a vários metros de distância, os outros

jornalistas se afastaram dele e se aproximaram das vítimas do desastre.

Lydia não ficaria intimidada tão facilmente. Seguiu Ainswood e Trent até a Strand, bem no momento em que uma carruagem de aluguel parava em resposta ao assobio agudo de Ainswood.

– Esperem! – gritou ela, balançando seu caderno. – Uma palavra, Ainswood. Dois minutos do seu tempo.

Ele empurrou o hesitante Trent para a carruagem e saltou para dentro. Obedecendo à sua ordem, o cocheiro instou os cavalos a avançarem, mas Lydia não desistiu. Como sempre, a Strand estava engarrafada e tomada por pedestres, logo ela não teve dificuldade para correr ao lado da carruagem.

– Ora, vamos, Ainswood! – insistiu Lydia. – Me dê uma declaração sobre o seu heroísmo. Quando foi que você ficou tão tímido e modesto?

Aquela era uma das carruagens de aluguel de modelo novo. Além do capô único e das abas de couro, tinha cortinas para proteger e dar privacidade aos passageiros, porém Ainswood não as fechara e não podia fingir que não via nem ouvia Lydia.

Inclinou-se para fora, por baixo do capô, para fuzilá-la com os olhos. Acima da balbúrdia da rua – do chacoalhar de rodas, gritos de cocheiros e pedestres, bufos e relinchos de cavalos, latidos de viralatas –, ele berrou:

– Maldição, Grenville, saia da rua antes que alguém a atropеле.

– Apenas uma breve declaração – teimou ela, ainda correndo ao lado. – Uma citação para meus leitores.

– Pode dizer a eles que você é a mulher mais grudenta e insuportável que eu já conheci.

– Grudenta e insuportável – repetiu ela. – Sim, mas quanto às vítimas da Exeter Street...

– Se não voltar para a calçada, você vai se tornar uma vítima. E não espere que eu raspe das pedras o que restar de você.

– Posso dizer aos meus leitores que você está mesmo estudando para virar santo? Ou devo atribuir suas ações a um ataque temporário de nobreza?

– Trent me obrigou a fazer isso. – Ele se virou para gritar com o cocheiro: – Não pode fazer esse maldito pangaré andar mais rápido?

Quer o cocheiro tenha ouvido ou não, o animal acelerou o passo. No instante seguinte, surgiu uma brecha no engarrafamento, e a carruagem avançou rapidamente. Lydia precisou saltar para a calçada para não ser atropelada pelos veículos que vinham atrás.

– Que ela contraia a peste – vociferou Vere ao olhar para trás e ver que Grenville havia desistido. – Que diabo ela estava fazendo lá? Ela deveria estar num inquérito na Lambeth Road, que normalmente leva o dia inteiro.

– Não dá para saber quanto tempo essas coisas demoram – retrucou Trent. – Por falar em saber, se ela descobrir que Joe Purvis anda espionando para você, vai acontecer um inquérito sobre o cadáver dele.

Trent se inclinou para fora e também olhou para trás.

– Ela desistiu – disse Vere. – Sente-se direito, Trent, não vá cair da carruagem.

Com uma careta, Trent se recostou no assento.

– Ela me fez lembrar Carlos II outra vez. O que você acha que isso quer dizer?

– Peste. Você associa os dois à peste.

– Não consigo entender por que você a insultou. Depois do que você fez hoje, ela podia pensar coisas boas a seu respeito. E por que você disse que fui eu que o levei a fazer o resgate, se foi você que saiu correndo primeiro do Alamode...

– Havia mais cinquenta homens conosco – interrompeu Vere rispidamente. – Ela não perguntou a eles por que fizeram aquilo,

perguntou? Mas as mulheres são assim: querem saber por que isso, por que aquilo, e ficam imaginando que há algum significado profundo em tudo que um sujeito faz.

Não havia nenhum significado profundo, disse ele a si mesmo. Não trouxera o menino de 9 anos de volta à vida, mas apenas o livrara de um enterro prematuro. E o sofrimento daquele garoto não tinha relação com qualquer coisa. Ele era só uma vítima dentre outras. Para Vere, o resgate dele não tivera nenhuma importância a mais do que o resgate dos demais.

O nó na garganta de Sua Graça era apenas provocado pela poeira, que também fazia seus olhos arderem e a voz ficar rouca. Ainswood não pensava em mais ninguém... como, por exemplo, num menino de 9 anos que ele não pudera salvar.

Também não ficara nem um pouco tentado a falar sobre o que sentia. Nada lhe pesava o coração, e ele certamente não tinha nenhum desejo idiota de se abrir com ela. Não havia como ficar tentado a desabafar só porque lera as matérias de Grenville e vira que ela não era tão cínica e insensível, nem perto de ser um dragão feroz quando se tratava de crianças. Isso não poderia ser importante para Ainswood, porque ele era cínico e insensível a tudo: o último Mallory canalha, insuportável, presunçoso, sem consciência etc. etc. Portanto, só via uma única utilidade para a jornalista, que nunca seria a de confidente. Não confiava com ninguém porque não tinha segredos e intimidades e, se tivesse, preferiria ser amarrado numa estaca sob o sol ardente do Saara a se abrir com uma mulher.

Disse isso a si mesmo, de vários modos diferentes, durante o trajeto até em casa, e nenhuma vez ocorreu ao duque de Ainswood que ele podia estar protestando demais.

– Trent o obrigou a fazer isso, de fato – murmurou Lydia sozinha, enquanto caminhava pelo corredor até seu escritório. – Nem um

regimento de infantaria com baionetas apontadas poderia fazer aquele grosseirão teimoso atravessar a rua se ele não quisesse.

Logo que entrou no pequeno cômodo, jogou a touca sobre a mesa. Depois, foi até a estante e pegou a última edição do *Nobiliário de Debrett*. Encontrou rapidamente a primeira pista. Então consultou sua coleção do *Registro anual*, que cobria o último quarto de século. Pegou a edição de 1827 e verificou o apêndice. Sob o título “Mortes, maio”, encontrou o texto que procurava: “Em sua residência, em Longlands, Bedfordshire, aos 9 anos, o honorável Robert Edward Mallory, sexto duque de Ainswood.” O texto prosseguia por quatro colunas, um epitáfio de tamanho incomum para uma criança, mesmo para uma da nobreza. Mas havia uma história pungente ali, e era evidente que o *Registro* iria se concentrar nela, como sempre fazia quando se tratava de curiosidades e dramas.

*Já estive em enterros de mais*, dissera Ainswood. Era mesmo verdade. Ao consultar várias fontes, Lydia contou mais de dez enterros só na última década, e isso levando em conta apenas os dos parentes próximos.

Se Ainswood era o empedernido caçador de prazeres que todos diziam ser, o desfile implacável de mortes não poderia tê-lo afetado. Mas será que um homem desse tipo iria se importar com meros camponeses e trabalharia ao lado de operários mesmo correndo um risco considerável?

Ela não acreditaria se não tivesse visto pessoalmente: Ainswood só havia parado quando se certificou de que resgatara todos, saindo com as roupas surradas, sujo e empapado de suor. E ainda entregou uma bolsa de dinheiro à garota enlutada.

Lydia sentiu os olhos arderem, e uma lágrima caiu na página que estivera lendo.

– Não seja tola – censurou-se, mas em vão.

Porém, um minuto depois, todos os sintomas de tolice se

esvaíram quando Lydia ouviu um som que lembrava o bramir de um elefante: Susan estava retornando do passeio com Tamsin.

Lydia enxugou os olhos e se empertigou. No instante seguinte, a cadela pulou para dentro do escritório e tentou saltar no colo da dona. Lydia ordenou "Senta!", mas Susan apenas babou em sua saia.

– Parece que alguém está bem-humorada. O que aconteceu? Ela encontrou um bebezinho gorducho para devorar? O cheiro não está muito pior do que o normal, então sei que ela não andou rolando em excrementos.

– Ela é da pá virada – respondeu Tamsin, desamarrando a touca.  
– Nós encontramos Sir Bertram Trent na Soho Square e ela fez um tremendo espetáculo. Assim que o viu, disparou feito um foguete, ou melhor, uma bala de canhão, porque o derrubou de costas. Depois, ficou em cima dele, lambendo o rosto, o casaco e farejando... bom, não vou dizer o quê. Ignorou as minhas broncas. Felizmente, Sir Bertram recebeu tudo isso de bom humor. Quando enfim tirou-a de cima e conseguiu se levantar, pedi desculpas, mas ele falou: "Foi só brincadeira e ela não conhece a própria força." Aí, Susan...

– Au! – reagiu a mastim alegremente, reconhecendo seu nome.

– Ela precisava mostrar seus truques – continuou Tamsin. – Deu a pata. Provocou-o com um pedaço de pau até ele brincar de cabo de guerra com ela. Também se fingiu de morta, rolou de costas para ganhar cócegas e... Ah, você pode imaginar.

Susan pousou a cabeça no colo da dona e olhou-a com ternura.

– Susan, você é um mistério mesmo – comentou Lydia, fazendo-lhe carinho. – Na última vez que o viu, não gostou dele.

– Talvez ela tenha sentido que Sir Bertram andou fazendo boas ações nesta tarde.

Lydia encarou a jovem.

– Trent contou a você, não foi? Por acaso ele explicou por que

estava na Soho Square, e não na casa de Ainswood recuperando-se de seus trabalhos hercúleos?

– Ele disse que Carlos II lhe veio à mente quando viu você. O rei ficou incomodando-o muito, por isso ele saiu da carruagem de aluguel a algumas ruas dali e andou até a praça para olhar a estátua.

No gramado descuidado da Soho Square havia uma estátua meio desmoronada de Carlos II. Depois do primeiro encontro entre os dois, Tamsin contara que Trent associava Lydia ao monarca da era da Restauração. Para Lydia, isso não fazia sentido, mas ela não esperava que fizesse. Sabia que o cunhado de lorde Dain não era conhecido pela sagacidade.

– Por falar em trabalhos hercúleos – continuou Tamsin –, imagino que você tenha se chocado lá na Exeter Street. Acha que o duque de Ainswood está mudando ou que isso foi uma aberração momentânea?

Antes que Lydia pudesse responder, Millie surgiu à porta.

– O Sr. Purvis está aqui, senhorita. Com uma mensagem. Diz que é urgente.

Às nove horas da noite, Lydia entrou numa casa na Covent Garden Piazza e se viu numa sala pequena que tinha as janelas fechadas por pesadas cortinas. A jovem que a recebeu desapareceu rapidamente por um portal cortinado, do lado oposto do cômodo. Um instante depois, surgiu a mulher que havia chamado Lydia.

Era quase tão alta quanto ela, só que mais gorda. Um grande turbante cobria sua cabeça e o rosto estava muito pintado. Apesar da maquiagem e da luz fraca, Lydia viu ali uma expressão de divertimento.

– Interessante escolha de vestimenta – comentou madame Ifrita.

– Foi o melhor que pude fazer a curto prazo.

A mulher mais velha gesticulou para uma cadeira junto à mesinha perto do portal oculto por uma cortina.

Além de vidente, madame Ifrita era uma das informantes mais confiáveis de Lydia. Normalmente as duas se encontravam a uma distância discreta de Londres, pois a mulher logo deixaria de ter trabalho se seus clientes suspeitassem que ela revelava as confidências deles a uma jornalista.

Como precisava de um disfarce e não havia tempo para se transformar num homem, Lydia tinha ido com Tamsin às lojas de segunda mão na Greek Street. Ali, montaram às pressas o suposto figurino de “cigana”. Na opinião de Lydia, o traje mais lembrava o de uma prostituta. Apesar de estar usando meia dúzia de anáguas de diversas cores, não se sentia vestida decentemente. Como nenhuma das donas anteriores das roupas era tão grande quanto ela, as bainhas ficavam muito acima dos tornozelos – assim como as bainhas de quase todas as meretrizes de Londres. Mas Lydia não tivera tempo para fazer alterações.

As mesmas dificuldades se aplicavam aos corpetes. Acabou comprando um escarlata e justo feito um torniquete, mas que se adequava bem, porque impedia que os seios de Lydia se projetassem do decote obscenamente cavado. Por sorte, a noite estava fria o bastante para exigir um xale.

Não querendo se arriscar com uma peruca de segunda mão – que deveria estar infestada com várias categorias de insetos –, Lydia recorrera a echarpes coloridas para fazer um turbante, com as pontas pregueadas artisticamente, que escondia o cabelo louro revelador e ajudava a camuflar as feições.

Não estava preocupada com a possibilidade de alguém notar a cor dos olhos, já que iria sair à noite e não deixaria ninguém chegar perto. Uma generosa aplicação de pintura, pó e joias baratas completavam o conjunto espalhafatoso.

– Eu deveria ser uma das suas parentes ciganas – explicou Lydia.

Ifrita ocupou a cadeira do outro lado.

– Inteligente. Eu sabia que você daria um jeito. Desculpe o chamado às pressas, mas a informação só chegou esta tarde e talvez você tenha muito pouco tempo para agir... se é que posso confiar na minha bola de cristal – acrescentou ela, piscando.

Os poderes de adivinhação da madame deixavam perplexos os crédulos, mas não espantavam Lydia. A jornalista sabia que a vidente operava praticamente do mesmo modo que ela, com o auxílio regular de uma rede de pessoas – algumas delas nem sabiam que a ajudavam. Como a informação era cara, ela pegou 5 soberanos e colocou-os enfileirados na mesa. Empurrou um na direção de Ifrita.

– A garota que Coralie trouxe de Paris veio me procurar hoje – avisou a vidente. – Annette quer retornar à França, mas está com medo... e tem toda a razão, como você bem sabe. Uma fugitiva de Coralie foi tirada do rio há dez dias, com o rosto retalhado e a marca do garrote no pescoço. Eu contei isso a Annette, e algumas outras coisas que ela acha que são segredo. Depois, peguei meu cristal mágico e lhe disse que vi Coralie e que há uma maldição sobre ela. Sangue pinga dos ouvidos e gotas de sangue estão em volta do pescoço e do pulso.

Lydia arqueou as sobrancelhas.

– Você não foi a única que viu madame Brees usando rubis no Jerrimer's – continuou Ifrita. – Quem me contou sobre eles os descreveu do mesmo modo que você. – Ela fez uma pausa breve. – Ouvi mais do que isso: que o duque de Ainswood apareceu e se encontrou com um rapaz bonito, conhecido dele, se bem que ninguém mais o conhecia. O duque descobriu que era você, não foi?

– Foi o maldito charuto dele – explicou Lydia. – Aposto qualquer coisa que foi isso que me entregou.

– E ele se revelou hoje na Exeter Street.

– Foi mesmo?

– Isso importa?

Importava, mas Lydia balançou a cabeça.

– No momento, quero saber é de Coralie.

Ela empurrou outra moeda na direção da mulher.

– A cafetina fica com as joias que seus lacaios roubam – informou Ifrita. – Ela tem uma queda por badulaques brilhantes, como aquelas pegas. Annette acha isso um absurdo, mas não é por isso que quer fugir. Ela disse que tem pesadelos com a garota assassinada. Mas a pequena fugitiva não foi a primeira que eles usaram para aterrorizar as outras. O problema da Annette é que ela viu ou participou da morte...

– E isso abalou sua delicada sensibilidade – interveio Lydia com uma pronunciada ironia. – Annette não é um cordeiro inocente, como você sabe muito bem.

– Foi por isso que quis logo conversar com você. Se a garota está tendo pesadelos, é bem provável que esteja visualizando o *próprio* rosto retalhado, e o arame ou a corda em volta do pescocinho bonito. Talvez ela tenha visto o que não deveria ver. Talvez haja outro motivo. Independentemente do que seja, não é qualquer besteira. Não tenho dúvida de que Annette vai tentar fugir. O que importa é que ela não é idiota a ponto de fugir como as outras garotas: a pé e sem um tostão. Ela vai roubar o máximo que puder carregar.

– Para poder alugar a diligência postal mais rápida para levá-la ao litoral.

Ifrita assentiu.

– Esta noite, ela ajuda Coralie e os valentões a amansar uma garota nova, logo não terá oportunidade de escapar. Amanhã à noite, precisa atender a um cliente especial. Talvez possa fugir depois disso, dependendo do tempo que o cliente exigir que ela fique. O único momento em que poderá roubar Coralie com alguma segurança é entre nove da noite, quando a cafetina sai, e a

madrugada, antes da volta dela. Annette vai precisar de uma boa dianteira e a perseguição será mais difícil se ela viajar sob o manto da escuridão. – A vidente fez uma pausa. – Não posso dizer com certeza que Annette vai pegar as joias. Eu lhe disse que os rubis eram amaldiçoados. Mas, se ela não conseguir pôr a mão em dinheiro suficiente, na certa vai desconsiderar a maldição.

– Então é melhor eu ir atrás das joias antes dela – concluiu Lydia, sem demonstrar a inquietação que sentia. Precisaria pedir a ajuda de Helena rapidamente e duvidava que a cortesã fosse se entusiasmar.

Empurrou outra moeda para a vidente. Ifrita a empurrou de volta, balançando a cabeça.

– Resta pouca coisa para contar. No momento, Coralie mora no número 14 da Francis Street, perto da Tottenham Court Road. Geralmente sai por volta das nove horas com seus dois brutamontes. Um serviçal, Mick, também um gorila, fica para vigiar a casa. Com frequência, uma garota permanece também, para entreter esse homem ou alguém de um grupo seleto de clientes.

Sem dúvida Helena não gostaria disso, pensou Lydia. Gente demais nas redondezas. Mas era a única ladra profissional que ela conhecia intimamente, e não havia tempo para localizar alguém com a experiência necessária. Aquele serviço não era para um amador. Lydia não podia se arriscar com um trabalho malfeito. Se fosse morta, Tamsin, Bess e Millie ficariam desamparadas – e provavelmente logo iriam para as ruas.

Helena era a pessoa certa. Só precisava ser convencida, e para isso seria necessária muita conversa. Lydia tinha que correr contra o tempo: despediu-se da madame e saiu às pressas.

Já do lado de fora, desacelerou o passo. Apesar de ter uma carruagem de aluguel esperando a algumas ruas dali, conteve-se para não correr feito louca até lá. Ainda era cedo demais para o submundo sair em grupos pelas ruas, mas os habitantes da noite já

começavam a se juntar. Uma partida apressada poderia atrair a perseguição por parte dos bêbados. Lydia obrigou-se a atravessar casualmente a praça.

Quando passou por um pórtico e se afastou do mercado para entrar na James Street, uma figura alta saiu das sombras do pórtico oposto e se virou na mesma direção.

Só com um olhar, conseguiu se certificar da identidade dele e, exatamente em dois segundos, decidiu que não iria pela mesma rota.

Fingindo reconhecer alguém no mercado, Lydia mudou seu trajeto.

## CAPÍTULO 7

O duque de Ainswood estava quase desistindo de revirar Covent Garden em busca de sua presa. Mesmo que a górgona tivesse saído sozinha, como dissera Purvis, isso não significava que aquela era a única oportunidade de agarrá-la. Não havia pressa, lembrou Vere. Ele poderia esperar, escolher o momento perfeito para lhe dar uma lição. Não carecia de meios para se divertir nesse meio-tempo.

Ainswood não estava impaciente por não tê-la visto aquele dia. Não sentia falta de sua companhia irritante e provocadora. Ou do som de sua voz altiva. Ou da visão de seu rosto irritantemente belo. Ou daquele corpo desenhado pelo diabo, curvilíneo, de pernas longas...

Seu pensamento ficou incompleto e ele parou de andar, pasmo, quando uma mulher saiu caminhando da praça sombreada, os quadris oscilando, as anáguas batendo nos tornozelos torneados. Enquanto ela se afastava da James Street e entrava num mercado – ao que parecia, alguém ali a atraía –, a brisa da noite levantou o xale colorido, revelando uma vastidão de seios generosamente redondos, de dar água na boca.

Por um instante, tudo que Vere pôde fazer foi olhar, atarantado, e se perguntar se estaria embriagado. Mas não tivera tempo de beber naquela noite e sua visão estava em ordem. Portanto, a dona que andava petulante pelo Covent Garden no meio da noite era Lady Grendel, em carne e osso.

Partiu instantaneamente atrás dela, serpenteando em meio aos grupos de homens e mulheres no lado leste do mercado. Viu-a

diminuir o passo, depois parar na passagem ao lado do café Carpenter's. Então o turbante sumiu de vista.

Quando Mallory já ia entrar no beco, por acaso olhou à esquerda. Diante de uma florista aleijada que estava sentada num cesto podre e emborcado, a suposta cigana se agachou, segurando a mão da garota e examinando a palma. Vere chegou mais perto. Concentradas na conversa, as duas mulheres não notaram sua aproximação.

– Meu futuro é todo torto, não é? – disse a florista. – Igual a mim. Toda torta. Ouvi falar de um médico na Escócia que poderia me ajudar, mas é muito longe, e a passagem de carruagem é cara demais. E todos os médicos chiques são caros, não são? Ontem à noite um cavalheiro disse que me daria 1 guinéu para entrar num quarto da praça com ele. Eu recusei, mas depois fiquei achando que era uma tola. Ele disse que vem de novo esta noite. Eu gostaria que ele não viesse, porque é mais fácil ser boa quando ninguém promete dinheiro para a gente ser má. E 1 guinéu é muito dinheiro.

Vere não queria pensar no tipo de sujeito que tentava seduzir aleijadas indefesas. De qualquer modo, não tinha tempo para isso; dispunha apenas de um instante para pensar na estratégia.

Então lhe veio à mente uma imagem da Srta. Melodrama imitando-o na Blue Owl, fingindo estar bêbada.

– Só 1 guinéu? – exclamou com a voz engrolada. – Por uma beldade tão grande?

Dois rostos adoráveis espantados, um pintado e um não, olharam-no. Cambaleando, ele avançou.

– Por Deus, eu daria 20. – Ele pegou sua bolsa. – Só pelo privilégio de olhar para você, florzinha. Aqui. – Ele se curvou e, desajeitadamente, pôs a bolsa nas mãos da florista. – Agora me dê seus buquês. Essas coisinhas estão sem graça, sabe? Perto de você elas parecem ervas daninhas. Não é de espantar que ninguém as esteja comprando.

A Srta. Rainha Cigana se levantou enquanto a pequena florista permanecia encolhida em cima do cesto podre, com a bolsa apertada contra a barriga, os olhos arregalados encarando-o.

– É melhor ir para casa – disse Vere à garota –, antes que alguém venha arrancar seus lucros.

Com o cuidado exagerado dos que estão num porre catastrófico, ele ajudou-a a se levantar e se firmar na muleta. Enquanto a Srta. Meretriz Pintada Seminua ajudava a garota perplexa a esconder a bolsa na roupa, ele acrescentou:

– Vá amanhã à enfermaria do Sr. Hay. Ele é um médico muito bom. – Ainswood lhe deu o endereço, depois pegou um cartão meio amassado no bolso do colete. – Entregue isso a ele e diga que eu respondo por você.

A florista gaguejou um agradecimento e se afastou mancando. Vere observou-a andar e virar a esquina sudeste do mercado, sumindo de vista. Então voltou a olhar para sua presa – ou melhor, para o ponto em que a vira pela última vez, porque ela havia sumido.

Após examinar freneticamente a praça do mercado, Vere avistou o turbante espalhafatoso passando no meio de alguns grupos de vagabundos, rumando para o norte. Alcançou-a perto da Russel Street. Bloqueando-lhe o caminho, tirou o monte de buquês de baixo do braço, onde os enfiara distraidamente, e estendeu-os para ela.

– Doces para o doce – disse, citando *Hamlet*.

Dando de ombros, ela pegou as flores amassadas.

– Adeus – falou ela, e começou a se afastar.

– Você está enganada – replicou ele, seguindo-a. – Esse foi só o começo.

– Foi, sim. Mas a fala termina com “adeus” e a rainha Gertrude espalha as flores – retrucou Lydia, fazendo exatamente o que acabara de descrever.

– Ah, uma atriz! Esse figurino de cigana é para divulgar uma

peça nova, imagino.

– Já fui atriz em épocas melhores – disse ela sem diminuir o passo. – E quiromante em tempos mais difíceis. Como o atual.

Grenville novamente havia adotado a voz de outra pessoa, mais aguda e mais suave do que a verdadeira, com um sotaque mais áspero. Se Purvis não tivesse dito que ela estaria disfarçada, ou se Vere estivesse tão bêbado quanto fingia, ela poderia tê-lo enganado.

Ainswood não dava para saber se sua interpretação a iludia, se ela acreditava mesmo que ele estava bêbado demais para desmascará-la ou se apenas entrara no jogo até encontrar um modo de escapar sem atrair atenção. Como se sua vestimenta – a pouca que havia – não estivesse berrando “Venha me devorar!”.

– Você deixou passar um bom número de ricos bem-vestidos que poderiam ter enchido sua palma generosamente com prata ou talvez com ouro – continuou ele. – Mas parou para uma garota aleijada que mal tinha uma moeda de cobre. Quase confundi você com um anjo.

Ela o olhou por sob os cílios, como se envergonhada.

– Nada disso. O senhor representou esse papel tão bem que eu só poderia me candidatar a figurante.

Se Grenville tivesse direcionado aquele olhar dengoso para qualquer outro homem, teria sido pressionada contra a parede de um beco em apenas nove segundos, com as saias acima da cabeça. A imagem fez a cabeça do duque latejar.

– Era o modo mais fácil de me livrar da garota – disse Vere casualmente. – E atrair sua atenção. Você já tinha atraído a minha, veja bem – acrescentou, fitando seus seios fartos. – Agora preciso que você leia a minha sorte. Suspeito fortemente que minha linha do amor fez uma curva para o lado melhor. – Ele tirou a luva e abanou a mão diante do rosto dela. – Poderia fazer a gentileza de olhar?

Grenville lhe deu um tapa na mão, afastando-a.

– Se é amor que o senhor quer, só precisa olhar dentro dos

bolsos. Se encontrar uma moeda aí, pode pegar qualquer flor noturna que está plantada aí em volta.

Enquanto outro sanguessuga batia sua carteira. De jeito nenhum.

Suspirando fundo, pôs a mão estapeada no peito.

– Ela me tocou – disse de modo comovente – e fui transportado às esferas celestiais. Cigana, atriz, anjo... não sei o que ela é nem como me tornei digno de seu toque, mas eu...

– És louco, totalmente louco, infelizmente! – gritou ela, espantando-o. – Ah, boa gente, tenha piedade dele!

Seu berro pareceu tão genuíno que várias prostitutas e clientes interromperam suas negociações para olhar.

– Tão louco quanto o mar e o vento, quando ambos disputam quem é mais poderoso – declamou ela.

Vere lembrou vagamente que a fala era de Ofélia. Se ela achava que ele iria representar Hamlet – que havia perdido a moça –, estava muito enganada.

– Louco por ti! – exclamou ele em voz pungente. Uma prostituta ali perto riu. Sem se abalar, ele anunciou aos espectadores: – Na desolada escuridão de minha existência cansada, ela surgiu, toda em cores ardentes, como a aurora boreal...

– Ó, poderes celestiais, curem-no! – gemeu Grenville.

– ... e me incendiou – continuou ele em tom emocionado. – Eis-me ardendo por apenas um sorriso desses lábios de rubi. Eis-me consumido no doce fogo da devoção imorredoura...

– Ó, que mente nobre é lançada aqui! – Com as costas da mão na testa, ela mergulhou num grupo de meretrizes que gargalhavam. – Abriguem-me, belas damas. Temo que este tolo extático seja levado a atos de desespero.

– Só o de sempre, queridinha – disse uma prostituta mais velha, gargalhando. – É o Ainswood, não sabe? E ele paga muito bem.

– Bela Aurora, tem pena de mim! – implorou Vere. Em seguida,

abriu caminho pelo grupo de homens em volta das mulheres. – Não fuja de mim, minha estrela chamejante, meu sol, minha lua e toda a minha galáxia.

– “Sua”? Quando, como, por que “sua”?

O turbante desapareceu rapidamente numa floresta de cartolas, mas, no momento que ela emergiu do grupo de homens que gargalhavam, Vere saltou para perto.

– Por decreto do amor – disse ele, e caiu de joelhos. – Doce Aurora, eis-me prostrado diante de ti...

– Isso não é estar prostrado – interrompeu-a, reprovadora. – Prostrado de verdade é deitado de cara no chão...

– De barriga para cima, ela quer dizer, Sua Graça! – gritou uma prostituta.

– Eu faria qualquer coisa pela minha deusa – prosseguiu ele acima das vozes ásperas da plateia masculina, sugerindo vários atos que poderia realizar na posição atual. Ainswood decidiu que mataria todos eles mais tarde. – Só espero que permitas que eu me levante desta terra decadente. Basta me chamar, e eu erguerei minha alma à tua nos reinos celestiais. Deixa que eu beba a ambrosia de teus lábios de mel e perambule pelo doce infinito de teu corpo celestial. E permita que eu morra em êxtase, beijando teus... pés.

– Ó vergonha! Onde está teu rubor? – Gesticulando para Ainswood enquanto seu olhar percorria a plateia, Grenville prosseguiu: – Ele finge adorar, mas vocês o ouviram. Ele ousa sujar meus ouvidos falando em lábios, em... em... – ela estremeceu – *beijos*.

Então se virou e começou a se afastar num farfalhar de anáguas.

Ainswood fora pego no jogo, mas não tanto para deixá-la escapar facilmente. Logo que ela se moveu, ele ficou de pé e correu atrás.

Foi quando percebeu a colisão iminente. Grenville mudou de direção e olhou por cima do ombro enquanto se dirigia às pressas

para as colunas da praça – no mesmo instante em que uma mulher vestida de preto saía das sombras.

Ainswood gritou “Cuidado!”, mas “sua Aurora” se chocou contra a mulher, jogando-a de costas contra uma coluna. Alcançou-as antes que as duas tivessem recuperado totalmente o equilíbrio e puxou a mulher dragão para longe.

– Por que não olha para onde anda, sua vagabunda? – berrou a mulher de preto.

Era Coralie Brees. Vere teria reconhecido a voz esganiçada a um quilômetro de distância.

– A culpa foi minha – interveio ele, notando os valentões que vinham atrás dela. – É uma disputa amorosa. Ela ficou tão envergonhada comigo que não conseguia enxergar direito. Mas agora você está melhor, não está, meu sol, minha lua e minhas estrelas? – perguntou a Aurora enquanto ajeitava o turbante dela, que havia se entortado.

Lydia empurrou sua mão.

– Mil desculpas, senhorita – disse, pesarosa, a Coralie. – Espero não tê-la machucado.

Vere apostaria 50 libras que a cafetina não era chamada de “senhorita” havia décadas – se é que algum dia tinha sido. Com certeza Grenville vira os dois brutamontes e se decidira, sabiamente, a favor da paz.

Porém, madame Brees não parecia nem um pouco aplacada. Isso deveria ser agradável para Vere, porque ele tinha o hábito de procurar encrenca, e os dois valentões lhe serviriam muito bem. Mas naquela noite o duque deveria fazer uma exceção. Como passara a tarde levantando tijolos, pedras e vigas, preferia reservar o resto de energia para Sua Alteza. Além disso, ela poderia facilmente cair nas mãos cobiçosas de outro sujeito enquanto Vere estivesse ocupado socando os homenzarrões.

Tirou o alfinete de jade da gravata e jogou-o para a cafetina.

Coralie pegou-o com habilidade e sua expressão se suavizou após um rápido exame.

– Sem ressentimentos, querida, espero.

Sem esperar por uma resposta, encarou Grenville com um sorriso bêbado.

– E agora, meu pavãozinho?

– O macho é que é colorido – retrucou ela, balançando a cabeça.

– A fêmea é feia. Não vou ficar aqui para ser chamada de desmazelada, Sir Maluco.

Num redemoinho de anáguas, ela começou a ir embora. Mas ele também se virou, rindo, para pegá-la no colo. Ela ofegou.

– Largue-me – ordenou, retorcendo-se. – Sou grande demais para você.

– E velha demais – retrucou Coralie acidamente. – Um naco de cordeiro grande demais, Sua Graça. Posso lhe dar ovelhinhas novas e delicadas.

Mas Vere já estava levando seu fardo agitado para as sombras, para longe da esganiçada ladainha da cafetina sobre as jovens empregadas.

– Grande demais? – perguntou ele à suposta cigana. – Onde, meu tesouro? Veja como minha cabeça se encaixa direitinho no seu ombro. – Ele demonstrou e deixou o olhar se demorar nos territórios luxuriantes mais embaixo. – E vai se encaixar confortavelmente em seus seios, garanto. Também asseguro – continuou, habilmente passando a mão em seu traseiro – que há o bastante aqui...

– Ponha-me no chão – ordenou ela, debatendo-se. – Acabou o jogo.

*Nem de longe*, pensou Vere, carregando-a até a porta de um estabelecimento bastante familiar, onde os quartos do andar de cima podiam ser alugados por hora.

– Ouça-me, Ain...

Ele interrompeu seu discurso com a boca ao mesmo tempo que

chutava a porta e a levava para um corredor mal iluminado.

Lydia se retorceu com mais força e afastou a boca. Ele a colocou no chão para deixar as mãos livres e segurar sua cabeça enquanto a beijava outra vez, numa seriedade acalorada, como queria fazer desde o instante em que ela começara a provocá-lo.

Sentiu-a enrijecer. Seus lábios se comprimiam, rejeitando-o, e a ansiedade borbulhou por dentro dele.

Grenville não sabia beijar, lembrou-se. *Ela é inocente!*, gritou uma voz interior. Mas era a sua consciência, que ele havia parado de ouvir um ano e meio atrás.

Ela estava representando, disse a si mesmo, e fazendo papel de inocente. Não era uma garota inexperiente, mas uma mulher adulta, com o corpo feito para o pecado, feito para ele, pecador de coração negro.

Mesmo assim, se Grenville queria bancar a donzela arisca, estava disposto a entrar no jogo. Suavizou o beijo, passando de uma exigência lasciva para uma persuasão paciente. Amenizou também o toque, aninhando a cabeça dela como se fosse uma mariposa cativa.

Sentiu Grenville estremecer e sua boca relaxou. Sentiu também uma dor aguda, como se alguém o tivesse esfaqueado no coração. Só podia ser a luxúria. Envolveu-a com os braços, puxou-a para perto e ela não resistiu. Sua boca, abençoadamente suave, pareceu ferver sob a dele. Vere também estava fervendo, pegando fogo, ainda que aquele fosse o mais casto dos abraços.

O que o fazia arder, acreditou, era o fato de sua vítima bancar a inocente. Era a impaciência para tomar algo pelo que, geralmente, ele não precisava se esforçar nem mesmo pedir.

Nunca tivera trabalho para ganhar mulheres. Um olhar, um sorriso, e elas vinham – em troca de uma moeda ou por desejo mútuo – e todas sempre sabiam o que fazer, porque as mulheres que sabiam eram as únicas que ele escolhia.

Grenville fingia não saber, por isso Vere fez o papel de professor.

Ensinou-lhe, instigando a boca suave a se abrir para ele, depois sentiu o gosto dela pouco a pouco enquanto o perfume o envolvia, até que cheiro e sabor se mesclavam e ferviam em seu sangue.

Percebeu o coração martelar furioso, ainda que tudo não passasse de um beijo cada vez mais intenso, não mais do que o prelúdio excitante.

As batidas loucas eram apenas a impaciência com aquele jogo. E foi em nome do jogo que suas mãos se moveram lentamente do reino inócuo dos ombros e foram para trás, descendo pela linha flexível da coluna até a cintura que suas mãos enormes podiam cobrir com facilidade. Depois, devagar, acariciando, continuou a descer, até os reinos que as inocentes não deixariam um homem tocar. Era o jogo perverso que levava suas mãos a tremerem ao se moldarem à curva luxuriosa do traseiro dela. Era o que o fazia gemer contra a boca de Lydia enquanto a apertava contra o corpo, contra sua vara inchada, que forçava a calça.

*Longe demais!*, exclamou a voz enferrujada da consciência. *Você está indo longe demais!*

Não era longe demais, ele teve certeza, porque ela não tentava se afastar. Em vez disso, suas mãos passaram por seu corpo, hesitantes, como se fosse a primeira vez que se atracava com um homem, que percorria ombros e costas masculinas. Ainda levando adiante o jogo, Grenville fingia ser tímida, e não desceu abaixo de sua cintura.

Vere interrompeu o beijo para dizer que ela não precisava ser tímida, mas não conseguiu emitir as palavras, pois teve uma vontade irresistível de enfiar o rosto no pescoço dela, inalando seu perfume, fazendo uma trilha de beijos pela pele quente de seda.

Sentiu-a estremecer, ouviu seu gritinho fraco, surpreso, como se tudo aquilo fosse novo. Mas não podia ser.

Os dois estavam ofegantes. Quando ele deslizou a mão para envolver-lhe o seio, sentiu o mamilo duro contra a palma, através do

corpete espantosamente inadequado. Ainswood puxou para baixo o pouco tecido que havia ali e encheu as mãos com o seio, como já sonhara tantas vezes.

– Linda. – Sua garganta estava apertada, dolorida. Ele sentia uma ardência no corpo todo. – Você é linda demais.

– Ah, meu Deus, não. – O corpo dela se enrijeceu. – Não posso...  
– Ela agarrou as mãos dele. – Ainswood, seu maldito. Sou *eu*, seu idiota bêbado. *Sou eu, Grenville.*

Para a consternação atônita de Lydia, Ainswood não se encolheu, horrorizado.

Pelo contrário, ela estava tendo uma dificuldade demoníaca para arrancar as mãos de seus seios.

Lydia repetiu cinco vezes “Sou eu, Grenville”, mas ele continuou acariciando-a e beijando um lugar extremamente sensível atrás de sua orelha, que até agora ela não sabia ser sensível.

– Pare! – ordenou no tom firme que costumava usar com Susan.

Então ele a soltou e logo mudou do amante ardoroso que lhe dizia ser linda – fazendo-a sentir que era a mulher mais linda e desejável de todo o mundo – para o pateta insuportável que era geralmente... com uma dose a mais de grosseria que ela poderia considerar cômica se não estivesse tão enojada consigo mesma.

Ela nem havia fingido resistência. Sabia que ele era um devasso, e do pior tipo, aquele que despreza as mulheres, mas se deixara seduzir.

– Deixe-me explicar uma coisa, Grenville – rosnou ele. – Se você quer fazer joguinhos com um homem, deve estar preparada para levá-los até o final. Porque, caso contrário, você deixa o sujeito de *mau humor.*

– Você nasceu de mau humor – retrucou Lydia, puxando o corpete para cima.

– Eu estava num humor excelente até um minuto atrás.

O olhar de Lydia baixou até as mãos malignamente hábeis de Ainswood. Elas deveriam ter sinais de alerta tatuados. Ele a acariciara e semidespira e ela não tinha oferecido ao menos um sussurro de protesto.

– Tenho certeza de que você vai se animar logo – rebateu Lydia.

– Só precisa sair pela porta. Covent Garden está cheio de prostitutas ansiosas para deixá-lo feliz.

– Se não queria ser tratada como uma vagabunda, não deveria se vestir como uma. – Ele fitou o corpete com uma carranca. – Ou será que eu deveria dizer “se despir”? Obviamente você não estava usando espartilho. Nem camisola. Acho que também não se incomodou em pôr ceroulas.

– Eu tinha um bom motivo para me vestir assim. Mas não vou me explicar. Você já desperdiçou demais o meu tempo.

Ela foi até a porta.

– Você deveria pelo menos ajeitar a roupa – replicou Vere. – O turbante está torto e as saias estão para tudo quanto é lado.

– Tanto melhor. Todo mundo vai saber o que andei fazendo, e talvez eu consiga sair deste lugar imundo sem ter a garganta cortada.

Ela abriu a porta e parou, olhando ao redor. Não viu sinais de Coralie ou dos guarda-costas. Olhou de volta para Ainswood. Sentiu um peso na consciência.

Ele *não* parecia nem um pouco solitário ou perdido, disse à consciência idiota. Estava carrancudo, só isso, porque a confundira com uma prostituta e se dera o trabalho de persegui-la e seduzi-la em troca de nada.

Se Ainswood não fosse tão bom naquilo, ela teria interrompido os procedimentos antes que eles acontecessem de verdade, e o duque poderia ter encontrado outra pessoa...

E poderia tê-la envolvido com seus braços fortes e a beijado com

tanta doçura e ardor quanto qualquer príncipe encantado, e a acariciado, feito com que ela se sentisse a princesa mais linda e desejável do mundo.

Mas Lydia Grenville não era uma princesa e Vere Mallory não era o príncipe encantado.

Ela saiu. Só depois de fechar a porta é que disse baixinho:

– Desculpe.

Em seguida, afastou-se rapidamente da praça e adentrou a James Street.

Vere estava furioso, por isso deixou-a ir. Como ela o lembrara de modo tão irônico, Covent Garden estava cheio de prostitutas. Como ele não conseguira o que desejava, poderia muito bem obter com outra.

Mas a imagem dos devassos olhando-a pairou em sua mente. A visão provocou um fluxo de sensações desagradáveis que ele não queria identificar. Praguejou violentamente e foi correndo atrás dela.

Alcançou-a na Hart Street, a meio caminho da Long Acre. Quando chegou ao lado, ela o encarou, irritada.

– Não tenho tempo para entretê-lo, Ainswood. Tenho coisas *importantes* a fazer. Por que não vai assistir a uma pantomima, a uma briga de galos ou a qualquer outra coisa que apele à sua mente atrofiada?

Um passante se deteve e olhou com lascívia para seus tornozelos.

Vere deu o braço a ela e começou a caminhar.

– Eu sabia que era você, Grenville, o tempo todo.

– Isso é o que você diz. Mas sei que você nunca teria feito... o que fez se tivesse percebido que era a irritante Grenville em vez de uma vagabunda boazinha e amigável.

– Você é muito presunçosa: acha que seu disfarce é tão bom que

eu jamais poderia identificá-la.

Ela o fuzilou com os olhos.

– Então a bebedeira era só um fingimento. Isso é ainda pior. Se você sabia que era eu, só poderia ter um motivo para... para...

– Só há um motivo para isso.

– Vingança – completou ela. – Você está ressentido pelo que aconteceu no beco há duas semanas.

– Eu gostaria que você olhasse para si mesma. Você está praticamente sem roupa. De que outro motivo um sujeito precisa?

– Você precisaria de mais motivos. Você me odeia.

– Não fique tão lisonjeada. – Ele franziu a testa. – Você é apenas irritante.

Esse era o maior eufemismo do ano. Ela o provocara, o deixara totalmente agitado e excitado... e o fizera parar, justo quando estavam chegando à parte boa.

Pior ainda: o fizera duvidar. Talvez ela não estivesse representando. Talvez nenhum outro homem a tivesse tocado. Pelo menos não daquele jeito.

De qualquer modo, precisava saber. Porque, se Grenville fosse de fato uma novata, Vere não iria se incomodar com ela de novo.

Não via utilidade nas virgens. Nunca tivera uma e não pretendia ter. Não se tratava de escrúpulos morais. Uma virgem dava trabalho de mais e recompensava de menos. Como ele nunca fora para a cama mais de uma vez com qualquer mulher, não perderia tempo com uma principiante. Não se esforçaria para treiná-la só para que outro sujeito pudesse desfrutar de todos os benefícios.

Só havia um modo de resolver essa questão de uma vez por todas: o modo direto. Trincou os dentes, segurou-a com um pouco mais de firmeza e perguntou:

– Você é virgem, não é?

– Achei que isso fosse óbvio – respondeu ela com o queixo

erguido. E as bochechas em chamas, talvez; não dava para ter certeza, sob as sombras móveis da lâmpada a gás.

Então ele se lembrou de como a pele dela era milagrosamente lisa e como ela havia tremido sob seu toque. E sentiu de novo a pontada no coração.

Luxúria, disse a si mesmo. O que sentia era apenas luxúria. Grenville era linda e tinha formas generosas, os seios fartos haviam enchido as suas mãos, e ela cedera com tanta doçura e calor, percorrendo-lhe o corpo... até onde a timidez permitira.

Essa era a incongruência mais louca: conectar a palavra "timidez" com uma mulher que dirigia uma carruagem loucamente pelas ruas de Londres, como se estivesse no Coliseu e fosse a condutora campeã de bigas. Tímida aquela mulher que escalava casas, saltava em cima de um homem num beco escuro brandindo a bengala com a precisão e a força de um atleta profissional.

Tímida, ela.

Virgem, ela.

Isso era ridículo, insano.

– Choquei você – percebeu Lydia. – Você está sem fala.

E estava mesmo. Tarde demais, ele notou que haviam chegado à Long Acre. Também notou que seu aperto mortal provavelmente deixaria um hematoma no braço dela, então soltou-a.

Ela se afastou, repuxou o corpete – sem muito sucesso, já que não havia pano suficiente para cobrir mais do que os mamilos – e ajeitou o xale de modo mais recatado. Depois, levou os dedos aos lábios e soltou um assobio de furar os tímpanos.

A pouca distância, rua abaixo, uma carruagem veio na direção deles.

– Eu o contratei para a noite toda – informou Lydia enquanto Vere esfregava o ouvido. – Sei que estou parecendo uma vagabunda e sabia que não deveria andar muito com esta fantasia. Não estava tentando atrair encrenca, não importa o que você pense. Estava

saindo de Covent Garden quando vi você. Só voltei para o mercado para evitá-lo. Caso contrário...

– Dois passos é demais para uma mulher sem acompanhante, principalmente nesta área, depois do anoitecer. Você deveria ter arranjado alguém para atuar como guarda-costas. Um dos sujeitos com quem você trabalha, por exemplo. Sem dúvida há um grande ou feio o bastante para manter longe os devassos.

– Um guarda-costas. – Ela se mostrou pensativa. – Quer dizer, um sujeito grande e intimidador. É disso que eu preciso.

Ele assentiu.

A carruagem parou junto ao meio-fio, mas ela não pareceu notar: estava olhando Vere de cima a baixo, como se avaliasse um cavalo num leilão.

– Sabe, Ainswood, talvez você esteja certo.

Grenville dissera que tinha um bom motivo para se vestir daquele jeito. Ainswood não perguntara qual era o motivo. Não precisava saber, disse a si mesmo. Fizera a única pergunta pertinente e, como recebera a resposta, não havia por que se demorar ali.

– Adeus, Grenville – disse com firmeza. – Tenha uma viagem agradável aonde quer que você vá.

Ele se virou para ir embora, mas Lydia segurou seu antebraço.

– Tenho uma proposta.

– Seu cocheiro está esperando.

– Ele vai continuar esperando. Eu paguei pela noite toda.

– Você não vai me comprar por nenhum período de tempo.

Vere tirou a mão dela do braço, como se estivesse se livrando de uma lesma. Grenville deu de ombros e seu xale escorregou, desnudando um ombro branco e praticamente um seio inteiro.

– Muito bem, como quiser. Não vou implorar. De qualquer forma, talvez fosse errado da minha parte pedir: a aventura seria perigosa demais para você.

Ela disse algo em voz baixa ao cocheiro. Enquanto trocava

segredos com ele, seu xale escorregou mais ainda.

Vere xingou baixinho. Sabia que estava sendo manipulado. Ela mostrava um pedaço de pele e dizia as palavras mágicas, “perigosa demais” – qualquer um que o conhecesse devia saber que eram irresistíveis – e esperava que ele corresse atrás.

Bom, se Lydia Grenville achava que podia provocar Vere Mallory num frenesi de empolgação com um truque tão fraco e batido assim... estava certa.

Maldição.

Abriu a porta da carruagem, “ajudou-a” a subir pondo a mão firme no seu traseiro e entrou em seguida.

– Espero que seja algo bom – disse, desabando no assento ao lado dela. – Espero que seja perigoso demais mesmo.

## CAPÍTULO 8

Lydia resumiu para ele a história da herança da Srta. "Price" desde a agressão e o roubo na estalagem de carruagens até as descobertas daquela noite.

Ela não revelou a identidade de Tamsin nem a carreira anterior de Helena como ladra. Apenas explicou que pretendia pedir a ajuda de outra pessoa e que voltaria ao plano original se Ainswood preferisse não invadir o covil de assassinos que gostavam de retalhar o rosto das vítimas antes ou depois de estrangulá-las.

Sua Graça apenas resmungou. Ficou sentado, de braços cruzados, sem fazer qualquer comentário durante toda a narrativa. Mesmo quando ela parou de falar e esperou suas perguntas – certamente o duque teria muitas –, Mallory permaneceu em silêncio.

– Estamos quase chegando – avisou Lydia ao olhar pela janela. – Talvez você prefira ver o local antes de se comprometer.

– Conheço a região. É de uma respeitabilidade chocante para Coralie Brees. Na verdade, fico pasmo por ela poder pagar. – Ele olhou de esguelha para Lydia. – Me atrevo a dizer que você tem um critério único para selecionar pessoas íntimas, de extremos opostos: uma é uma prostituta caríssima; a outra mal passa de uma colegial. Você conhece a Srta. Price há apenas algumas semanas, mas pretende arriscar o pescoço para recuperar as coisas dela.

– O valor é sentimental. Você não entenderia.

– E nem quero. As mulheres vivem se preocupando com trivialidades. Sei que um rasgo numa meia é uma catástrofe. Você pode "entender" o que quiser. Eu cuido das chatíssimas questões

práticas, como o modo de entrar e sair sem ser detectado. Caso contrário, provavelmente terei que matar alguém, e Jaynes vai me importunar até o fim dos tempos. Ele sempre fica de péssimo humor quando chego em casa com manchas de sangue na roupa.

– Quem é Jaynes? – perguntou Lydia, momentaneamente distraída.

– Meu criado.

Lydia se virou para examiná-lo.

O cabelo denso e escuro de Ainswood parecia ter sido penteado por um jardineiro bêbado com um ancinho. O nó do seu lenço de pescoço amarrotado estava quase desfeito. O colete estava desabotoado e uma ponta da camisa pendia para fora da calça.

Lydia tinha uma consciência acalorada de que havia causado parte do desalinho. Mas não todo, esperava com fervor. Não se lembrava de ter desabotoado nem puxado nada para fora. O problema era que não tinha certeza de que sua memória fosse mais confiável do que o raciocínio e o autocontrole haviam sido.

– Seu criado deveria ser enforcado – comentou Lydia. – Ele deveria pensar no seu título, no mínimo, antes de permitir que você saísse de casa tão desarrumado.

– Olha só quem fala. Pelo menos eu estou com toda a minha roupa.

Ele nem ao menos lançou um olhar à própria vestimenta. Não ergueu um dedo para abotoar o casaco, arrumar a camisa ou ajeitar a gravata. Lydia precisou cruzar as mãos com força no colo para não fazer isso.

– A questão é que você é o duque de Ainswood.

– Não é minha culpa.

Ele olhou irritado pela janela.

– Gostando ou não, é isso que você é. Como duque de Ainswood, você representa algo maior do que você mesmo: uma linhagem nobre que remonta a séculos.

– Se eu quisesse um sermão sobre minhas obrigações para com o título, iria para casa, assim ouviria o Jaynes pregar – retrucou, ainda olhando para fora. – Estamos chegando perto da Francis Street. É melhor eu descer para examinar a região. Você chama atenção demais.

Sem esperar pela concordância, Vere orientou o cocheiro a parar a uma distância segura da casa. Enquanto ele abria a porta, Lydia disse:

– Espero que você não tente algo por conta própria. Essa ação demanda um planejamento cuidadoso. Não sabemos quantas pessoas estão lá dentro esta noite, por isso você não pode invadir de supetão...

– Talvez o roto pudesse parar de falar mal do esfarrapado. Eu sei o que fazer, Grenville. Pare de se alvoroçar.

Com isso, ele saiu rapidamente.

No dia do crime, Lydia se levantou tarde, em parte porque havia chegado em casa tarde demais também. Quando Ainswood voltou depois de examinar o local, os dois tinham passado mais de uma hora discutindo. Ele pusera na cabeça de lesma a ideia de executar o plano com seu criado incompetente, e não com ela. Lydia tivera que desperdiçar um bocado de energia para dar fim a essa imbecilidade antes que pudessem chegar à questão crucial de planejar o roubo.

Dessa forma, só havia ido para a cama quase às três da madrugada. Deveria ter caído no sono depressa, com a cabeça tranquila, porque o plano com o qual enfim tinham concordado era simples e direto, e os riscos eram consideravelmente menores com a participação dele, e não da Helena.

A consciência de Lydia também estava em paz. Não precisava pedir que Helena pusesse a perder tudo que havia conquistado – isso sem contar a própria vida e algum membro – em nome de uma

jovem desconhecida. Quem agiria seria Ainswood, que cortejava constantemente o perigo e nem pensava duas vezes antes de arriscar o pescoço sem valor por causa de uma aposta.

Não foi a consciência nem as dúvidas sobre o futuro que mantiveram Lydia acordada e, sim, o demônio interior.

As imagens que preenchiam sua mente não eram dos perigos que enfrentaria na próxima noite, mas dos que já havia experimentado: braços poderosos esmagando-a contra um corpo rijo como pedra; beijos lentos, meticulosos, que drenavam qualquer bom senso; mãos grandes que roubavam seu autocontrole, fazendo-a apenas desejar mais.

Discutiu com o demônio. Só uma pessoa autodestrutiva iria querer alguma ligação com Ainswood. Ele usava as mulheres e as descartava. Lydia perderia o respeito por si mesma se fosse para a cama com um homem que não a respeitava, perderia também o respeito do mundo, já que ele certamente revelaria o caso ao mundo inteiro.

Lembrou-se de quanto tinha a perder. Até mesmo os leitores de mente mais aberta duvidariam de seu julgamento, senão sua moral, se tomasse o mais famoso libertino de Londres como amante. Disse a si mesma que era insano sacrificar sua influência, por mais limitada que fosse, no altar do desejo carnal.

Mas não conseguia aquietar o demônio interior que a instigava a consumir o desejo, mandando as consequências para o raio que as partam.

Portanto, Lydia só caiu num sono intermitente ao raiar do dia, e desceu para o café da manhã após o meio-dia.

Quando Lydia chegara em casa, Tamsin estava dormindo e já havia acordado horas antes. Entrou na sala de jantar no instante em que Lydia se sentou, e começou o interrogatório assim que ela tomou o primeiro gole de café.

– Você deveria ter me acordado ao chegar – censurou a jovem. –

Tentei ficar acordada, mas cometi o erro de pegar um volume dos *Comentários sobre as leis de Inglaterra* para ler na cama. Foi o mesmo que tomar uma enorme dose de láudano. O que madame Ifrita queria falar de tão urgente?

– Ela descobriu uns podres de Bellweather. Se for verdade, teremos um artigo delicioso sobre o nosso arquirrival para o próximo número. Esta noite vou descobrir a autenticidade das informações.

Ela não podia contar a verdade a Tamsin. A garota faria um estardalhaço, como Ainswood na noite anterior. Pior, ela passaria a noite inquieta.

Deixando a grande mentira de lado, Lydia passou a contar uma versão editada de seu encontro com Mallory. Omitiu todas as referências ao crime planejado, mas não o abraço tórrido na passagem escura da praça. Uma coisa era proteger Tamsin de preocupações desnecessárias; outra totalmente diferente era fingir ser menos idiota do que era.

– Por favor, não pergunte o que fiz com meu cérebro – disse ao concluir a história –, porque já me questionei isso umas cem vezes.

Ela tentou engolir a comida que vinha remexendo no prato, mas parecia ter perdido o apetite junto com a cabeça.

– Foi uma tremenda desconsideração da parte dele – comentou Tamsin, de testa franzida, fitando o desjejum abandonado – comportar-se com nobreza duas vezes no mesmo dia. Primeiro na Exeter Street, depois com a tal florista. E em ambas sob sua observação.

– Três vezes – corrigiu Lydia, tensa. – Ele parou quando eu mandei, lembre-se disso. Se não tivesse parado, não sei bem se eu teria lutado tanto para preservar a virgindade.

– Talvez haja um homem decente dentro dele lutando para sair.

– Nesse caso, o homem decente tem uma batalha pela frente. – Lydia encheu a xícara de novo e bebeu. – Ontem à noite você

conseguiu examinar os livros e anotações que eu deixei na minha mesa?

– Consegui. Foi tudo muito triste, sobretudo o último enterro, o do menininho que morreu de difteria... só seis meses depois do pai.

O pai do garoto, o quinto duque, tinha morrido após se ferir gravemente num acidente de carruagem.

– O pai dele nomeou Ainswood como guardião de três crianças – disse Lydia. – O que você acha que deu no quinto duque para deixar os filhos aos cuidados do maior devasso da Inglaterra?

– Talvez o quinto duque conhecesse o homem decente.

Lydia pousou a xícara.

– E talvez eu só esteja procurando desculpas, tentando me justificar por sucumbir ao rosto bonito, ao físico portentoso e às habilidades sedutoras de um libertino experiente.

– Espero que você não esteja caçando desculpas por minha causa. Eu não a julgaria se você fosse para a cama com ele. – Por trás dos óculos, seus olhos castanhos brilharam. – Pelo contrário, ficaria bastante curiosa. Apenas pela informação, é claro. E você não precisaria encenar.

Lydia tentou lançar um olhar irritado, mas sua boca trêmula estragou o efeito. Então ela cedeu e gargalhou, e Tamsin riu junto.

A garota era um doce, pensou Lydia. Com algumas poucas palavras, havia afastado o clima soturno – não pela primeira vez. Era possível contar quase tudo a Tamsin. A menina era compreensiva e tinha raciocínio rápido, coração aberto e um delicioso senso de humor.

Seus pais não haviam apreciado o que tinham. O pai a abandonara e a mãe a obrigara a ir embora, quando seria tão fácil mantê-la. Ela não pedia nada. Ansiava por ser útil, ficava empolgada em executar tarefas. Nunca reclamava das longas horas que passava sozinha enquanto Lydia trabalhava. O mais tedioso trabalho de

pesquisa era uma aventura para ela. As criadas a amavam. Susan também.

Ainda que Lydia tivesse aprendido muito antes a não depender do auxílio da Providência, não conseguia deixar de ver a jovem companheira como um presente dos céus. Naquela noite, se tudo corresse bem, Lydia poderia dar em troca um presente pequeno, mas precioso. Era isso que importava, lembrou a si mesma.

Levantou-se, ainda sorrindo, e desarrumou o cabelo de Tamsin.

– Você não comeu praticamente nada – disse a jovem. – Mas pelo menos recuperou o ânimo. Eu gostaria que fosse tão fácil assim animar a Susan.

Só então é que Lydia percebeu que a sala de jantar não continha nenhum canino fingindo estar nos últimos estágios da desnutrição.

– Ela desdenhou o desjejum – informou Tamsin. – Arrastou-me até a Soho Square, depois me arrastou de volta para casa, três minutos mais tarde. Não queria caminhar. Foi para o jardim, se deitou com a cabeça nas patas e me ignorou quando tentei brincar com a bola. Também não queria perseguir gravetos. Eu estava procurando o patinho dela no momento em que você desceu.

Susan tinha vários brinquedos. O velho patinho de madeira com a cordinha de puxar esgarçada era o predileto. Mas, se ela estava mal-humorada como parecia, o patinho não iria animá-la, Lydia tinha certeza.

– Ou ela comeu alguma coisa que caiu mal... um pequinês desgarrado, por exemplo... ou está de mau humor – afirmou a dona. – Vou dar uma olhada.

Dirigiu-se para os fundos da casa. Nem bem deu alguns passos, ouviu patas subindo a escada da cozinha. A porta dos empregados se abriu com estrondo e Susan disparou para dentro. Em sua corrida cega pelo corredor, trombou em Lydia e quase a derrubou.

Nesse instante, a aldrava soou e Bess saiu rapidamente da sala

de estar para atender à porta. Lydia recuperou o equilíbrio e foi às pressas atrás da cadela empolgada.

– Susan, *senta!* – ordenou, mas em vão.

A mastim partiu feito um raio, jogando a criada para o lado. Bess tropeçou e segurou a maçaneta da porta, que se abriu. Susan passou pela entrada e pulou em cima do homem parado na soleira. Lydia o viu cambalear para trás sob o peso da mastim um instante antes do próprio pé atingir em alguma coisa.

Ela tombou para a frente e viu o pato de madeira deslizar pelo chão enquanto desabava. Pouco antes de acertar o piso, foi puxada para cima e pressionada contra um corpo grande e rijo.

– Maldição, você nunca se incomoda em ver para onde está indo? – censurou-a uma voz familiar demais acima de sua cabeça que girava.

Lydia ergueu a vista... e viu os olhos verdes e risonhos do duque de Ainswood.

Quinze minutos depois, Lydia estava no escritório observando Sua Graça inspecionar os livros e móveis como se fosse um corretor avaliando a propriedade para um processo por dívida. Enquanto isso, Trent – que quase fora derrubado pela cadela –, Tamsin e Susan haviam partido para a Soho Square, pois Ainswood dissera para darem um passeio.

– Ah, *A vida em Londres*, do Sr. Pierce Egan – disse o duque, tirando a publicação da estante. – Um dos meus prediletos. Foi aqui que você ficou sabendo o que era uma chave de pescoço?

– Estou esperando uma explicação para a invasão da minha casa – disse ela friamente. – Eu lhe disse que iria pegá-lo às nove da noite. Quer que o mundo inteiro saiba que nós nos conhecemos?

– O mundo descobriu isso há um mês no Vinegar Yard. O mundo testemunhou a apresentação. – Ele não ergueu o olhar do livro. –

Você deveria pedir para George Cruikshank ilustrar para você. Purvis é muito parecido com William Hogarth. Você vai preferir o toque mais maroto de Cruikshank.

– Quero saber o que você pretende entrando aqui como se fosse dono da casa... e trazendo Trent.

– Eu precisava dele para tirar a Srta. Price do caminho – respondeu Ainswood, virando uma página. – Pensei que fosse óbvio. Ele vai mantê-la ocupada tentando descobrir o mistério de Carlos II, o que irá impedi-la de especular sobre minha vinda inesperada.

– Se você não viesse, ela faria isso.

Ele fechou o livro e colocou-o de volta na estante. Em seguida, examinou-a lentamente de cima a baixo. Lydia sentiu um arrepio quente na nuca, que se irradiou pelo corpo. Seu olhar baixou até as mãos dele. O desejo que haviam despertado na noite anterior envolveu-a outra vez, e ela precisou recuar e ocupar as mãos arrumando a mesa, para não agarrá-lo.

Desejou ter experimentando uma paixão colegial quando era menina. Assim estaria familiarizada com os sentimentos e os teria disciplinado, como já fizera com tantos outros.

– Pedi a Trent que levasse a Srta. Price ao teatro esta noite – disse ele.

Lydia retornou ao presente com um tremor. Trent e Tamsin no teatro. Juntos. Obrigou-se a pensar. Deveria ter alguma objeção.

– Jaynes não estará disponível para derrotá-lo no bilhar – continuou Ainswood, distraído-a. – E não posso deixar Trent por conta própria. Pensei em atraí-lo para a nossa conspiração...

– Para a nossa...

– ... mas a perspectiva de ter a ajuda especial do Trent, tropeçando, quebrando coisas, dando de cara em portas, facas e balas... fez meus pelos se arrepiarem.

– Se ele é tão trapalhão, por que diabos você o adotou? –

perguntou Lydia, tentando afastar a mente das imagens absurdas que Ainswood citara e voltar aos trilhos certos.

– Ele me diverte.

Ainswood foi até a lareira. Como o escritório era pequeno, ele não precisou andar muito, porém foi mais do que suficiente para demonstrar a graciosidade atlética com que ele se movia e a elegância das roupas que envolviam seu corpo musculoso.

Se o duque fosse apenas bonito, Lydia poderia olhá-lo com distanciamento. Era seu porte que ela achava tão... fascinante. Tinha uma consciência incômoda de como ele era forte, e da facilidade com que fazia uso da força. Na noite anterior, a carregara no colo sem esforço, fazendo-a parecer uma garota minúscula.

Jamais havia se sentido assim, nem quando era de fato uma menininha.

No momento, sentia-se uma idiota, como uma adolescente abobalhada. Esperava não estar parecendo tão imbecil e em transe. Arrastou o olhar para longe, para as próprias mãos.

– Não precisa ficar inquieta.

A voz profunda atraiu sua atenção.

Ainswood apoiou o cotovelo no console da lareira, e o queixo na mão.

– Eu disse a ele que você me pediu para ajudá-la numa tarefa difícil e de natureza altamente confidencial – continuou Ainswood, fitando-a. – Pedi que levasse a Srta. Price ao teatro para “afastar suspeitas”. Ele não perguntou que suspeitas precisavam ser afastadas nem indagou como a ida ao teatro iria afastá-las. – Demônios gêmeos dançavam nos olhos verdes. – Mas, afinal de contas, um homem que imagina que uma jovem possa cavar um túnel numa masmorra de pedra com uma colher afiada é capaz de imaginar praticamente qualquer coisa. Por isso deixei-o em paz.

– Uma colher? – perguntou ela com ar inexpressivo. – Para sair de uma masmorra?

– Miranda, de “A rosa de Tebas”. Trent acredita que ela vai escapar assim.

Lydia saiu da névoa de atordoamento com um tremor. Miranda... Inferno. Fez um exame rápido da mesa. Mas não, não havia deixado o manuscrito à mostra. Ou Tamsin devia tê-lo guardado. Contar o segredo a ela fora um voto de confiança, mas também um ato muito mais simples do que esconder a verdade, já que a jovem era tão inteligente e perceptiva.

Tamsin também havia guardado o *Registro anual* e o *Nobiliário de Debrett*. Mas as anotações de Lydia e a árvore genealógica da família Mallory, que ela havia começado a fazer, estavam no centro da mesa. Empurrou-as casualmente para baixo de um exemplar da *Edinburgh Review*.

– Você não vai me esfaquear com uma espátula, vai? – perguntou Ainswood. – Eu não entreguei o jogo. Sei que você queria surpreendê-la esta noite. Imagino que já tenha inventado alguma tarefa.

– Já, claro. – Lydia mudou de posição para se empoleirar na beira da mesa, com o traseiro em cima da *Edinburgh Review*. – Vou cavar podres de um rival literário. Eles nunca vão comparar as histórias. Ela nunca vai descobrir o que estou fazendo.

– Então por que você ficou tão alterada?

Ele saiu de perto da lareira e contornou a mesa. Lydia ficou onde estava.

– Acho que a possibilidade de ela recusar o convite de Trent não ocorreu a você – disse Lydia.

– Ouvi dizer que os dois tiveram um encontro interessante ontem. – Ainswood parou a um passo da jornalista. – Parece que ela suportou a conversa chata do Trent por um bom tempo. – O duque baixou a cabeça e disse, em tom mais grave: – Talvez ela goste dele.

Lydia sentiu a respiração de Ainswood no rosto. Quase podia sentir o peso dele e a força enorme dos braços. “Quase” não era o

bastante. Sua mão coçava de vontade de agarrar o lenço de pescoço muitíssimo bem-engomado e puxar o rosto dele para o seu.

– Duvido. Ela...

Lydia deixou o resto no ar, percebendo, tardiamente, que o lenço estava mesmo muito bem-engomado e, mais ainda, que aquelas roupas justas não se achavam enrugadas, amassadas, rasgadas ou manchadas.

– Nossa, Ainswood – exclamou baixinho. – O que aconteceu com você? – Lydia fitou sua cabeça, atônita. – Seu cabelo está penteado. – Ela baixou o olhar. – E você não dormiu com essas roupas.

Ele sacudiu os ombros fortes.

– Achei que estávamos falando da Srta. Price e do Trent, e não do que eu uso na cama.

Lydia não aceitou a mudança de assunto.

– Imagino que tenha aceitado minha sugestão, enforcado seu lacaio e encontrado um substituto responsável.

– Não o enforquei. – Ele se aproximou, e Lydia captou um aroma hipnotizante de sabonete e colônia. – Eu disse...

– Que cheiro agradável – comentou ela, inclinando a cabeça para trás. – O que é?

– Eu disse a ele – continuou Ainswood rigidamente – que você não aprovava meu modo de vestir. – Suas mãos grandes se apoiaram na mesa, dos dois lados dela. – Se não houvesse uma mudança, minha vida seria enfadonha, insossa e inútil.

Ela fechou os olhos e farejou o ar.

– Como uma floresta de pinheiros distante... Um leve aroma trazido pelo vento.

Lydia abriu os olhos. Ele estava com a boca a centímetros da sua.

Vere recuou para fora do alcance e espanou algo do punho do casaco.

– Direi a ele que você entrou em êxtase, em um arrebatamento poético. Que já não prestava mais para qualquer discussão

inteligente. Mesmo assim, você não questionou meus arranjos para Trent e sua companheira, o que deve ser considerado algum tipo de milagre. Até de noite, então.

Ele se virou e se dirigiu para a porta.

– Só isso? – questionou Lydia. – Foi só para isso que você veio, para me falar dos planos para Trent?

– É.

Ele não olhou para trás, não parou; passou pela porta e bateu-a.

Sensatamente, Grenville havia enfiado os cabelos densos e louros sob um gorro velho. As calças também deveriam ser sensatas. Como dissera a Vere, estava vestida para a ação – com uma camisa masculina escura enfiada na calça, e um spencer por cima –, sem saias nem roupas soltas que poderiam se prender ou se embolar em qualquer coisa.

Como o spencer só chegava à cintura, e como a calça de segunda mão estava totalmente puída no traseiro e apertada de um modo atormentante, as regiões baixas de Vere também estavam loucas por ação. Do tipo errado.

*Mantenha a mente no serviço*, ordenou a si mesmo enquanto Lydia subia até o topo da latrina, usando como apoio as mãos entrelaçadas de Vere.

Estavam nos fundos da casa de Coralie. Vere ajustou o lenço escuro que cobria seu rosto – um pano com cortes, como o dela, para enxergar e respirar. Ele a seguiu. Do teto da latrina, era fácil alcançar a saliência do lado de fora da janela da casa, que não estava trancada. Ainswood não teve dificuldade para abri-la com um canivete.

Coralie saíra havia muito tempo e, alguns momentos antes, Vere verificara quem ainda estava na residência. Pelo barulho, dois serviçais discutiam no andar de baixo. Mesmo assim, ele checou de

novo algum sinal de ocupação no primeiro andar antes de subir. Grenville foi logo atrás, passando as pernas compridas pelo parapeito.

– Closet – murmurou ela, as palavras quase inaudíveis. – Parece não ter sido usado.

Isso não era de surpreender: Coralie havia se mudado muito recentemente para a Francis Street.

O escritório de Grenville era um closet convertido, lembrou Mallory. O espaço apertado nos fundos da casa tinha uma pequena janela para deixar a luz do dia entrar e uma lareira que parecia feita para bonecas. Com a mesa, a cadeira e os livros que recobriam as paredes, era um convite aberto ao incêndio.

Não fora o fogo que o incomodara na ocasião, mas o modo como ela o olhara. O pestanejar perplexo – como se o cabelo penteado e as roupas limpas e não amarrotadas constituíssem a oitava maravilha do mundo – deveria ter sido cômico, mas ele estava irritado demais para rir. Sentia-se acalorado e desconfortável, como um colegial usando a melhor roupa de domingo e tentando impressionar o objeto de seu amor adolescente.

Mas isso não era o pior. Instantes depois, ele havia descoberto que olhos azul-gelo podiam transmitir calor e elevar a temperatura de um homem até um nível perigoso. Nesse ponto, precisara sair correndo antes que perdesse o controle.

Na pressa, não lhe informara outras mudanças nos planos. Sem dúvida Grenville iria fazer um dos seus truques podres para se vingar por ele ter se esgueirado pela entrada de serviço às oito e meia e levá-la quase à força para a carruagem alugada.

Ela queria pegar um carro de aluguel, pois considerava algo mais anônimo. Aparentemente acreditava que Vere era idiota a ponto de chegar com um dos seus próprios veículos – até mesmo com o brasão ducal revelando sua identidade aos quatro ventos.

Lydia acreditava mesmo que a mente dele era atrofiada, pensou

Vere enquanto tateava à frente para avançar no minúsculo cômodo dos fundos. Como se o cérebro dela fosse infalível. A jornalista não havia pensado que a casa de Coralie ficava a apenas algumas ruas da Soho Square, logo o mais lógico era que Vere, vindo de longe, pegasse sua parceira de crime no caminho, e não o contrário.

Não que houvesse qualquer sentido em dizer isso. Vere tinha certeza de que ela não prestara atenção a mais do que uma palavra a cada vinte que ele dissera no escritório. Ela estivera ocupada demais encarando-o, olhando cada movimento seu, como se o tivesse sob um microscópio.

Em sua vida desregrada, Mallory havia despido incontáveis mulheres com o olhar. Se elas tinham retribuído, ele nem se importara. Naquele dia, tivera uma consciência pulsante do olhar azul que parecia penetrar em suas camadas de roupas imaculadamente bem costuradas como se fossem transparentes.

Naturalmente, sua vara havia começado a inchar, mas depois ela ficou com aquele olhar atordoado, sonhador, e começou a recitar poesia e... bom, então, como seria de esperar, o cérebro dele fechou para balanço e deixou o pensamento por conta do órgão que despertava.

Era um milagre não tê-la jogado na mesa e tirado sua virgindade ali mesmo, refletiu, irritado, segurando a maçaneta. Apurou os ouvidos: nenhum sinal de vida. Cautelosamente, abriu a porta.

Uma lâmpada pequena lançava uma luz débil pelo cômodo, criando sombras instáveis.

– Quarto – avisou ele baixinho.

– Você vai pela esquerda, eu vou pela direita – sussurrou Lydia.

Vere entrou no quarto e se moveu em silêncio até a porta oposta. Ela seguiu logo atrás. Começaram a examinar os territórios designados em busca das joias. O cômodo estava uma bagunça: vestidos, roupas de baixo, calçados jogados por toda parte.

Vere visualizou uma cena semelhante, mas em seu próprio

quarto, onde estariam espalhadas as vestimentas de uma mulher dragão: uma trilha aleatória de roupas pretas no chão, terminando num monte composto por camisola, espartilho e meias. Sobre a cama se encontraria uma luxuriosa vastidão de mulher, quente a ponto de soltar fumaça e...

*Santo Deus.*

O olhar de Vere saltou para sua companheira. Por um momento mortificante, ele temeu ter dito em voz alta o que pensava com tanta lascívia. Porém, o rosto mascarado não estava virado para ele. Ela se achava de joelhos, olhando uma caixa de chapéu aberta. Vere largou a anágua que tinha acabado de pegar embaixo de uma banquetta, atravessou o quarto e se abaixou ao lado dela.

À luz tremeluzente do lampião, braceletes, brincos, anéis, colares, sinetes, cordões e broches cintilavam. O emaranhado parecia um ninho de pega, com peças emboladas e entrelaçadas umas às outras. Mas não fora isso que havia provocado a exclamação ofegante de Grenville.

Ela pegou um objeto do topo do monte brilhante: um prendedor de gravata feito de prata. A cabeça era esculpida, retratando corpos unidos de um modo expressamente proibido tanto pela Igreja quanto pelo Estado.

Vere o arrancou da mão dela.

– Não precisa se preocupar com isso – sussurrou ele. – As coisas da Srta. Price estão aí?

– Estão... aparentemente junto com todas as joias do hemisfério norte. Separar isso tudo é como desatar o nó górdio. Ela enfiou anéis em cordões, colares e... Ah, tudo está preso e embolado.

Ela engatinhou para longe, revirou um monte de roupas e pegou uma camisola. Voltou, colocou-a no chão e jogou em cima o conteúdo da caixa de chapéus. Depois, juntou as pontas da roupa e fez uma trouxa.

– Ache uma liga.

– Está louca? Não podemos pegar tudo. Você disse...

– Não temos escolha. Não podemos ficar aqui a noite toda tentando separar as peças que queremos. Encontre... Deixa pra lá, já encontrei.

Ela pegou uma liga cinza e usou-a para amarrar a trouxa. Vere se acalmou um pouco cravando o alfinete obsceno numa touca ali perto.

Lydia começou a se levantar, mas então ficou imóvel. Vere também escutou no mesmo instante: passos e vozes se aproximando... rapidamente. Saltou até ela e empurrou-a para baixo da cama. Jogou um monte de vestidos e anáguas na caixa de chapéus e a empurrou para um canto, depois mergulhou embaixo da cama, no mesmo instante em que a porta se abriu.

## CAPÍTULO 9

**P**areceram passar horas: o colchão se sacudindo violentamente em cima, a garota francesa gritando de dor e implorando por mais enquanto o parceiro gargalhava e a ameaçava. Sua voz era vagamente familiar e parecia deslizar na pele de Lydia e se cravar em sua barriga, deixando-a enregelada e um pouco nauseada.

Não se conteve e chegou mais perto de Ainswood. Teria se enterrado embaixo do corpo dele se pudesse, mas o pouco espaço vertical a impediu de realizar aquele inexplicável ato de covardia. Mesmo deitada de barriga para baixo, sentia ocasionalmente o colchão baixar até sua cabeça. Rezou para que a cama não desmoronasse. Rezou para que nenhum dos dois pombinhos acrobáticos caísse e, por acaso, olhasse embaixo da cama.

Estava numa situação complicadíssima e não poderia sair lutando com muita eficiência enquanto segurava com força a preciosa trouxa.

Que os diabos os carregassem: será que nunca iriam parar?

Por fim, depois de mais dois minutos que pareceram décadas, o tumulto parou.

*Vão embora, ordenou Lydia em silêncio. Vocês já se divertiram. Agora vão.*

Mas não, eles precisavam de uma conversa de travesseiro.

– Lindo desempenho, Annette – elogiou o homem. – Mas pode dizer à sua patroa que uma vagabunda não basta para me aliviar.

O colchão se mexeu e um par de pés masculinos com meias surgiu, a centímetros da cabeça de Lydia. Ela sentiu a mão de

Ainswood deslizar sobre suas costas e comprimi-la firmemente para baixo.

Ela entendeu a mensagem silenciosa: fique imóvel. Foi o que fez, mas parecia que cada músculo de seu corpo estava pinicando. Agora era evidente que o sujeito estava realizando uma busca semelhante à deles. Conteve um som ofegante quando ele descobriu a caixa que ela havia esvaziado.

O homem a jogou para o lado e pegou uma touca.

– Aqui está meu alfinete de prata. Bom, sabe o que isso parece? Parece que vocês estão tripudiando de mim. Depois de ficar com o que sabia que era meu e de mentir quando perguntei se eu havia deixado isso aqui, ela teve a afronta de usar essa coisa em público, e ainda mais adornando esse chapéu espalhafatoso.

– Eu não sabia – garantiu a jovem, inquieta. – Nunca vi isso antes, garanto, monsieur.

Os pés com meias avançaram até a cama, depois desapareceram subindo nela, e o colchão afundou sob o peso. A garota soltou um berro.

– Gosta disso, Annette? – perguntou o homem, expressando divertimento. – Gostaria de ser minha almofada de alfinetes durante uma hora mais ou menos? Posso pensar em muitos lugares interessantes para...

– Por favor, monsieur. Não fui eu. Eu não peguei. Por que está me castigando?

– Porque estou muito chateado, Annette. Sua patroa roubou meu alfinete perverso, ele é único, e me custou muito caro. E roubou, ou mandou para longe, aquela pequena florista. Uma aleijadinha bonita, totalmente sozinha no mundo. Ela não estava no lugar de sempre no Covent Garden ontem à noite, mas Corrie estava, toda cheia de sorrisos. A garota não estava lá esta noite também.

O colchão se moveu violentamente e a garota gritou.

Lydia sentiu o corpo de Ainswood se retesar ao lado. Também

estava tensa, ansiosa para saltar de baixo da cama e espancar aquela criatura imunda até que desmaiasse. Mas a garota começou a rir, e Lydia se lembrou do tipo de jovem que Annette era: só perdia para madame Brees em termos de crueldade e brutalidade, e geralmente ajudava Josiah e Bill a amansar as garotas novas.

Lydia tateou à procura da mão de Ainswood e pôs a sua em cima, indicando que ele continuasse onde estava.

– Não, este não é o modo de castigá-la, certo? – disse o homem.  
– Por que ela iria se incomodar com o que eu faço com você?

De novo seus pés baixaram para o chão. Dessa vez ele recolheu as roupas que havia tirado com tanta pressa.

– Vista-se. Ou fique nua, como preferir. Mas você vai sair numa caça ao tesouro, Annette, e espero que seja bem-sucedida.

– Mas não sei o que foi feito das joias.

O coração de Lydia começou a se arrastar para a garganta: a garota sabia que as joias estavam sumidas. Sem dúvida o cliente havia retornado ou chegado de supetão, interrompendo seu saque ao quarto de Coralie. Provavelmente Annette e esse homem maligno é que estavam discutindo no andar de baixo.

O homem gargalhou.

– De que serve aquele ninho de ratos para mim? Eu demoraria semanas para desembolar, e para quê? Muito poucos itens são valiosos de verdade, misturados com uma quantidade prodigiosa de badulaques sem valor. Corrie não tem gosto nem discernimento, só ganância. Não, minha pequenina almofada de alfinetes, eu quero a prata, o ouro e as notas. A caixa. Sei qual é a aparência dela, mas não estou no clima para procurá-la.

– Monsieur, eu imploro. Eu sou a única a quem ela conta onde isso fica. Se a caixa sumir, ela vai me culpar e...

– Diga que eu obriguei você. *Quero* que você conte a ela. *Quero* que ela saiba. Onde está?

Depois de uma pausa breve, Annette respondeu, mal-humorada:

– No porão.

O cliente foi até a porta.

– Vou esperar nos fundos enquanto você pega. Seja rápida.

O colchão sacudiu quando a garota saltou da cama. Falando em francês num tom baixo demais para Lydia entender, Annette recolheu as roupas e saiu correndo atrás dele.

Mal a porta se fechou atrás de Annette, Lydia voltou a respirar normalmente e Ainswood lhe deu um empurrão.

– Para fora – sussurrou ele.

Lydia se retorceu para sair de baixo da cama, a mão em seu traseiro apressando a saída. Sem esperar que ela se levantasse, Vere puxou-a de pé e a empurrou para a porta do closet.

Foram obrigados a esperar junto da janela enquanto um empregado saía da latrina. Um instante depois, Lydia estava descendo do telhado da pequena construção. Ainswood chegou ao chão ao mesmo tempo e segurou o ombro dela.

– Fique aqui – murmurou em seu ouvido. – Tenho uma coisa para fazer. Não vou demorar.

Lydia tentou obedecer, mas, após vários minutos de tensão, a curiosidade dominou-a. Esgueirou-se cautelosamente ao longo da parede da latrina e espiou junto à quina.

Viu o vulto de Ainswood encostado na parede da casa perto de uma escada que descia para o subsolo. Um homem subiu com uma caixa pequena, parou ao ver o mascarado e começou a descer de novo, mas Ainswood se moveu bem depressa. Pasma, Lydia observou o duque arrastar o sujeito escada acima e jogá-lo contra a parede. A caixa caiu com estardalhaço no chão no mesmo instante em que Ainswood lhe dava um soco no estômago. O homem se dobrou ao meio. O grande punho golpeou de novo – dessa vez no rosto – e ele tombou no chão.

– Seu verme comedor de merda – xingou Ainswood numa voz grave e dura que Lydia mal reconheceu.

Dando as costas para a vítima inconsciente, o duque desamarrou a máscara e jogou-a de lado enquanto andava até ela. Entorpecida, Lydia tirou a própria máscara. Ele segurou seu braço e guiou-a para fora do quintal estreito, adentrando a Francis Street. Só quando chegaram à Tottenham Court Road foi que Lydia conseguiu abrir a boca.

– Por que, diabos, você fez aquilo? – perguntou ofegante.

– Você o ouviu – respondeu Vere no mesmo tom perigoso. – A florista. Foi ele que tentou atraí-la, e agora você pode deduzir o que esse verme faria com ela.

Lydia parou e olhou para as mãos dele, depois para o rosto duro e raivoso.

– Ah, Ainswood... – disse baixinho.

Ergueu as mãos e segurou os ombros dele. Pretendia sacudi-lo, por ser uma fraude tão grande – fingindo, na noite anterior, que havia jogado dinheiro para a garota só para tirá-la do caminho.

Lydia começou mesmo a sacudi-lo. Mas, então, envolveu-lhe os ombros enormes e o abraçou.

– Obrigada. É o que *eu* queria fazer: dar uma surra nele.

*E eu poderia beijar você por causa disso*, pensou enquanto inclinava a cabeça para fitar de novo suas feições sérias.

Mas pensar não bastava. Beijou-o.

Como não havia perdido totalmente a razão, pretendia que o beijo fosse rápido, uma breve saudação ao cavalheirismo dele. Seus lábios iriam tocar a bochecha de leve, um gesto amigável por um serviço bem-feito.

Mas Vere virou a cabeça e pegou o beijo na boca. Quando os braços dele a envolveram, Lydia entendeu que fraude *ela* era, fingindo que desejava algo menos do que isso. A boca que esmagava a sua não era gentil e persuasiva como fora na noite anterior, mas raivosa e insistente.

Ela deveria ter se afastado, mas não sabia como resistir ao que

tanto desejava, por pior que fosse ceder. Enlaçou o pescoço dele e sorveu cobiçosamente o calor e a raiva selvagens. Como uma bebida perigosa, aquilo disparou através de suas veias, agitando o demônio interior até um júbilo insano.

Não deveria se sentir tão contente, como se fosse ela que o conquistara, em vez de ser conquistada. Mas estava feliz, febrilmente feliz, porque aqueles braços de ferro a esmagavam, moldando-a a ele como se fosse ficar grudada de vez ali para sempre. Era assim que desejava permanecer: como parte dele, como se lhe faltasse um pedaço e ela fosse a única a se encaixar.

A boca de Ainswood pressionou pedindo mais. Lydia se abriu para ele e estremeceu com um prazer culpado quando a língua do duque se juntou à dela numa intimidade pecaminosa. As mãos grandes se moveram sobre Lydia, ousadas, como se ela lhe pertencesse, como se não houvesse dúvida quanto a isso. E, naquele momento, isso parecia inquestionável.

Grenville enfiou as mãos por baixo do colete, percorrendo a camisa dele. Estremeceu de novo enquanto os músculos poderosos se enrijeciam sob seu toque. Então entendeu que também tinha poder sobre Ainswood. Tateou até o lugar que deixava evidente a verdade, onde podia sentir as batidas furiosas do coração dele contra a palma de sua mão.

Vere emitiu um som grave, faminto, ao agarrar com força seu traseiro e comprimir sua pélvis contra o inchaço duro.

Dessa vez, Lydia não tinha camadas de anáguas para isolá-la, e o tamanho e o calor pulsante a fizeram se encolher num reflexo. A reação não durou mais do que um instante, mas ele a sentiu, pois afastou o rosto.

Segurando os braços dela, disse com a voz engrolada:

– Maldição, Grenville, estamos numa via pública. – Soltou-a, deu um passo para o lado e pegou a trouxa que Lydia nem percebera ter

deixado cair. Depois, a fez marchar pela rua até a carruagem à espera.

Mal trancou a porta do porão, Annette ouviu os passos apressados – retornando, e não indo embora. Não viu nada, apenas escutou a pancada contra a parede e os grunhidos.

Como já tinha caminhado pelas ruas de alguns dos piores bairros de Paris, não podia deixar de reconhecer os sons de uma briga de beco. Em sua juventude dissipada, atraíra grande número de bêbados para emboscadas.

Ouviu uma voz raivosa em inglês e percebeu que não era do cliente repulsivo. Esperou, prestando atenção aos ruídos, até que os sons de passos se afastando lhe indicaram que o dono da voz raivosa havia saído do quintal estreito.

Então subiu cautelosamente a escada. O espaço ali era pouco maior do que o de um beco e só não estava mergulhado na escuridão porque uma luz débil vinha de algumas janelas do andar de cima. Mesmo em meio à penumbra, Annette conseguiu reconhecer o corpo.

Chegou mais perto. Para seu desapontamento, o porco ainda respirava. Olhou em volta, à procura de algo para acabar com ele, mas não havia qualquer arma satisfatória ao alcance, nem mesmo um tijolo abandonado. Aquele bairro era arrumado e respeitável demais, pensou com frustração. Então seu olhar pousou sobre a caixa. Nesse instante, o homem gemeu e se mexeu. Annette chutou-o na cabeça, pegou a caixa e saiu correndo.

Mais ou menos nesse momento, Vere observava Grenville entrar na carruagem, desejando que alguém desse um chute em sua própria cabeça. Fez uma carranca para Jaynes, que estava no assento do cocheiro, com um sorriso maligno de quem sabia das coisas.

O patife tinha visto. Assim como qualquer um que passasse pela Tottenham Court Road. Mas, ao contrário de Jaynes, essas pessoas não saberiam que era uma mulher que Vere tinha envolvido como uma jiboia, tentando esmagá-la e devorá-la.

Jogou a trouxa para ela, depois atirou-se no assento da carruagem.

O veículo partiu com um solavanco, lançando Grenville contra Ainswood. Ela se ajeitou rapidamente, e isso, por algum motivo, o irritou.

– Você decidiu bancar a recatada bem tarde – disse com rispidez.  
– Os fofoqueiros poderiam se banquetear com esse aperitivo durante um ano. Se alguém nos viu, amanhã ao meio-dia Londres inteira saberá que o duque de Ainswood gosta de *garotos*.

– Você decidiu se preocupar com o escândalo bem tarde – retrucou ela com frieza. – Há anos você vem dando uma série de banquetes para os fofoqueiros. De repente, esta noite, resolve ser sensível à opinião pública.

Ela o encarou com os olhos semicerrados raivosos. Mesmo à pouca luz, conseguia enxergar o brilho azul, e dava até para sentir a temperatura gélida.

– Não me venha com esse olhar mortal. Foi você que começou.  
– Não escutei você gritando por socorro – replicou ela com desprezo. – Não percebi que você estava se debatendo. Ou devo crer que os dois socos com que você despachou aquele pervertido o deixaram fraco demais para se defender do meu ataque?

Vere nem havia pensado em resistir. Se ela não tivesse tomado a iniciativa, ele teria – o que era idiota, pois iria se excitar a troco de nada. Mesmo que sentisse uma atração humilhante por aquela mulher insuportavelmente arrogante, não podia se aliviar numa via pública. De qualquer forma, não seria uma atitude satisfatória em qualquer outro lugar, porque ela era uma novata.

Mas Vere não estava excitado por causa ela, disse a si mesmo.

Eram as circunstâncias. O perigo podia ser sexualmente excitante.

Só que não se excitara lá embaixo da cama. Tinha ficado doente de medo enquanto escutava o verme abominável e imaginava todas as possibilidades horripilantes: uma faca nas costas, uma porretada na cabeça e a morte, no único momento em que Vere não poderia se dar a esse luxo, porque então não haveria como proteger Lydia da prostituta e de seu companheiro pervertido, e eles fariam coisas terríveis, doentias com sua parceira no crime. Vere havia rezado com fervor, desesperado: *Apenas permita que eu sobreviva para tirá-la daqui em segurança – apenas isso, e eu serei bom, prometo.*

Uma imagem de si próprio lhe veio à mente, segurando a mão de uma criança e orando em silêncio, tentando barganhar com um poder invisível. Bloqueou a cena e ignorou o aperto doloroso no peito.

– Eu não desejo você.

– Mentiroso.

– Você é presunçosa demais. – Ele lhe deu as costas. – Srta. Virgem Vestal, que acha que sabe tudo. Você nem sabia beijar, até que eu lhe ensinei.

– Não me lembro de ter implorado por essa aula.

– E, assim, você conclui que é irresistível.

– Sim, você não consegue resistir a mim. Gostaria de saber o que mais eu deveria concluir com base no seu comportamento. E por que você faz tanto alarde por causa disso.

– Não estou fazendo alarde, e gostaria que você parasse de me olhar com essa expressão superior.

– Eu gostaria que você parasse de mentir. Você mente muito mal. Não sei por que não pode admitir que me acha atraente. Vejo que isso o mortifica: porque eu o incomodo, porque sou uma virgem ignorante, e quaisquer outros “porquês” que perturbam sua dignidade masculina. Sem dúvida não lhe ocorreu que eu também estou mortificada. Achar você atraente não é um elogio ao meu bom

gosto e à minha capacidade de julgamento. O destino já brincou comigo inúmeras vezes, mas esta supera todas.

Vere a encarou. Lydia se empertigou, olhando bem à frente e segurando firmemente a trouxa em seu colo.

– Maldição, Grenville – disse, cerrando os punhos. – Não precisa ficar tão abalada assim, como se eu estivesse ferindo os seus sentimentos.

– Como se você pudesse ferir – replicou ela com desdém. – Como se eu permitisse.

– E então, o que você quer que eu faça? Que vá para a cama com você? Você chegou até esta idade avançada...

– Tenho 28 anos – interrompeu ela, trincando os dentes. – Não sou uma bruxa velha.

– Você conseguiu preservar a virtude todo esse tempo – continuou ele, elevando a voz – Não pode me responsabilizar por nada. Não me faça crer que eu corrompi sua moral.

– Não ligo a mínima para as coisas em que você crê.

– Você sabia o que eu era quando me conheceu! Até sua amiga prostituta a alertou contra mim! Disse para você sair de Londres, não foi?

– Londres é uma cidade grande. Não havia motivo para nossos caminhos se cruzarem repetidamente. – Ela lhe lançou um olhar de soslaio. – Não havia motivo para você aparecer na Blue Owl... todo mundo sabe que é uma taberna frequentada por jornalistas. Não havia motivo para aparecer no Jerrimer's, nem me perseguir até a casa de Helena, nem aparecer ontem em Covent Garden, na única noite em que eu fui até lá sozinha. Devo acreditar que foi tudo por acaso, que ninguém está me espionando? Negue que haja um espião, me chame mais uma vez de presunçosa, por imaginar que você teve tanto trabalho por minha causa. – O canto da boca de Lydia se ergueu ligeiramente. – Me dê outra explicação, porque eu não acreditaria em qualquer papo furado.

– Vá para o diabo, Grenville, eu não teria feito isso se soubesse que você era uma maldita *virgem*!

As palavras ofensivas pareceram pairar no ar esgarçado de tensão entre os dois. Então o sentido daquilo tudo se tornou claro e Mallory viu o que tinha feito. Ficou arrasado. Ele era mentiroso, como ela bem dissera, e estivera mentindo para si mesmo por semanas. Mentiras dignas de pena, infantis. Ela era um monstro lindo e ele a desejava – tinha até medo de pensar quanto a amava. Raramente quisera algo tanto assim, e isso nunca acontecera antes com mulheres. Via apenas uma utilidade nelas, e nenhuma valera qualquer esforço, já que existiam tantas, e a vítima seguinte serviria do mesmo jeito.

Teve uma suspeita terrível de que dessa vez ninguém mais serviria. Por que ele não havia encontrado outra mulher? Londres não tinha ficado subitamente sem prostitutas.

O trajeto até a Soho Square era curto, logo não demorava o suficiente para lhe dar tempo de decidir o que fazer. Ao olhar pela janela, viu que já tinham chegado à Charles Street.

– Parece que você está tendo um dos seus surtos esporádicos de nobreza – comentou o lindo monstro.

– Não sou nobre – respondeu ele, tenso. – Não imagine que sou o que não sou. Eu cometi um erro, só isso, o que não é de surpreender, pois faço isso frequentemente. Confundi a mulher de Dain com uma prostituta, não foi? Se você tivesse alguém à mão, como ela teve, para me fazer compreender a situação à base de socos, nada disso teria acontecido. Ontem à noite eu estava pronto para ir embora assim que entendi meu erro. Foi você que me chamou de volta e pediu ajuda. Se você tivesse mantido distância agorinha mesmo, eu teria contido as mãos. Mas você não pode esperar...

Ele se interrompeu ao baixar o olhar para aquela perna coberta pela calça. Então foi percorrendo seus contornos perfeitos: o quadril,

a cintura que suas mãos enormes podiam envolver com facilidade, e prosseguiu até o volume glorioso dos seios. O desejo o devastava, estraçalhando o orgulho e toda uma vida de cinismo acumulado.

Ao fitar o rosto lindo e arrogante, ele começou a entender, quisesse ou não, por que sentia aquelas pontadas no coração.

– Certo – disse ela. – Acabei por desapontá-lo. Você poderia ter posto de lado a aversão pessoal se eu fosse uma mulher experiente. Mas ser obrigado a bancar o tutor, além de tolerar minha personalidade odiosa, é pedir demais. – Ela olhou pela janela. – Não é sua responsabilidade, como você disse. Não é porque começou uma coisa sem querer que precisa terminá-la. Não é porque me apresentou a uma parte negligenciada da minha formação que deveria completar meu treinamento. O assunto não é nem um pouco esotérico. Outra pessoa pode dar continuidade às aulas.

– Outra pessoa? Quem diabos... Você não está falando sério.

Ele esboçou um sorriso ao se lembrar do convite de Helena Martin para a amiga fazer uma “surpresa mais agradável” a Sellowby.

– Há gosto para tudo. Alguns homens gostam da minha companhia.

– Quer dizer, aquele bando de escrevinhadores bêbados e vagabundos da Blue Owl? Bom, deixe-me explicar uma coisa sobre os homens, Srta. Messalina: não é sua personalidade que eles apreciam. Nem seu intelecto.

– Estamos entrando na Frith Street. – Ela deu as costas para a janela. – Você deve estar aliviado. Ainda assim, espero que possa aceitar meus agradecimentos. Foi ótimo tê-lo ao meu lado esta noite. Achei aquele homem muito perturbador. Foi reconfortante ver que você o despachou facilmente.

A carruagem parou diante da casa dela. Vere continuou encarando-a.

– Não vai haver mais ninguém – disse, engasgado, acima do

rugido interior. – Você só disse isso para me provocar... – Ciúmes, não: era ridículo sentir ciúme de um homem que ele apenas imaginava. – Para me obrigar a fazer o que você quer. Como me manipulou ontem à noite. É uma provocação, só isso.

A porta da carruagem se abriu. Quando queria, o maldito Jaynes podia ser bem rápido – em geral acontecia quando era menos conveniente para Vere. O criado estava numa tremenda pressa para chegar em casa, antes que qualquer um dos seus conhecidos o visse no papel vergonhoso de cocheiro.

– Peço perdão – disse ela educadamente. – Não pretendia fazer nenhuma provocação. Poderia fazer a gentileza de sair do veículo, Sua Graça? Ou prefere que eu passe por cima do senhor?

Jaynes ficou parado, obviamente ouvindo cada palavra, pois as sobrancelhas estavam erguidas quase até a linha dos cabelos.

Vere lhe lançou um olhar ameaçador e desceu. Antes que pudesse estender a mão para ajudá-la a descer, Grenville saiu com agilidade e se dirigiu para a porta de casa.

– Espere aí – falou Vere a Jaynes, e correu atrás dela. – O que significa tudo isso? – questionou Vere enquanto ela tirava a chave de um bolso do spencer. – Eu corrompi sua moral, foi, Grenville? – Ele se moveu para bloquear a porta. – Foi isso que eu fiz?

– Não seja ridículo. Não sou uma dama, mas uma jornalista, e todo mundo sabe que nós não temos moral. Saia do caminho, Ainswood – ordenou ela, abanando a mão esguia que segurava a chave. – Não estou culpando você por nada. Não precisa fazer um escândalo.

– Não está me culpando? – rebateu ele, erguendo a voz. – Ah, não, certamente que não. Tudo que fiz foi colocá-la na estrada da ruína. Nenhum mal foi causado, não mesmo. O problema é que você botou nessa cabecinha oca...

– Fale baixo. Você vai incomodar a cadela. Ela não gosta de homens estranhos que gritam comigo.

– Para o diabo com essa maldita cadela! Você não pode me desafiar e me provocar com a ideia de outra pessoa...

– Eu não estava... Ah, pronto, belo trabalho.

Vere escutou as pancadas surdas em algum lugar dentro da casa, e então o latido inconfundível de um mastim nem um pouco amigável. O som parecia vir das entranhas do inferno. Mesmo com as paredes da casa entre eles, Vere podia sentir as vibrações nos dentes. As janelas chacoalharam.

– Sim, belo trabalho. – Vere se afastou da porta e gritou acima do estardalhaço do animal: – E você chegou tarde demais, Susan! Eu dei início à ruína, e agora não há como voltar atrás! É melhor se acostumar com homens estranhos, minha garota, porque...

– Maldição.

Grenville enfiou a chave na fechadura e abriu a porta. Em seguida, agarrou o braço dele, puxou-o para dentro, entrou e fechou-a atrás de si.

A próxima coisa que Vere escutou foi um rugido furioso.

Tudo aconteceu no período arrepiante de uma batida do coração: o duque viu a cadela saltar – a morte, preta, vindo na direção deles com as presas à mostra – e tentou empurrar Grenville para fora do caminho. Mas ela se jogou contra ele, fazendo um escudo com seu corpo.

– *Deitada, Susan!*

– DEITADA, MALDITA! – rugiu ele enquanto a fera atacava.

Vere desabou contra a porta, envolvendo com força sua suposta salvadora, esperando que o coração voltasse a bater e se desfizesse o nó nas tripas.

Viu a cadela trotar de volta pelo corredor. Uma criada nervosa agarrou sua coleira e, com um olhar de desculpas para os dois, levou Susan para longe.

O último grito da dona – ou talvez a ordem berrada por Vere – evidentemente havia penetrado no cérebro homicida de Susan, porque ambos ainda pareciam possuir os membros.

Vere não sabia como a cadela tinha conseguido se conter no meio do ataque. Ele não prestou atenção, pois estava mais preocupado em se virar para ser mordido no lugar de Lydia.

Ainswood entendia os mastins, pois tinha crescido com eles em Longlands. Não eram malignos nem irritáveis por natureza. Em geral, possuíam temperamento tranquilo, exceto se fossem maltratados. Dava para deixá-los tranquilamente com crianças. Ainda assim, eram cães, que não tinham bom senso e eram surdos até ao comando do dono quando estavam com o sangue fervendo.

Sua górgona poderia ter sido mutilada... morta.

Ficar no caminho de um mastim enlouquecido era uma coisa idiota a fazer. Só para *protegê-lo*.

Vere levou as mãos à nuca de Lydia e enfiou os dedos em seu cabelo. O boné tinha saído do lugar quando ela se lançou sobre ele, e agora caiu no chão.

– Você vai ser a minha perdição, Grenville – sussurrou com a voz rouca.

Lydia inclinou a cabeça para trás e seus olhos azuis relampejaram.

– Se você tivesse ficado imóvel, ela não teria tentado derrubá-lo. – Ela empurrou seu peito. – Ela só estava tentando assustar você. – Empurrou de novo. – Você está me sufocando, Ainswood.

Sufocando-a... Vere havia envelhecido dez anos no momento horripilante em que a cadela saltou, e tinha certeza de que brotara em sua cabeça um tufo de cabelos grisalhos.

Deslizou as mãos pelos ombros de Lydia. Os olhos dela lançaram fagulhas e sua boca começou a se abrir, pronta a jorrar enxofre. Vere se curvou e grudou sua boca à ela, para não ter que ouvir o que quer que a jornalista fosse dizer.

Lydia continuou empurrando seu peito e, com a outra mão, batia nas suas costelas: golpes lentos, fortes, raivosos... uma, duas, três vezes. Mas a boca de Lydia já se suavizava sob a dele, e retribuiu o beijo numa rendição lenta, sensual, que lhe bambeou os joelhos. O cérebro de Vere pifou, apagando todas as desculpas que havia acumulado: as virgens significavam encrenca demais; ela se considerava páreo para qualquer homem e era arrogante, cabeçadura e intelectual, a espécie de fêmea mais desprezível etc. etc.

Ele não era santo. Nunca havia aprendido a resistir à tentação. Agora tinha os braços tomados por ela e não conseguia nem raciocinar nem sentir vontade de soltá-la.

Lydia envolveu a língua com a sua e comprimiu o corpo voluptuoso, movendo-se ao seu encontro no ritmo lento da mão que agora batia nas suas costas.

Ele havia ensinado bem demais, ou ela o entendia bem demais. A porta para seu coração era grossa; seria necessário um aríete para arrombá-la.

Lydia batia nele, nem um pouco gentilmente, ao mesmo tempo que se oferecia. Vere não sabia como fazê-la parar.

Agarrou as mãos que o castigavam, trouxe-as à cintura e segurou-as ali. Devagar, em meio ao beijo que se aprofundava, começou a percorrer o seu corpo, roçando suas costas, nádegas e quadris, subindo e descendo.

Ela não estava mais tímida, e esse toque ousado queimava através das roupas de Vere, fazendo arder sua pele. O duque também a acariciou das costas até a cintura que suas mãos podiam envolver com tanta facilidade, e mais abaixo, pelo traseiro roliço. Os batimentos cardíacos acompanhavam o ritmo sensual que ela havia estabelecido.

Num canto distante da mente de Vere, uma luz de alerta piscava, mas não conseguia penetrar no calor cada vez mais incandescente do desejo. Nada mais importava. Ansiava o cheiro e o gosto dela, a

pureza sedosa da pele e as curvas voluptuosas do corpo longo. O desejo pulsava em nervos e músculos, em cada fibra do ser, uma necessidade que martelava ferozmente, como golpes numa luta.

Vere passava as mãos sobre ela como se o toque bastasse para marcar território em cada célula de Lydia. Quando ela enfim interrompeu o beijo, a luz de alerta piscou de novo, mas logo desapareceu no momento em que Lydia roçou a boca por seu queixo e desceu-a até o pescoço. Vere a marcou a fogo com a boca, percorrendo o rosto liso e o arco sedoso do pescoço. Absorveu seu sabor, o cheiro da sua pele – de fumaça, lírios e algo mais.

– Cheiro de dragão – murmurou. – Minha linda mulher dragão.

Lydia se remexeu ao encontro dele e Vere sentiu as mãos dela puxando os botões de seu colete.

Não era mais tímida; longe disso.

Ela passou a mão sobre sua camisa e a manteve pousada sobre o coração dele, que não podia mentir, não podia ocultar as batidas loucas.

Vere não queria mais esconder a verdade, mesmo se soubesse como. Não conseguia mais raciocinar.

Insensato, já estava desabotoando as roupas, afastando o tecido. Os panos sussurravam enquanto ele os puxava para longe. Encontrou a seda quente da pele e acariciou de leve o seio, deixando que o polegar brincasse com o mamilo duro. Ouviu-a prender o fôlego e soltá-lo com um gritinho fraco que não pôde ser contido.

Lydia chegou mais perto, até que sua pélvis se comprimisse contra a haste inchada e ansiosa demais para se acomodar.

A luz de alerta piscou mais uma vez, mas Vere enterrou o rosto no pescoço dela e inalou o perfume. O pisca-pisca se apagou, sufocado pela sensação: a pele de Lydia era veludo contra seu rosto, seda quente sob seus lábios.

Sentia as mãos incandescentes dela puxando-lhe a camisa,

depois queimando-lhe a pele. As mãos dele também estavam ocupadas, tateando à procura do cós da calça que ela usava, dos botões, da braguilha. Encontrou-a – e no mesmo instante uma dormência se irradiou do cotovelo até o ombro, despertando-a para a consciência. Piscou feito um idiota, um bêbado dominado pela luxúria. No momento seguinte, voltou à realidade e viu que havia batido o cotovelo numa maçaneta, que estava presa... a uma porta.

Ele pressionara Grenville contra a porcaria da *porta da frente*.

– Meu Deus.

Vere ergueu a cabeça e inspirou fundo três vezes. Sentiu as mãos dela se afastando, ouviu a respiração trêmula.

– Grenville... – começou ele, quase engasgando com a língua densa.

Com as mãos hesitantes, fechou desajeitadamente as roupas abertas.

– Não diga nenhuma palavra – disse ela, com a voz tão engrolada quanto a dele. – Fui eu que comecei. Aceito a culpa, a responsabilidade, o que você quiser.

– Grenville, você...

– Estou fora de mim. Isso é óbvio. Eu deveria agradecer, acho. Só que ainda não consigo. Agora entendo o que você quis dizer ontem à noite, quanto a ficar de mau humor. – Ela fechou os olhos e os abriu de novo. – Você não mencionou nada sobre vaidade ferida, mas é isso que a gente merece, não é?

– Maldição, Grenville, não diga que eu feri seus sentimentos. – Sua voz estava aguda demais, alta demais. Ele tentou controlá-la. – Pelo amor de Deus, não podemos fazer isso encostados *na porta da frente*.

Ela se afastou da porta, pegou a trouxa e foi andando pelo corredor. Ele foi atrás e disse:

– Você não me quer de verdade. Foi o calor do momento. A excitação. O perigo é excitante. Você não deveria ter chegado a

menos de um quilômetro de mim, Grenville. Sou má influência. Pergunte a qualquer um.

– Não sou exatamente a virtude em pessoa. Se fosse, não seria atraída por um degenerado imprestável como você. – Ela pontuou a declaração com uma cotovelada em suas costelas. – Vá embora. E fique longe de mim.

Então Vere se deteve e deixou que ela fosse. Olhou-a marchar, a coluna ereta e o quadril orgulhoso oscilando, dando os últimos passos até a porta do escritório. Ela a abriu e, sem olhar para trás, entrou e fechou-a.

Vere ficou imóvel, inseguro. Sua mente agora era a confusão borbulhante que costumava se tornar nas proximidades de Lydia. Dessa vez, ela turbilhonava com a ideia de “outra pessoa”, com todas as mentiras que ele dizia a si mesmo e qualquer fiapo desgarrado de verdade que conseguia sobreviver no buraco infernal que era seu cérebro.

Naquele poço fervente, Mallory discernia uma verdade ofuscante, a mais humilhante: era a “outra pessoa” que ele não conseguia suportar.

Para Lydia, essa era a verdade mais infeliz, mas não podia ser evitada. Ela tivera o azar de atravessar seu caminho, e mais azar ainda ao atrair seu interesse, e agora...

Ele nem deveria pensar naquilo porque, de todas as coisas depravadas que já fizera ou pensara em fazer, o que contemplava naquele momento ganhava o prêmio máximo.

Porém, ele era o último Mallory canalha, dissoluto, sem consciência etc. etc. O que importava um crime a mais em toda uma vida de pecados e ultrajes? Avançou até a porta do escritório e empurrou-a. Encontrou-a jogando o conteúdo da trouxa na mesa.

– Mandei você ir embora – disse Lydia. – Se você tem ao menos um fiapo de consideração...

– Não tenho. – Ele fechou a porta. – Case-se comigo, Grenville.

## CAPÍTULO 10

**A**inswood ficou parado diante da porta, parecendo um náufrago. O casaco e o colete, ambos amarrotados e sujos, estavam desabotoados. Ele havia perdido o lenço de pescoço – provavelmente com a ajuda de Lydia – e a camisa se abriu, revelando as linhas poderosas do pescoço, do ombro e do peito. As calças justas estavam manchadas, as botas arranhadas.

– Case-se comigo – repetiu, atraindo o olhar dela para o próprio rosto.

Seus olhos estavam escuros e as feições tinham assumido a expressão dura que Lydia já vira antes: Vere estaria irredutível, surdo como uma porta a qualquer coisa que ela dissesse.

Lydia não tinha certeza do que o levara à ideia do casamento, mas podia adivinhar: um tardio ataque de consciência, uma noção equivocada de dever ou a simples necessidade masculina de dominar. Mais provavelmente, uma mixórdia aleatória dos três, com uma dose de caridade e vários outros ingredientes doentios misturados.

De qualquer modo, independentemente do que ele pretendia, Lydia sabia que o casamento *significava* dominação masculina – com o apoio inquestionável de todas as formas de autoridade social: a lei, a Igreja, a Coroa... de todo mundo, em suma, menos das mulheres, cujo entusiasmo por esse status quo ia de intenso (entre as poucas equivocadas) até inexistente (entre as esclarecidas). No final da adolescência, Lydia havia se posicionado entre as últimas e, desde então, não se afastara dessa posição.

– Obrigada – respondeu em seu tom mais frio e decidido –, mas casamento não é para mim.

Ele se afastou da porta e se postou diante dela, do lado oposto da mesa.

– Não diga! Você tem algum princípio elevado contra o casamento.

– Na verdade, tenho.

– Acho que você não entende por que uma mulher precisa se comportar de modo diferente do homem. Não entende por que não pode simplesmente ir para a cama comigo e depois me largar. Afinal de contas, é isso que os homens fazem, então por que você não pode?

– As mulheres também fazem isso.

– As prostitutas. – Ele se empoleirou na beira da mesa, com as costas meio viradas para ela. – Agora você vai me dizer que chamá-las de “prostitutas” é injusto. Por que as mulheres devem ser demonizadas por algo que os homens fazem impunemente?

De fato era isso que ela estava pensando, e era o que ia dizer. Lydia lhe lançou um olhar cauteloso. O rosto de Vere estava virado para o outro lado, portanto ela não conseguia decifrar sua expressão.

Ficou inquieta. Teria apostado uma fortuna que ele não tinha a mais remota ideia do que ela pensava ou do que acreditava. Ainswood não deveria saber nada do que se passava na sua cabeça. Deveria enxergar todas as mulheres como objetos com vários graus de atratividade física e apenas uma utilidade, logo só haveria um motivo para existirem.

– Eu gostaria de saber por que sou a única mulher que precisa se casar com você para obter o que você paga para dar a outras. Milhares de outras mulheres.

– Você faz parecer que foi escolhida para um castigo. Cruel e desumano, sem dúvida. – Ele se afastou da mesa e foi até a lareira.

– Você acha que eu sou uma péssima barganha. Ou, mais provavelmente, pior do que isso: o problema não sou eu, mas todos os homens.

Ele pegou o balde de carvão e falou, reabastecendo a lareira de fogo agonizante:

– Você está tão cega por seu desprezo pelos homens que não consegue ver nenhuma das vantagens em se casar comigo.

Como se ela não tivesse passado a maior parte da vida vendo por conta própria as supostas vantagens do matrimônio, pensou Lydia. Como se não visse, quase todo dia, mulheres casadas angustiadas, desamparadas, instáveis, frequentemente convivendo com uma violência assustadora.

– Que vantagens específicas você tem em mente? – perguntou. – Sua riqueza? Eu tenho todo o dinheiro de que preciso e o bastante de reserva para os tempos ruins. Ou está se referindo aos privilégios do título? Como comprar os itens da última moda para usar em ocasiões sociais grandiosas onde a diversão principal é difamar o vizinho? Ou está falando em ser admitida na corte, para que eu possa me curvar e puxar o saco do rei?

Ele não levantou os olhos enquanto trabalhava, mas se demorou, arrumando os carvões meticulosamente com o atizador, usando o fole para atizar o fogo.

Agia com a competência tranquila de alguém que fazia isso havia séculos, ainda que fosse um trabalho inferior, abaixo da dignidade de um laçao, quanto mais de um nobre do reino.

O olhar de Lydia percorreu os ombros largos, desceu pelas costas fortes que se afinavam até a cintura e os quadris. Sentiu uma ânsia de desejo, mas a dominou.

– Ou talvez você chame de privilégio – continuou – ser obrigada a viver segundo um conjunto de regras absurdamente rígido que dita o que posso ou não posso dizer ou pensar?

Por fim, ele se empertigou e se virou para ela, a expressão

furiosamente calma.

– Pense nos badulaques preciosos da Srta. Price, pelos quais você arriscou a vida. Como duquesa de Ainswood, você poderia lhe dar um dote e ela se casaria com quem quisesse.

Lydia abriu a boca para observar que era uma falácia presumir que a Srta. Price precisava se casar tanto quanto a Srta. Grenville. Mas sua consciência deu as caras, berrando: *Como você sabe?* E Lydia se pegou encarando Ainswood, muda, com a mente borbulhante.

E se Tamsin gostava mesmo de Trent? Os fundos dele eram muito limitados, todo mundo sabia disso. Se os dois se casassem, não teriam como se sustentar. Mas não, Tamsin não estava interessada nele desse modo, argumentou Lydia consigo mesma. Ele era esquisito e a garota estava apenas curiosa, pois tinha curiosidade sobre tudo.

*E então o que será do futuro de Tamsin?,* perguntou-se, desalentada. *Se você contrair uma doença fatal ou tiver um acidente fatal, o que será dela?*

– Você escreve constantemente sobre os desafortunados de Londres – prosseguiu Ainswood enquanto ela ainda se debatia com o problema de Tamsin. – Sobre a injustiça, em termos gerais. Imagino que não lhe tenha ocorrido que a duquesa de Ainswood poderia, se quisesse, exercer uma considerável influência política. Você teria a oportunidade de pressionar os membros do parlamento a aprovarem a lei de Robert Peel para uma Força de Polícia Metropolitana, por exemplo.

Ele andou até a estante e examinou a coleção do *Registro anual*.

– E há a questão do trabalho infantil. É uma das suas causas prediletas, não é? Junto com a higiene pública e as condições espantosas dos cortiços. E das prisões. “Locais de proliferação do vício e das doenças”, como você descreveu.

Lydia se lembrou da irmã com seu avental sujo e remendado,

brincando nos becos fedorentos com crianças em condições piores ainda.

Lembrou-se da prisão de Marshalsea: o fedor, a sujeira, as doenças que se espalhavam incontroláveis pela imundície... A doença que havia se espalhado até sua irmã, matando-a. Sua garganta se contraiu.

– Educação – continuou ele, flagelando-a. – Medicina. – Ele se virou para ela. – Sabia que a prima do Trent, a jovem esposa do conde de Rawnsley, está construindo um hospital moderno em Dartmoor?

Estudos... pelos quais Lydia sentira uma fome insaciável, e os livros pelos quais havia ansiado. O que seria de sua educação se não fosse por Quith, o serviçal da família? Graças a ele, tinha instrução e descobrira meios de abrir caminho pelo mundo com independência. Ela era forte e decidida, mas e as que não eram? E as fracas e doentes, precisando de remédios, médicos, hospitais?

– Você poderia fazer alguma coisa em vez de só escrever sobre o que está errado.

Nem se ele tivesse passado anos estudando os mapas de seus pontos fracos, não os acertaria com mais precisão nem lançaria seus dardos verbais com um impacto tão devastador.

Lydia não sabia como nem quando ele a estudara. Só sabia que, naquele momento, sentia-se a mulher mais egoísta de todo o mundo, rejeitando o poder e a riqueza capazes de fazer o bem, apenas para preservar a liberdade pessoal.

Devia haver alguma falha naquela lógica terrível, disse a si mesma. Sem dúvida Lydia poderia dar uma resposta, uma cartada final. Porque Vere não podia estar completamente certo e ela, completamente errada. Sabia que a rota de fuga estava ali, em algum lugar de seu cérebro agitado. Quase podia...

A primeira pancada dispersou os pensamentos. A segunda os

espantou de vez. Lydia olhou furiosa para a porta, revisando em silêncio cada palavrão que conhecia.

– Cozinha – disse num tom firme. – Volte para a *cozinha*, Susan.

Do lado de fora, a cadela começou a ganir.

– Acho que Susan quer a mamãe – disse Ainswood, e foi até a porta.

– É melhor não – alertou Lydia enquanto ele segurava a maçaneta.

– Não tenho medo de uma cadela – replicou o duque, e abriu a porta.

Susan passou direto como se ele não existisse e trotou até Lydia. Farejou a mão dela, depois a lambeu.

– Você não precisa bancar a boazinha – disse Lydia, lutando para se manter paciente. – Não é sua culpa se ele incomodou você.

– Eu incomodei você, Susan?

Lydia o encarou. Ainswood estava observando a cadela com a testa franzida e a boca maliciosa curvada para baixo.

– Você é uma criatura muito grande para ficar presa numa cozinha pequena de uma casa pequena. Não é de se espantar que seja tão irritadiça.

– Ela não é irritadiça! – reagiu Lydia rispidamente. – Todo mundo sabe que os mastins...

– Em Longlands, ela teria hectares e mais hectares onde correr e brincar. E outros mastins com quem brincar. Gostaria disso, Susan? – perguntou, com a voz gentil. Em seguida, se agachou. – Não gostaria de ter um monte de colegas, e muitos hectares para explorar com eles? – Deu um assobio grave e musical.

As orelhas de Susan se levantaram, mas ela se recusou a se virar.

– Su-san – cantarolou ele. – Su-u-san.

Susan deu a volta ao redor da dona, depois parou, fitando-o.

– Gr-rr-rr.

Lydia conhecia aquele rosnado. Não era nem um pouco

ameaçador. Era o rosnado carrancudo de Susan.

*Nem ouse, pensou Lydia. Não se renda a ele também.*

– Venha, Susan. – Vere deu um tapinha no joelho. – Não quer vir morder minha cara? Sua mãe quer que você faça isso. Su-u-u-san.

– Grrr-rr-rrr.

A criatura maligna só estava bancando a difícil. Após um momento, fingiu interesse por um canto da mesa, depois examinou um canto do tapete e, por fim, foi até ele.

Lydia olhou-a, enojada.

– Achei que você tivesse bom gosto, Susan – murmurou.

A cachorra olhou brevemente para trás, então começou a farejar Sua Graça. Ele permaneceu agachado, a expressão relaxada, enquanto Susan farejava-lhe o rosto, as orelhas, o pescoço, as roupas amarrotadas e – claro – a virilha.

O pescoço de Lydia ardia, e o calor se irradiou para o resto do corpo. Susan devia estar intrigada porque o cheiro da dona estava nele todo, assim como o dele estava nela toda. Obviamente, Ainswood tinha se dado conta disso: era o que dizia seu olhar de divertimento, fixo no de Lydia.

Ela já estava quente. Aquele brilho verde de humor apenas atíçou um temperamento que já pegava fogo.

– Eu gostaria de saber por que, de repente, você está preocupado com os desafortunados, inclusive com minha cadela tristemente sofrida – disse de forma cortante. – Desde quando você virou Santo Ainswood?

Ele coçou atrás das orelhas de Susan, que resmungou e desviou o olhar, mas suportou aquilo bastante bem.

– Só destaquei alguns pontos em que você não tinha parado para pensar – respondeu em tom inocente.

Lydia rodeou a mesa e foi até a lareira.

– Você tocou nos pontos certos, como se fossem cordas de uma harpa. Você...

– O que você espera que eu faça? – interveio ele. – Que jogue limpo? Com uma mulher que cria suas próprias regras enquanto joga?

– Espero que você aceite um “não” como resposta.

Ele se levantou.

– Eu gostaria de saber do que você tem medo.

– Medo?! – exclamou ela. – *Medo? De você?*

– O único motivo possível para você rejeitar a oportunidade de comandar o mundo como quiser é o medo de não conseguir lidar com o homem que oferece essa oportunidade.

– Você só consegue pensar em um motivo porque sua mente é estreita demais para enfiar qualquer outro. – Lydia pegou o atizador e cutucou os carvões. – Desde que confessei minha virgindade, você desenvolveu uma crise virulenta de cavalheirismo. Primeiro decidiu me deixar de lado por nobreza. – Ela se empertigou e colocou o atizador de volta no suporte. – Agora decidiu me salvar da ruína, o que seria levemente divertido se você não fosse terrivelmente obstinado e ardiloso.

– Você acha meu comportamento levemente divertido? Como você acha que devo reagir ao ouvir a Srta. Rainha dos Atores, a Srta. Fraude do Século, me acusar de ser “ardiloso”?

Ela se afastou da lareira e retrucou:

– Independentemente do que eu tenha feito, não me vali de truques nem de atuações para induzir você a me seguir. Você é que andou me espionando, grudando-se nos meus calcanhares. Então, quando estou pronta para dar o que você quer, você decide que isso não basta. Preciso abrir mão da minha liberdade, da minha carreira, dos meus amigos e jurar uma devoção inabalável até que a morte nos separe.

– Em troca de riqueza, título e poder para fazer o que você estava tentando fazer de qualquer jeito – replicou Ainswood, impaciente.

Susan olhou para ele, depois para Lydia. Foi bamboleando até a dona e roçou o focinho na perna dela. Lydia a ignorou.

– O preço é alto demais! – exclamou, furiosa. – Não preciso da sua...

– Você precisou de mim esta noite, não foi? – interrompeu ele. – E admitiu isso, ou será que já esqueceu?

– Isso não quer dizer que eu queira ficar grudada em você permanentemente!

Susan se deitou junto à lareira, resmungando. Ainswood se encostou na porta, de braços cruzados.

– Você poderia não ter sobrevivido para participar do empreendimento desta noite se eu não estivesse por perto na noite passada – disse ele em tom tranquilo. – Poderia não ter sobrevivido para saracotear em Covent Garden ontem à noite se eu não a tivesse tirado do Jerrimer’s antes que Coralie e seus lacaios cortadores de gargantas descobrissem o seu disfarce. E, se eu não tivesse aparecido no Vinegar Yard, um dos capangas de Coralie poderia ter cravado uma faca nas suas costas enquanto você estava desafiando e provocando o resto do mundo. Isso sem falar que você poderia ter matado Bertie Trent se eu não estivesse no lugar certo para tirá-lo do caminho.

– Eu nem cheguei perto de matá-lo, sua criatura cega...

– Você guia uma carruagem do mesmo modo impensado e teimoso com que faz todo o resto.

– Eu guio há anos e nenhuma vez machuquei um ser humano ou um animal – rebateu ela com frieza. – Sem dúvida um desempenho muito melhor que o seu. Aquela sua corrida demente no aniversário do rei acabou com dois ótimos animais sacrificados.

Esse dardo acertou o alvo.

– Não os *meus* animais!

Ele se afastou bruscamente da porta. Como enfim encontrara o ponto fraco do lorde Macho Superior, Lydia pressionou, implacável:

– Foi um feito seu. Aquela corrida louca na estrada de Portsmouth foi sua ideia, segundo Sellowby. Ele disse a Helena que você desafiou seus amigos...

– Foi uma corrida justa! – Sua expressão ficou sombria. – Não foi minha culpa se aquele idiota inepto do Crenshaw abusou dos animais dele.

– Ah, então ele foi incompetente, *apesar* de ser um macho superior. Mas eu não posso ser considerada uma condutora capaz só porque sou mulher.

– Condutora? *Você?* – Ainswood gargalhou. – É isso que você se considera, uma candidata ao Four-in-Hand Club?

– Acha que eu não estou à altura de você ou de qualquer um dos seus amigos palermas?

– Se você tentasse correr naquela pista, iria parar numa vala antes do segundo estágio.

Em três passos raivosos, Lydia ficou bem perto dele.

– Ah, iria? – perguntou, provocando-o. – Quanto você aceitaria apostar?

Os olhos verdes dele cintilaram.

– Qualquer coisa que você quiser.

– Qualquer coisa?

– É só dizer, Grenville.

Lydia pensou rapidamente, lembrando o ataque que ele fizera à sua consciência pouco razoável. Ali estava a solução.

– Cinco mil libras para a Srta. Price e mil para cada uma das três instituições de caridade que eu indicar. *E* você ocuparia seu assento na Câmara dos Lordes e exerceria sua influência para aprovar a lei da polícia.

Vere se levantou com as mãos se fechando e abrindo.

– A aposta é alta demais para você? – indagou ela. – Talvez não tenha tanta certeza da minha incompetência, afinal de contas.

– Eu também gostaria de saber se você tem tanta certeza da

minha. O que  *você*  vai apostar, Grenville? – Ele avançou mais um passo, olhando-a de cima como se ela fosse minúscula, inferior. – Que tal sua preciosa liberdade? Você tem confiança suficiente para arriscar?

Bem antes de ele terminar de falar, Lydia percebeu o que tinha feito: o beco sem saída em que havia deixado seu orgulho e seu temperamento a encurralarem.

Hesitou apenas um instante, mas isso bastou para Ainswood presumir que ela estava em dúvida, porque o sorriso mais condescendente do mundo curvou-lhe a boca maligna, e os brilhos mais insuportáveis de riso brincaram em seus olhos verdes.

Então já era tarde demais para pensar duas vezes. A voz da razão não era páreo para o rugir do orgulho dos Ballisters, alimentado por séculos de ímpeto para conquistar, esmagar e pisotear qualquer coisa que estivesse em seu caminho até obter a submissão abjeta.

– Minha liberdade, então – disse ela, com a voz grave e firme, o queixo erguido. – Se não puder derrotá-lo, eu me caso com você.

Partiriam de Newington Gate às oito em ponto da manhã da quarta-feira seguinte, independentemente de clima, doença, leis do Parlamento ou de Deus. Recuar, por qualquer motivo, seria o mesmo que perder – com as mesmas consequências. Cada um levaria um passageiro para alertar guardiões de cancelas e cavaleiros de hospedarias e pagar pedágios. Guiariam veículos com apenas um cavalo, começando o primeiro estágio com o próprio animal. Daí em diante, pegariam os melhores disponíveis para as trocas. A linha de chegada era a estalagem Anchor, em Liphook.

Levaram menos de meia hora para estabelecer os termos. Em uma fração desse tempo, Vere compreendeu a enormidade do seu erro, mas já era tarde demais para recuar.

A corrida de junho era ainda uma ferida aberta. A perversidade do destino é que havia posto as palavras instigantes em sua boca. E ele, provocador por excelência, se deixara ser provocado. Tinha perdido o autocontrole junto com as estribeiras, e assim perdera o controle de tudo.

Em junho, tivera pelo menos a desculpa de estar completamente de porre quando desafiou uma sala cheia de homens a reencenar as corridas de carruagem da Roma antiga numa movimentada estrada inglesa. Ao voltar a si, já era a manhã seguinte e ele estava sentado em seu fâeton na linha de partida com quase dez veículos de cada lado.

A corrida foi um pesadelo. Observadores tão bêbados quanto os condutores provocaram danos em propriedades no total de várias centenas de libras; quatro competidores tiveram membros quebrados; duas carruagens foram destruídas e dois cavalos precisaram ser sacrificados.

Vere havia pagado por tudo, apesar de não ter obrigado ninguém a correr. A imprensa, os políticos e os pregadores o consideraram o único responsável – não só pela corrida mas, a julgar pela oratória extravagante, pela decadência da civilização.

Ele tinha consciência de que, sendo ruidoso e grosseiro, era um alvo de primeira para reformadores e outros hipócritas devotos. Infelizmente, também sabia que a corrida insana e a consequente indignação pública não teriam ocorrido se ele tivesse ficado com sua boca grande fechada.

No momento, não existia sequer a desculpa da embriaguez. Mesmo sóbrio, havia usado a língua idiota e, com umas poucas palavras imbecis, desfizera o que vinha construindo cuidadosamente enquanto cuidava do fogo: o argumento lógico e quase irresistível (para ela) do matrimônio.

E agora mal conseguia enxergar, quanto mais pensar direito, porque seu cérebro conjurava imagens de carruagens despedaçadas,

corpos mutilados e cavalos relinchando de dor, e dessa vez era a carruagem *dela*, o cavalo *dela*, o corpo mutilado *dela*.

As cenas de pesadelo o acompanharam enquanto ele saía do escritório e seguia pelo corredor. Estrondos e gritos ressoavam em sua cabeça quando ele abriu a porta bruscamente... e quase atropelou Bertie Trent, que estava com a mão erguida para segurar a aldrava.

No mesmo instante, Vere ouviu pesadas patas de cachorro ribombando atrás dele e se desviou rapidamente para não ser jogado no chão. Então Susan saltou em cima de seu amado.

– Eu gostaria de saber o que há de tão irresistível nele – murmurou Vere.

A mastim ficou de pé, apoiando as patas dianteiras no peito de Bertie enquanto tentava arrancar o rosto dele a lambidas.

– Droga, Susan, senta – ordenou Vere, irritado. – *Senta*.

Para seu espanto, ela obedeceu, soltando Bertie tão abruptamente que ele teria caído no vão da porta se a Srta. Price não lhe agarrasse o braço e o puxasse para cima.

– Ah, muito obrigado. – Bertie abriu um sorriso torto. – Por Deus, você tem a mão forte para uma moça tão pequena... quero dizer, não exatamente pequena – acrescentou depressa, deixando de sorrir. – Isto é... – Ele se interrompeu, como se só naquele momento tivesse notado Vere. – Ah, sim, não vi que você estava aqui, Ainswood. Alguma coisa errada?

Vere segurou a coleira de Susan e puxou-a para longe da porta, abrindo espaço para os dois entrarem.

– Nada – disse, nervoso. – Eu já estava de saída.

Ele soltou Susan, deu um tenso boa-noite para a decididamente curiosa Srta. Price e saiu depressa.

Enquanto abria a porta da carruagem, ouviu Bertie gritando para que ele esperasse.

Vere não queria esperar. Queria ir para a taberna mais próxima

em velocidade máxima e começar a beber até a manhã de quarta-feira. Mas não conseguira fazer nada como desejava desde o dia em que colidira pela primeira vez com a Srta. Nêmesis. Assim, resignou-se, contendo um suspiro, e esperou que Bertie se despedisse da Srta. Price.

Para Lydia, a impressão é que houve um revezamento: nem bem Ainswood havia saído do gabinete, Tamsin entrou correndo, com Susan nos calcanhares.

A garota arqueou as sobrancelhas ao ver a calça de Lydia. Então seu olhar atento se focou na bagunça em cima da mesa.

– Nossa, o que foi isso? – Ela se inclinou à frente, empurrou os óculos para cima do nariz e examinou tudo. – Um tesouro de piratas? Que estranho... Nossa! – Ela piscou para Lydia e contraiu o rosto. – Ah, n-nossa!

Tamsin engoliu em seco e mordeu o lábio, mas um soluço brotou de dentro dela, depois outro. Ela se lançou para Lydia e a abraçou com força. Lydia retribuiu o abraço com a garganta apertada.

– Por favor, não faça um estardalhaço – disse enquanto a jovem começava a chorar. – Eu sempre quis ser ladra de joias. Era o único modo de fazer isso de maneira mais ou menos legal. – Ela deu um tapinha nas costas de Tamsin. – Não é crime recuperar bens roubados.

Tamsin recuou e encarou-a, com os olhos marejados, arregalados como os de uma coruja.

– Você queria ser ladra de joias?

– Achei que seria empolgante. E foi. Venha comigo, que eu conto tudo. – Ela gesticulou para a jovem perplexa, chamando-a a segui-la. – Você precisa de um chá, e eu estou morrendo de fome. Essas rugas com nobres cabeça-dura abrem o apetite.

Tamsin ouviu a história, atordoada. Assentia, balançava a cabeça e sorria nas horas certas, mas Lydia tinha certeza de que a companheira não estava totalmente presente em espírito.

– Espero não ter deixado você em estado de choque – comentou Lydia, inquieta, enquanto subiam a escada da cozinha.

– Não. O problema é que Sir Bertram falou demais. Ele me entorpeceu de tanto falar de Carlos II. O rei foi assunto da conversa no caminho até o teatro, nos intervalos e na volta para casa. Tenho certeza de que mencionei todos os acontecimentos significativos do reino de Sua Majestade, mas não adiantou nada. Não conseguimos descobrir qual é a conexão com você, e agora não consigo pensar em outra coisa. Por favor, me desculpe, Lydia.

Tinham chegado ao corredor do térreo.

Ela agradeceu de novo a Lydia por recuperar seus pertences, abraçou-a mais uma vez, deu-lhe um beijo de boa-noite e subiu para o quarto, murmurando sozinha.

Coralie Brees não ficou nada satisfeita ao ver Josiah e Bill carregando o espancado Francis Beaumont – que eles haviam encontrado caído junto à latrina – para a casa pouco antes do alvorecer.

Antigamente, ela trabalhava para Beaumont em Paris, administrando um bordel que integrava o elaborado palácio de prazer dele, o Vingt-Huit. Precisaram sair às pressas de Paris na primavera, e a mudança para a Inglaterra significara a decadência. Beaumont era o cérebro por trás das operações do Vingt-Huit. Mas, agora, esse cérebro estava apodrecendo devido a grandes quantidades de ópio e álcool – e provavelmente também de sífilis.

De qualquer forma, o motivo não interessava a Coralie, que se importava apenas com os resultados. Em Londres, tinha um

emprego muito mais laborioso e que pagava muito menos, vendendo carne nova nas ruas.

Coralie não era inteligente o bastante para montar grandes empreendimentos próprios. Sua mente era estreita e nem um pouco elaborada. Sem ter sido corrompida pelos estudos, sem ter sido alargada pela experiência, incapaz de aprender pelo exemplo, também era estéril demais para sustentar formas de vida estranhas como a consciência ou a compaixão.

Se acreditasse que poderia se sair livre, de bom grado mataria Francis Beaumont, que ultimamente não passava de um incômodo irritante. Por mais de uma vez ela havia garroteado empregadas desobedientes – mas eram meras prostitutas, cuja falta ninguém sentia ou lamentava. Para as autoridades, não passavam de cadáveres anônimos retirados do Tâmis que geravam um monte de papelada e o aborrecimento de um enterro de indigente, gastando tempo e esforço, sem recompensa para os trabalhadores.

Beaumont, por outro lado, tinha uma esposa artista famosa que andava em círculos aristocráticos. Se fosse encontrado morto, uma investigação seria aberta e haveria uma recompensa em troca de informações. Coralie não confiava que ninguém que trabalhava para ela resistisse à tentação de uma recompensa. Por isso, não enrolara seu cordão especial no pescoço de Beaumont.

Decidir não matá-lo foi um erro. Infelizmente, um erro que outras pessoas haviam cometido e, dessa vez, como em ocasiões anteriores, que teve sérias consequências. Quando Beaumont recuperou o ânimo para a vilania com a ajuda de uma garrafa de gim, Coralie estava tendo um chique. Tinha encontrado um empregado da casa, Mick, sem sentidos no chão da cozinha, o quarto saqueado, e Annette, a caixa de dinheiro e as joias sumidos.

Mandou Josiah e Bill caçarem a garota – e trazê-la de volta viva, para que Coralie tivesse o prazer de matá-la bem lentamente. Só depois de os rapazes saírem é que Beaumont opinou que era perda

de tempo, pois Annette havia fugido horas antes com um valentão que faria picadinho dos garotos.

– E você só pensou nisso agora que eles foram embora? – berrou Coralie. – Não podia abrir a boca antes, enquanto eles estavam aqui?

– É a segunda vez em seis meses que fui moído por um punho – retrucou Beaumont, encolhendo-se. – Foi o mesmo que o Dain fez comigo em Paris, lembra? Se eu não soubesse que ele estava em Devon, juraria que ele me atacou. Um sujeito grande. Mais de 1,80 metro, com certeza.

Seu olhar remelento foi até o alfinete de gravata de jade no corpete de Coralie. Instintivamente, ela cobriu-o com a mão.

– A puta francesa roubou meu alfinete junto com o resto do seu tesouro – mentiu ele. – Vou aceitar sua nova aquisição como reembolso. É um pagamento bem pequeno, considerando que quase fui morto na tentativa de impedir que a cadela matasse você. Só o diabo sabe por que eu não a ajudei, considerando os truques que você fez comigo. Você roubou meu alfinete. Fez a florista desaparecer também. Em que bordel você a enfiou? Ou será que a aleijadinha lutou com seus capangas usando a muleta e escapou das investidas amorosas deles?

– Nem cheguei perto daquela corcunda! – gritou Coralie. – Ninguém contou a você o que aconteceu ontem à noite? As vagabundas só falavam nisso em Covent Garden, que Ainswood estava jogando dinheiro fora e perseguindo uma putona cigana...

– Ainswood? – interrompeu Beaumont. – Com uma mulher alta?

– Isso. Foi ele que me deu o alfinete. – Coralie acariciou o novo tesouro. – Porque ela me empurrou contra uma coluna.

A boca machucada de Beaumont se retorceu num sorriso feio.

– Ele vem perseguindo uma mulher alta há semanas. Desde que ela o derrubou. No Vinegar Yard. Lembra que ela roubou aquela moleca de cabelo escuro de você?

– Eu me lembro da cadela. Mas ela estava usando roupa de viúva. A de ontem à noite era uma daquelas ciganas sujas, ladras, deve ser parente da porca gorda que finge que lê a sorte.

Beaumont a encarou, depois balançou a cabeça, pegou a garrafa de gim e a tomou com os lábios inchados. Ao esvaziá-la, pousou-a na mesa.

– Acho que não existe mulher mais idiota do que você em todo o mundo. Acho mesmo.

– Sou inteligente a ponto de não deixar minha cara ser esmagada, não é?

– Não o suficiente para ver que foi Ainswood que ajudou sua putinha francesa a roubar você ontem à noite.

– Um duque? Roubando? Se ele tem mais dinheiro do que pode usar e anda por Londres distribuindo bolsas cheias de soberanos, como se o dinheiro lhe queimasse as mãos se ele o segurar por muito tempo?

– O que aprecio em você, Coralie, é como você é livre de todos os processos de lógica. Acho revigorante. Se você tentasse somar dois e dois, sua cabeça iria doer demais, não é, minha pequena sedutora?

Coralie não tinha ideia do que ele estava querendo dizer. Era como se ele tivesse falado em latim, grego ou chinês. Ignorando-o, foi até o armário e pegou outra garrafa de gim. Abriu-a e encheu um copo sujo.

– Não vejo motivo para esclarecê-la – disse Beaumont, observando-a beber. – Como dizem, a ignorância é uma bênção.

Na verdade, não dava para entender nem por que ele estava falando, já que a cabeça doía bastante. O problema era que, quando Beaumont sentia dor, estava encrascado ou experimentava qualquer coisa desagradável, seu tratamento predileto – geralmente acompanhado de ópio e/ou álcool – era deixar alguém sofrendo muito mais do que ele.

Por isso, Beaumont esclareceu Coralie.

– Deixe-me adivinhar: aquele ninho de rato de badulaques continha alguma coisa que pertencia à moleca de cabelos escuros que a Srta. Lydia Grenville tirou de você.

Coralie se deixou cair numa cadeira, com os olhos se enchendo de lágrimas.

– É, e eram muito bonitos. Rubis e *amefistas*. – Uma lágrima caiu na mão que segurava a garrafa de gim. Ela encheu o copo de novo.

– Agora só me resta o alfinete do duque, e você quer pegar.

– Ametistas, e não *amefistas*, sua vaca analfabeta. E devem ser legítimas, caso contrário ninguém iria se incomodar em pegar de volta. Você não entende ainda? A mulher alta convenceu Ainswood a ajudá-la a recuperar as joias para a preciosa molequinha, e eles convocaram Annette, que jamais teria coragem de fazer isso sozinha. Ela já tinha enchido Mick de láudano quando eu cheguei, e não ficou nem um pouco satisfeita ao me ver uma hora antes do combinado. Eu praticamente precisei arrastá-la até o andar de cima. Quando vi o que ela havia feito no seu quarto, logo percebi o porquê. Foi então que ela entrou em pânico e saiu correndo. Fui atrás dela e dei de cara com Ainswood. Aposto qualquer coisa que eles dividiram o saque e ajudaram-na a sair de Londres. E agora ele e a Srta. Grenville estão morrendo de rir. Ora, por que não estariam? Eles roubaram duas garotas de você, todos os seus tesouros reluzentes, todo o seu dinheiro.

Como já esvaziara uma garrafa e Coralie segurava a outra com ciúmes, Beaumont ficou parado, deixando-a meditar sobre o que ele dissera.

De qualquer modo, o crápula não era do tipo que apenas observava a semente venenosa que havia plantado. Não era necessário. Sabia bem o que dizer e escolhia as falas de acordo com a natureza do ouvinte. Deixou Coralie fertilizar o jardim abominável e colher o mal.

Na sexta-feira, Elizabeth e Emily leram no *Whisperer* sobre o heroísmo de seu guardião na Exeter Street, que incluía o fato muito interessante de que a Srta. Grenville o perseguira até a Strand.

No sábado, chegou uma carta expressa de Londres enquanto a família tomava o café da manhã. As garotas tiveram tempo de reconhecer a letra excessivamente ruim do duque de Ainswood, assim como seu sinete, antes que lorde Mars deixasse a mesa e levasse a correspondência para seu gabinete. Lady Mars o acompanhou.

Apesar da espessura da porta do escritório, seus gritos foram bem audíveis. Instantes depois, uma empregada entrou correndo com sais aromáticos.

Na noite de sábado, a mais velha das três irmãs de Dorothea chegou com o marido. No domingo, vieram as outras duas com os cônjuges.

A essa altura, Elizabeth e Emily já haviam se esgueirado para o gabinete do tio, leram a missiva e saíram na ponta dos pés.

Por meio de vários ardis engenhosos, no decorrer do dia, Elizabeth e Emily conseguiram entreouvir os pontos essenciais da crise familiar. Depois do jantar, só precisaram entreabrir uma fresta na janela do quarto e, escondidas nas cortinas, ouvir os homens conversando no terraço enquanto fumavam – e atendiam ao chamado da natureza, pelo sons que faziam. O tio mais velho, lorde Bagnigge, que se atracara com os copos, foi quem se demorou mais.

– É uma pena – disse ele –, mas precisamos pensar em Lizzy e Em. Montar uma frente unida. Não podemos dar crédito a isso. O escândalo já é suficientemente ruim. Não podemos assistir, participar. Rapaz maldito. Isso não é a cara dele? Uma mulher sem conexões, por assim dizer, e provavelmente não é adequado falar a respeito dela, caso contrário alguém já teria ouvido algo sobre a família. E uma corrida. Ele vai ganhá-la numa corrida, como se a mulher fosse uma bolsa de dinheiro. Pobre Lizzy. Pronta para ser

apresentada à sociedade... Como vai manter a cabeça erguida? Uma escrevinhadora comum, duquesa de Ainswood... e conquistada numa corrida, ainda por cima. Até mesmo aquele velho devasso, o pai do Charlie, deve estar se revirando no túmulo.

Elizabeth puxou a irmã para longe da janela.

– Eles não vão mudar de ideia – sussurrou.

– Isso não está certo – comentou Emily. – Papai iria.

– O primo Vere ficou junto do papai no momento necessário.

– Ele ficou junto de Robin, quando ninguém mais ousou.

– Papai o adorava.

– Ele fez Robin feliz.

– Só uma coisinha: o primo Vere pediu à família para comparecer ao casamento. – Os olhos de Elizabeth chamejaram. – Não me importam as conexões dela. Não me importariam nem se ela fosse a Prostituta da Babilônia. Se ele a quer, para mim isso basta.

– Para mim também – concordou Emily.

– Então é melhor deixarmos isso claro, não é?

## CAPÍTULO 11

*Quarta-feira, 1º de outubro*

O sol teve dificuldade para se erguer no horizonte. Abriu caminho através da névoa que vinha do rio, brilhou espasmodicamente através da neblina e depois foi engolido por um pantanal de nuvens cinzentas.

Graças ao nevoeiro e a uma última – e inútil – tentativa de convencer Tamsin a não acompanhá-la, Lydia chegou a Newington Gate com apenas quinze minutos de antecedência.

Apesar de estar bem cedo, nem todos do pequeno aglomerado eram da ralé. Junto com os espectadores esperados – repórteres, rufiões variados e prostitutas –, ela viu meia dúzia de membros da alta roda, aparentemente bêbados, acompanhados da aristocracia da prostituição. Só não avistou Helena, que estava gripada e preferiria a força a ser vista em público com o nariz vermelho.

Mas o grosso dos colegas de Ainswood estaria em Liphook. Segundo Helena, o duque havia mandado bilhetes convidando todos os amigos para comemorar a vitória.

– Sellowby disse que Sua Graça obteve uma licença especial e um anel, e que haverá um pastor esperando na estalagem, para realizar a cerimônia – informara Helena no sábado.

Desde então, Lydia estava furiosa. Mas, agora, se perguntou se Sellowby não teria simplesmente passado adiante um boato.

Faltavam quinze para as oito e Ainswood não estava ali.

– Talvez ele tenha tomado tino – arriscou Lydia, estacionando a carruagem em sua posição de partida. – Talvez alguém o tenha feito pensar em seu status e suas responsabilidades. Se a maldita família se importasse ao menos um pouquinho com ele, não o deixaria fazer um espetáculo tão ridículo. Pense só naquelas duas meninas sob sua guarda... Devem estar mortificadas com seus métodos para obter uma esposa. Ele não leva em conta que a mais velha deve enfrentar a alta sociedade quando for apresentada, na primavera? Os escândalos afetam as garotas, mas ele não liga, pois, afinal de contas, são meras criaturas do sexo feminino – acrescentou Lydia em tom cortante. – Duvido que ele se lembre do nome delas.

Emily e Elizabeth moravam com a tia paterna, Lady Mars, em Blakesleigh, Bedfordshire. O marido dela era um dos aliados mais fiéis de Robert Peel na Câmara dos Lordes.

Lydia não queria pensar nas duas garotas, em especial na mais velha, à beira de adentrar o redemoinho social, com todas as suas armadilhas. Infelizmente, Lydia já abrira a caixa de Pandora na quarta-feira anterior, ao folhear o *Nobiliário de Debrett*.

Já coletara tantas informações sobre a família Mallory quanto coletara sobre a da mãe. Enquanto Lydia trabalhava em “A rosa de Tebas” e nos artigos e ensaios para o número seguinte da *Argus*, Tamsin dera continuidade ao que ela começara. Depois de exaurir o *Debrett*, o *Registro anual* e as fontes genealógicas principais, havia se voltado para as numerosas publicações da alta sociedade.

Os Mallorys não eram o único projeto de pesquisa de Tamsin: ela também já estava sabendo tudo sobre a família de Trent.

Inicialmente, tentara discernir um acontecimento ou pessoas, do passado ou do presente, que explicariam a obsessão dele por Carlos II. Nesse processo, descobrira que a família de Bertie tinha um número bem grande de personagens incomuns. Achava-os fascinantes e, durante as refeições, deliciava Lydia com histórias deles.

Isso afastava a mente da jornalista dos Mallorys, mas não por muito tempo. Seus pensamentos retornavam sempre a Robert Edward Mallory, o jovem duque, e pegava-se sofrendo por um menininho que nem chegara a conhecer. Logo suas reflexões passavam para as irmãs do menino, órfãs, o que era ainda pior, porque ficava preocupada, como se as conhecesse pessoalmente e, de algum modo, fosse responsável por elas.

Era absurdo atormentar-se por causa delas, tentava se convencer Lydia. Ainda que Lady e lorde Mars tivessem uma grande família com que se importar, isso não significava que as garotas que Ainswood negligenciava não fossem felizes e bem tratadas.

Lydia repetia isso dezenas de vezes. Sua mente estava convencida; o coração, não.

Pegou o relógio de bolso do tio-avô e franziu a testa.

– Menos de dez minutos para a hora da largada. Maldito. Se ele pretendia desistir, deveria ao menos avisar. Bellweather vai dizer que eu inventei tudo, que foi uma tentativa desavergonhada de obter publicidade. – Ela guardou o relógio. – Como se Ainswood já não tivesse alardeado a corrida antes para seus amigos idiotas. Como se eu quisesse que todo mundo soubesse que deixei aquele brutamontes teimoso e condescendente me induzir a esta situação ridícula.

– O duque não deveria ter me enfiado nesse problema – disse Tamsin, alisando as luvas. – Mesmo desesperado, não deveria ter sido tão inescrupuloso... para não dizer completamente irrazoável... em instigar seus sentimentos generosos com relação a mim. Há um limite para tudo, como eu disse a Sir Bertram. – Ela bufou, impaciente. – Um dote, imagine só. Posso entender muito bem por que você ficou tão exasperada com o duque, pois até Sir Bertram não compreendeu todos os princípios que estavam em jogo, e me senti bastante tentada a dar um tapa nas orelhas dele. Com ou sem Carlos II, ele deveria entender o fato óbvio de que eu posso ganhar

meu sustento. Mas eles vão ver. Vão comer poeira, Lydia, e minhas ridículas 5 mil libras serão usadas para ajudar os que *precisam* de ajuda, o que não é o meu caso.

Assim que Tamsin se recuperara da saída com Bertie Trent – e Carlos II – e do choque de receber de volta as joias que tinha considerado perdidas, ressentiu-se da parte da aposta ligada a ela. Com a mesma determinação implacável que a levava de seu povoado na Cornualha até Londres, insistira em acompanhar Lydia. Mais ainda, Tamsin estava tão chateada com Trent quanto estivera na sexta-feira, a última vez em que falara com ele.

– Parece que os cavalheiros decidiram fazer o desjejum com outra coisa que não a nossa poeira – comentou Lydia, e pegou o relógio de novo. – Mais alguns minutos e...

Uma cacofonia de gritos e assobios da multidão a interrompeu. Um instante depois, um tálburi elegante com um poderoso cavalo castanho passou rapidamente pelo portão e chegou à linha de largada. Ainswood tocou de leve na aba do chapéu – pela primeira vez ele estava usando um – e lhe lançou um sorriso maroto.

Lydia desejou ter posicionado o veículo mais perto da beira da estrada, assim o obrigaria a parar à sua direita e o corpo grande de Trent a impediria de enxergar o duque.

Mas apenas Tamsin estava sentada entre eles. Por cima da cabeça dela, Lydia via a expressão dura e presunçosa de Ainswood, o brilho maligno dos olhos verdes, o ângulo arrogante do maxilar. Aquelas roupas elegantes podiam muito bem ter sido esculpidas nele. Quase podia sentir o cheiro da goma no lenço de pescoço, a lisura do linho...

Lembrou-se nitidamente do calor e da força de seu corpo grande, dos músculos saltando ao seu toque, da batida do coração contra a palma de sua mão.

O coração agora martelava no peito. Então veio o fluxo de lembranças indesejadas: o menino que ele havia perdido... as duas

garotas órfãs... as crianças que ele resgatara na Exeter Street... a florista... a fúria fria e brutal enquanto nocauteava um homem com dois socos ferozes... o corpo grande e rude... os braços fortes, capazes de levantá-la como se ela fosse uma menininha... o sussurro áspero: "Você é linda demais."

No entanto, Lydia apenas assentiu, régia, para ele, fechou a tampa do relógio e guardou-o.

– Estava impaciente pela minha chegada, é, Grenville? – gritou o duque acima dos gritos e assobios da multidão.

– Atrasou-se com um ataque de nervos, Ainswood?

– Estou trêmulo, já antecipando o que vai acontecer.

– Ah, sim, eu me *antecipando* a você na linha de chegada. Com um quilômetro de vantagem.

Por perto, os malandros que infestavam cada acontecimento esportivo recebiam apostas de última hora, mas Lydia não conseguia identificar quem levava mais vantagem nos últimos instantes, devido ao tumulto em sua mente.

Porém, não havia como recuar. Ela não poderia desistir de tudo pelo que batalhara – de sua própria identidade, já que era disso que se tratava – sem uma disputa. E Lydia Grenville jamais entrava numa disputa que não estivesse decidida a vencer.

– Um minuto! – gritou uma voz acima do rugido da multidão.

Os espectadores ficaram em silêncio. O rugido interior de Lydia se acalmou.

Alguém ergueu um lenço. Ela se concentrou nele, segurando o chicote com firmeza. Então os sinos da paróquia tocaram e o quadrado de linho branco flutuou para o chão. Lydia estalou o chicote... e eles partiram.

A velha estrada de Portsmouth começava na Ponte de Londres, seguia por Southwark, passando pelas prisões de Marshalsea e

King's Bench, pelas rodovias de Newington e Vauxhall, indo até Wandsworth, e prosseguia por Putney Heath até Robin Hood Gate.

Era a rota que Lydia havia escolhido, por vários motivos sensatos. Às oito horas, as carruagens mais lentas de Portsmouth já teriam partido, descongestionando um pouquinho a via. Enquanto isso, as carruagens mais rápidas que partiam da Piccadilly na mesma hora ganhariam uma dianteira considerável sobre os competidores, que estariam manobrando por Newington e Lambeth. Consequentemente, Lydia esperava que houvesse menos engarrafamento no Robin Hood Gate, onde seria feita a primeira troca de cavalos, no ponto em que se uniam as rotas de carruagens lentas e rápidas.

A rota lenta também seria boa para Cleo, a égua preta de Lydia, que estava acostumada a andar por ruas movimentadas e não se apavorava com veículos ou seres humanos correndo em seu caminho.

Infelizmente, a forte e intrépida Cleo não era páreo para o poderoso capão de Ainswood. Ainda que o tálburi fosse quase tão pesado quanto o cabriolé de Lydia, ainda que o peso dos homens mais do que compensasse o veículo ligeiramente mais leve, Ainswood ultrapassou Lydia a pouca distância depois de Vauxhall e logo abriu vantagem. Quando Lydia trocou de cavalo na estalagem Robin Hood, o tálburi estava fora de vista.

Lydia tinha consciência do olhar preocupado de Tamsin enquanto elas passavam rapidamente pelo Richmond Park.

– Não, não parece promissor – comentou, em resposta à pergunta não verbalizada. – Mas ainda há esperança. Apenas mais um minuto e terei certeza de que eu e esta criatura nos entendemos.

O baio arreado não era tão cooperativo quanto Cleo e tendia a se amedrontar com cada sombra. Mas, quando passaram pela Kingston

Market Square, o cavalo já estava submisso a Lydia. Assim que saíram da cidade, ela disse para a companheira se segurar.

Bastou um estalo agudo do chicote – que não tocou o cavalo por um triz – e o baio trovejou pelos 6 quilômetros seguintes num ritmo enlouquecedor.

Após uma troca rápida em Esher, Lydia mergulhou no estágio seguinte e, enfim, viram o tílburí no Cobham Gate.

Trent estava agarrado à lateral do tílburí, olhando a estrada atrás.

– Por Júpiter, lá está ela de novo – disse em tom soturno. – Rápido, Ainswood, parece que elas não estão dispostas a desistir.

Vere olhou para cima. Grandes aglomerados de nuvens cinzentas passavam impelidas por loucas correntes de vento, que também assolavam seu rosto e arrancavam folhas desbotadas das árvores de Pains Hill, lançando-as em redemoinhos pelo campo ondulado.

Ele já havia levado dois cavalos até o limite com o objetivo de ganhar uma boa vantagem e desencorajar qualquer ser humano racional e sóbrio. Grenville não só persistia como se aproximava.

Enquanto isso, uma tempestade vinda das entranhas do inferno estava se armando, e o pior da rota ainda nem passara. Pela milésima vez em cinco dias, se xingou por tê-la instigado àquela corrida maldita – ou por se permitir ser instigado. Apesar de já ter repassado a discussão inúmeras vezes, ainda não tinha certeza de quem havia provocado quem. Só sabia que perdera as estribeiras por nada e fizera uma tremenda bobagem. Desejava que ela tivesse jogado alguma coisa em cima dele ou batido nele. Isso iria satisfazê-la, e talvez lhe injetasse algum bom senso. Porém, já era tarde demais. Essas reflexões eram apenas as mais recentes numa longa série de “e se”.

Ockham Park sumira atrás deles, e as primeiras casas dispersas de Ripley surgiam sob o céu que escurecia, agourento. O vento ia

ficando mais forte, e Vere queria acreditar que esse era o motivo para ter calafrios.

Sabia que não.

Ele era insensível ao clima. Calor tórrido, frio de rachar, aguaceiro, vendaval e nevasca jamais lhe haviam causado algum desconforto digno de nota. Nunca adoecia. Não importava quanto abusasse do corpo, não importavam as doenças a que se expusesse, por mais que fossem contagiosas...

Afastou a lembrança antes que ela pudesse se formar e se concentrou em sua competidora e na estrada adiante. Ainda faltavam cerca de 40 quilômetros para percorrer, em meio ao que prometia ser o pior tempo no terreno mais traiçoeiro. Podia ver claramente meia dúzia de lugares onde ela poderia se sair mal... e ele estaria longe demais para salvá-la.

Longe demais, como sempre, quando precisavam dele.

Entrou no pátio da Talbott Inn e, minutos depois, saiu de novo, com um novo animal arreado, e o tempo todo um refrão soava como sinos fúnebres em sua mente: *Longe demais. Tarde demais.*

Estalou o chicote acima da cabeça do cavalo e o animal saltou, trovejando, pela ampla rua do povoado.

Não fazia muito tempo, também havia disputado uma corrida através de campos e ruas de povoados... Mas não iria pensar nisso, na primavera que o fizera odiar as primaveras seguintes e passar a estação das flores numa bebedeira cega.

Passaram voando por Clandon Park e entraram no trecho longo – quase deserto na primeira parte – de Meroe Common. Vere seguiu em frente, com mais intensidade do que antes, rezando para que sua oponente tivesse bom senso. Ela não podia ter esperança de vencer. Ele estava muito à frente. Ela deveria desistir.

Trent se virou de novo para olhar.

– Ela ainda está à vista? – perguntou Vere, morrendo de medo da resposta.

– Chegando perto.

Irrromperam em Guildford, passando a toda velocidade pela rua calçada de pedras, acelerando na descida.

Mas o cabriolé chegava cada vez mais perto.

Passaram sobre o rio Wey e subiram a colina de St. Catherine. Os cavalos diminuíram a velocidade, esforçando-se na subida íngreme, cansados demais para acelerar o passo, enquanto atravessavam Pease Marsh Common.

E o cabriolé chegava cada vez mais perto, até que Vere praticamente pôde sentir o cavalo bufando em seu pescoço.

Porém, estava mais consciente ainda do vento furioso, do céu denso de nuvens, do ribombo de alerta ao longe. Pensou no trecho brutal que havia pela frente: 20 quilômetros de subidas íngremes e descidas traiçoeiras. Visualizou a tempestade caindo sobre eles... cavalos em pânico, relinchando de medo, lançando-se para fora da estrada... o cabriolé despedaçado.

Tentou acreditar que ela iria desistir, mas, a cada quilômetro, suas dúvidas se intensificavam.

Quando ele já a vira recuar?

Resgatando a Srta. Price no Vinegar Yard... batendo em Crenshaw diante do Crockford's... zombando de Vere, na cara dele, na Blue Owl... disfarçando-se de homem no Jerrimer's... escalando os fundos da casa de Helena Martin... saracoteando seminua em Covent Garden... bancando a ladra de joias na Francis Street... Grenville enfrentava qualquer coisa, não tinha medo de nada. E, quando se tratava de orgulho, Vere só conseguia pensar em uma pessoa cuja arrogância avassaladora se equivalia à dela: o próprio lorde Belzebu.

Então algo chamou sua atenção, nas bordas distantes da memória – um fiapo de imagem, um reconhecimento. Isso havia acontecido antes, mais de uma vez, e agora, a exemplo das ocasiões anteriores, a coisa sumiu – sumiu como às vezes uma palavra ou

uma frase que não conseguimos lembrar e fica fora do nosso alcance, hipnotizante. Deixou-a ir porque a memória, o passado, não importava tanto quanto o presente.

No presente, não podia mais acreditar que aquela mulher desistiria, nem num dilúvio de quarenta dias nem no apocalipse. Recuar não fazia parte da natureza dela, assim como não fazia parte da sua. A diferença era que Grenville não dava importância ao que pudesse acontecer com ele.

Quando entrou no pátio da estalagem em Godalming, já tinha tomado a decisão. O cabriolé seguia bem próximo a ele. As nuvens cuspiam gotas geladas e os ribombos de alerta ficaram mais altos.

– Nunca vamos ser mais rápidos do que esta tempestade, Grenville! – gritou ele acima do burburinho do estábulo. – Vamos parar, sem penalidade. Estamos tão perto do empate que não faz diferença.

– Graças a Deus – murmurou Bertie ao lado dele. Pegou seu lenço e enxugou a testa.

Grenville apenas o encarou, do modo frio e mortal que Vere considerava intoleravelmente provocador. Mesmo agora, quase entrando em pânico, ele tinha vontade de sacudi-la.

– Perdeu a coragem? – retrucou ela, com um tom gélido, dando-lhe um olhar de desprezo.

– Você não pode se matar por minha causa.

Um empregado do estábulo trouxe o cavalo de Lydia: era um capão grande e preto com olhar selvagem.

– Leve esse animal de volta – ordenou Ainswood rispidamente para o homem. – Qualquer idiota pode ver que ele costuma disparar sem controle.

– Coloque-o nos tirantes – mandou Grenville.

– Grenville...

– Cuide do seu próprio animal, Ainswood. Vejo você em Liphook.

– Um empate, foi o que eu disse, maldição! Sem penalidade.

Está surda, mulher?

Ela apenas o fuzilou com outro olhar de górgona e se virou para levantar a capota do cabriolé.

– Você não precisa se casar comigo! – gritou ele. – Está acabado, entendeu? Acabado. Você provou que é uma condutora competente.

– Obviamente não provei porcaria nenhuma. Você aí! – berrou ela para um empregado da estalagem. – Dê uma mãozinha com a capota, e não fique olhando de boca aberta.

Enquanto Vere observava tudo numa incredulidade entorpecida, a capota do cabriolé foi levantada e a fera do inferno foi presa nos arreios.

Antes que Vere conseguisse saltar do túburi e arrancá-la do assento, o capão preto saltou adiante, dando um coice de lado no empregado do estábulo e jogando a Srta. Price contra o assento. No instante seguinte, o cabriolé disparou para fora do pátio. Acima dos gritos e palavrões dos cavaleiros, Vere escutou a gargalhada de Grenville.

– Ah, meu Deus, Lydia, este animal é insano – disse Tamsin, ofegante, agarrando-se à lateral da carruagem com as duas mãos. Era uma reação inteligente, tendo em vista a velocidade alucinante do capão. – O duque vai ter uma apoplexia, você sabe disso. Tenho certeza de que ele está morrendo de preocupação, coitado.

– Você está preocupada? – perguntou Lydia, mantendo os olhos fixos na estrada.

O capão era um bruto empolgado, e suficientemente forte para subir com elas a Hindhead Hill num bom ritmo, mas tinha uma péssima tendência a puxar para a esquerda.

– Não. Isto é excitante. – Tamsin se inclinou para a frente e olhou para trás. – Eles estão começando a pegar o ritmo de novo. O rosto de Sir Bertram está muito vermelho.

Os trovões reverberavam acima de Witley Common. Lydia captou

um clarão de luz à distância. Outro estrondo se seguiu, após um curto intervalo.

A garota se recostou no banco.

– Como você conseguiu recusar o pedido de Sua Graça? Ele estava terrivelmente abalado. Sei que o duque é provocador e poderia ter feito a oferta de empate com mais tato...

– Ele acredita que sou tão pateta e irresponsável a ponto de morrer. E levar você comigo – respondeu Lydia, tensa. – É por isso que está preocupado, e é isso que é intolerável.

Com o canto do olho, ela vislumbrou mais um raio. Em seguida, soou um trovão grave.

– Se tudo corresse como Ainswood esperava, eu acabaria sentada, comportadinha, ao lado dele. Olhando com adoração para seu rosto enganador. Mas ele não vai me tornar propriedade particular nem me amarrar a ele até que a morte nos separe, se eu puder evitar.

Já haviam passado da metade da longa colina. O capão preto começou a desacelerar, mas não demonstrava sinais de cansaço.

– Nem seria tão ruim se ele também a olhasse com adoração – disse Tamsin.

– Isso é pior. O olhar de adoração de Ainswood pode ser mortal. Eu tive uma amostra em Covent Garden. Sua Graça, de joelhos, com esse olhar é uma visão devastadora.

– Eu gostaria de ter visto.

– Eu gostaria de não ter visto. Precisei fixar a mente em Susan e em seus olhares sinceros, motivados por gananciosas preocupações caninas como comida, brincadeira ou carinho. Caso contrário, teria me derretido.

– Pobre Susan... O duque não poderia tê-la usado contra você. Foi uma atitude cruel.

– Pobre Susan, mesmo. O comportamento dela foi uma desgraça.

– Talvez ela só tenha sentido pena dele. Susan parece sentir quando não estamos bem, agitadas, perturbadas. Ontem mesmo, Millie ficou chateada porque queimou um avental. Susan largou a bolinha aos pés dela e lhe lambeu a mão como se... Ah, meu Deus, ali está o patíbulo.

Tinham quase chegado ao topo da colina, onde ficava o patíbulo de Hindhead. A chuva fraca batia na capota da carruagem e o vento esganiçado se mesclava fantasmagoricamente ao tilintar das correntes do cadafalso. Raios golpeavam as bordas distantes da Tigela do Diabo, e os trovões ribombavam, acrescentando seus tambores agourentos àquele concerto satânico.

Na crista do morro, Lydia parou o cavalo, pois ele estava exalando vapor e obviamente precisava descansar. Mas logo o animal ficou irrequieto, forçando os tirantes, impaciente para continuar.

– Por Deus, você é empolgado, hein? – disse Lydia. – Calma, meu amigo, você não pode nos fazer mergulhar de cabeça nesse morro.

Ouviu atrás – bem perto – o chacoalhar de rodas e o som de cascos.

Adiante, estendia-se o declive perigoso, com trilhas de cavalos de carga bem fundas de cada lado. O único sinal de habitação no terreno descampado era a fumaça que subia da estalagem Seven Thorns, um lugar desagradável em que ela não desejava se refugiar.

Aquele trecho da estrada de Portsmouth, geralmente movimentada, estava quase deserto, devido à tempestade. Sem dúvida, não era a hora nem o lugar para um acidente.

A chuva tamborilava, raivosa, na capota – que, graças ao vento, pouco servia para mantê-las secas. Mas Lydia nem conseguia pensar no desconforto, pois o capão lhe tomava a atenção. Ele lutava contra sua tentativa de desacelerá-lo enquanto teimosamente – num estilo

autodestrutivo típico dos machos – apontava para a beira da estrada.

Quando chegaram à base do morro, os braços dela estavam doendo, e o capão não dava sinais de cansaço. Lydia olhou para Tamsin, cheia de culpa. As saias da jovem estavam encharcadas e ela tremia.

– Mais 3 quilômetros. – Lydia precisou erguer a voz para ser ouvida acima da chuva forte e dos trovões.

– Só estou molhada – disse Tamsin, batendo os dentes. – Não vou derreter.

*Deus me perdoe*, pensou Lydia, com um peso na consciência. Não deveria ter deixado Tamsin vir nem concordado com aquela corrida idiota. No mínimo, era para ter aceitado a oferta de trégua. Se Tamsin pegasse um resfriado fatal...

Um raio caindo ali perto quase a fez dar um pulo no banco, e o estalo do trovão que veio em seguida pareceu sacudir a estrada abaixo delas. O capão se empinou com um relincho aterrorizado, e Lydia sentiu os braços arderem enquanto se esforçava para controlá-lo e afastá-lo da beira da estrada, antes que as fizesse capotar numa vala.

O mundo mergulhou na escuridão por um momento, depois numa claridade ofuscante, iluminado pelos raios que espocavam nos campos, acompanhados por estrondos ensurdecedores.

Ela demorou um tempo para registrar os outros sons: gritos, o relincho agudo de um cavalo em pânico ou sentindo dor, o estardalhaço de rodas de carruagem.

Então ela viu o túburi disparar estrada abaixo a centímetros de suas rodas. Lydia puxou o cabriolé para a esquerda, o outro veículo passou trovejando, sacudindo loucamente para a direita, e por pouco não esbarrou nela. Um raio surgiu de novo e ela vislumbrou a silhueta retesada de Ainswood, viu-o trabalhar com as rédeas um

segundo antes do trovão, e ouviu o estardalhaço seguinte, mais apavorante, quando o túburi tombou do outro lado da estrada.

Lydia tinha consciência da chuva forte, da luz cegante, dos trovões que estremeciam tudo, das vozes, mas apenas como algo remoto, em outro mundo, a uma distância infinita.

Naquele momento, tudo estava imóvel e uma eternidade pareceu se passar enquanto ela descia para a trilha, indo até Ainswood.

Ajoelhou-se na lama, onde ele estava caído, com o rosto para baixo.

*Eis-me prostrado diante de ti...*

O duque estava ajoelhado diante dela em Covent Garden, implorando de modo teatral, o brilho do riso em seus olhos de patife negando a expressão sincera.

Uma gargalhada terrível, louca começou a brotar dentro dela. Mas Lydia jamais ficava histérica.

– Levante-se, maldito. Ah, por favor... – suplicou, puxando-lhe o casaco.

Ela não estava chorando. Era a chuva escorrendo dos seus olhos, e a ardência na garganta se devia ao frio. Estava frio demais, e ele era pesado demais. Rasgou o casaco dele tentando virá-lo de costas. Mas não podia deixá-lo caído na lama, por isso puxou-o pelas lapelas.

– Acorde, seu brutamontes idiota e teimoso! – gritou. – Ah, acorde, por favor.

Porém, ele não acordava e ela não conseguia levantá-lo. Só conseguia aninhar sua cabeça, limpar a lama do rosto e dar ordens, discutir, implorar e prometer... qualquer coisa.

– Não morra, seu animal – conseguiu dizer, engasgando. – Eu criei... uma conexão com você. Ah, por favor... Eu não queria... Ah, serei eternamente desgraçada. Como você pôde, Ainswood? Isso

não é justo, não é honroso. Ora, vamos, você venceu. – Ela sacudiu-o. – Ouviu, seu pateta cabeça-dura? Você venceu. Eu aceito. O anel. Ser sua duquesa. – Ela sacudiu-o de novo. – É o que você queria, não é? Decida-se. É agora ou nunca, Ainswood. É a sua última chance. Acorde, desgraçado, e se case comigo.

Lydia conteve um soluço.

– Ou vou deixá-lo como encontrei. – Ela baixou a cabeça, desesperada. – Aqui. Na lama. Numa vala. Eu sabia que você iria... a-acabar mal.

Vere estava muito mal. Era um caso sem esperança.

Deveria ter aberto os olhos várias frases atrás, mas tinha medo de acordar e descobrir que tudo era apenas um sonho: sua mulher dragão dando-lhe uma bronca e sofrendo por ele.

Mas não era um sonho, e Grenville com certeza estaria encharcada até os ossos. Ainswood devia ser o pior canalha do mundo por deixá-la doente, só por causa de um sujeito tão inútil.

Assim, Vere ergueu a mão e trouxe aquele rosto lindo e teimoso para perto de si.

– Estou morto e você é um anjo ou é você mesmo, Grenville? – sussurrou ele.

Ela começou a recuar mas ele não estava inclinado a tomar atitudes nobres e deixá-la ir sem um beijo. Segurou sua nuca e puxou-a, e ela cedeu, como sempre, num instante. Então soube que não era sonho.

Nenhum sonho jamais tivera um gosto tão doce quanto o daquela boca macia e farta, e ele saboreou-a, alongando e aprofundando o beijo, sorvendo-a enquanto a tempestade desabava ao redor.

Mas dessa vez, quando a soltou – relutante, tão relutante que

deveria ser canonizado pela contenção –, ele soltou a verdade, que conseguiu se esquivar de todas as barreiras:

– Prefiro que seja você, mulher maligna – disse com a voz embargada –, do que todos os serafins do céu. Você me aceita, meu doce? Falou sério?

Ela soltou um suspiro trêmulo.

– Falei. Falei, seu maldito. E não sou *doce*. Levante-se, sua enorme fraude.

Não era o primeiro acidente de Bertie, mas era a primeira vez em que ele não estava conduzindo. Mesmo assim, como disse à Srta. Price instantes depois de a Srta. Grenville correr para perto de Ainswood, nem mesmo o condutor mais hábil poderia ter impedido o acidente. Apavorado com o raio, o cavalo havia empinado com força suficiente para quebrar uma das lanças do tálburi. A outra se partiu quando a carruagem virou. O cavalo havia disparado, arrastando os restos dos arreios.

Bertie saltara no último momento e só levara um tombo na estrada. Teria corrido para perto de Ainswood se a Srta. Grenville já não tivesse abandonado o cabriolé para fazer o mesmo. Sendo assim, Bertie pensou “primeiro as damas” e correu para ajudar a Srta. Price, encarregada de controlar um capão turbulento.

Como Bertie explicara a ela, se Ainswood estivesse morto, ninguém poderia ajudá-lo. Se não estivesse, certamente seria necessária alguma ajuda para tirá-lo da estrada e levá-lo a Liphook. Como o tálburi estava despedaçado e o cabriolé não poderia carregar quatro pessoas, Bertie havia partido no veículo com a Srta. Price para pedir auxílio no povoado.

A viagem não foi longa. A estalagem Anchor ficava a apenas 1,5 quilômetro do local do acidente, e estava cheia até os caibros com os amigos de Ainswood, todos esperando ansiosamente a conclusão

da corrida. Em minutos, uma carruagem foi preparada e partiu ao resgate.

Bertie não tinha certeza de quem era o veículo, pois já caíra num profundo estado de torpor.

A confusão havia começado a caminho da estalagem, quando ele viu uma placa indicando a direção e a distância de vários povoados das vizinhanças.

– Ah, veja só – disse, pestanejando. – Blackmoor. Era esse.

A Srta. Price estivera um tanto rígida até então, ainda que consideravelmente mais relaxada do que na sexta-feira, quando haviam se falado pela última vez. Na ocasião, ela saíra pisando duro, com raiva de alguma coisa que ele não fazia a mínima ideia do que fosse.

Tamsin não se aborrecera ao vê-lo assumir o controle do cabriolé, mas também não ficou falante e amigável do modo usual durante o curto caminho até o povoado. Mas, quando Bertie mencionou Blackmoor, ela se virou com uma expressão aguçada, analítica, à qual ele estava mais acostumado.

– Você conhece o lugar?

Bertie balançou a cabeça.

– Não. Lembro-me de uma pintura. Carlos II... Não só ele, mas também o amigo, e não sei o que o sujeito fez para obter o título, pois vi os cachos compridos e louros, que me fizeram pensar por que um sujeito iria querer se parecer com uma mulher. Por isso eu não estava escutando com toda a atenção no momento, mas era ele que eu queria. E não o rei, veja bem.

A Srta. Price o encarou por um momento.

– Cabelos compridos, louros e cacheados... Amigo do rei Carlos II... Provavelmente você viu o retrato de um cortesão, amigo do rei.

– E ele podia ser irmão da Srta. Grenville – disse Bertie, parando a carruagem na entrada da estalagem. – Só que não daria, já que está morto há alguns séculos. Era o primeiro conde de Blackmoor,

que minha irmã diz ser o homem mais bonito de todas as pinturas, por causa de... Por Júpiter, ali está ele. Pensei que não fosse vir, pois recebeu o aviso em cima da hora. Tomara que não tenha trazido minha irmã.

A Srta. Price virou-se na direção da porta da estalagem Anchor, onde o marquês de Dain estava, desferindo um dos seus famosos olhares mortíferos. Como bem sabia Bertie, as pessoas demoravam um bom tempo para se acostumar a eles.

Obviamente, a Srta. Price não estava afeita àquilo, porque ofegou.

– Meu Deus – disse, e desmaiou.

Foi então que Bertie caiu num agudo estado de torpor.

## CAPÍTULO 12

— Claro que vou apoiar você – disse Tamsin enquanto prendia o cabelo de Lydia com habilidade. – Estou perfeitamente bem, agora. Foi a agitação, além da fome, que me fez desmaiar. Mas agora não estou me sentindo nem um pouco mal. É o dia mais empolgante que já tive, e me recuso a perder um minuto do desfecho.

As duas estavam num quarto da estalagem Anchor.

Os lordes Dain e Sellowby haviam chegado numa carruagem particular enquanto Lydia e Ainswood começavam a andar pela estrada molhada até Liphook. Os dois tinham mencionado o desmaio de Tamsin – aterrorizada ao ver Dain, foi como Sellowby explicou –, mas o espírito de Lydia estava tão tumultuado que ela nem se preocupou com a companheira.

Seus conflitos não estavam relacionados exclusivamente com Ainswood, ainda que sua concordância em se casar – motivada pelo coração mole ou pelo miolo mole – tivesse lhe causado um tumulto considerável. Mas Dain também tornara tudo confuso.

Ainda que Lydia fosse uma cópia do pai de lorde Dain, nem o marquês atual nem Sellowby haviam demonstrado o menor vislumbre de reconhecimento durante o curto caminho até a estalagem ou depois que a adentraram, quando ficou estabelecido que o casamento aconteceria assim que os noivos tivessem se banhado e trocado de roupa. Na ocasião, Lydia fora incapaz de pensar em qualquer objeção coerente para a insistência do duque em fazer o casório o quanto antes.

Mesmo agora, após tomar um banho quente e chá e de ser

mimada por Tamsin, Lydia ainda estava tonta. O sentimento de que as coisas fugiam ao seu controle não era nada agradável.

– Eu deveria ter insistido pelo menos em um tempo para descansar. Mas Ainswood... Ah, ele é tão insistente, impaciente, e se transforma numa criatura insuportável quanto alguém diz “não”.

– Não faria muito sentido adiar o casamento, se ele estava com tudo pronto – replicou Tamsin. – Não é incrível como ele pode ser organizado quando tem uma motivação forte?

– Melhor dizer presunçoso e excessivamente confiante. Bom, ele estava com tudo à mão, e os amigos já estavam reunidos, por isso parecia melhor acabar logo com isso.

Tamsin deu um passo atrás para admirar o penteado que havia criado.

Algumas mechas suaves, douradas e onduladas emolduravam o rosto de Lydia, e o coque que ela geralmente fazia de qualquer modo na base da nuca estava muito bem arranjado no topo da cabeça.

– “Se tiver de ser feito quando for feito, seria bom que fosse feito rapidamente” – disse Tamsin, sorridente, citando *Macbeth*. – Lady Dain disse que, quanto mais um homem é obrigado a esperar, mais chance há de se tornar irracional. Ela contou que isso aconteceu com lorde Dain, e que foi quase impossível lidar com ele quando os dois se casaram. Falou que as semanas de preparativos para o casamento a deixaram quase louca, ainda que ela não seja do tipo que se abala com facilidade.

– Organizar aquele casamento deve ter sido como se preparar para a Batalha de Waterloo – murmurou Lydia. – Foi grandioso. A igreja estava completamente apinhada, e havia mais gente ainda no desjejum do casamento.

– E ela tem gostos caros, segundo o lorde.

– Bom, o nosso não vai ser grandioso. – Lydia examinou o

próprio reflexo no espelho. – Exceto pelo cabelo. Como você me deixou elegante!... Do pescoço para cima.

Mas eram apenas aparências, pensou. E agora nem ela própria tinha certeza de quem era.

*Acha que é uma grande dama, é?*, perguntara seu pai, de modo tão zombeteiro, tantos anos antes. Havia sido apenas isto, evidentemente: uma fantasia da parte de sua mãe, de que ela era uma Ballister. Caso contrário, com certeza Lydia teria detectado algo – surpresa, irritação, até mesmo divertimento – no rosto sombrio de Dain. Mas tudo que ele fizera fora olhá-la por um breve instante, reservando a atenção para o ex-colega de escola, Ainswood.

Obviamente, quando Sellowby comentara ter visto uma mulher saída da galeria de retratos de Athcourt, apenas discernira uma vaga semelhança. De perto, percebera que não era nada de mais, pois já não parecia mais impressionado com as feições dela.

Talvez fosse isso. Talvez sua mãe tivesse visto o lorde Dain anterior num cortejo ou saindo da carruagem e, em seguida, criara um longo conto de fadas. Não seria nenhuma surpresa. Sua própria inspiração para “A rosa de Tebas” viera da matéria de um jornal de fofocas que descrevia o anel de noivado de Lady Dain, um grande rubi cabochão cercado por diamantes.

– Não creio que o duque se importe com a aparência do seu cabelo – replicou Tamsin, trazendo Lydia de volta ao presente. – Tenho certeza de que ele se casaria com você no ato, como você estava, com o cabelo encharcado, o rosto sujo de lama e a touca parecendo um trapo pendurado no pescoço.

– Ele também não estava exatamente uma beldade – comentou Lydia, levantando-se. – De qualquer modo, estava mais molhado do que eu e acabaria caindo doente se ficasse com as roupas pingando durante a cerimônia. Eu não gostaria de passar os primeiros dias de casamento cuidando de uma pneumonia. – Ela se virou para encarar

Tamsin. – Você deve achar que sou louca, ou pelo menos caprichosa.

– Acho que foi um erro chamar o que você sentia de “paixonite estudantil”, “instinto de acasalamento” ou “delírios de luxúria”. – Tamsin riu baixinho. – Comecei a achar que seus sentimentos por ele podiam estar começando a crescer...

– Como um fungo, você quer dizer.

– Não adianta fingir que não gosta dele. Eu vi você pular da carruagem sem ligar para a tempestade, o capão desgovernado ou qualquer coisa que não fosse o duque de Ainswood. – Ela abriu um sorriso torto. – Foi muito romântico.

– Romântico... – Lydia fechou cara. – Vou ficar nauseada.

– Isso é nervosismo de noiva. – Tamsin foi até a porta. – Acho que ele está pior do que você, agonizando. É melhor deixar o pastor tirá-los do sofrimento.

Lydia empinou o queixo.

– Não sou sujeita a ataques de nervosismo, Srta. Impertinência. Não estou sofrendo nem um pouco. Estou perfeitamente controlada. – Ela foi pisando duro até a porta. – Em pouco tempo, serei a duquesa de Ainswood, então – ela olhou irritada para Tamsin – é melhor que vocês, camponeses, tomem cuidado.

Ela saiu do quarto, seguida por Tamsin, que gargalhava.

Graças a Dain, Sellowby e Trent, Vere já estava ficando zozinho. Nenhum deles conseguia segurar a língua por meio minuto e deixá-lo pensar um pouco.

Estavam reunidos na pequena sala de jantar reservada para as núpcias.

– Ouça o que eu digo, é a coisa mais esquisita – comentou Trent. – E não entendo como vocês não percebem. Talvez seja porque ela

estava molhada de chuva e suja de lama e a própria mãe não iria reconhecê-la...

– Claro que eu a reconheci – interrompeu Sellowby. – Eu a tinha visto do lado de fora da igreja depois do casamento de Dain. Nunca passaria despercebida uma mulher bonita com proporções tão esculturais. Ela parecia uma flor no meio daquele grupo de jornalistas sem graça. Fora que mulheres escrevinhadoras são coisa rara, e que só poderia haver uma Lady Grendel. Mesmo a distância, ela era notável.

– É isso que eu quero dizer – insistiu Trent. – O sujeito alto com cachos dourados que eu vi...

– Eu não chamaria de dourado – interveio Dain. – Diria que são cor de linho. E não havia nenhum cacho à vista.

– Dourado pálido – concordou Sellowby. – Fez com que eu me lembrasse...

– Aquele sujeito, o *cavalier* que minha irmã acha...

– O *comte* d'Esmond – continuou Sellowby. – Mas não são os mesmos olhos. Os olhos dela são de um azul mais claro.

– E ela não pode ser francesa – disse Dain.

– Eu não disse que ela era francesa. Essa era a palavra que eles usavam, que tem alguma coisa a ver com cavalos, segundo a Srta. Price, *cheval*...

– O boato que ouvi – continuou Dain, como se o cunhado não estivesse ali – foi que ela nasceu num pântano de Bornéu, criada por crocodilos. Creio que você não conheça o passado dela, certo, Ainswood? Não tenho certeza se Bornéu tem crocodilos.

– Que diabos interessa a você o passado dela? – reagiu Vere rispidamente. – O que quero saber é aonde foi o maldito pastor, e se a noiva pretende vir para o casamento em algum ponto deste século.

Ele havia demorado apenas meia hora para se banhar e se vestir, rosnando com Jaynes o tempo todo. Isso deixara a Sua Graça mais

uma hora e meia para esfriar a cabeça esperando sua futura duquesa, e o tempo todo preocupado com a hipótese de ela ter adoecido e estar expirando silenciosamente com a garganta podre enquanto seus amigos discutiam sobre a cor exata de seu cabelo e de seus olhos e se havia crocodilos em Bornéu.

– Talvez ela esteja com dúvidas – arriscou Dain, com um meio sorriso zombeteiro que Vere estava ansioso para arrancar à custa de socos daquela cara arrogante. – Talvez ela tenha concordado em se casar com você enquanto estava em choque e depois disso tenha recuperado os sentidos.

– Eu concordei em me casar com ele por pena – disse uma voz fria e feminina, junto à porta. – E por um senso de dever cívico. Não podemos permitir que ele corra feito louco nas vias públicas, quebrando carruagens e assustando os cavalos.

Os quatro homens se viraram simultaneamente.

A mulher dragão de Vere estava parada junto à porta, vestida de preto da cabeça aos pés e tão abotoada quanto era possível. Quando entrou, o tecido grosso de suas roupas farfalhou em sussurros sugestivos.

A Srta. Price foi atrás, e o pastor em seguida.

– É melhor eu encontrar minha esposa – disse Dain, indo até a porta. – E vocês nem pensem em começar sem nós. Eu devo entregar a noiva.

As sobranceiras de Grenville subiram.

– Eles apostaram no palitinho – explicou Vere. – Trent é o meu padrinho, e Sellowby está encarregado de vigiar a porta, para manter de fora a multidão de bêbados ruidosos.

A multidão fora arrebanhada para o grande salão público, onde se entretinha cantando músicas obscenas e aterrorizando os viajantes perplexos que haviam parado ali para se abrigar da tempestade.

– Seus amigos tiveram negada a diversão de testemunhar o final

espetacular da corrida – disse a mulher dragão. – Não acredito que você pretenda privá-los também deste espetáculo.

– Garanto, Grenville, que não estão em condições de apreciá-lo. A esta altura, metade deles não conseguiria diferenciar a noiva de um barril de vinho, e a maioria preferiria estar ao lado do barril.

– É uma ocasião solene – começou, sério, o pastor. – A santa instituição do matrimônio não deve ser abordada com leviandade nem... – Ele parou ao fixar o olhar glacial de Grenville. – Isto é... Bem... – Ele puxou o colarinho. – Talvez devêssemos ocupar nossos lugares.

O pensamento, a lembrança ou o que quer que fosse atçou Vere mais uma vez, incômodo, mas irritantemente fraco. Porém, Dain e sua esposa entraram no minuto seguinte, e lorde Belzebu assumiu o comando, como sempre gostava de fazer, ordenando que este ficasse de pé aqui e aquele ficasse lá, e que alguém fizesse isso e outro fizesse aquilo.

Então a cerimônia começou e Vere só pôde pensar na mulher ao seu lado, em vias de se tornar sua, absolutamente sua... para sempre.

A noiva e suas acompanhantes haviam se retirado horas antes, mas só à meia-noite é que os amigos de Vere lhe permitiram escapar da orgia pós-matrimônio, e isso apenas porque alguém – Carruthers ou Tolliver – mandara vir um bando de meretrizes. Então Dain decidiu que os homens casados estavam livres para ir embora se quisessem. Apesar de não ser casado, Trent saiu com os outros, ainda tentando fazer com que Dain ouvisse alguma teoria ou história incompreensível sobre Carlos II, cortesãos, *cavaliers* e só Lúcifer sabia o que mais.

– Sei que foi na sua casa – disse Trent ao cunhado enquanto os três subiam a escada. – Na Longa Galeria, que deve ter pelo menos

um quilômetro de comprimento. Ele estava na alcova e Jesse disse que era o seu predileto...

– A galeria só tem 55 metros – replicou Dain. – Como Ainswood pode atestar. No dia do enterro do meu pai, coloquei um retrato dele num cavalete e propus uma disputa de arco e flecha. Lembra-se disso, não é, Ainswood? Você disse que usar meu querido pai como alvo era infantilidade e me garantiu que eu teria mais satisfação fornicando com aquela ruiva maligna, Charity Graves, no quarto dele. Como você próprio utilizara os serviços dela antes, considerou que era digna dos meus esforços. – Ao chegarem ao topo da escada, ele deu um tapa no ombro de Vere. – Ah, bem, meu rapaz, aqueles dias terminaram. Não iremos mais compartilhar vagabundas. Precisamos nos virar com damas, e só uma para cada um. – Ele se virou para Bertie. – Boa noite, Trent. Tenha bons sonhos.

– Sim, Dain, mas você...

O olhar mortal de Dain interrompeu-o. Bertie repuxou o lenço de pescoço.

– Isto é... Bem... – Ele recuou para longe do marquês. – Quero dizer, parabéns, Ainswood, e boa noite e muito obrigado, sabe, por me deixar ser o padrinho. Fiquei honrado. – Ele apertou a mão de Vere, assentiu para Dain e fugiu para seu quarto.

– Minha dama está esperando nosso moleque para fevereiro ou março – informou Dain, atraindo a atenção de Vere. – A criança precisa de padrinhos. Você e sua esposa poderiam aceitar o posto.

Vere demorou um instante para acreditar nos próprios ouvidos, depois mais um para digerir as implicações. Sua garganta se contraiu. Apesar do tempo, das separações, dos desentendimentos e entreveros, ele e Belzebu ainda eram amigos.

– Então era por isso que você estava tão ansioso para me ver casado – disse, sem firmeza total.

– Eu estava ansioso por vários motivos. Mas não vou fazer você

ficar aqui ouvindo todos eles. Você tem... responsabilidades. – Ele abriu um sorriso débil. – Não vou mantê-lo longe delas.

Para seu horror, Vere sentiu o calor subir pelo rosto.

– Você está ruborizando, Ainswood. Hoje é de fato um dia de milagres.

– Vá para o diabo – murmurou Vere, seguindo pelo corredor.

Atrás, ele ouviu o riso grave de Dain.

– Se você tiver dúvida quanto ao que fazer, Sua Graça, sinta-se livre para bater à minha porta!

– Se eu tiver dúvida quanto ao que fazer... – repetiu Vere sem se virar. – Eu lhe ensinei tudo que você sabe, Belz... e nem foi metade do que *eu* sei.

Ouviu outro ribombo satânico que pretendia ser uma gargalhada, então o som de uma porta se abrindo e fechando.

– Bater à sua porta... – continuou Vere, baixinho. – Muito engraçado. Hilário. Como se eu não fosse o mais velho e não tenha levado sua primeira vagabunda. – Ele bateu, impaciente, na porta do quarto. – Maldito sabichão. Sempre foi. Sempre será. Eu deveria quebrar aquele narigão e...

Lydia abriu a porta.

Vere tinha uma vaga percepção de que ela ainda estava totalmente vestida, mas não parou para pensar nisso. Entrou, fechou a porta com um chute, pegou-a nos braços e a apertou contra o corpo.

Enterrou o rosto no pescoço dela. O cabelo macio e denso fez cócegas em sua bochecha enquanto o perfume o dominava, e ele inalou-o gananciosamente.

– Ah, meu Deus, Grenville – murmurou. – Achei que nunca iria me livrar deles.

Os braços de Lydia o envolveram, mas rigidamente, e seu corpo estremeceu de tensão. Vere a encarou. Ela estava pálida, com uma

expressão dura. Os olhos lhe devolviam seu próprio reflexo e alguma outra coisa. Algo sombrio e perturbado.

– Você está cansada – percebeu ele, afrouxando o abraço. – Foi um dia muito longo e cansativo.

– Não estou cansada. – A voz dela tremeu. – Vim direto para cá e caí na cama, dormi antes que a cabeça encostasse no travesseiro. – Lydia se soltou de seus braços. – Acordei há uma hora. Descansei bastante. E tive tempo para pensar.

– Por isso não teve tempo para se trocar e pôr algo mais adequado para a noite de núpcias – disse Vere, ignorando resolutamente a pontada feroz na consciência. Ele a havia pressionado para se casar. Era inescrupuloso, além de depravado, abominável etc. etc. Essa era sua natureza. – Tudo bem. Ficarei feliz em ajudá-la a sair dessa armação.

Ele ergueu as mãos ao botão de cima.

– Não estou preparada para consumir o casamento – disse ela, tensa.

– Sem problema. – Mallory soltou o primeiro botão. – Eu preparo você.

Ela deu um tapa em suas mãos.

– Isso é sério, Ainswood. Precisamos conversar.

– Lydia, você sabe que não conseguimos conversar por mais de dois minutos sem discutir. Não vamos abrir a boca esta noite, o que acha?

Mallory começou a trabalhar no segundo botão. A mão dela, muito fria, grudou-se à dele.

– Minha consciência não permitirá que eu seja sua esposa. Quero a anulação.

– Sua consciência perdeu a cabeça. – Ele beijou o nariz reto, altivo. – Isto é apenas nervosismo de noiva.

– Não sou uma pessoa nervosa – retrucou Lydia, erguendo a voz, agora mais trêmula. – Não estou histérica. Não seja condescendente

comigo. Tudo que fiz foi cair em mim. – Ela fez uma pausa, trincando os dentes e erguendo o queixo. – Eu não sou uma dama, nem mesmo meia dama. Você é o duque de Ainswood. Precisa se casar com uma dama. Você deve isso à sua família.

– Eu me casei com você – rebateu ele, impaciente. – Não quero uma dama. Não saberia o que fazer com uma dama. – Ainswood agarrou seus ombros. – Espero que você não esteja ficando melindrosa.

– Não podemos ir para a cama. – Lydia corou. – Você não deve frutificar e se multiplicar comigo. Não posso permitir que corra esse risco.

– Esse *o quê?*

– Minha família. – Ela engasgou com as palavras. – Você não sabe nada sobre minha família. Eu deveria ter contado antes, mas estava agitada demais. Fiquei tão alarmada pensando que você havia morrido, e aí... – Ela se afastou. – É absurdo demais. Eu queria fazê-lo feliz e você estava decidido a se casar sem demora. Não sei por que eu queria fazê-lo feliz, nem por que imagino que eu possa fazê-lo.

– É fácil me fazer feliz, Grenville. Só precisa tirar a...

– Minha mãe ficou doente no dia em que minha irmã nasceu – começou Lydia, as palavras saindo aos borbotões – e morreu quando eu tinha 10 anos. Minha irmãzinha contraiu tuberculose e morreu apenas três anos depois. Meu pai era um ator de terceira, bêbado e jogador. Não tinha nenhuma qualidade que o redimisse. – Torcendo as mãos, ela foi até a lareira. – Meu sangue é ruim. Sua família merece coisa melhor. Você deve pensar nela... na linhagem que você representa.

– Dane-se a minha linhagem – replicou Vere, mas sem irritação.

Ela estava obviamente abalada, à beira da histeria. A tensão dos acontecimentos do dia era palpável. O duque foi até ela.

– Ora, vamos, Lydia, ouça bem o que você está dizendo. Você é

mais esnobe do que Dain. A linhagem que eu represento... O que foi feito da Srta. *Liberté, Egalité e Fraternité*? O que foi feito da madame Reivindicação dos Direitos da Mulher? Para onde foi minha mulher dragão?

– Não sou dragão. Sou apenas uma escrevinhadora malnascida e com péssimo humor.

– Vejo que você não está no clima para escutar a voz da razão. Teremos de resolver isso de um jeito mais esportivo.

Vere se afastou dela e tirou o casaco. Depois, arrancou o lenço de pescoço. Alguns movimentos rápidos liberaram os botões do colete. Despiu-se dele e jogou-o de lado. Chutou os sapatos longe.

Assumiu uma postura de lutador, com os punhos erguidos. Ela o encarou.

– Bata em mim – explicou ele. – Vou lhe dar três tentativas. Se não acertar nenhum soco, *eu* tenho três tentativas.

– Para bater em mim? – perguntou ela, perplexa.

Vere relaxou a pose.

– Grenville, se eu bater, você vai cair desmaiada no chão – disse, paciente. – De que me adiantaria, então? Use a cabeça.

Retomou a pose de pugilista.

– Se você não conseguir me acertar, *eu* tenho três tentativas de derrubá-la na cama, ofegando de luxúria.

Os olhos azuis brilharam de raiva.

– Pelo diabo, Ainswood, você não ouviu nenhuma palavra que eu disse? Não consegue afastar a mente dos órgãos reprodutivos por um momento e pensar em seu futuro, e em seus ancestrais, e na sua posição?

Ele balançou a cabeça.

– Sinto muito. Não sou tão civilizado assim. Vamos lá, Lydia. – Vere projetou o queixo à frente. – Não está doida para quebrar meu queixo? Ou que tal meu nariz? – Ele apontou para o nariz. – Não

gostaria de me dar um soco dos bons? Não que você tenha a menor chance, mas seria divertido vê-la tentar.

Ela o encarou, furiosa. Ele saltitou um pouco, dando socos no ar com a mão direita, depois com a esquerda.

– Ande, do que você tem medo? Esta é a sua chance de me dar os olhos roxos que prometeu no Vinegar Yard. Ou aquilo era só ostentação? O tapinha no meu queixo fez sua mão doer demais, minha flor delicada? Você aprendeu a lição naquela hora?

De repente, o punho dela surgiu, mirando suas partes privadas. Vere se desviou no último instante.

– Aí não, Grenville – disse ele, sem deixar transparecer a perplexidade. – Pense nos nossos filhos.

Ela recuou com os olhos semicerrados, avaliando-o da cabeça aos pés, procurando a falha nas defesas.

– Você não disse que precisava ser uma luta justa.

– Você não teria a menor chance se fizesse isso – provocou ele.

Lydia levantou os braços em um ângulo estranho, oscilando como uma serpente que prepara o bote. Seu cabelo estava se soltando, caindo nos ombros. Era uma visão gloriosa, e ele ansiava por enfiar os dedos ali. Mas não podia deixar que a mente vagueasse. Lydia tinha bastantes truques no repertório e era de uma imprevisibilidade demoníaca. Além de rápida.

Ele esperou, preparando-se para o golpe, imaginando de onde viria. Sabia que ela permanecia em movimento só para distraí-lo, enquanto aguardava uma brecha.

Ele captou um milimétrico movimento de olhar para baixo e, em meio segundo, as saias dela subiram e o pé se projetou. Vere se moveu no mesmo instante, girando de lado. O erro a desequilibrou e Lydia começou a tombar. Num reflexo, Vere estendeu a mão, mas recuou um instante antes que o cotovelo dela acertasse sua virilha.

– Meu Deus – disse Ainswood, ofegante.

Estava mais atarantado do que sem fôlego. Se tivesse sido um

pouquinho mais lento, ela iria deixá-lo cantando bem fino. Esperou, firme, não ousando baixar a guarda, ainda que ela tivesse lhe dado as costas, desfiando palavrões.

– Foram três tentativas, Grenville. Agora é a minha vez.

Ela se virou para encará-lo.

– O que acontece se você... *quando* você fracassar?

– Você terá mais três tentativas. Depois eu. Até que um de nós vença. O vencedor obtém o que deseja.

*E eu vou me certificar de você deseje o que eu desejo, maldição,* acrescentou mentalmente.

Ela cruzou os braços e levantou o queixo.

– Muito bem. Dê o seu pior.

Ele olhou-a de cima a baixo, avaliando-a, como ela fizera antes. Começou a rodeá-la. Lydia ficou imóvel, girando a cabeça enquanto o acompanhava com o olhar cauteloso. Vere parou logo atrás dela.

Por um longo momento, o duque se manteve parado, fazendo-a esperar, aumentando a tensão. Depois, com os lábios entreabertos, traçou um caminho sinuoso da orelha dela até a bochecha sedosa.

– Tão macia – murmurou, deslizando os dedos pelos braços de Lydia, afastando-os do peito e colocando-os ao lado do corpo. – Sua pele é como pétala de rosa.

Ela inspirou fundo.

– Essa foi a primeira tentativa – disse com a voz tensa.

Ele roçou a bochecha contra a dela.

– Adoro o aroma da sua pele.

Passou as mãos espalmadas, mal tocando o tecido. Desceu lentamente por cima dos seios até a cintura, e mais para baixo ainda, pressionando a barriga com suavidade, puxando-a para perto de si. O traseiro farto tocou de leve a frente de sua calça, onde estava sua vara inchada, ansiosa para trabalhar.

Lydia fechou os olhos e engoliu em seco.

– S-segunda.

Ele não fez mais nada; apenas deixou que o momento se estendesse, o rosto encostado no dela, as mãos pousadas na barriga. O toque ainda era leve, apenas o suficiente para mantê-la no lugar, totalmente consciente de sua masculinidade excitada.

Um tremor a atravessou.

Ele continuou esperando. Aquilo o estava matando, mas a tensão ardente também a afetava. Vere podia sentir o conflito interior de Lydia, o intelecto lutando contra o sentimento, o princípio abstrato lutando pela supremacia em meio a uma natureza ferozmente física e sensual.

Ela se retorceu, pressionando um pouquinho o corpo contra o de Ainswood. Ele roçou a boca no canto da boca de Lydia.

Com um pequeno gemido, ela se encostou toda nele, virando a cabeça para o beijo com o qual o duque a provocava. Os lábios de Ainswood brincaram preguiçosamente sobre a boca macia e carnuda. Lydia tomou as mãos dele.

– Foram três tentativas – falou Vere, com a voz meio rouca. – Agora é a sua vez.

– Seu animal – sussurrou ela. – Sabe que não posso lutar contra você. – Lydia tentou se virar, mas ele a manteve no lugar, deixando que a anca lhe atormentasse.

– Ah, não, não tão depressa, mulher dragão. – Vere mordiscou-lhe a orelha e apertou-a mais. – Eu tinha planejado ir devagar com você, já que era sua primeira vez, coisa e tal. Mas isso seria condescendente, não é? Você não tem medo de lutar contra mim, e notei que não hesita nem um pouco quando sabe o que quer atingir. A delicadeza seria uma perda de tempo.

Ele passou um braço pela cintura dela para mantê-la encostada em seu corpo enquanto soltava o longo desfile de botões com a mão livre. Puxou o vestido para baixo, até a cintura. As mangas se embolaram nos cotovelos, prendendo os braços dela.

A carne macia e sedosa chamava das bordas da anágua e do

corpete. Ele percorreu uma trilha de beijos apressados, desde a pele perfumada atrás da orelha até a nuca, passando pelos ombros. Ela estremeceu.

Vere soltou fitas e ganchos, tirou os braços dela das mangas e puxou o vestido para baixo até os quadris. Os panos deslizaram para o chão, formando um monte embolado aos pés dela. Vere cutucou-a para sair daquele emaranhado e partiu de imediato para o espartilho, os dedos trabalhando rapidamente nos laços. Por fim, a peça rígida cedeu, escorregando até os quadris. Ele puxou-a e a jogou longe.

Pegou-a no colo e carregou-a para a cama. Largou-a sobre o colchão. Ela praguejou, mas antes que pudesse se erguer e golpeá-lo, Vere caiu em cima. Passou os dedos pelos cabelos dela e segurou-a enquanto a beijava ferozmente.

Ela resistiu apenas por um momento antes de ceder, como sempre fazia, como já deveria entender, àquela altura, que era o certo a fazer.

– Nada de anulação do casamento – rosnou ele, enfim libertando a boca de Lydia. – Nada de outra pessoa. Nunca. Portanto, tire isso da cabeça.

– Seu idiota – disse ela, com a voz rouca.

Lydia segurou a camisa dele pela frente e puxou-o de volta. Pôs em prática sua vingança, os lábios maduros fervendo contra os dele, a língua colocando seu corpo em chamas.

Vere rolou de costas, levando-a junto, a boca faminta grudada à dela, as pernas se embolando nas anáguas. Puxou-as para cima e grunhiu quando seus dedos tocaram as meias e acompanharam o contorno esguio da coxa. Centímetros acima da liga, havia apenas a pele quente, sedosa... e o caminho curvo até o arco maligno das ancas absolutamente nuas.

– Meu Deus. – A voz dele saiu num sussurro denso. – Onde estão as ceroulas, sua assanhada?

– Esqueci de trazer na bagagem – respondeu ela num tom sufocado.

– Esqueceu... – Foi a última palavra articulada que ele pronunciou, o último pensamento claro que teve.

Com um rosnado grave e animal, rolou-a de costas na cama. Demorou apenas alguns segundos febris para tirar o resto da roupa. Antes que chegassem ao chão, ele já desamarrava as fitas do corpete.

O franzido do decote se afrouxou e Vere puxou o tecido para baixo. A pele de Lydia era pálida como o luar, um milagre de suavidade e curvas luxuriosas. Passou as mãos pelo volume macio dos seios, deixou os polegares brincarem nos mamilos rosados, rígidos mesmo antes de tocá-los.

Com um gritinho, ela se arqueou, pressionando-se contra as mãos dele, procurando seus ombros, ao mesmo tempo que Vere se curvava para sugar a pérola rosada do seio.

Lydia emaranhou os dedos no cabelo dele, soltando gemidos desamparados que faziam o coração de Vere martelar e as entranhas darem um nó.

Ele foi descendo a mão pela barriga de Lydia, sentiu-a retesar sob seu toque. Mas o tecido da anágua pinicava-lhe a pele. Impaciente, atirou-a longe. Obrigou-se a se deter um instante para contemplá-la, tão perfeitamente formada, sua linda amazona. Depois, deu liberdade às mãos e à boca e se deliciou nas quentes carícias com que ela reagia, com os sons suaves que emitia, de surpresa e prazer.

Ela fora feita para ele, cada centímetro suave como veludo. Quando alcançou o aglomerado de caracóis entre as pernas dela e percebeu a leve contração, Ainswood encontrou-a preparada.

Lydia já estava molhada e suas primeiras carícias suaves naquele lugar íntimo a fizeram se retorcer contra sua mão.

Sob seu poder. Sob seu controle. Finalmente.

Ele queria demorar, levá-la à loucura do prazer antes de se satisfazer. Queria deixá-la enlouquecida e impotente. Prometera que a faria implorar, e agora tinha mais motivos ainda para isso, depois do que ela lhe provocara naquele dia infernal.

A resposta rápida e quente ao seu toque destruiu todas as promessas e desejos.

Seu orgulho masculino não era páreo para a necessidade que rasgava as veias como fogo líquido.

Acariciou-a, fez com que ela abrisse as pernas, penetrou-a... e ela gritou.

## CAPÍTULO 13

O que pareceu um berro para o noivo – que estava mais nervoso do que poderia admitir – foi apenas uma pequena exclamação espantada.

Quando ele parou abruptamente, o nervosismo de Lydia se mesclou ao embaraço. Ela abriu os olhos e viu sua expressão tensa.

– O quê? – perguntou ela. – O que eu fiz de errado?

– Machuquei você?

O embaraço foi embora. Lydia balançou a cabeça.

– Fui apressado demais. – A voz dele soava áspera. – Você não estava preparada.

– Eu não sabia o que esperar – confessou Lydia. – Fiquei surpresa.

Ela mudou de posição, erguendo os joelhos ligeiramente. Ele inspirou fundo e Lydia ofegou quando seu interior foi tomado por sensações estranhas.

A parte dele que estava dentro dela não só era grande, como parecia ter vida própria, latejante, irradiando ondas de calor.

– Ah – sussurrou ela. – Eu não fazia ideia.

A expressão de Ainswood se suavizou. Os músculos de Lydia também começaram a relaxar, adaptando-se ao tamanho dele.

O duque não a machucara de verdade. A princípio ardera um pouco, e ela havia sentido uma fricção e um aperto desconfortáveis. Agora estava mais à vontade, pelo menos fisicamente.

– Sou tão boba... Achei que havia alguma coisa errada comigo, que você não iria se encaixar.

– Não há nada errado com seu corpo.

Ele se moveu dentro dela e Lydia prendeu o fôlego.

Não, não havia nada de errado com seu corpo. Com Ainswood, ela não se sentia gigante, mas confiante.

Não era uma dama nem meia dama. Não corria sangue Ballister em suas veias. Não tinha mais certeza de quem era.

Ele baixou a cabeça.

– Lydia.

– Odeio não saber o que fazer.

A boca de Vere cobriu a dela.

Lydia emaranhou os dedos nos cabelos de Ainswood. Ela o desejava; disso não havia dúvida. Saboreou o gosto pecaminoso, inalou o cheiro de sua pele.

Tinha aprendido a beijá-lo, a parar de pensar e a mergulhar em sensações.

Tinha aprendido como era fácil perder o controle e ser dominada pelo desejo.

Tinha aprendido que o desejo se cravava fundo, uma adaga no coração.

Agora padecia, ainda que ele estivesse dentro dela, fizesse parte dela. Padecia porque sabia o que ele era e sabia que não tinha esperanças de mudá-lo. Sabia que o que desejava era muito mais do que Vere jamais poderia dar.

De novo teve consciência das mãos dele acariciando-a, descendo até o lugar onde os dois se juntavam. Tocou-a ali, como havia feito antes para prepará-la. Mas dessa vez estava dentro dela também, e a carícia, combinada com o calor interno, a fez se retorcer. A ânsia se espalhou no ritmo de uma pulsação.

Sentiu-o se afastar e...

– Não, espere – implorou. Cravou os dedos nos ombros dele para segurá-lo.

Os músculos sob suas mãos ficaram tensos como cordas de

chicote e Vere se impeliu para dentro. O prazer reverberou em veias e músculos.

– Ah, meu Deus – ofegou ela. – Meu Deus.

Ele se impeliu de novo, e Lydia se arqueou instintivamente para recebê-lo. A ânsia aumentou, misturando-se com o prazer, que se irradiou como um maremoto quente. Outra estocada e ela foi ao encontro dele. E de novo, e de novo. O prazer golpeava a dúvida e o desespero, até que eles se despedaçaram.

Então ela se rendeu, corpo, alma, vontade, tudo. Agarrou-se à pele escorregadia de suor, movendo-se em sincronia num ritmo crescente, como a tempestade que havia caído enquanto eles disputavam a corrida.

Dessa vez, o clímax também pegou-a desprevenida. Ela ouviu o grito grave que ele emitiu, um som animal, sentiu os dedos dele agarrarem suas nádegas, levantando-a. Sentiu o último movimento feroz... e um raio de júbilo, de um brilho lancinante, rasgou-a. E depois outro e outro, até que ela se despedaçou, como uma estrela explodindo, e a escuridão a envolveu.

Durante um longo tempo, ficou atordoada.

Durante um longo tempo, não conseguiu emitir uma única palavra. Não era de surpreender, já que o próprio cérebro não funcionava.

Quando, enfim, obrigou os olhos relutantes a se abrirem, pegou-se fitando diretamente os olhos dele. Antes que ela pudesse ler sua expressão, Vere pestanejou e desviou o olhar. Tirou-se de dentro dela cuidadosamente. Rolou de costas e ficou em silêncio, olhando o teto.

Ela também se calou, dizendo a si mesma que era ridículo sentir-se sozinha e rejeitada.

Não era algo pessoal, lembrou. Ele era assim. Helena havia alertado: *Se já fomos usadas, perdemos totalmente o valor.*

Mas sem valor apenas para ele. Tinha seu valor e não deveria se

sentir assim apenas porque Vere havia se afastado e não queria olhá-la.

– Não é minha culpa – disse ela bruscamente, e sentou-se. – O casamento foi ideia sua. Você poderia ter me levado para a cama. Eu me ofereci. Não há por que ficar de mau humor agora, quando lhe dei todas as oportunidades para mudar de ideia.

Ele se levantou dos travesseiros, segurou o rosto dela firmemente com as duas mãos e beijou-a com força.

Lydia se derreteu de imediato e o abraçou. Ele se deixou afundar de volta nos travesseiros, trazendo-a junto. Suas pernas compridas se embolaram entre as dela enquanto ele destruía suas dúvidas e a solidão com um beijo profundo, entorpecedor.

Então Lydia entendeu que, o que quer que estivesse errado, não tinha nada a ver com o fato de ele ter saciado o desejo. Vere ainda não terminara. Quando, por fim, libertou sua boca, ele começou a acariciar-lhe preguiçosamente o corpo.

– Se você teve algum arrependimento, imagino que seja teimoso demais para admitir – disse ela.

– Você é que veio com a ladainha de que era indigna. Você é que estava procurando um jeito de escapar.

Agora Lydia não tinha como fugir. Para o bem ou para o mal, estava amarrada a Vere. Não se incomodaria se percebesse algum bem que pudesse fazer a ele.

Não se preocuparia com o mal que Ainswood poderia provocar. Conseguiria suportar, o que quer que fosse. A vida lhe havia ensinado que era capaz de tolerar qualquer coisa.

Recuou, apoiando-se num cotovelo para contemplar melhor o corpo longo, esguio e musculoso.

– Vou ter que enfrentar as coisas do melhor modo possível. Pelo lado físico, pelo menos, não tenho do que reclamar.

Quando a expressão de Vere relaxou e sua boca se curvou lentamente foi que Lydia percebeu como ele estava tenso até agora.

Nunca vira aquele sorriso. Se tivesse, teria lembrado. Torto, francamente de menino, um sorriso capaz de fazer rosas brotarem no inverno do Ártico, como Helena bem dissera.

Lydia sentiu o sorriso se espalhar sobre ela como o calor do sol. Sua pulsação, que enfim havia retornado ao normal, começou a acelerar de novo, e o cérebro se amoleceu, pronto para acreditar em qualquer coisa.

– Sabe de uma coisa, Lydia? Acho que você está caidinha por mim.

– Que dedução brilhante! Acha que eu teria me casado com você se não estivesse? Se eu estava completamente racional?

– Então você me ama?

– Amo? – Lydia o encarou. Ela era escritora, as palavras eram sua vida. – Estar “caidinha” e “amar” não são a mesma coisa. “Amo”? – repetiu, incrédula.

– Na vala você disse que tinha criado uma conexão comigo.

– Eu tenho uma conexão com minha cadela – retrucou Lydia no tom claro de uma professora. – Faço concessões por causa da inteligência inferior de Susan e tento agradá-la até onde parece razoável. Eu lamentaria se alguma coisa acontecesse com ela. Com isso, podemos concluir que eu a amo?

– Entendo seu argumento, mas ela é uma *cachorra*.

– Fora minha crença, baseada na experiência, de que o cérebro masculino parece funcionar de modo muito parecido com o cérebro canino...

– Você tem tanto preconceito com relação aos homens! – censurou ele, sorrindo.

– Amor envolve coração e mente; a alma, se você quiser. Estar “caidinha” indica um estado físico alterado, semelhante ao que é induzido pelo excesso de bebida. Os dois...

– Sabia, Grenville, que você fica adorável quando é pedante?

– Estar caidinha e estar bêbada são estados físicos – continuou

ela, teimosa. – Ambos costumam levar a erros grosseiros de avaliação.

– Ou talvez seja a combinação de “pedante” e “nua”.

O olhar dele se demorou, indo do rosto dela até as pontas dos dedos dos pés, que ela mal conseguia controlar para não se enrolarem.

Como ele não ouvia nada que uma mulher dissesse em circunstâncias comuns, era absurdo esperar que Vere se concentrasse no que uma mulher nua falava, disse Lydia a si mesma.

Por outro lado, seu olhar estava cheio de admiração, e Lydia certamente era mulher suficiente para gostar disso. Retribuiu o sorriso, para recompensar e encorajar a admiração. Então, como se virou para descer da cama, não viu o sorriso dele sumir nem a incerteza que passou por seu rosto como uma sombra.

– Aonde você vai, Grenville?

– Vou me lavar.

Ela foi até a bancada com a bacia, atrás de um biombo.

– Sabe, duquesa – disse ele num reflexo. – A vista de trás é tão magnífica quanto a da frente. Você tem uma...

A voz dele se perdeu quando ela entrou atrás do biombo.

Ainda que fosse gostar de ouvir o resto do elogio, Lydia voltou a atenção para questões práticas. Praticamente não tinha sangrado, o que não era surpreendente numa jovem atlética, e, pelo que sabia, era mais comum do que as pessoas costumavam afirmar. Mesmo assim, havia algumas manchas fracas e ela estava definitivamente pegajosa. Com a semente dele.

Lavou-se, cônica de que um grande número de Mallorys incipientes haviam se derramado para dentro dela e não exigiam qualquer cultivo especial para brotar em vida. Porém, lhe alertara que não era material de primeira para reprodução. Não que alguém fosse esperar que ele refletisse sobre as consequências. Vere não se

importava como seus filhos seriam, assim como não ligava para a confusão em que transformaria a vida de Lydia caso ela se apaixonasse de verdade por ele.

– Lydia.

– Já estou acabando.

Houve um silêncio rompido apenas pelo chacoalhar da água na bacia.

– Lydia, o que é isso no seu traseiro?

– No meu traseiro? – Então ela se lembrou. – Ah, a marca de nascença. Sei que parece uma tatuagem, mas não é.

Ela terminou rapidamente as abluções, saiu de trás do biombo... e trombou com um corpo nu.

– Vire-se – pediu ele, com a voz muito afável, a expressão indecifrável.

– Sabe, Ainswood, você fica mais chato do que o normal após a intimidade sexual. Eu deveria...

– Vire-se, por favor.

Ela retesou o maxilar e obedeceu, apesar de não gostar de ser examinada como um curioso espécime biológico. Decidiu retribuir o favor na primeira oportunidade. Mais ou menos dali a um minuto.

– Foi o que pensei – murmurou ele, em seguida tocou seu ombro, virando-a gentilmente de novo. – Minha querida, você sabe o que é isso?

O tratamento carinhoso deixou-a cautelosa.

– Uma marca de nascença, como eu disse. E bem pequena. Não desfigura nada. Espero que você não tenha algum tipo de aversão mórbida a...

– Você é linda. E a marca é... fascinante. – Ele acariciou o queixo, tenso. – Você não sabe o que é, certo?

– Estou doida para saber o que ela é para você – disse Lydia, com todos os instintos em alerta, pressentindo encrenca.

– Nada. – Ele recuou. – Absolutamente nada. Nada com que se

preocupar. – Ele se virou. – Eu vou é matá-lo, só isso.

Vere retornou à cama. Murmurando sozinho, pegou o roupão no chão, perto do pé da cama, e vestiu-o. Como o dela, tinha sido colocado sobre as roupas de cama. O dele caíra no chão no tumulto do sexo. O dela estava embolado entre o colchão e o balaústre.

Ela nem tentou deduzir o que ele estava fazendo; apenas correu até a cama e pegou o próprio roupão. Enquanto Lydia se vestia, Vere marchou até a porta, abriu-a e saiu intempestivamente. Ela correu atrás, amarrando a faixa.

– Fatos sobre o passado dela – rosnou Vere baixinho. – Crocodilos em Bornéu. E Trent estava tentando me dizer.

– Ainswood – ele ouviu a esposa atrás.

Ele se virou. Ela estava parada junto à porta aberta do quarto.

– Volte para a cama. Eu cuido disso.

Vere continuou andando. Parou à porta de Dain e bateu, uma, duas, três vezes.

– Lorde Todo-Poderoso Sabe-Tudo. O retrato do pai dele. “Creio que você não conheça o passado dela, certo, Ainswood?” Muito divertido. Hilá...

A porta se abriu e o suposto amigo moreno, arrogante, meio italiano surgiu, bloqueando a passagem.

– Ah, Ainswood. Veio pedir instruções? – Belzebu olhava para ele com um meio sorriso zombeteiro.

O sorriso *dela*. Por que ele não tinha percebido antes? A boca de Vere se curvou em imitação.

– “Eu não chamaria de dourado”, “Ela não pode ser francesa”, “O boato que ouvi foi que ela nasceu num pântano de Bornéu, criada por crocodilos”. Você *sabia*, seu desgraçado narigudo macarrônico.

Belzebu olhou para a esquerda de Vere. O duque olhou para trás, impaciente, e viu que a esposa não tinha voltado para a cama, mas

estava se aproximando às pressas. E descalça, descobriu consternado. Ela poderia pegar uma doença mortal.

– Lydia, eu disse que cuidava disso sozinho – disse, irritado com o olhar divertido de Belzebu.

A noiva parou ao lado de Vere, cruzou os braços e aguardou com os lábios comprimidos, os olhos semicerrados.

Àquela altura, Lady Dain já aparecera ao lado do marido.

– Deixe-me adivinhar: você não contou ao Ainswood mesmo tendo me prometido que contaria antes...

– Que inferno! – reagiu Vere rispidamente. – O mundo inteiro sabe? Que o diabo apodreça sua alma, Belzê. Eu não me importo com uma piada, mas você deveria ter pensado nos sentimentos *dela*. A pobre garota...

– Espero que você não esteja se referindo a mim – interveio Lydia, com a voz gélida. – Não sei que verme está comendo seu cérebro neste momento, Ainswood, mas...

– Ah, você não sabe – interrompeu Dain. – O noivo teve um chique e saiu intempestivamente do quarto sem se dar o trabalho de explicar o que tumultuou suas entranhas. Isso é típico do Ainswood, infelizmente... Ele tem uma tendência lamentável a pular primeiro e pensar depois. Isso porque não consegue manter mais de uma ideia de cada vez nessa cabeça dura.

– Olha quem fala – disse Lady Dain. – O roto falando do esfarrapado.

Dain se virou para ela.

– Jessica, vá para a cama.

– Agora não. Nem por mil libras. – Ela fitou Vere. – Estou louca para saber como você descobriu.

– Foi bastante difícil – disse Dain. – Sellowby e eu soltamos só umas mil dicas, no meio da arenga demente do Trent sobre o conde de Blackmoor, o amigo do peito de Carlos II, o *cavalier* de cachos dourados.

Vere ouviu a esposa inspirar fundo. Dain voltou a atenção para ela.

– Você tem uma semelhança notável com meu belo ancestral. Se Trent tivesse visto o retrato do meu pai também, suas observações teriam feito mais sentido. Lamentavelmente a pintura mais recente teve um encontro com a Semente do Diabo... meu filho, Dominick... e sofreu bastante. Estava sendo restaurada quando Trent nos visitou. Se ele a tivesse visto, chegaria mais perto do alvo, porque se meu falecido pai tivesse sido uma mulher, ele seria você... prima.

Se Bertie estivesse dormindo bem, nem tiros de canhão iriam despertá-lo. Mas seu sono estava irregular, agitado por visões de crocodilos mordendo os pés delicados de donzelas de óculos que tentavam fugir de *cavaliers* com risos lascivos, cobertas apenas pelos cachos dourados em volta da cabeça e dos ombros.

Por isso, o burburinho no corredor penetrou em sua consciência e o fez saltar da cama. Ele pegou o roupão e os chinelos e, já decentemente coberto, abriu a porta a tempo de ouvir as observações de Dain sobre retratos de família e a última palavra intrigante: *prima*.

Antes que Bertie pudesse digerir completamente essas revelações, o quarteto entrou nos aposentos de Dain e fechou a porta. Ele já ia voltar ao quarto para refletir sobre o que tinha ouvido quando, de rabo de olho, viu um clarão branco no canto do corredor perto do topo da escada.

Um instante depois, um rosto feminino de óculos, cercado por babados brancos, espiou do canto. Uma pequena mão branca, também cercada por babados, chamou-o. Após um instante de conflito interno, Bertie obedeceu.

– O que aconteceu? – perguntou a Srta. Price.

Um gorro exagerado cobria o cabelo escuro. Babados cercavam o

pescoço e desciam ao longo das bordas dos panos, uma nuvem de vestimenta que deixava absolutamente tudo aberto para a imaginação, menos o rosto e os dedos.

– Não tenho certeza – respondeu Bertie, piscando diante daquela visão. – Só ouvi o final. Parece que eu estava na trilha certa, mesmo tendo vindo da direção errada. Não era o tal *cavalier* e, sim, o pai de Dain. Só que Dain a chamou de “prima”, o que foi uma surpresa para mim. Eu achei que ela era irmã dele... quero dizer... – Bertie corou e ergueu a mão para repuxar o lenço de pescoço. Descobriu que não estava usando um, e isso só o fez ruborizar ainda mais. – Quero dizer, meio-irmã, só que sem a bênção do pastor, se é que você me entende.

A Srta. Price encarou-o durante uns vinte segundos, pela contagem dele.

– Não era o *cavalier* – disse ela lentamente – o conde de Blackmoor, você quer dizer. Era o pai de lorde Dain. É isso?

– Ela é parecida com ele.

– A Srta. Gren... quero dizer, a duquesa de Ainswood se parece com o marquês anterior.

– E Dain disse “prima”. Foi só isso. Então entraram no quarto dele. – Trent gesticulou naquela direção. – Todos. O que você acha? Se Dain a reconheceu, por que não disse antes? Ou será que era uma piada, que eu não consigo entender? Se ele não queria revelar o segredo, por que iria chamá-la de “prima”?

O olhar aguçado de Tamsin se desviou para a porta de Dain.

– Uma piada. Bom, isso explicaria tudo. Eu percebi uma semelhança, aquele olhar notável, mas achei que minha imaginação havia pregado uma peça. – Ela se voltou para Bertie. – Foi um dia muito empolgante. E este é um desfecho esplêndido, não é? A Srta. Grenville... quer dizer, Sua Graça, é parente do amigo do duque.

– Do melhor amigo – corrigiu Bertie. – Por isso fiquei tão surpreso quando Dain disse que eu seria o padrinho, e não ele.

Falou ao Ainswood que nós disputamos no palitinho, o que não é verdade. Foi Dain que decidiu entregar a noiva, e geralmente ninguém discute com ele... a não ser o Ainswood, mas ele não estava lá na hora.

Atrás dos óculos, os olhos enormes da Srta. Price brilhavam.

– Achei que ela não tinha ninguém e que era sozinha no mundo. Mas um parente a entregou ao noivo. – Ela pestanejou algumas vezes e engoliu em seco. – Fico feliz porque não sabia. Eu teria chorado baldes. É tão... emocionante. Um gesto tão gentil, entregá-la. E ela merece, sabe? É a pessoa mais gentil, m-mais generosa... – Sua voz falhou.

– Ah, nossa. – Bertie olhou-a, alarmado.

Ela tirou um lençinho de algum lugar do roupão e enxugou rapidamente as lágrimas.

– Perdão – disse, trêmula. – É só que estou feliz por ela. E... aliviada.

Bertie também estava aliviado – por ela ter parado de chorar.

– Sim, bem, como você disse, foi um dia empolgante e acho que seria bom você descansar um pouco. Além disso, há uma corrente de ar aqui no corredor e, mesmo que não houvesse risco de resfriado, você não deveria andar por aí com essas vestes indizíveis. A maioria dos sujeitos está no mínimo para lá de bêbada, e não dá para dizer que ideias eles podem enfiar na cabeça.

Ela o encarou por um momento, depois abriu um sorrisinho e soltou uma risada suave.

– Ah, você é tão engraçado, Sir Bertram! Ideias na cabeça... Aqueles sujeitos de pileque iriam desmaiar de exaustão tentando me achar em todos esses metros e metros de... vestes indizíveis – concluiu ela com outro risinho.

Bertie não estava de pileque e tinha certeza de que poderia encontrá-la com bastante facilidade, considerando que ela estava ao seu alcance. Os olhos de Tamsin cintilavam bem-humorados, como

se ele fosse o sujeito mais espirituoso da terra. Bertie corou, achando que ela era a garota mais bonita do mundo. Então, percebendo que *e/e* é que estava com ideias na cabeça, disse a si mesmo para dar o fora dali.

Só que se moveu na direção errada e, de algum modo, viu-se com uma grande quantidade de renda branca nos braços e uma boca suave tocando a dele e, em seguida, luzes coloridas dançavam em volta de sua cabeça.

Nesse mesmo instante, Lydia se sentia muito tentada a fazer seu primo ver estrelas. Ele a deixara completamente desconcertada.

– Dain seria capaz de palestrar sobre a história da família durante semanas – comentou Lady Dain. Ela e Lydia estavam sentadas em cadeiras junto à lareira, segurando taças de champanhe recém-enchidas. – Ele finge achar que isso é tedioso ou faz piada, mas é um dos seus principais passatempos.

– Não dá para fugir – interveio Dain. – Temos fileiras e mais fileiras de livros, caixas de documentos. Os Ballisters nunca suportaram descartar nada que tivesse o mínimo valor histórico. Nem meu pai conseguiu apagar totalmente a existência de sua mãe dos registros, Grenville. Mas Jess e eu só fomos investigar porque Sellowby atiçou nossa curiosidade. Ele a viu depois do nosso casamento e notou a semelhança com meu pai e meus ancestrais. Só depois que seu encontro com Ainswood no Vinegar Yard entrou no circuito de fofocas é que Sellowby escreveu para nós. Tudo que ele tinha ouvido, além de uns vislumbres ocasionais, o levou a suspeitar de uma conexão com os Ballisters.

– Se você soubesse como eu tive cuidado de evitar Sellowby... – disse Lydia. – E tudo em troca de nada. Ele deve ter sangue de sabujo.

– Por Deus, Grenville, foi por isso que você escalou até o

primeiro andar da casa de Helena em vez de usar a porta como uma pessoa normal? – perguntou Ainswood, incrédulo. – Você arriscou o pescoço para evitar o Sellowby?

– Eu não queria que o passado fosse revirado.

As expressões atentas dos demais lhe indicaram que eles esperavam outras explicações, mas ela não conseguia dizer mais nada. Os que sabiam da fuga da sua mãe e das consequências sórdidas estavam mortos e enterrados. Anne Ballister era um ramo baixo da árvore genealógica, praticamente desconhecida. A triste história de sua mãe havia começado e terminado fora do palco do Beau Monde, onde os dramas mais sensacionais, com os atores mais importantes – como o príncipe de Gales –, atraíam a atenção da sociedade.

Lydia havia guardado o segredo com determinação porque não queria que a tolice da mãe fosse jogada naquele palco, não desejava que sua degradação fosse assunto das conversas à mesa do chá.

– Alguma coisa deve vir à tona agora – falou Ainswood. – Estou pasmo em ver como Sellowby segurou a língua por tanto tempo. Não dá para esperar que ele continue assim para sempre.

– Ele não sabe dos detalhes – observou Dain. – Grenville não é um sobrenome incomum. Basta dizer que os pais dela brigaram com a família e que, até agora, ninguém sabia o que havia sido feito deles nem tinha a menor ideia de que haviam gerado uma filha. Até mesmo isso é mais esclarecimento do que o mundo merece.

– Eu gostaria de uma explicação – disse Lady Dain a Lydia. – Ainda não ficamos sabendo como Sua Graça fez a espantosa descoberta.

– Foi quando ele viu minha marca de nascença.

Os lábios de Lady Dain estremeceram. Ela olhou para Dain, que tinha ficado imóvel.

– Não é possível – falou ele.

– Foi o que pensei – concordou Ainswood. – Não pude acreditar

nos meus olhos.

Dain desviou o olhar da prima para o amigo.

– Tem certeza?

– Eu reconheceria essa marca a quilômetros de distância. A “marca dos Ballisters”, como você dizia na escola... a prova incontestável de que sua mãe não traiu seu pai. Quando Charity Graves começou a pegar no seu pé por causa do moleque Dominick, eu é que fui até Athon me certificar que ele era seu, e não meu. Estava ali, no mesmo lugar, a mesma balestrazinha marrom.

Ele olhou, irritado, para Dain.

– Eu não fazia ideia de que minha prima tinha a marca, garanto – afirmou o marquês. – Achei que ela só aparecia nos homens da família. – Ele deu um sorriso débil. – Uma pena que o meu querido pai não soubesse. O santo brasão dos Ballisters aparecendo numa mulher, fruto da união de um zé-ninguém com uma jovem que, sem dúvida, meu pai ajudou a expulsar permanentemente da família. Ele teria morrido de apoplexia no instante em que descobrisse, e eu seria um jovem órfão deliciado. Bom, então já superou a irritação com minha brincadeira? Ou está apavorado ao se ver ligado a mim? Se não quer ter uma Ballister como esposa, nós ficaremos felizes em tomá-la.

– De jeito nenhum. – Ainswood esvaziou sua taça e pousou-a. – Não suportei cinco semanas de horror e provações inimagináveis para entregá-la a vocês. Quanto a você, Lydia – acrescentou, nervoso –, gostaria de saber porque não se ofereceu para quebrar o narigão de Dain. Ele fez você de idiota também, e há pouco tempo você estava preocupada com a hipótese de seu sangue camponês contaminar o meu. Você está aceitando isso com uma tremenda calma.

– Eu sei tolerar uma brincadeira. Eu me casei com você, não foi?

– Ela pousou a taça quase vazia e se levantou. – Não devemos

manter Lady Dain acordada a noite toda. As futuras mães precisam de uma quantidade razoável de sono.

Lady Dain pôs-se de pé.

– Nós nem pudemos conversar direito. Não que eu tenha esperança de uma conversa inteligente com um par de machos ruidosos por perto, disputando atenção. Você deve retornar a Athcourt conosco amanhã.

– Sem dúvida – concordou Dain. – Afinal de contas, é o lar ancestral.

– Eu também tenho um lar ancestral. – Ainswood passou um braço possessivo em volta dos ombros de Lydia. – Ela é só sua prima, Dain, e ainda por cima distante. E agora é uma Mallory, e não uma Ballister, não importa o que esteja carimbado no...

– Em outra ocasião, talvez – interveio Lydia habilmente. – Ainswood e eu temos muita coisa para resolver, e preciso fazer alguns trabalhos para a *Argus*, que...

– É, como você disse, muita coisa para resolver – concordou o duque, com a voz tensa.

Eles se despediram rapidamente e já andavam pelo corredor, quando Lady Dain chamou-os. Os dois se detiveram. Ela se aproximou às pressas, enfiou um pequeno objeto oblongo na mão de Lydia, beijou seu rosto e se afastou.

Lydia esperou até entrarem no quarto para desembulhar o pacote. Então um pequeno soluço espantado escapou dela.

– Santo Deus, o que foi que eles... – disse Ainswood, alarmado.

Ela se virou, envolvida por aqueles braços quentes e fortes.

– O diário da minha mãe. – As palavras saíram abafadas em meio às dobras do roupão de Ainswood. – Eles me devolveram o diário de mãe – explicou ela, com a voz embargada.

Foi quando a compostura que Lydia havia mantido com tanta determinação junto à família recém-encontrada desmoronou.

Encostando o rosto no peito do duque, ela começou a chorar.

## CAPÍTULO 14

### *O diário de Anne Ballister*

*Mal posso acreditar que é meu décimo nono aniversário. Parece que já se passaram vinte anos desde que saí da casa do meu pai, e não vinte meses.*

*Será que ele lembra que dia é hoje? Ele e seu primo, lorde Dain, apagaram minha existência por todos os meios disponíveis, menos pelo assassinato. Mas a memória não é tão facilmente apagada quanto um nome numa Bíblia de família. É bem fácil determinar que uma filha jamais seja mencionada outra vez, mas a memória não se submete à vontade, nem à de um Ballister, e o nome e a imagem persistem muito tempo depois da morte, literal ou figurativa.*

*Estou viva, pai, e bem, ainda que seu desejo quase tenha se realizado quando minha menininha nasceu. Não tenho um caro obstetra londrino para presidir meu trabalho de parto, mas só uma mulher da minha idade, que já deu à luz três filhos e está a caminho de ter mais um. Quando chegar a hora de Alice Martin, retribuirei o favor e farei as vezes de parteira.*

*Foi um milagre eu ter sobrevivido à febre pós-parto, como concordam todas as matronas sábias desta vizinhança. Sei que não foi milagre, mas minha força de vontade. Eu não podia me submeter à Morte, por mais que ela insistisse. Não podia abandonar minha filha ao homem falso e egoísta com quem me casei.*

*Agora John se lamenta, sem dúvida, porque eu e Lydia*

*sobrevivemos. Ele foi obrigado a aceitar qualquer papel pequeno que aparecesse, e se esforçou para estudar seu punhado de falas. Dei um jeito para que os pagamentos fossem feitos diretamente a mim. Caso contrário, cada centavo do pouco que ele ganha iria para a bebida, as mulheres e o jogo, e minha Lydia passaria fome. John reclama amargamente dizendo que tornei sua vida indigna e maldiz o dia em que decidiu ganhar meu coração.*

*Sinto-me muito envergonhada, por ele ter tido sucesso, por eu ter sido uma completa imbecil. Eu era uma garota inexperiente quando fugi de casa. Ainda que nosso ramo dos Ballisters seja insignificante, fui tão mimada e protegida quanto uma filha de duque, logo me tornei muito ingênua. Para um patife bonito e de língua hábil como John Grenville, também fui um alvo fácil demais. Como iria perceber que seus discursos empolgantes e suas declarações lacrimosas de amor eram apenas... atuação?*

*E ele não foi muito esperto. Via-me como um bilhete para uma vida de riqueza e facilidades. Acreditava entender a aristocracia inglesa porque havia representado nobres. Para ele, era inconcebível que uma família tão orgulhosa quanto os Ballisters fosse abandonar à penúria e à degradação uma filha que jamais conhecera um dia de dificuldade em todos os seus dezessete anos e meio. Acreditava de verdade que iriam aceitá-lo: um homem que, sob nenhum tipo de definição, poderia reivindicar o título de "cavalheiro" e que completava a infâmia pertencendo àquela espécie sub-humana dos atores.*

*Se soubesse das ilusões de John, eu o teria esclarecido, por mais confusa e ignorante que fosse. Mas presumi que ele sabia, como eu, que minha fuga cortava todos os laços com os Ballisters, que a reconciliação estava fora de questão e que deveríamos prosseguir sozinhos.*

*Eu viveria contente com ele numa choupana, desde que pensássemos do mesmo modo e que nos esforçássemos para*

*melhorar de vida. Mas esforçar-se é algo estranho à sua natureza. Como lamento jamais ter aprendido uma profissão lucrativa! Meus vizinhos me pagam para escrever cartas para eles – não há quase ninguém aqui que saiba ao menos escrever o próprio nome. Costuro um pouco. Mas não sou artista com a agulha, e quem por aqui pode pagar uma tutora particular, ou ao menos entender o valor disso? Fora uma moeda que ganho aqui e ali, dependendo totalmente do John.*

*Preciso parar – e já não é sem tempo, porque vejo que fiz pouco mais do que reclamações. Minha Lydia está acordando do cochilo e logo vai ficar entediada falando sozinha em sua cômica linguagem de bebê. Eu deveria ter escrito sobre ela, como ela é linda, inteligente e agradável – um prodígio e um exemplo. Como posso reclamar de alguma coisa quando a tenho?*

*Sim, querida, eu escutei você. Mamãe está indo.*

Lydia parou no fim da primeira anotação do diário porque estava perdendo o controle de novo, a voz trêmula e aguda demais. Empertigou-se na cama, com os travesseiros amontoados em volta. Ainswood os arrumara, puxando também para perto da cama uma mesinha, pondo ali a maior parte das velas do quarto, para que a iluminação facilitasse a leitura.

Ele ficara de pé junto à janela, contemplando o pátio. Olhou para trás, surpreso, quando Lydia começou a ler em voz alta. Ela também ficou surpresa ao perceber que estava fazendo isso.

Passara a ler apressada, em silêncio, virando as páginas, faminta pelas palavras que havia lido tanto tempo antes, tão mal entendidas na época, uma pálida lembrança. Frases se destacavam, não porque ela as recordasse, mas porque capturavam o modo de sua mãe falar. Começou a escutar claramente a voz da mãe. Só precisava abrir a boca e sua voz se tornava a de outra pessoa. Não era algo que ela tentasse fazer conscientemente. Apenas acontecia.

E assim devia ter se esquecido de Ainswood durante um tempo ou ficado imersa demais no passado para pensar no presente. Mais calma, tranquilizada ao ver que sua história estava ali, Lydia havia retornado à primeira página e leu na voz desaparecida por tantos anos, e que agora lhe retornava – um presente inesperado, a recuperação de um tesouro que ela acreditava ter perdido para sempre.

*Sim, querida, eu escutei você. Mamãe está indo.*

Ela sempre ouvia, sempre vinha, lembrou Lydia. Entendia o que Mary Bartles sentia por seu bebê: amor puro, feroz, inabalável. Sabia que isso existia. Tinha vivido durante dez anos nesse porto que era o mais seguro de todos: o amor de sua mãe.

Sua garganta doeu. Não conseguia identificar as palavras através dos olhos marejados. Ouviu-o se aproximar, sentiu o colchão se mexer quando ele se sentou na cama.

– Meu Deus, isso é jeito de você passar a noite de n-núpcias? – disse, abalada. – Ouvindo m-minha choradeira?

– Você pode ser humana de vez em quando. Ou existe alguma lei dos Ballisters contra isso?

Ele ficou ao lado dela, e passou o braço por suas costas, puxando-a para perto. Lydia sabia que aquele não era o porto mais seguro que existia, mas por enquanto parecia ser, e não viu problema em acreditar que era.

– Ela era louca por mim – comentou Lydia, ainda fitando o diário com o olhar turvo.

– Por que não seria? Mesmo terrível, você pode ser adorável. Além do mais, sendo uma Ballister, ela era capaz de apreciar os traços mais estarrecedores da sua personalidade de um modo que alguém de fora não conseguiria. Assim como Dain. Ele não parece acreditar que haja algo de errado com você. – Vere pronunciou essa última frase num espanto sofrido, como se dali em em diante o amigo devesse ser considerado totalmente insano.

– Não há nada de errado comigo. – Ela apontou para a página. – Está aqui, em preto e branco: sou um prodígio e um exemplo.

– É, bem, eu gostaria de ouvir o que mais ela tem a dizer. Talvez ela dê algum conselho valioso sobre como administrar esse exemplo e esse prodígio. – Ele cutucou-a com o ombro. – Continue lendo, Grenville. Se essa é a voz dela, é tremendamente tranquilizadora.

Era, sim, lembrou Lydia. E ela também se sentia tranquilizada pela proximidade dele, por suas provocações e pelo braço forte que a envolvia.

Continuou a leitura.

Uma fraca luz matinal se misturava às sombras do quarto no momento em que Grenville enfim fechou o diário e, sonolenta, devolveu os travesseiros dele antes de se afundar nos dela. Não se virou para Vere, mas também não fez nenhuma objeção quando ele a puxou para que ficassem de conchinha. Já bem acomodada como o duque queria, ela dormiu a sono solto.

Apesar de normalmente ir para a cama numa hora em que os cidadãos respeitáveis estavam acordando, ou talvez até trabalhando, Vere percebeu a fadiga que pesava mais do que o usual. Mesmo para um homem acostumado a viver intensamente, que ansiava pela empolgação, pelo perigo e por todo o desgaste mental e corporal, aquele dia e noite longos tinham significado um enorme esforço.

Agora, em meio ao silêncio e ao que deveria ser a paz, ele se sentia como se fosse ao mesmo tempo capitão e tripulante de uma embarcação jogada sobre as rochas após uma tempestade furiosa.

Poderia ter conseguido ficar num porto seguro, se não tivesse sido o caderninho. O conteúdo eram as pedras que o fizeram naufragar. Pelo menos uma dúzia de vezes enquanto escutava a voz dela – ao mesmo tempo era e não era a voz de sua esposa –, quisera arrancar o caderno das suas mãos e jogá-lo na lareira.

Era horrível escutar a coragem fria e a ironia com que Anne Grenville descrevia o inferno que era sua vida. Nenhuma mulher deveria precisar daquela coragem e daquele distanciamento; nenhuma mulher deveria ter uma vida que exigisse tanto. Ela vivia apenas para o dia presente, jamais sabendo quando poderia ser despejada ou ver suas parcas posses levadas pelo homem do penhor, ou se o jantar da noite seria o último. Mas fazia piadas sobre as privações, convertia as infâmias do marido em anedotas satíricas, como se zombasse do destino que a tratava de modo tão brutal.

Apenas uma vez, bem no fim, ela redigira algo parecido com um pedido de misericórdia. Mesmo assim, não fora por si própria. Aquelas últimas linhas, quase ilegíveis, escritas dias antes de sua morte, destacavam-se nítidas no cérebro dele como se estivessem gravadas a ferro e fogo: *Querido pai do céu, cuide das minhas meninas.*

Vere tinha tentado bloquear a história dela como havia banido tantas outras coisas da mente, mas aquilo permanecia preso e enraizado, como o tojo teimoso que crescia nas charnecas inóspitas que os Ballisters tinham transformado em lar.

As palavras de uma mulher morta dezoito anos antes se entranharam nele como poucas outras tinham conseguido, e fizeram com que se sentisse um patife e um covarde. Ela suportara tudo com coragem e humor ao passo que ele não podia enfrentar o que acontecera em sua noite de núpcias.

Prontamente se dispusera a discutir com Dain, usando a raiva para ocultar outros sentimentos. Como se o que ele precisava aguentar, uma percepção desagradável, fosse a coisa mais insuportável do mundo.

Não era. Ele era motivo de piada, só isso. Havia desejado Grenville como jamais desejara outra mulher. Por que, então, ficara tão pasmo por não ter acontecido como com qualquer outra mulher antes dela?

Com as outras ele havia apenas copulado.

Com sua esposa havia feito amor.

Lydia era escritora e teria encontrado dezenas de metáforas para descrever o que acontecera. Ele não tinha esse talento. Mas era um libertino, com mais experiência do que qualquer outro homem. Experiência suficiente para discernir a diferença. E inteligência suficiente para entender que seu coração estava comprometido, e para conhecer a palavra que descrevia isso.

*Você me ama?*, perguntara, sorrindo, como se a possibilidade o divertisse. E quando ela não deu a resposta que ele queria, precisara continuar sorrindo e provocando – o tempo todo consciente do que esfaqueava seu coração, e por que doía, como nenhum ferimento físico jamais doera.

Estava magoado. E apaixonado.

O que era isso diante do que Anne Grenville havia suportado? Do que a filha dela havia suportado?

Para não mencionar que ele conhecia apenas um fragmento daquela história. O fino volume mal cobria a palma da sua mão. As poucas páginas guardavam muito pouco – a maior parte, coisas pavorosas – e havia grandes intervalos entre cada anotação. Ele tinha certeza de que o diário não contava nem a décima parte do que realmente acontecera.

Não queria saber mais, não queria se sentir menor do que já se sentia. Pequeno, mesquinho, egoísta e *cego*. Mas, se Lydia pudera levar aquele tipo de vida, ele certamente suportaria ficar sabendo a respeito.

Mas não por ela. Lydia não queria que seu passado fosse revirado e Vere não a obrigaria.

Dain devia saber mais, e lhe contaria, querendo ou não. O lorde Sabichão tinha muitas perguntas a responder. Vere decidiu que a primeira coisa que faria seria falar com Dain e arrancar os fatos dele a socos se necessário.

Com essa perspectiva agradável em mente, o duque de Ainswood enfim caiu no sono.

Vere acabou não precisando procurar Dain. No meio da tarde, depois de saber com Jaynes que os padrões estavam acordados, o marquês levou o duque até a sala de jantar privativa enquanto as damas desfrutavam de um desjejum nos aposentos de Dain.

– Jessica está quase explodindo – informou Dain, descendo a escada com Vere. – Ela precisa de um tête-à-tête com minha prima para compartilhar sua experiência na arte de torturar maridos. Trent levou a Srta. Price a Portsmouth para comprar alguns badulaques. Minha dama insiste que, sem eles, a sua não pode viver. Portanto, Trent não vai nos incomodar com suas falas intermináveis enquanto comemos. Jess e eu vamos levar os dois para Athcourt. Você precisará organizar a casa para acomodar sua esposa, e não vai querer Trent por perto. Não que eu o queira, também, mas ele não deve incomodar demais, pelo menos a mim. Vai rondar a Srta. Price e demonstrar algum grau de inteligência pela primeira vez na vida, apaixonado pela única mulher em todo o universo que tem alguma ideia do que fazer com ele.

Vere parou na escada.

– Apaixonado? Tem certeza?

– Claro que não. Como eu iria saber? Para mim, ele parece imbecil como sempre. Mas Jessica me garante que ele fixou o cérebro minúsculo na Srta. Price.

Continuaram descendo. Dain calculava em voz alta a quantia que daria à Srta. Price caso ela sentisse pena de Trent e se casasse com ele, ao passo que Vere ouvia “apaixonado” ecoar em sua mente e se perguntava se Lady Dain havia notado os sintomas da mesma doença em outro lugar.

– Você está silencioso demais – comentou Dain quando se

acomodaram nas cadeiras. – Nós passamos cinco minutos inteiros juntos sem que nenhuma fala beligerante saísse dos seus lábios.

Um empregado entrou e eles fizeram os pedidos. Quando o homem saiu, Vere disse:

– Quero que você me conte tudo que sabe sobre Grenville.

– Por acaso era isso que eu pretendia fazer. Eu havia me preparado para espancar você até deixá-lo sem sentidos, ressuscitá-lo e jogar seu corpo quebrado na cadeira. Nesse estado agradavelmente esponjoso, você absorveria a história e talvez até um ou outro conselhezinho ocasional.

– Interessante. Eu tinha algo assim em mente para você, caso optasse por ser irritante como sempre.

– Desta vez pretendo fazer caridade. Você transformou minha prima em duquesa, restaurando-a ao seu lugar de direito no mundo. Além disso, casou-se com ela, se não por motivos nobres, pelo menos por motivos não totalmente ignóbeis. Fiquei emocionado, Ainswood, de verdade, por sua serena despreocupação pelas origens dela. – O meio sorriso zombeteiro brincou nos lábios dele. – Talvez “serena” não seja bem a palavra. Mesmo assim, me senti afetado, para não dizer profundamente atônito, diante de seu evidente bom gosto, pela primeira vez em sua vida desregrada. Ela é uma mulher maravilhosamente linda, não é? Os Ballisters são de uma beleza espantosa. Puxou ao avô materno, sabe? Frederick Ballister e meu pai eram muito parecidos na juventude. Mas Frederick contraiu varíola no fim da adolescência e a doença o desfigurou. Talvez por isso Anne tenha comparado a filha com o meu pai, e não com o dela. Anne não devia saber que Frederick tinha sido um Ballister bonito. Ainda não descobrimos um retrato dela. Mas, se existe algum, pode ter certeza de que Jessica vai encontrar. Ela tem um dom alarmante para encontrar coisas.

Vere tinha consciência de que uma das “coisas” que Lady Dain havia encontrado – e feito com que Dain mantivesse – era o filho

bastardo dele, Dominick. O pensamento provocou uma onda gélida na área escura da mente de Vere, as praias distantes em que os pensamentos órfãos e rejeitados se amontoavam.

Ele rotulou esse sentimento de “fome” e olhou, impaciente, para a porta.

– Para onde foi o empregado? – perguntou. – Quanto tempo é necessário para pegar uma caneca de cerveja?

– Eles estão todos assoberbados, atendendo aos convidados do casamento nesta manhã. Ou, melhor, recolhendo os cadáveres. Quando descí, ao meio-dia, o salão público estava cheio de corpos. Isso trouxe de volta boas lembranças de nossos dias em Oxford.

Nesse momento, o empregado apareceu, seguido por outro. Ambos cambaleavam sob o peso das bandejas, ainda que a refeição fosse apenas para dois. Só que eram dois homens muito grandes, com apetites proporcionais.

Desse modo, passou-se um bom tempo antes que Dain se lançasse à história. Não se demorou acrescentando floreios literários ou, pior ainda, sentimentais. Contou como Vere queria que fosse contado, atendo-se aos fatos simples e ordenando-os, sem se desviar com “porquês”, “portantos” nem com as mais infrutíferas das digressões: os “se”.

Ainda assim, era uma história tão desagradável quanto Vere havia esperado, e ele perdeu o apetite antes de esvaziar o primeiro prato, no momento em que ouviu falar da Marshalsea. Empurrou o prato para longe.

– Ela me contou que a irmã tinha morrido, só isso. Não disse nada sobre a morte, sobre a prisão por dívida.

– Os Ballisters não são de fazer confidências – explicou Dain. – Lydia, obviamente, é como o resto de nós. “Eu não queria que o passado fosse revirado” foi a única explicação que deu para não contar a ninguém sobre suas origens. Você sabia que ela esteve no meu casamento, nos degraus da igreja, e não se apresentou? Que

diabo estava pensando? Que eu ligo para o que a mãe dela fez? – Ele fechou a cara, fitando a caneca. – Minha mãe fugiu com um mercador naval. O moleque que eu tive com a principal puta de Dartmoor mora na minha casa. Será que a garota achava que não era suficientemente boa para nós?

– Boa pergunta. Não tenho a mínima ideia do que se passa na cabeça dela.

A carranca se virou na direção de Vere.

– Tenho plena consciência de que seu interesse está em outro lugar. Você não se casou por causa do intelecto dela. Para você, é inconcebível que ela ou qualquer outra mulher tenha um intelecto. Bom, deixe-me dizer uma coisa, Ainswood. Elas têm. As mulheres estão sempre pensando, e se você não quiser ser manipulado o tempo todo, recomendo que exercite seu cérebro obtuso e lento para compreender o da sua esposa. Sei que isso é difícil para você. Pensar altera o delicado equilíbrio de sua constituição. Estou contando o que sei para facilitar a situação. Nós, homens, devemos nos apoiar.

– Então continue. Você acabou de enterrar a irmã dela.

Dain retomou a história, mas não tinha muito mais a dizer sobre a vida de Grenville depois da ida do pai para a América, quando ela passou a morar com os tios-avós. O pai morrera em 1816, em consequência dos ferimentos de uma luta. Tinha tentado fugir com uma jovem americana rica. Mas, dessa vez, os dois foram perseguidos e os irmãos da garota a resgataram e fizeram justiça com as próprias mãos.

– Parece que minha prima viajou para o estrangeiro com Stephen e Euphemia Grenville – disse Dain. – Eles morreram no outono passado. Descobri o nome de um empregado deles, que mora em Marazion, na Cornualha. Estávamos planejando ir até lá e conversar com ele quando recebemos seu convite de casamento.

Dain esvaziou sua caneca. Ao pousá-la, voltou a atenção para o

prato de Vere.

– Mandarei o Sr. Herriard se encontrar com seu advogado em Londres. Espero que você não me negue um pequeno ato de vingança atrasada contra o meu pai. Para contrariar o falecido, eu gostaria de dar um dote a Lydia, e podemos contar com o Herriard para emaranhar você em acordos suficientemente exorbitantes e complicados a ponto de sufocar qualquer berro dado por seu orgulho masculino. Lydia, claro, é perfeitamente capaz de cuidar de si mesma, como já provou. Mas tenho certeza de que ela não se oporá a garantir o futuro da prole.

– Se ela se opuser, pedirei que discuta o assunto com você.

Haveria uma prole, claro, disse Vere a si mesmo, e Dain não perguntou nada mais do que era costumeiro. Os dotes e os acordos eram os arranjos legais e proporcionavam certa estabilidade material. Outros aspectos do futuro incomodavam o duque, e ele estava tendo mais dificuldade do que o normal para se livrar da ansiedade, mas o único indício era um enjoo incômodo, uma pista que Dain não podia perceber.

– Você não vai me deixar sem munição – continuou o marquês. – Eu contei o que você não sabia. É sua vez de satisfazer a minha curiosidade. Eu tive a versão do Sellowby para os acontecimentos recentes, mas parece que nem ele sabe de tudo. Estou louco para ouvir sobre a escalada da casa de Helena Martin. Ele estava lá na ocasião?

– É uma longa história.

– Vou pedir mais cerveja.

O garçom foi chamado, as canecas enchidas, e Vere assumiu, contando sua história desde o Vinegar Yard. Não tudo, naturalmente. Fez piada dos fatos – qual era o problema de ele ter sido motivo de piada?

Não se tratava do primeiro homem que corria às cegas para o matrimônio sem perceber para onde ia. Como Dain observou, era

como bater de cara numa porta no escuro. Dain tinha passado por uma experiência parecida, por isso não tinha escrúpulos em rir dos erros, contratempos e derrotas do amigo, nem em chamá-lo de “precioso cretino” e outros rótulos carinhosos equivalentes. Dain foi impiedoso, mas, na verdade, os dois sempre haviam sido impiedosos um com o outro. Sempre tinham trocado insultos e socos. Era como se comunicavam. Era como expressavam afeto e compreensão.

E, como sempre, logo Vere relaxou. A inquietação não desapareceu de vez, mas ele a esqueceu durante o tempo que permaneceu na sala de jantar, conversando com o amigo. A situação lembrava tanto os velhos tempos que era compreensível que Vere não percebesse as mudanças. Ele não notava que, após seis meses de casamento, Dain passaria a se conhecer melhor e podia aplicar sua percepção afiada com facilidade.

Por outro lado, lorde Belzebu sentia-se muito tentado a pegar o amigo do peito pelo colarinho e bater sua cabeça na parede. Mas resistiu à tentação, como disse mais tarde à esposa.

– Ele tem Lydia. Ela que faça isso.

– Ah, Lizzy, sinto muito! – gemeu Emily.

– Não há o que lamentar – disse Elizabeth bruscamente, enxugando a testa da irmã com um pano frio. – Se fosse algo pior do que uma indigestão, aí você deveria lamentar mesmo, porque me deixaria completamente apavorada. Mas não tenho medo de vômito, por mais prodigioso que seja.

– Comi demais.

– Você ficou muito tempo com a barriga vazia e a refeição foi malpreparada. Eu também senti enjoo, mas meu estômago é mais forte do que o seu.

– Nós perdemos... – disse Emily. – Perdemos o casamento.

Era a tarde de quinta-feira. Elas ocupavam um aposento numa

estalagem perto de Aylesbury, a muitos quilômetros de seu destino. Podiam ter chegado a Liphook a tempo do casamento se Emily não tivesse passado violentamente mal meia hora depois de uma refeição apressada ao meio-dia da quarta-feira. Na parada seguinte, tiveram que desembarcar. Emily estava tão enjoada e fraca que um empregado da estalagem precisara carregá-la para o quarto.

Estavam viajando disfarçadas de governanta e pupila. Elizabeth havia posto um dos seus velhos vestidos de luto, porque o preto a fazia parecer mais velha. Também tinha “pegado emprestados” os óculos de leitura da biblioteca de Blakesleigh. Precisava olhar por cima deles, já que não conseguia enxergar através das lentes, mas Emily garantiu que isso a fazia parecer mais séria ainda.

– Você precisa parar de se preocupar com o casamento – replicou Elizabeth. – Não ficou doente de propósito.

– Você deveria ter ido sem mim.

– Só pode estar delirando. Nós estamos nisso *juntas*, Lady Em. Os Mallorys ficam juntos. – Elizabeth afofou os travesseiros atrás da irmã. – Eles logo vão trazer a sopa, e o chá. Você tem que se concentrar em ganhar forças de novo. Porque, assim que estiver melhor, nós partiremos.

– Não para Blakesleigh – retrucou Emily, balançando a cabeça. – Não antes de deixarmos clara nossa situação. Ele precisa saber... que nós tentamos.

– Podemos escrever uma carta.

– Ele nunca lê cartas.

Os empregados de Longlands se comunicavam regularmente com os da Ainswood House, e a governanta escrevia a cada quinze dias para Elizabeth e Emily. Portanto, as garotas sabiam que o duque atual não abria a correspondência pessoal havia um ano e meio. Em Longlands, o administrador cuidava das cartas de negócios de Sua Graça. Na Ainswood House, em Londres, o mordomo Houle realizava o mesmo serviço.

– Poderíamos escrever para *ela* – sugeriu Elizabeth. – E ela poderia contar a ele.

– Tem certeza de que eles se casaram? As notícias viajam depressa, mas nem sempre são exatas. Talvez ela tenha vencido a corrida e ele precisará tentar outra coisa.

– Vai sair nos jornais de amanhã. Então decidiremos o que fazer.

– Não vou voltar a Blakesleigh – insistiu Emily. – Nunca vou perdoá-los. *Nunca*.

Houve uma batida à porta.

– Aí está o nosso jantar – disse Elizabeth, levantando-se da cadeira. – Já não era sem tempo. Talvez seu humor melhore quando tiver algo na barriga.

Apesar de Lydia e Vere terem chegado à Ainswood House muito tarde na quinta-feira, todos os empregados os esperavam.

No momento em que Lydia se viu livre dos agasalhos, os empregados já tinham feito fila no corredor do térreo e estavam em posição de sentido – ou numa posição parecida.

Lydia entendeu pelo que o duque de Wellington havia passado antes de Waterloo, ao examinar seu “exército infame”: a ralé com que deveria derrotar Napoleão.

Notou aventais amarrotados e librés manchadas, perucas e gorros tortos, queixos mal barbeados e expressões que iam do terror à insolência, do embaraço ao desespero.

Porém, evitou fazer qualquer comentário e se concentrou em memorizar nomes e cargos. Diferentemente de Wellington, Lydia tinha uma vida inteira para formar uma satisfatória unidade de luta doméstica a partir daquela turba desmoralizada.

Mesmo sem ver muita coisa, percebeu que a casa estava em condições ainda piores do que a dos empregados. Não ficou surpresa: Ainswood raramente passava muito tempo na residência e,

como tantos outros homens, não tinha capacidade de perceber poeira, sujeira ou desordem.

Só o quarto principal estava bem arrumado. Isso, sem dúvida, devia-se a Jaynes. Mais cedo naquele dia, descobrira que, ao contrário das aparências – aliás, da aparência de Ainswood –, Jaynes era prodigiosamente meticoloso. Só tinha o infortúnio de trabalhar para um patrão que não cooperava.

Como Ainswood havia dispensado os outros com um aceno impaciente assim que o mordomo e a governanta – o Sr. Houle e a Sra. Clay – apresentaram todo mundo, foi Jaynes quem levou Lydia aos seus aposentos. Ficavam ao lado do cômodo de Ainswood. Evidentemente, ninguém entrava neles havia anos. E Vere não faria isso agora. Enquanto o valete abria a porta, o duque foi na direção oposta, para seu quarto de vestir.

– Com um aviso tão em cima da hora, vejo que a Sra. Clay não pôde cuidar dos meus aposentos – disse Lydia em tom afável quando Ainswood se afastara e já não poderia ouvir.

Jaynes olhou ao redor, franzindo os lábios ao ver as teias de aranha pendendo dos cantos do teto, a película que cobria espelhos e vidros, a poeira grossa como as cinzas vulcânicas sobre Pompeia.

– Ela poderia ter feito alguma coisa se ousasse.

Lydia contemplou a caverna soturna que Jaynes chamou de quarto de vestir.

– Sei que os solteiros... alguns solteiros... não gostam que mexam nas coisas deles.

– Muitos empregados estiveram aqui desde a época do quarto duque – explicou Jaynes. – Alguns de nós somos de famílias que serviram aos Mallorys durante gerações. A lealdade é uma ótima virtude, mas quando a pessoa não tem o que fazer, dia sim, dia não, por não saber o que fazer ou não ousar fazer... – Ele se interrompeu e comprimiu os lábios.

– Então será mais fácil para os empregados seguirem os meus

métodos – disse Lydia rapidamente. – Começaremos do zero. Sem governantas atrapalhando. Sem sogras interferindo.

– Sim, Sua Graça – falou Jaynes, e voltou a pressionar os lábios.

Lydia percebeu que ele estava doído para revelar segredos. Mesmo curiosa, tinha consciência do protocolo que a proibia de encorajá-lo. Havia notado que ele não era tão contido ao lidar diretamente com o patrão. Mais cedo, ouvira o valete murmurando, nem sempre tão baixo, enquanto ajudava Sua Graça a fazer o toalete.

– Enfim, qualquer mudança deve esperar até amanhã – disse Lydia, indo até a porta que dava no quarto principal.

– Sim, Sua Graça. – Jaynes a seguiu. – Mas a senhora há de querer uma criada. É melhor eu descer...

– Aí está você – falou Ainswood, saindo de seu quarto de vestir. – Eu estava imaginando se você pretendia fofocar com minha dama a noite toda. Que diabo você fez com minhas roupas?

– Suas roupas estão no quarto de vestir, senhor – respondeu Jaynes, e acrescentou algo em voz baixa, que Lydia não conseguiu escutar.

– Não aquelas roupas, seu patife presunçoso – vociferou Ainswood. – As que eu usei ontem. As que estavam nas minhas malas. Só encontrei as porcarias das camisas e das gravatas. Onde está meu colete?

– O colete que o senhor usou ontem está nos meus aposentos. Ainda vou limpá-los.

– Seu desgraçado! Eu não tinha esvaziado os bolsos!

– Não tinha, Sua Graça. Eu tomei essa liberdade. O senhor vai encontrar o... ahn... o conteúdo na caixa laqueada no... Quero dizer, permita-me pegar para o senhor.

Jaynes se dirigiu para o quarto de vestir, mas Ainswood bloqueou a porta.

– Não importa. Eu consigo encontrar a maldita caixa. Não sou

cego.

– Nesse caso, se me desculpar, senhor, eu já ia descer para chamar uma criada. Eu deveria tocar a sineta, mas ninguém saberá quem deveria vir e para quê.

Prestes a voltar para seu quarto de vestir, Ainswood virou-se.

– Uma criada? O que eu vou querer com uma criada?

– Sua esposa precisa...

– Não no meu quarto.

– Os aposentos dela não estão em condições...

– Já passa da meia-noite, seu desgraçado! Não vou admitir um bando de mulheres cacarejando, agitando e bagunçando tudo.

Por fim, Ainswood pareceu perceber a presença de Lydia e voltou o olhar irritado para ela.

– Maldição, Grenville, será que precisamos começar esse absurdo esta noite?

– Não, querido.

Seus olhos verdes relampejaram na direção de Jaynes.

– Você a ouviu. Vá para a cama. Você terá o dia de amanhã inteiro para bajular.

Com a boca franzida, Jaynes fez uma reverência e saiu. Assim que a porta se fechou, a expressão de Ainswood se suavizou ligeiramente.

– Eu posso despir você – disse, carrancudo.

– “Posso” não é o mesmo que “quero”. – Ela se aproximou, afastou uma mecha de cabelos castanhos de sua testa. – Suspeitava de que a empolgação havia se esvaído. Isso já aconteceu uma vez.

Ele recuou, com os olhos verdes cautelosos.

– Lydia, você não vai ser... – Seu olhar se desviou enquanto ele procurava a palavra adequada. – Gentil – arriscou, e franziu a testa. – Paciente. – Essa palavra também aparentemente não o satisfaz, porque voltou a fechar a cara. – Eu gostaria de saber sobre o que

você e Lady Dain conversaram. Dain disse que tinha algo a ver com torturar maridos.

– Sobre o que você e Dain conversaram?

– Sobre você. – Ele esboçou um meio sorriso. – Preciso me encontrar com advogados, formalizar a entrega da minha vida e aceitar um dote.

– Lady Dain me contou. Eu pretendia discutir isso com você no caminho para casa. – Ela havia dormido na maior parte do trajeto.

O meio sorriso se desfez.

– Por Deus, Grenville, teremos que *discutir*? É por isso que você está sendo condescendente comigo? Se for isso, está perdendo tempo. Você precisará discutir com Dain.

Ela o examinou. Vere havia tirado o paletó, o colete e o lenço de pescoço sem a ajuda de Jaynes; provavelmente essas peças estavam caídas no chão do quarto de vestir. Junto com as botas. O punho esquerdo da camisa estava abotoado. O botão do punho direito tinha sumido, e um grande rasgo indicava o que acontecera. Ela segurou seu pulso e apontou para o estrago.

– Se você teve dificuldade para desabotoar, por que não pediu ajuda? Nós estávamos no quarto ao lado.

Ele se desvencilhou.

– Pare de cuidar de mim. Não preciso que cuidem de mim.

Ela ficou furiosa, mas conseguiu se conter e recuou um passo.

– Não, e também não precisa de uma esposa, tenho certeza – retrucou, e foi até a janela. – Deve ser interessante observá-lo agora, tentando deduzir o que fazer comigo.

Ele voltou pisando duro para o quarto de vestir e bateu a porta.

## CAPÍTULO 15

Dez segundos depois, houve mais pisadas firmes e a porta se abriu violentamente.

– Eu não pensei em nada! – gritou ele. – Está feliz agora? Admito: não pensei como seria após a noite de núpcias. E agora você vai virar tudo pelo avesso e... e haverá *criadas* entrando e saindo do *meu quarto*... e eu não terei um minuto de paz!

– Correto – disse Lydia calmamente. – Vou virar esta casa de cabeça para baixo, da ponta do telhado ao porão. Porque ela está uma desgraça. Não suporto desordem. Não vou aceitar. – Ela cruzou os braços. – O que você propõe fazer? Atirar em mim? Jogar-me pela janela?

– Claro que não! Maldição, Grenville...

Ele foi intempestivamente até a lareira, bateu com a mão no console e olhou irritado para o fogo.

– Mesmo que eu pudesse suportar – continuou ela com firmeza –, a sujeira e a desordem são péssimas para o moral. Esta é uma bela casa. É uma vergonha deixá-la estragar e se arruinar, assim como estagnar bons empregados. Nesse aspecto, não vou ceder, Ainswood. Quer você goste ou não.

– Que inferno.

– Talvez seja melhor eu desfazer todas as ilusões de uma vez. É bem improvável que eu faça concessões em qualquer assunto. Não acho que tenha essa capacidade.

Ele ergueu a cabeça e a encarou brevemente.

– Você se casou comigo. Isso foi uma concessão. De seus

malditos princípios.

– Não foi uma concessão, e sim um abandono completo dos meus princípios. O único modo de restaurar meu equilíbrio é arrumando tudo como deveria ser.

Vere lhe lançou um olhar acusatório.

– Você disse que queria me fazer feliz.

Ela abriu a boca para retrucar, mas fechou-a sem dizer nada. Então atravessou o quarto. Levou algum tempo nisso, pois era uma distância considerável.

Ele permaneceu em silêncio; apenas se empertigou, afastando-se da lareira, e a observou.

Ela não fazia ideia de qual era o problema fundamental e, já que tinha como hábito contestar tudo, sempre, sua reação instintiva foi confrontá-lo.

A questão era que isso não fazia parte da natureza de Ainswood, caso contrário ele não teria problema nenhum, para começo de conversa.

Ela precisava escolher as palavras com cuidado.

Atravessou mais uma vez toda a extensão do quarto. Foi até a janela e olhou para o jardim. Uma chuva fraca tinha começado a cair. Ela mais a ouvia do que enxergava. Sem a luz das estrelas e da lua, o mundo lá fora parecia um abismo.

A voz exasperada de Vere rompeu o silêncio:

– Que o Diabo me queime. Não é sua culpa eu não ter pensado nas consequências. Você me deu todas as chances.

Ela se virou. Vere estava perto da lareira, segurando o encosto de uma poltrona. Olhava agora para as próprias mãos, o rosto bonito rígido como uma máscara mortuária.

– Dain disse que preciso reorganizar minha casa para acomodar uma esposa – continuou ele. – Que diabo isso importa? Eu não ligo a mínima para esta porcaria.

Não ligava mesmo. Ele desejava que aquilo não existisse. Como

existia, a melhor solução era fingir que nada havia mudado, que ele não era o duque de Ainswood. Fechava os olhos e a mente para a casa e os empregados que herdara, assim como deixava de fora todas as outras responsabilidades do ducado.

*Não é minha culpa*, dissera ele com amargura quando, poucos dias antes, Lydia lhe lembrara do título.

– Uma observação muito astuta – comentou ela, caminhando na direção da cama. – Já que você não liga a mínima, não há por que gritar e ficar furioso com o que faço ou deixo de fazer com a casa. Se o processo de reorganização o enerva, e deve haver tumulto e confusão durante talvez uns quinze dias, você pode muito bem ter seus chiliques em outro lugar. Fora da casa.

– Fora da...

– Não quero que você atrapalhe os empregados. Como eles poderão se entusiasmar pelo serviço, para não mencionar pela patroa, se você ficar andando por aí rosnando e brigando com todo mundo?

– Você está me expulsando da *minha casa*?

Ela enfrentou seu olhar tempestuoso. Preferia-o assim, com a expressão triste apagada pela indignação.

– Você raramente vem para cá. Não se importa com o que é feito dela. Imagino que fique feliz em outro lugar.

– Maldição, Grenville, só nos casamos ontem e... você já está me expulsando? – Ele soltou a cadeira, avançou para ela e agarrou seus ombros. – Eu *me casei* com você. Sou seu marido, e não um amante que você pode descartar a qualquer momento.

De repente ele a beijou de modo feroz e devastador. Foi um rebuliço erótico, exigindo o que ela jamais pretendia negar.

Lydia sentiu gosto de raiva e poder, porém, mais do que tudo, havia o pecado, o diabólico conhecimento daquilo, a maneira como ele a acariciava com a língua dentro da sua boca. Vere a soltou

antes que ela estivesse preparada. Desequilibrada, Lydia agarrou-lhe a camisa.

– Santo Deus, Ainswood. – Algumas sílabas rasgadas eram tudo que ela conseguia emitir.

– Vere – rosnou ele. – Você disse o meu nome quando fizemos os nossos votos. Diga, Lydia.

– Vere. – Ela segurou seu rosto e puxou-o. – Faça de novo.

– Você não vai me expulsar.

Um movimento rápido dos dedos e Vere soltou o botão de cima do corpete dela. Com a segurança rápida de um pianista tocando arpejos, desabotoou o resto.

Ela baixou as mãos, deixou-as pender inúteis ao lado do corpo.

– Você entendeu tudo errado.

– Vou consertar.

Soltou ganchos e fitas com a mesma eficiência implacável. Num instante, o vestido preto ficou enrugado no chão. Ele chutou-o de lado. Começou a trabalhar na anágua.

– Eu nunca disse que não queria você – tentou ela.

– Você não me quer *o bastante*. – Vere se deteve, roçando os dedos pelas rendas e fitas de seda. Sua expressão se suavizou um pouco. – É bonita.

– Presente de Lady Dain.

Ele baixou a cabeça e passou a língua sobre a borda intrincada do corpete da anágua. Lydia inspirou fundo, cravou os dedos tensos no cabelo dele, para fazer com que ele parasse.

– O que houve?

Ouviu a incerteza e a ansiedade na própria voz e se odiou, mas não pôde evitar. Ele era um libertino. Tinha cometido atos de depravação que ela, completamente inexperiente, mal poderia imaginar.

Ainswood virou para o lado e mordiscou a pele de seu antebraço. Ela se soltou.

– Você colocou roupas de baixo novas e lindas, só para mim. Que doce.

Eram bonitas mesmo. E absurdamente caras, sem dúvida. Mas teria sido grosseiro recusar os presentes de Lady Dain, mesmo ela tendo exagerado e dado a Lydia roupas de baixo lascivas o suficiente para vestir uma dúzia de meretrizes.

– Isso quer dizer que você não está mais chateado? – perguntou ela, cautelosa.

Ela viu duas esferas verdes, escuras e brilhantes.

– Eu estava chateado? Nem me lembrava mais.

Então Vere abriu aquele sorriso pavoroso que derretia cérebro, ossos e músculos. Era letal, a curva preguiçosa da boca dissoluta, e com toda a certeza ele sabia disso. Não era de espantar que desprezasse as mulheres. Bastava sorrir e elas tombavam como pinos de boliche.

Lydia puxou seu rosto para perto e passou os lábios sobre aquela curva maligna. Ele deixou que fizesse isso: não se moveu, não reagiu. Suas mãos permaneceram na cintura dela, onde tinham parado um instante antes.

Lydia roçou a língua pela boca dele, provocando-o, como Vere fizera com a renda do corpete. O aperto em sua cintura aumentou. Ela mordiscou o lábio inferior dele, como ele fizera com seu braço. O duque a mordiscou de volta e se abriu para Lydia.

Dessa vez foi longo e profundo, um beijo que parecia a queda de um precipício.

Enquanto ela caía, sua anágua também caiu, tão suave e facilmente que ela mal percebeu. As grandes mãos deslizavam sobre Lydia como água ao mesmo tempo que fitas e botões cediam e ganchos se desprendiam.

A anágua cascadeou num monte farfalhante aos seus pés. Ele se ajoelhou e gentilmente empurrou-a para longe. Pôs a mão dela em seu ombro, tirou os sapatos e deixou-os de lado com cuidado.

Apoiando-se nas mãos dele, ajoelhou-se no tapete.

– É o espartilho mais bonito que já vi – sussurrou ele. – Bonito demais para ser retirado com pressa. Vire-se, Lydia.

Era mesmo bonito, bordado com trepadeiras rosas entrelaçadas e folhas minúsculas. Ele passou os dedos pela borda, onde a camisola rendada velava os seios. Espalmou as mãos na frente da peça enquanto beijava a nuca e os ombros de Lydia.

Ela já estava fraca de desejo. Na expectativa, só podia acariciar aquelas mãos maravilhosamente malignas e mergulhar em sensações.

Vere tirou o espartilho. Ela ouviu-o inspirar fundo.

– Ah, Lydia, isso é... *maligno* – comentou num sussurro áspero.

Ele acariciou as costas da camisola. Era feita de seda fina como asa de borboleta, num rubor de rosa extremamente pálido.

– Vire-se.

Lydia obedeceu, resistindo à tentação de se cobrir. Ele já não a vira nua?

– Não esconde muita coisa, não é? – perguntou ela, lutando contra um risinho nervoso.

– Eu perdoo você – respondeu ele, os olhos verdes demorando-se nos seios.

– Perdoa o quê?

– Tudo.

Vere puxou-a e a deitou no tapete. Ele a perdoou com beijos profundos, ensandecidos, que a lançaram pelo precipício e a arrastaram para cima outra vez. Ele a perdoou com as mãos, com carícias ásperas e ternas.

Ela perdeu o controle. O despir lento havia acordado algo mais profundo e sombrio do que aquilo que Lydia chamara de luxúria, fascínio.

O duque era grande, forte, lindo e diabolicamente conhecedor, e tudo que ele era, cada poro e cada célula, ela queria só para si.

O impulso de possuir e conquistar estava em seu sangue Ballister, quente, louco e ganancioso. Ela não tinha mais paciência para ser despida. Empurrou a mão dele para longe dos cadarços da ceroula. Jogou-o de costas e arrancou sua camisa. Vere soltou um riso grave, curto, que se transformou num gemido quando ela desabotoou-lhe a calça. Lydia não foi tão hábil quanto ele, porém foi mais rápida. Tirou a calça, atirou-a longe e sentou-se nos calcanhares.

Ele era um homem magnífico, de músculos rígidos. O peito largo se afinava até a cintura e os quadris. Passou a mão nos pelos escuros e sedosos que lhe cobriam o peito e desceu até onde formavam uma flecha em direção à pélvis, mais claros e com tons de ruivo.

– Ontem à noite não tive presença de espírito para olhar – disse ela, rouca, enquanto seus dedos desciam até o lugar proibido.

– Olhe, então. Toque – falou ele com um riso contido.

Lydia segurou a haste, inchada e quente. Aquilo pulsava em sua mão. Ele emitiu um som grave, dolorido.

– Você disse que eu podia tocar.

– É, eu *gosto* de tortura.

Ela se curvou e encostou a língua ali.

– *Meu Deus.*

Vere empurrou a mão dela para longe e puxou-a para cima.

Encontrou a abertura da ceroula, enfiou os dedos dentro e envolveu-a. O clímax pegou-a desprevenida. Ela estremecia com as investidas dos dedos, um choque agudo de júbilo que provocou espasmos ondulantes.

Outro veio, e outro... então ele penetrou com força, e ela se ergueu instintivamente, depois desceu para pegá-lo dentro, fundo.

– *Isso!* – Um grito de triunfo que Lydia não conseguiu conter.

Vere puxou-a para baixo. Ela tomou sua boca e enfiou a língua

desavergonhadamente, imitando seus movimentos, cada vez mais rápidos.

Ele rolou-a de costas e, interrompendo o beijo cobiçoso, segurou as mãos dela contra o tapete. Manteve-a assim, encarando-a, enquanto os últimos golpes tempestuosos criavam espasmos em seu corpo. Lydia fechou os olhos e visualizou explosões de fogo. Um instante longo e trêmulo depois, ouviu seu nome abafado e ele se deixou afundar, exausto, em cima dela.

Às dez e meia da manhã seguinte, a duquesa se encontrou com a Sra. Clay no gabinete de Vere.

Às onze e meia, o pandemônio irrompeu. Milhares de criadas e lacaios surgiram, todos armados com panos, espanadores, esfregões, vassouras, baldes e alguns implementos temíveis que Vere não conseguia identificar.

Fugiu para a sala de bilhar, mas foi emboscado por outro monte de serviçais. Escapou para a biblioteca mas encontrou outros mais, nos seus calcanhares. Foi de cômodo em cômodo, procurando refúgio, mas acabava sempre tendo que enfrentar a invasão.

Por fim, entrou carrancudo em seu gabinete, fechou a porta e empurrou uma cadeira contra ela.

– Ah, querido – disse a esposa atrás dele, com um tom de divertimento. – Não precisa fazer isso.

Ele se virou, afogueado. Ela estava sentada à mesa, esforçando-se demais para não rir.

– Eles estão em *toda parte* – censurou Vere.

– Não vão entrar aqui hoje. Eu disse à Sra. Clay que precisava trabalhar.

– Trabalhar? – exclamou ele. – Estão despedaçando a casa. São milhares. Arrancam tapetes debaixo do nosso pé. Puxam as cortinas, com o varão e tudo, na nossa cabeça. Eles...

– Sério? – Ela sorriu. – A Sra. Clay pretende fazer um serviço meticuloso. Achei que ela faria isso mesmo.

Lydia pousou a pena e cruzou as mãos sobre a mesa.

– E você está bastante satisfeita consigo mesma – resmungou ele.

Então começou a afastar a cadeira da porta, depois mudou de ideia e a deixou ali. Avançou até a mesa, empurrou de lado uma bandeja com uma pilha de correspondência – sua, negligenciada – e se empoleirou no canto, meio virado para ela.

– Eles ficaram tão aterrorizados com você que nem sabiam que eu estava lá.

– Mas por que você estava lá? Ou, melhor, por que está aqui? Achei que tivesse saído correndo de casa, aos berros, há muito tempo.

– Não consegui decidir aonde iria. A China parecia suficientemente longe. Mas New South Wales pode ser mais adequado, já que é uma colônia penal, não é?

– Posso sugerir Bedfordshire?

Ele não se mexeu, nem ao menos um músculo. Seu olhar permaneceu na pilha de cartas e cartões desarrumados, ao passo que visualizava imagens de como os dois tinham feito amor preguiçoso e sonolento de manhã, enquanto a chuva batia fraca nas janelas... pensando que Lydia havia saído da cama antes, e ele havia cochilado e acordado com o perfume dela. Nos travesseiros, nas roupas de cama, na pele. E com o perfume almiscarado do sexo.

– É, bom, eu não esperava que você saltasse, ansioso, diante da sugestão – comentou Lydia. – Mas não posso ficar pisando em ovos com relação a esse assunto. Sou sua esposa. A atitude adequada é me levar para conhecer minha nova família. Esta casa está um tumulto e vai ficar assim durante alguns dias. Eu tinha pensado que poderíamos matar dois coelhos com uma cajadada só: escapar da agitação e conhecer a sua família.

– Você tem trabalho a fazer – replicou ele, bem baixinho, muito calmamente, enquanto se lembrava da noite anterior, de como tinha ficado com a boca seca, como um menino que via sua primeira mulher nua. Logo ele, que já havia estdo com centenas.

– Estou só concluindo minhas obrigações com o Macgowan e a *Argus*. Minha nova posição é a de duquesa de Ainswood. Aceitei-a pretendendo cumprir todas as responsabilidades. Um de nós pensou nas consequências, veja bem.

– Então faça o que quiser. – Ele se afastou da mesa e foi até a porta. Silenciosa e calmamente, tirou a cadeira. – Eu não vou a Bedfordshire.

Abriu a porta e saiu.

Lydia tirou rapidamente os sapatos e se apressou até o corredor. O marido estava indo muito depressa em direção ao vestíbulo. Ela correu sem fazer barulho atrás dele, ignorando de propósito os olhares de espanto dos empregados.

Agarrou um balde e jogou o conteúdo em cima de Vere, assim que ele abriu a porta da frente. Ouvia um coro de gritos perplexos.

De repente o corredor ficou em silêncio absoluto. Ainswood permaneceu imóvel por um momento enquanto a água suja e cheia de sabão escorria da cabeça, pelo pescoço e pelos ombros, e pingava pelo casaco até cair na soleira.

Então, bem devagar, ele se virou.

– Opa – fez ela.

O olhar verde de Vere percorreu os serviçais – criadas cobrindo a boca com as mãos, lacaios boquiabertos –, um quadro vivo de choque.

Examinou suas roupas encharcadas, depois ergueu a cabeça para Lydia. Então soltou uma gargalhada aguda como um tiro de pistola. E mais risos se derramaram, reverberando no corredor sem tapete.

Ele se encostou no portal, os ombros sacudindo, e continuou tentando dizer alguma coisa, mas só conseguia gargalhar.

– Ob-obrigado, querida – conseguiu dizer, por fim. – Foi t-tremendamente revigorante.

Em seguida, se empertigou e olhou para os serviçais, que haviam recuperado a consciência o suficiente para se entreolharem, perplexos.

– Sim, isso assentou muito bem a poeira. Acho que vou me trocar.

*É, acho que vai sim,* pensou Lydia enquanto o via andar despreocupado, pingando, passando por ela até chegar à escada e subir.

Naquela tarde, o duque de Ainswood suportou os resmungos e sarcasmos do valete com uma humildade angelical. Depois de tomar banho e se vestir, Sua Graça passou um longo tempo examinando o próprio reflexo no espelho.

– Eu não deveria ter feito você trabalhar tanto. As roupas vão ficar horríveis quando eu sair pela janela.

– Será que posso ter a ousadia de fazer uma sugestão, Sua Graça? – perguntou Jaynes. – A porta da frente está em ótimas condições.

– Eu tive sorte de sair apenas molhado. Prefiro não imaginar o que ela tentará em seguida.

– Se é que posso dar uma opinião, senhor, duvido fortemente que a duquesa tenha alguma objeção ao senhor sair de casa.

– Então por que ela me impediu?

– Ela não estava tentando impedi-lo: só expressiu sua exasperação.

O duque lançou-lhe um olhar de dúvida, cruzou as mãos às costas e foi até a janela.

– Se é que posso falar claramente, senhor – em geral, era o que Jaynes fazia –, o senhor é exasperante.

– Eu sei.

– Se ela assassiná-lo durante o sono, ninguém ficará nem um pouco surpreso, e todos os júris da Grã-Bretanha a inocentariam de imediato. Ela provavelmente receberia as maiores honras do reino.

– Eu sei.

Jaynes aguardou por uma pista do que havia provocado tal exasperação. O patrão continuou a olhar pela janela.

Contendo um suspiro, Jaynes deixou-o e foi ao quarto de vestir pegar o relógio de bolso e a caixinha, que continha as variadas curiosidades que o patrão carregava, para detrimento de seus bolsos belamente costurados.

Quando retornou ao quarto, apenas dois minutos depois, a janela estava aberta e o patrão havia sumido.

Inclinando-se para fora, Jaynes captou um vislumbre de cabelos castanhos em meio à alta cerca viva.

– Sem chapéu, como sempre – murmurou Jaynes. – Tudo bem, acho. Ele só iria perdê-lo.

Pousou a caixa e o relógio de bolso num lado do parapeito largo e fechou a janela porque o dia estava frio e úmido, prometendo mais chuva.

– E vai ser um milagre, ousou dizer, se *molhado* for o pior que ele estiver ao chegar em casa.

Preocupado com uma infinidade de hipóteses aterradoras, Jaynes saiu do quarto, e se esqueceu totalmente dos itens que havia deixado no parapeito.

Como a eminente firma Rundell & Bridge tinha considerável experiência com as classes superiores – inclusive a mais alta de todas, Sua Majestade, o rei –, seus funcionários não manifestaram

qualquer sinal de consternação ou alarme diante da entrada de um nobre extremamente grande puxando um mastim preto do tamanho de um elefante jovem.

– Ande, Susan – instou Vere. – Você consegue se mover depressa quando Trent está por perto.

Ele puxou a guia e, resmungando, Susan aceitou atravessar a soleira do número 32 da Ludgate Hill. Em seguida, sentou-se nas patas traseiras, pousou a cabeçorra nas dianteiras e soltou um suspiro martirizado.

– Não forcei você a vir comigo – disse Vere. – Foi você que começou a ganir e a me fazer sentir pena.

Aparentemente, a cadela havia chegado – na certa com Bess e Millie – algum tempo depois de Vere subir para se lavar e trocar de roupa. Ele a encontrara perambulando no jardim, com a guia na boca. Vere lhe fez um carinho e foi para o portão. Ela o seguiu. Quando ele tentou fechar o portão, a cadela tinha começado a ganir.

– Você está bloqueando a porta – reclamou Vere agora. – Levante-se, Susan. De pé.

Um coro de vozes masculinas garantiu a Sua Graça que a cadela não estava nem um pouco no caminho.

– O problema é que ela está fazendo isso de propósito para me envergonhar – replicou ele. – Parece até que ela veio correndo desde a praça St. James, e não dormindo aos meus pés numa carruagem de aluguel.

O funcionário mais novo saiu de trás do balcão.

– É a mastim da duquesa, não é? Já a vi antes. Acho que ela está vigiando a porta, só isso, senhor. Para proteger.

Vere olhou para a cadela e depois para o homem, que fez uma reverência.

– Se o senhor me perdoar a liberdade, Sua Graça, será que posso oferecer as felicitações mais calorosas pelo matrimônio?

Um coro de murmúrios se seguiu. Agora, o lenço de pescoço de

Vere parecia apertado demais e a firma, quente demais. Ele murmurou uma resposta – não tinha certeza do quê. Em seguida, fixando o olhar naquele que sabia tudo sobre a cadela, disse:

– Quero comprar um badulaque. Para a minha dama.

Se a palavra “badulaque” não era tão exata, o funcionário não deu qualquer sinal de descontentamento.

– Certamente, Sua Graça. Se puder fazer a gentileza de vir até aqui.

Ele levou Vere até uma sala privativa.

Dez minutos depois, Susan entrou bamboleando e desmoronou aos pés de Vere.

Após duas horas, com os dedos dos pés entorpecidos, Vere saiu da loja com um pequeno embrulho enfiado no bolso do colete.

Não viu a mulher sair rapidamente de perto da vitrine da loja e correr para um beco. Não soube para quem Susan estivera rosnando nem se ela rosnava para todo mundo porque se sentia irritada de novo por ter de se mover depois de enfim arranjar um lugar confortável.

Não percebeu Coralie Brees espiando do canto do beco, ainda olhando muito tempo depois de perdê-lo de vista. Por isso, não podia ter ideia da fúria assassina que borbulhava no peito dela enquanto imaginava as bugigangas reluzentes que ele havia comprado e o que faria com a mulher para quem as comprara.

Era fim de tarde quando Lydia encontrou a caixa.

Àquela altura, sabia que Ainswood tinha saído e levado a cadela. Millie, que fora ao jardim instigar Susan a comer – ela estava mal-humorada outra vez –, vira o duque entrar pelo portão do jardim, pegar a guia e partir com a mastim.

Foi Bess que trouxe o jantar que Lydia escolheu comer no quarto principal, pois era a única parte da casa que não era atacada ou que

ainda não estava com uma grossa camada de sujeira. A garota é que lhe informou que Sua Graça havia saído pela janela do quarto.

– E o Sr. Jaynes está muito constrangido, senhora... Quero dizer, Sua Graça, porque era um casaco novo, recém-chegado do alfaiate. – Percebendo a testa franzida de Lydia, a jovem acrescentou apressadamente: – Ele me disse isso em particular, e não na frente dos outros, e falou que eu poderia mencionar à senhora, porém a mais ninguém, já que não era adequado da parte dele falar sobre o patrão, mas que a senhora deveria saber, para o caso de o duque voltar pelo mesmo caminho e lhe dar um susto no meio da noite.

Assim que Bess saiu, Lydia foi até a janela. Não era uma escalada fácil, e ela se perguntou onde Ainswood havia encontrado apoios para os pés nos tijolos regulares. Se estivesse chovendo quando ele saía, Vere poderia facilmente ter escorregado e quebrado o pescoço.

Foi então que a caixa atraiu sua atenção, o preto brilhante laqueado contra a pintura amarela do peitoril. Lembrou-se do estardalhaço que Ainswood fizera na noite anterior, gritando com Jaynes sobre o conteúdo dos bolsos.

Ela era jornalista, e meter-se nas questões dos outros era sua profissão. Abriu a caixa. Dentro, havia um toco de lápis, um botão preto, um grampo de cabelo e uma lasca de ébano.

Fechou-a rapidamente, pensou em recolocá-la no lugar, mas então manteve-a e apertou-a contra o coração.

– Ah, Ainswood! – exclamou baixinho. – Seu homem mau, muito mau. Guardando lembranças.

– Você é a fêmea mais insuportável que já viveu na Terra. É impossível agradá-la. – Vere se agachou ao lado da cadela. – Está chovendo, Susan. Por que diabos você quer ficar deitada na chuva se pode entrar numa casa grande, quente e seca, fazer os lacaios

tropeçarem e provocar ataques de terror em todas as criadas? Mamãe está lá, você sabe disso. Não quer ver sua mamãe?

A resposta foi um suspiro canino profundamente desconsolado. Vere pegou os vários pacotes que havia derrubado quando Susan se jogou no chão, depois se levantou e foi para a casa. Assim que entrou, berrou por Jaynes.

– A maldita cadela não quer entrar – avisou ao valete carrancudo.

Deixou Jaynes cuidando de Susan. Vere subiu depressa a escada até seu quarto. Jogou os pacotes na cama. Tirou o casaco molhado e, virando-se para jogá-lo numa cadeira, viu a esposa sentada no tapete diante da lareira, envolvendo os joelhos dobrados junto ao corpo.

Seus batimentos cardíacos triplicaram. Evitando o olhar de Lydia e tentando acalmar a pulsação, ajoelhou-se ao lado dela. Olhou para todos os lados, menos para o rosto dela, à procura do que dizer, até que viu a caixa envolta pelos dedos manchados de tinta.

Fitou aquilo, franzindo a testa por um longo momento. Depois, se lembrou. Jaynes. A caixa laqueada.

– O que você tem aí, Lydia? – perguntou em tom despreocupado. – Veneno para maridos exasperantes?

– Lembranças.

– Não são lembranças – replicou ele com firmeza, ainda que consciente de que a mentira estava escrita com clareza em seu rosto, em um nítido escarlate. – Gosto de manter um bocado de bobagens nos bolsos porque isso enlouquece o Jaynes. Você torna isso fácil porque vive deixando destroços por onde passa.

Ela sorriu.

– Você é adorável quando fica sem graça.

– Não estou sem graça. Um homem que passou metade do dia conversando com uma cadela está além de qualquer embaraço. – Ele estendeu a mão. – Devolva, Lydia. Você não deveria xeretar os

pertences de um sujeito. Deveria sentir vergonha. Você não me vê me esgueirando às suas costas para o olhar o próximo capítulo de "A rosa de Tebas, certo?"

Ele mais sentiu do que viu a caixa cair em sua mão, porque agora a encarava. Captou o olhar espantado um instante antes de ela pestanejar.

– Não sou cego. Vi o anel de Lady Dain, o grande rubi, espantosamente parecido com sua descrição da Rosa de Tebas. Antes eu tinha minhas suspeitas de quem seria St. Bellair. Interessante, não é, como as letras podem ser rearrumadas para escrever "Ballister"? Mas o anel fez tudo se encaixar. Hoje descobri, acho que do mesmo modo que você, de onde tinha vindo o rubi de Lady Dain. Ninguém pode dizer se foi realmente saqueado da tumba de um faraó. Mas o agente da joalheria comprou o mesmo no Egito.

Lydia não tentou fingir que não sabia do que ele estava falando.

– Você suspeitou antes? – Seus olhos azuis demonstravam espanto. – Como suspeitou? *Ninguém* suspeita. Até a Srta. Price, que é quase sensitiva, ficou me olhando boquiaberta durante um minuto inteiro depois que contei.

– Você se entregou nos dois últimos capítulos, quando Diablo começou a falar igual a *mim*.

Ela se levantou num farfalhar de tecidos. Começou a andar de um lado para outro, como fizera na noite anterior. Ele se deitou de costas no tapete, as mãos cruzadas sob a cabeça, que estava virada de lado, para poder olhá-la. Adorava observá-la andar, passos longos e confiantes que pareceriam masculinos, não fosse o balanço arrogante das ancas magníficas. *Isso* era totalmente feminino.

Aquela era apenas uma folga temporária, ele sabia, e mesmo assim não seria longa. Vere parecia relaxado, mas imagens avançavam e recuavam em sua mente, como vítimas de um naufrágio carregadas pelas ondas.

Tinha levado Susan a Southwark, à Marshalsea. Vira crianças,

algumas correndo para fora – fazendo serviços para os pais que não podiam sair da prisão – e algumas voltando, mais devagar, os passos se arrastando à medida que se aproximavam dos portões.

Sua esposa fora uma daquelas crianças, e ele sabia o que a Marshalsea havia roubado dela.

*... me levar para conhecer minha nova família.*

Vere sabia o que ela desejava de Bedfordshire.

– Ah, é impossível! – Lydia se jogou numa cadeira. – Nunca vou dar um jeito em você. – Apoiando o cotovelo no braço da cadeira, e o queixo sobre os nós dos dedos, olhou-o com ar de censura. – Você me derruba o tempo inteiro. Toda vez que quero que você faça algo que acha desagradável... praticamente tudo... e você arranja um modo de transformar meu coração em mingau. O que você fez, leu cada palavra que eu já escrevi e as dissecou?

– Sim. – Ele fitou o teto. – Se eu soubesse que só bastava isso para transformar seu coração em mingau, poderia ter economizado um bocado de dinheiro hoje, fora que me pouparia da companhia irritante de Susan.

Houve um silêncio. Imaginou que os embrulhos em cima da cama enfim haviam atraído a atenção dela.

– Seu homem perverso. – A voz dela saiu baixa e não muito firme. – Andou comprando presentes para mim?

– Subornos – respondeu ele, olhando-a de solsaio.

Ela se levantou da cadeira e foi até a cama. Ficou parada olhando os embrulhos.

– Para que eu não seja obrigado a dormir no estábulo – completou Vere.

Depois da Rundell & Bridge, depois da prisão de Marshalsea, ele tinha levado Susan de loja em loja, com uma pausa para se alimentar na sala de jantar privativa de uma estalagem de diligências.

– Talvez você não seja tão bom em ler minha mente quanto eu

acreditei – disse Lydia. – Esse pensamento jamais passou por ela.

Ele se levantou e se aproximou da esposa.

Havia cadernos de couro macio como manteiga, com páginas de pergaminho caro. Havia um estojo de penas cilíndrico, feito de prata trabalhada delicadamente, com um tinteiro que podia ser atarraxado no fundo do tubo. Havia uma pequena caixa de viagem para escritores, decorada com cenas da mitologia, cujos compartimentos continham penas, tinteiros e uma caixinha de areia para secar a tinta; as pequenas gavetas continham fichas, papel e uma espátula de prata. Por fim, havia um tinteiro porta-penas, além de uma caixa de lápis feita de papel machê, toda preenchida.

– Oh! – exclamava Lydia baixinho, ao revelar cada tesouro. – Ah, obrigada – agradeceu ao final, quando os papéis de embrulho estavam espalhados ao seu redor, na cama e no chão.

Com a caixa de viagem no colo, abria e fechava as gavetas minúsculas, levantava as tampas dos compartimentos, pegava o conteúdo e os guardava outra vez. Como uma criança encantada com um brinquedo novo.

Sentia-se mesmo como uma criança. Já tinha recebido presentes de aniversário e Natal, dados por Ste e Effie: sapatos, vestidos, toucas, às vezes um par de brincos ou uma pulseira.

Aquilo era totalmente diferente, porque se tratava de instrumentos de sua profissão. E ela, que trabalhava com palavras, descobriu que seu vocabulário fora roubado, junto com o coração.

– Obrigada – sussurrou de novo, impotente, enquanto encarava o esposo e deixava de lado qualquer esperança de ser sensata outra vez.

O prazer brilhava nos olhos verdes de Vere, e a boca dele se curvou num sorriso que reduziu o mingau do coração de Lydia a um xarope quente. Era um sorriso de menino, meio malicioso, meio sem jeito.

– Vejo que minhas humildes oferendas agradaram a Sua

Majestade.

Ela assentiu. Mesmo que pudesse formar frases naquele momento, não ousou tentar, para não abrir o berreiro.

– Então imagino que esteja suficientemente apaziguada para o golpe de misericórdia – continuou ele.

Vere enfiou a mão no bolso do colete e pegou mais um embrulho. Ele próprio o abriu, virando-se de costas, para que Lydia não visse o que era.

– Feche os olhos. E solte essa porcaria de caixa de viagem. Não vou roubá-la.

Lydia obedeceu e fechou os olhos. Vere tomou a mão direita dela e enfiou algo no dedo anular. Ela sabia que era um anel, liso e frio. Sua mão estava trêmula.

– Pode olhar – disse ele.

Era uma safira azul-centáurea, retangular e lapidada com simplicidade, e tão grande que pareceria espalhafatosa em qualquer mão que não fosse a dela, delicada como o resto do corpo. Diamantes rebrilhavam dos dois lados.

Os olhos de Lydia ficaram marejados. *Não seja bobona*, disse a si mesma.

– É... lindo. E... não vou dizer que você não deveria ter feito isso, porque não é verdade. Estou me sentindo uma princesa num conto de fadas.

Ele se curvou e beijou o topo de sua cabeça.

– Vou levá-la a Bedfordshire.

## CAPÍTULO 16

Vere estava sentado à mesa de seu gabinete, cercado por folhas de papel amassadas. Era a manhã de sábado e ele tentava escrever uma carta para lorde Mars. Deveria ser uma tarefa fácil, mas Lydia lhe aconselhara a ser diplomático... o que quer que isso significasse. Já ia procurá-la, exigindo instruções mais específicas, quando ela abriu a porta.

– Lorde Mars está aqui. E, pelo jeito, não é uma visita social.

Instantes depois, estavam na biblioteca com o lorde. Ele estava sujo da viagem, barbado, trêmulo de fadiga.

– Elas fugiram – disse assim que Vere e Lydia entraram. – Por favor, pelo amor de Deus, digam que elas estão aqui. Em segurança. Quero dizer, as meninas. Elizabeth e Emily.

Vere o encarou com uma expressão vazia, frio. Lydia correu até a bandeja de garrafas e encheu um copo, entregando-o a lorde Mars.

– Sente-se. Fique calmo.

– Elas não estão aqui. – Os ombros de lorde Mars caíram. Ele desabou numa cadeira. – Era o que eu temia. Mas já esperava.

*Temia. Esperava. Digam que elas estão aqui. Em segurança.*

A sala escureceu, encolheu-se e alargou-se de novo. Algo inchou dentro de Vere, frio e pesado.

– Maldito inferno – disse ele entre os dentes. – Vocês também não podiam mantê-las em segurança?

– Em segurança? – Mars se levantou, o rosto pálido e rígido. – Aquelas crianças são tão queridas para mim quanto as minhas. Mas meu afeto, meus cuidados, de nada servem, por que eu não sou

*você.* – Ele pegou um bilhete amarrotado no bolso e jogou-o no chão. –  *Aí está.* Leia  *você* mesmo o que elas têm a dizer. As garotas que  *você* negligenciou. Não receberam nenhuma palavra sua. Nenhuma visita. Nem ao menos um bilhete. Por  *você*, seria o mesmo que elas estivessem em caixões de pedra com os irmãos e os pais. Mas deixaram o abrigo da minha casa, onde eram amadas e bem tratadas... com carinho,  *carinho*. Partiram porque o amor e a lealdade delas é para com  *você*.

– Por favor, acalme-se – pediu Lydia. – O senhor está abalado. Ainswood também está.

Ela insistiu que Mars se sentasse, pôs o copo de novo na mão dele.

Vere leu o bilhete. Eram apenas algumas linhas – adagas cravadas no coração. Olhou para a esposa.

– Elas queriam ir ao nosso casamento.

Lydia pegou o bilhete e o leu rapidamente. Mars bebeu um pouco. Sua cor retornou. Ele continuou contando a história. As garotas deviam ter saído antes do alvorecer da segunda-feira. Ele e seus cunhados tinham começado a procurá-las no meio da manhã. Apesar das poucas horas de dianteira, os homens não puderam descobrir qualquer traço delas. Ninguém as tinha visto – nas estalagens de diligências, nas cancelas de pedágio. Não podiam ter chegado a Liphook, porque ele passara um pente-fino no povoado e nos seus arredores.

Mars pegou duas pequenas pinturas ovais e colocou-as na mesa da biblioteca.

– Elas não são pessoas comuns. Como alguém deixaria de notá-las?

Vere ficou parado olhando-as, sem se mover. A vergonha era um ácido em sua boca e um peso frio no peito. Ele as teria reconhecido, sim, teria visto Charlie nelas. Mas não as reconhecia. Não

identificaria suas vozes, porque mal havia falado com as duas, jamais tinha ouvido, nunca prestara atenção.

Mas elas fugiram do amor e da proteção para vê-lo se casar porque, como escrevera Elizabeth, “precisamos deixar claro que desejamos que ele esteja feliz, como papai teria feito. Papai teria ido”.

De repente, Vere se deu conta de que a esposa estava falando:

– Você vai se arrumar enquanto lorde Mars descansa um pouco, mesmo eu sabendo que ele não deseja isso. Mande mensagens a todos os seus amigos. Quanto mais olhos, melhor. Leve metade dos empregados; eu ficarei com a outra metade, para me ajudar a percorrer as vizinhanças de Londres. Você deve levar algumas criadas também. As mulheres veem coisas de modo diferente dos homens. Vou contatar todos os meus informantes.

Ela se virou para lorde Mars.

– O senhor deve mandar uma mensagem à sua esposa, para garantir que as coisas estão sob controle. Sei que deseja esperar até que haja boas notícias, mas para ela é pavoroso ter que aguardar sem saber nada.

– Você é muito generosa – disse Mars. – Está me deixando envergonhado.

A duquesa arqueou as sobrancelhas.

– Nós fizemos uma frente unida contra você – continuou o lorde. – Porque você não era bem-nascida. Por causa do escândalo.

– Ela é uma Ballister. Prima do Dain. Você esnobou uma Ballister, seu esnoberio santarrão.

Mars assentiu, cansado.

– Foi o que ouvi dizer. Achei que era fofoca. Vi meu erro há pouco. – Ele se levantou e pousou com cuidado o copo vazio. Sua mão tremia. – Eu dormi pouco. A princípio, achei que meus olhos estavam me enganando. Achei que estava vendo um fantasma. – Ele esboçou um sorriso, sem muito sucesso. – O fantasma do terceiro

marquês de Dain, para ser exato. Você é notavelmente parecida com minha antiga nêmesis na Câmara dos Lordes.

– É, bom, ela será *nossa* nêmesis se não encontrarmos essas meninas – disse Vere, seco. – Vou levá-lo para um quarto. É melhor se lavar, comer alguma coisa e tirar um cochilo, se conseguir. Quero o seu cérebro funcionando.

Ele tomou o braço de Mars.

– Venha, então. Deixaremos Lydia reunir as tropas. É melhor ficar fora do caminho enquanto ela estiver organizando tudo.

### *Athcourt, Devon*

– Srta. Price, você tem um jeito especial de sumir. Não que isso seja difícil neste lugar. Não sei por que Dain não mantém uma carruagem postal à mão para carregar as damas pelo menos de uma ponta da casa à outra. Mas a verdade é que ninguém culparia um sujeito por achar que você está me evitando – acrescentou Bertie com um olhar sério. – Isso não é nada esportivo, em especial quando ele está completamente abalado e você sabia o que eu ia dizer, não sabia?

– Ah, céus! – disse ela, torcendo as mãos.

– Sei que você não estava me iludindo, porque você não é desse tipo. Não vai me dizer que estava e que não gosta ao menos um pouquinho de mim, vai?

O rosto dela ganhou um tom rosa-cereja.

– Gosto bastante de você – disse ela de um modo perturbadoramente triste.

– Bom, então – prosseguiu ele, desconcertado, mas sem se intimidar. – É melhor nós nos algemarmos, não acha?

Ela olhou, desamparada, para a sala de música de Athcourt, onde Bertie enfim a havia acuado. Era domingo e ele estivera tentando encurralá-la desde a véspera, quando tinham chegado. Bertie

pretendera esperar mais um dia e, depois, fazer o pedido, onde quer que estivessem e independentemente de quem estivesse perto. Afinal de contas, Dain e Jessica não pareciam se chocar com nada.

– Talvez eu devesse me ajoelhar e fazer um discurso, não é, Srta. Price? – Bertie fez uma careta. – Acho que eu deveria dizer como gosto de você, mesmo que isso seja óbvio até para um cego e um surdo.

Por trás dos óculos, os olhos dela se arregalaram.

– Ah, por favor, não se ajoelhe. Já estou constrangida. Eu não deveria ser tão covarde. A duquesa de Ainswood ficaria desapontada comigo.

– Covarde? Por Deus, você não pode estar com medo de *mim*.

– Não, claro que não. Como sou idiota! – Ela tirou os óculos, esfregou-os na manga do vestido e recolocou-os. – Entenda que eu não queria iludi-lo. Meu nome não é Price, mas Prideaux. – Ela levantou o queixo. – Tamsin Prideaux. Não sou órfã. Tenho pais. Na Cornualha. Mas fui obrigada a desistir deles, porque a situação era intolerável. Por isso fugi. Apenas a duquesa sabe da verdade.

– Ah. – Bertie ficou confuso, mas sentiu-se obrigado a compreender a situação rapidamente, porque ela acreditava que ele entenderia, e não queria desapontá-la. – Era intolerável, é? Bom, então, o que você poderia ter feito, a não ser fugir? Eu fugi. Minha tia Claire vivia trazendo uma herdeira depois da outra para a casa ou me arrastando para onde quer que elas estivessem. E tenho certeza de que não havia nada de errado com elas, mas o sujeito tem que gostar da moça, e eu não gostava. E como não queria magoar os sentimentos delas nem ter que ouvir tia Claire falando sobre isso sem parar, fugi.

Ele franziu a testa.

– Eu nunca pensei em mudar de nome. Foi uma esperteza da sua parte. – acrescentou ele, animando-se. – Prideaux. Price. Thomasina. Tamsin. Não, o contrário. De Tamsin para Thomasina.

Pensando bem, gosto mais de Tamsin. Parece um nome de fada, não é?

Ela o encarou por um tempo, então sorriu, e realmente parecia uma fadinha. Míope, é verdade, mas afinal de contas ele estava feliz por se encontrar perto o suficiente para que ela o enxergasse mesmo sem óculos.

– Isso é um “Sim, aceito”? – perguntou Bertie. – Vamos mudar para “Lady Trent” e não nos importar com os outros nomes?

– Desde que você não se importe com mais nada. – Ela ajeitou os óculos, ainda que, para ele, não houvesse nenhum problema ali. – Obviamente não podemos esperar nada da parte dos meus pais e nem mesmo por você eu aceitaria qualquer dote ou acordo feito por Sua Graça... Ainda que ela tente me convencer a isso. Mas não sou cara, Sir Bertram...

– Bertie – corrigiu ele.

Ela mordeu o lábio.

– Bertie – repetiu baixinho.

– Ah, isso é agradável.

Ele tornou tudo mais agradável ainda tomando-a nos braços e beijando-a até que ficassem tontos.

Bertie teria ido além da tontura se não tivesse uma aguda consciência de que ainda não estavam casados. Portanto, precisava se comportar, querendo ou não. Mas isso não significava que precisaria esperar o pastor por um minuto a mais do que o absolutamente necessário. E, assim, Bertie pegou a mão da futura esposa e foi obter a ajuda de Dain para tornar esse futuro um pouco mais próximo.

Ainda que Athcourt fosse uma das maiores casas da Inglaterra, os dois não precisaram ir muito longe, porque Dain os estava procurando. Encontraram-no no patamar da grande escadaria.

– Veja, Dain, a Srta. P. e eu vamos nos algemar – anunciou Bertie.

– Vocês terão que esperar um pouco. Acabo de receber uma carta do Ainswood. As tuteladas dele desapareceram. Você vai levar a Srta. Price a Londres para ajudar a minha prima. – Depois de explicar brevemente a situação, ele se virou para Tamsin. – Você deve desculpar a imposição. Minha esposa pode não considerar que está em situação “delicada”, mas não permitirei que ela faça duas viagens longas praticamente sem descanso. Jessica ficará mais tranquila sabendo que Lydia está com uma amiga.

– Santo Deus, onde mais eu estaria senão com Lydia? – indagou Tamsin. – Posso arrumar minhas coisas em menos de uma hora.

Ela se afastou às pressas.

– Desejo felicidades a vocês, Trent – disse Dain. – Ainda que eu não consiga imaginar o que ela vê em você. – Ele deu de ombros. – Não temos tempo para pensar nessa charada. Ainswood precisa de ajuda... e depois que resolvermos isso, pretendo fazer picadinho dele.

Dain continuou a subir a escada, ainda falando:

– Eu não sabia que ele tinha mais tuteladas. Porém, Jessica disse que elas moravam com Mars desde a morte de Charlie. Maldito pateta! Eu sempre sou o último a ficar sabendo de tudo. E houve tantos bilhetes de condolências que eu nem sei quem está vivo e quem não está! “Quem diabos é Elizabeth?”, perguntei a Jess. “A irmã do menininho que morreu cerca de um ano antes de nos casarmos”, disse ela. “Mas ela morreu”, insisti. “Foi logo depois do enterro do meu velho amigo Wardell. Lembro-me nitidamente do Mallory, pois, na ocasião, ele vivia correndo de um funeral para o outro.” “Essa foi a mãe do menino”, explicou Jessica. “Então, para quem diabos meu secretário mandou o último bilhete de condolências, por causa dele?”, quis saber. Por acaso, foi para a irmã mais velha.

Eles entraram na ala de hóspedes, onde ficava o quarto de Bertie.

– E, assim, não só a irmã não está morta como há outra – continuou Dain. – E morando com o Mars, imagine só, que tem nove filhos e outro a caminho, e a mulher tem no máximo 45 anos.

Dain abriu a porta de seu quarto.

– Ainswood deveria ter me contado.

– Bom, ele também não me contou nada – comentou Bertie, seguindo-o.

– Ele mal conhece você.

O marquês voltou para o corredor e berrou pelo valete. Ao entrar de novo, disse:

– Estou casado há seis meses. Eu poderia ter buscado aquelas meninas a qualquer momento para morarem aqui. Não estamos carentes de acomodações, certo? E Jessica gostaria de ter companhia feminina. Fora que elas são filhas de Charlie, um dos melhores sujeitos que já conheci. Eu teria saído de Paris para o enterro dele se meu amigo imbecil tivesse avisado. Mas, quando fiquei sabendo, Charlie já estava enterrado havia uma semana.

Ele encontrou a mala de Bertie e a jogou na cama.

Nesse momento, Andrews chegou, mas Dain expulsou-o.

– Eu ajudo o Trent. Vá fazer minhas malas. Sua Senhoria vai explicar o que é necessário.

Andrews saiu. Dain foi até o armário e continuou falando enquanto pegava as roupas.

– Eu deveria estar presente quando sepultaram Charlie. Deveria estar com Ainswood quando puseram o menino junto do pai. Nessas ocasiões, precisamos ter amigos por perto, e as irmãs de Charlie com certeza não eram amigas de Vere. Nem os maridos delas. – Dain jogou um monte de roupas na cama e se deteve, olhando para Bertie. – Pelo menos desta vez ele pediu ajuda. Sem dúvida é coisa

da minha prima. – Ele voltou ao armário. – Você levará a Srta. Price até ela...

– Na verdade, é Srta. Prideaux.

– Tanto faz. – Dain tirou os coletes dos embrulhos na gaveta. – Sua futura esposa. Você vai levá-la a Londres e ficará lá, e fará exatamente o que minha prima mandar. Lydia conhece a cidade e tem fontes melhores até do que as do secretário do Interior.

– Você acha que as meninas foram para Londres? Como não chegaram a Liphook, talvez tenham decidido voltar para casa.

– Talvez. A questão é: onde é a casa delas?

Vere abria caminho desesperadamente por um bosque denso como uma selva. Raízes parecidas com garras serpenteavam, brotando por toda parte. Ele tropeçou e caiu, levantou-se de novo e foi em frente. Estava escuro e fazia um frio cortante. Nem o luar nem a luz das estrelas atravessava os galhos emaranhados acima. Ele não via para onde estava indo, mas seguia cegamente o som, o grito aterrorizado da criança.

Um suor gelado encharcava sua camisa.

*Estou indo.* Sua boca formava as palavras, mas nada saía. O garoto não podia ouvi-lo, não saberia, acharia que Vere o havia abandonado.

*Não é verdade. Eu jamais faria isso. Jamais, jamais.*

Mas Vere havia abandonado o filho de Charlie, deixara-o para os idiotas e covardes... e coisa pior.

E era por isso que estava sendo castigado, emudecido, sufocado, enquanto a criança sufocava, enquanto a difteria imunda e mortal se espalhava por dentro dele.

A mão de Vere se chocou contra o mármore. Seus dedos o raspavam, procurando a maçaneta. Ela não se mexia. Estava trancada. Bateu na porta; era de ferro, não cedia.

*Não!*

Puxou a fechadura, arrancou-a. Empurrou a porta enorme e correu na direção da voz, agora débil, sumindo.

Uma vela ardia em cada extremidade do caixão. Ele levantou a tampa, arrancou a mortalha, pegou o menino no colo.

Mas era apenas névoa que ele segurava, uma sombra se esvaindo, indo embora.

– Não. Não! *Robin!*

Seus próprios gritos o acordaram. Ajoelhado, ele apertava um travesseiro contra o peito. Suas mãos tremiam. A pele estava pegajosa. Lágrimas escorriam pelo rosto. Jogou o travesseiro longe e esfregou as mãos no rosto.

Foi até a janela. O lado de fora estava escuro, tomado pela névoa que os envolvera nos últimos quilômetros exaustivos antes de pararem relutantes, porque era tarde, os empregados não haviam jantado e estavam todos esgotados. Diferentemente dos patrões, não tinham consciências culpadas nem a ansiedade implacável de matar o sono e o apetite.

Vere abriu a janela. Ouviu o sibilar fraco da chuva. Ainda que não discernisse qualquer sinal de luz diurna, o ar trazia a promessa do alvorecer.

Então era terça-feira, pensou. As meninas estavam desaparecidas fazia uma semana e não havia sinal delas.

Lavou-se e se vestiu. Tinha deixado Jaynes com Lydia. O valete era mais útil em Londres; conhecia todas as reentrâncias e saliências da cidade. Poderia ir a qualquer ponto do submundo e se fundir.

Vere não queria pensar no submundo, em suas protegidas caindo naquilo, como acontecia com tantos fugitivos. A Srta. Price, por exemplo, nas garras de Coralie.

*Se o senhor levar a cafetina sob custódia...*

Naquele dia, no Vinegar Yard, Lydia não lhe pedira nada mais do que seria o dever de qualquer súdito britânico, sobretudo alguém da

classe dominante. Ele deixara Coralie livre para continuar atacando outras meninas. E ela era apenas uma entre tantos predadores.

Mas a vergonha era um peso que Vere vinha carregando desde o sábado, e se isso a fazia aumentar, ele mal sentia o acréscimo.

Pegou a caixa de escrita que Grenville o fizera levar, tirou papel, destampou o tinteiro e segurou uma pena. Precisava escrever seu relatório.

Lydia havia se nomeado general. Londres era o quartel-general e todos os "oficiais" dela deveriam fazer relatórios duas vezes por dia. Os serviçais e amigos atuavam como correio, levando mensagens para lá e para cá.

O exército encarregado da busca deveria se manter num raio de no máximo 80 quilômetros ao redor de Londres, ainda que a área de busca mais intensa ficasse a menos de 50 quilômetros. Os grupos trabalhavam ao longo das principais rotas de diligências. Dain, por exemplo, estava encarregado das rotas de Exeter e Southampton, que convergiam a 72 quilômetros de Londres.

Vere e Mars estavam em Maidenhead, onde se encontravam as estradas de Bath, Stroud e Gloucester. Dain e o duque trabalhavam próximos o bastante para trocar mensagens regularmente. Até a noite anterior, o marquês não ficara sabendo de nada.

Vere informou isso também, além de suas próprias buscas no dia anterior e o itinerário daquele dia.

"Devemos excluir Millie desses planos", continuou, depois de revirar o cérebro em busca de algo útil para escrever. "Ela tem mostrado uma tendência a se afastar das rotas designadas. Vai à procura de fofocas, e ouviu muitas, mas nada pertinente. O povo comum não é tão tímido com ela quanto conosco. Ontem conseguimos uma pequena carroça para Millie e demos a um empregado de Mars a tarefa de levá-la. Ela não se juntou a nós outra vez na noite passada. Ainda assim, você garantiu que Millie é de confiança, e está com um sujeito forte. Eu disse a mim mesmo

que ela está seguindo alguma pista ao seu modo, e desejo de todo o coração que seja uma pista frutífera.”

Franziu a testa diante do que havia escrito. Era frio e factual, assim como todos os seus bilhetes. Mas não eram todos os fatos. Levantou-se, andou pelo quarto e sentou-se de novo. Pegou uma folha nova e segurou a pena outra vez.

*Meu amor,*

*Escrevo para você duas vezes por dia, e tudo de que trato é: não encontramos as meninas. Não mencionei o que descobri.*

*O irmão delas está aqui; não há como escapar dele. Robin e eu viajamos juntos por esta estrada. Para todo lugar que olho, vejo o que eu e ele olhávamos juntos. Da janela da carruagem. De cima de um cavalo. A pé e, de vez em quando, com ele nos meus ombros.*

*Eu o havia bloqueado da mente com bebida, prostitutas e brigas, tentando evitar a tudo e a todos que estivessem associados a ele. Desde que você entrou na minha vida, essas fugas covardes foram interrompidas. Você impediu a última quando pediu que eu a levasse a Bedfordshire. Eu sabia o que você desejava. Eu tinha duas órfãs aos meus cuidados – uma jornalista não acharia difícil descobrir isso – e você queria tomá-las, assim como pegou a Srta. Price, Bess e Millie. Sei que você mesma escolheu essas três e que deve escolher com cuidado, caso contrário todas as jovens abandonadas e órfãs de Londres estariam apinhadas sob seu teto na Soho Square. Mas lembrei que Lady Dain fez com que o marido recebesse seu filho bastardo, porque o menino era responsabilidade de Ballister. Duvidei que sua visão da responsabilidade seria mais flexível do que a dela.*

*Mesmo assim, ainda que um homem possa discernir o inevitável, não significa que vá aceitar isso sem luta. Principalmente o homem com quem você se casou.*

*Agora tenho a recompensa por minha estupidez e, enquanto estou longe, as horas me flagelam com incontáveis "e se". Lembro-me, por exemplo, de meu discurso comovente sobre tudo que você ganharia casando-se comigo. Meu Deus, que idiota! Eu só precisaria dizer que tinha duas meninas aos meus cuidados e que precisava de você para me ajudar. Mas nem pensei nelas. Afastei-as da mente, assim como fiz com Robin. Charlie havia me deixado os presentes mais preciosos, seus filhos, e eu... ah, bom, eu estraguei tudo, minha querida. Só posso rezar para ter a chance de consertar isso.*

Lydia estava sentada diante da penteadeira, lendo a carta de Ainswood pela décima vez, pelo menos. Havia chegado no fim da manhã e ela dera a primeira folha a Tamsin, que anotava os movimentos dos grupos de busca nos mapas abertos na biblioteca. A segunda parte da carta, Lydia relera em particular em seu gabinete, durante as pausas frequentes entre os relatórios.

Agora passava da meia-noite. Tinha seu próprio nada para relatar e novas sugestões para Ainswood, baseadas em informações catadas das cartas históricas de Dorothea, que chegavam várias vezes por dia. Pouco a pouco, Lydia ficara sabendo o que as garotas haviam levado, por exemplo, e passava adiante esses detalhes.

Na véspera, falara às equipes de busca sobre os óculos, que seriam acrescentados às descrições. Eles podiam perguntar por uma jovem viúva viajando com sua criada ou por uma jovem de quem ela parecesse ser acompanhante ou governanta. As pessoas podiam não ter visto duas irmãs, mas um disfarce, que iludiu a todos.

Lydia havia passado os mesmos dados à sua rede de informantes

em Londres.

A mensagem que desejava mandar para Ainswood era: "Vou até você." Mas isso não era possível. Não poderia deixar a coordenação inteira com Tamsin. A garota era organizada e objetiva, mas havia trabalho demais: fazer os acompanhamentos, responder às mensagens, manter todo mundo calmo e produtivamente ocupado.

Dessa forma, Lydia escreveu ao marido:

*Você não estragou tudo sozinho. Teve muita ajuda. Acho que Charlie foi o último dos irmãos com algum bom senso. Depois de ler as cartas de Dorothea, não fico nem um pouco surpreso por suas tuteladas a terem enganado. Mas estou pasma, imaginando que desculpa poderia ser dada ao Mars – ele esteve no Parlamento por 25 anos e foi ludibriado por duas colegiais. De qualquer modo, se elas puderam iludi-lo, sem dúvida foram mais espertas do que dezenas de cocheiros, estalajadeiros e aldeões inocentes. Anime-se, querido. Pelo que entendi, elas são duas garotas temíveis. Estou ansiosa para resgatá-las.*

Escrever sobre Robin era mais difícil, mas ela conseguiu:

*Quanto ao pequeno fantasma, eu entendo você perfeitamente. Estou com o de Sarah há quinze anos. Quando nos encontrarmos de novo, vamos compartilhá-los. Por enquanto, exijo que você abandone os "e se" e olhe ao redor junto com ele, como fazia antigamente. Elas são irmãs do Robin. Talvez assim você também possa ver através dos olhos delas. Robin esteve com você por seis meses, segundo Dorothea, e voltou irreconhecível, de tão mudado que estava. Que truques você lhe ensinou, seu malvado? Tente se*

*lembrar, porque ele pode tê-los ensinado às irmãs. Você acha que elas podem sorrir e fazer os observadores pensarem que preto é branco?*

Depois de enviar a carta, Lydia não parou de pensar nela. Sabia que, para Vere, fora doloroso escrever sobre o menino, e a dor devia ser maior ainda por ter sido reprimida durante tanto tempo. Ele lhe fizera confidências, e sua resposta dava a impressão de que ela não dava importância ao sofrimento. Mas Lydia não achava que adiantava responder com frases lacrimosas como as de Dorothea.

Leu a carta de novo e disse a si mesma que tinha tomado a atitude correta, ou o mais próximo possível disso naquelas circunstâncias. Vere certamente sofria pelo menino, mas era com Elizabeth e Emily que ele estava mais preocupado, e Lydia o fizera pensar de forma positiva. Ele iria querer sugestões de iniciativas a tomar, e não uma simpatia infrutífera. No momento, o que mais importava era encontrar as garotas. Todo o resto deveria ficar em segundo plano.

Guardou a carta e desceu as escadas, mandando Tamsin ir para a cama. Bertie Trent estava com Susan e eles faziam o percurso noturno do trecho da Piccadilly entre a cancela de Hyde Park – onde as garotas talvez desembarcassem da carruagem – e a Duke Street, na esperança de encontrar as fugitivas a caminho da St. James Square.

Essa era a mais otimista das conclusões, mas não era totalmente implausível. Se as meninas fossem tolas a ponto de terminar a jornada a pé depois do escurecer, teriam dificuldade para se esquivar de Susan. Lady Mars enviara as roupas que Elizabeth e Emily haviam usado na véspera da partida, e agora Susan tinha o cheiro delas. A cadela também parecia ter uma boa compreensão do que se esperava dela porque, segundo Bertie, farejava

meticulosamente as mulheres que passavam, em geral assustando-as.

De qualquer modo, era algo que Bertie podia fazer à noite, e ele demonstrava extrema diligência, assim como em cada tarefa que Lydia lhe dava. Ela ficava pasma ao ver a quantidade de tarefas que Bertie executava, mas também só precisava pensar em voz alta – uma ideia, um contato que se esquecera de fazer – e ele dizia: “Eu cuido disso.” E cuidava mesmo.

Bertie tinha o bom senso de ir para a cama quando chegava em casa e de aproveitar um sono decente antes de dar início a um novo dia. Porém, Lydia precisava insistir com Tamsin para que ela fosse dormir, assim desceu para a biblioteca preparada para o embate.

Antes de chegar ao pé da escada, ouviu o bater da aldrava, e o lacaio postado ali perto a abriu. Reconhecendo o mensageiro de Ainswood, foi rapidamente até o vestíbulo e pegou o bilhete que ele trouxera, depois mandou-o ao salão dos serviçais, para comer alguma coisa.

No caminho para a biblioteca, abriu o envelope.

*Meu amor,*

*Deus a abençoe cem vezes por suas palavras sábias e por me enviar Millie.*

*Ela havia ido para o norte, entrando no território de Bagnigge, e eu já ia mandar alguém chamá-la de volta. Mas sua carta me deteve. Lembrei que Robin e eu também tínhamos viajado para lá e subido a Coombe Hill, que não fica longe de Aylesbury. Vou tornar breve uma história longa e tortuosa: como Millie prestava atenção nas fofocas, encontramos perto de Aylesbury a estalagem onde as meninas ficaram por vários dias. Emily estava doente. As pessoas me garantiram que ela estava bem quando as duas*

*partiram de novo no sábado. No domingo, elas passaram por Princes Risborough e trocaram o vestido marrom de Emily por uma roupa de menino. Pegaram-na em um cesto – um dos vários deixados para a igreja distribuir entre os pobres. Foi Millie que interrogou a esposa do vigário e se certificou exatamente do que fora levado.*

Seguia-se uma descrição detalhada das vestes roubadas.

Ele continuou dizendo que, no momento, estavam seguindo uma trilha que ia para o sul, na direção da estrada que Vere e Mars vinham explorando. Mas, dessa vez, perguntavam por uma jovem e um menino, saindo-se muito melhor.

Quando terminou de ler a carta, Lydia passou os pontos essenciais para Tamsin.

– Precisamos acordar os serviçais. Todos que estão fazendo buscas em Londres devem ser informados. Não há como dizer quanto à frente do Ainswood as meninas estão. Já podem estar em Londres ou quase lá. Agora é o alerta geral.

– Vou copiar a descrição – disse Tamsin. – São só algumas linhas. Uma cópia para cada mensageiro, para que não precisem decorar. Eles devem estar sonolentos.

– Você também está. Mas agora não há o que fazer. Vou pedir um bule de café forte.

O fazendeiro deixou Elizabeth e Emily em Covent Garden, que parecia estar bem movimentado apesar de ainda ser cedo. Elizabeth tinha ouvido sinos de igreja tocarem as seis horas apenas alguns minutos antes.

O homem havia se recusado a aceitar dinheiro delas. Dissera que estava indo na mesma direção e que elas ocupavam pouco espaço

na carroça. Além disso, suas maçãs eram muito valorizadas em Londres e ele ganharia bastante dinheiro.

Pelo visto, o que ele dissera era verdade porque, apesar da escuridão antes do alvorecer, vários feirantes logo se aproximaram da carroça e começaram a pechinchar com ele enquanto Elizabeth ajudava a irmã sonolenta a descer.

O fazendeiro nem ouviu os agradecimentos dela. De qualquer forma, ela havia agradecido repetidamente durante a lenta jornada. Desviando-se de ombros e cotovelos, Elizabeth levou Emily para longe.

– Agora vai ser fácil – disse ela. – A St. James Square fica perto daqui.

*Se eu ao menos soubesse para que direção me virar*, acrescentou mentalmente enquanto contemplava o mercado labiríntico, perplexa. Não havia luz do sol para ajudá-la a enxergar. Desejou ter levado uma bússola consigo, mas a verdade era que não pensara em muitos detalhes. Sem dúvida não estava preparada para uma viagem de dois ou três dias que se transformaram em oito desesperadamente longos.

Não haviam trazido dinheiro suficiente. Tinham vendido ou trocado a maior parte dos pertences, que já eram bem poucos. Emily estava cansada e com muita fome. Tinham comido algumas maçãs, por insistência do fazendeiro, mas não muitas, pois não queriam privá-lo de seus lucros, obtidos com tanta dificuldade.

Mas isso logo acabaria, disse Elizabeth a si mesma. Estavam em Londres, e só precisavam obter informações sobre como ir para a St. James Square, e então...

De repente, Emily cambaleou e caiu de encontro a ela. Elizabeth escutou uma voz aguda gritar:

– Nossa, o menininho está doente! Ajude-o, Nelly!

Elizabeth não teve tempo para ajudar a irmã. Tudo deu errado num instante: uma moça ruiva vestida espalhafatosamente

arrastando Emily para longe, a multidão se fechando ao redor dela, um braço segurando o de Elizabeth e apertando com força a ponto de doer.

– Isso mesmo, querida, nenhuma palavra, nem um guincho. Venha quietinha e Nelly não vai perder as estribeiras e cortar a garganta do seu amiguinho.

## CAPÍTULO 17

Tom não dera uma boa olhada na dupla. Poderia não tê-los notado se não reconhecesse a carroça e se aproximasse, atento a qualquer maçã que caísse. Foi então que a mulher desceu, mostrando um pedacinho de tornozelo bem bonito e movendo-se numa velocidade surpreendente para alguém mais velho. Ele havia tentado se espremer pela multidão para olhar mais de perto. Não tinha certeza do motivo, mas estivera de vigia por tanto tempo que qualquer detalhe estranho o fazia olhar duas vezes.

Viu a mulher olhar ao redor, parecendo perdida, então o menino ficou pálido.

Num piscar de olhos, os dois foram arrastados por Coralie Brees e uma das suas garotas. Tom não parou para se perguntar se estava certo ou errado, se eram ou não as garotas que a Srta. Grenville procurava. Eles e seus colegas moleques de rua tinham perseguido um bocado de pistas falsas nos últimos dias, mas não havia como saber: o jeito era ir atrás. Era melhor persegui-los do que correr o risco de perdê-las.

Dessa forma, Tom não hesitou, mas simplesmente foi no encalço deles.

Por mais que fosse idiota, Coralie não só era capaz de identificar se alguém era um menino ou uma menina – independentemente do que a criança estivesse usando –, como sabia reconhecer o sotaque das classes superiores. Ela o distinguiu minutos depois de empurrar

as duas cativas para a carruagem antiga que esperava além da esquina e que tinha Mick como cocheiro.

– Imagino que a senhora queira cobrar resgate por nós – disse a mais velha, olhando cautelosamente a faca de Coralie. – Não seria mais simples nos levar à Ainswood House e dizer que nos *salvou*? A senhora receberia uma recompensa.

Se a garota não tivesse mencionado a Ainswood House, Coralie teria parado a carruagem, aberto a porta e jogado as duas para fora. Sua busca normalmente se restringia a meninas com quem ninguém se importava, que não tinham famílias poderosas para pôr as autoridades atrás dela. Nenhuma cafetina com um mínimo de autopreservação pegava donzelas bem-criadas, porque costumava-se oferecer vultosas recompensas por seu resgate.

Coralie não conhecia ninguém que não fosse capaz de trair a própria mãe ou o filho em troca de recompensa. Era por isso que os crimes contra as ordens superiores costumavam ser resolvidos com mais frequência e velocidade do que os cometidos contra a escória humana. Os agentes da lei em Londres dependiam de confissões e informantes para levarem os criminosos à justiça. E da estupidez – já que as mentes criminosas, na maioria dos casos, não eram nem um pouco brilhantes.

Ainda que o intelecto de Coralie não fosse alto, ela era esperta o bastante para não ser apanhada. Além disso, era uma mulher perigosa, como todo mundo sabia. As garotas que criavam problemas eram castigadas brutalmente. As poucas equivocadas a ponto de tentar traí-la ou fugir eram apanhadas, mutiladas e mortas, como exemplo para as outras. Até então, Annette era a única empregada que conseguira escapar viva. Mas só fora bem-sucedida porque havia levado dinheiro e joias. Além disso, Josiah e Bill nunca retornaram: ou fizeram mesmo picadinho deles ou foram subornados ou a garota os convencera a trabalhar para ela em Paris.

Quando Coralie ficou sabendo que as duas meninas eram as

tuteladas do duque – descobriu provas disso nos pertences delas –, resolveu não expulsá-las da carruagem, pois a catástrofe fora toda culpa da nova duquesa de Ainswood.

Tinha ouvido dizer que algo ia mal na Ainswood House e sabia que o duque não estava em Londres. Não ficara sabendo muito mais do que isso, pois, nas últimas semanas, vinha se mantendo discreta. Tivera de sair da Francis Street sem pagar o aluguel – também por culpa daquela puta –, logo os meirinhos estavam à sua procura.

Como precisara matar uma fugitiva alguns dias antes, e incapacitara temporariamente outra jovem num ataque de mau humor bêbado, estava com duas empregadas a menos, algo nada bom para as finanças. Gostando ou não, fora obrigada a sair cedo naquela manhã para procurar substitutas.

Agora a situação estava resolvida. Agora podia se vingar da cadela escrevinhadora e, ao mesmo tempo, ganhar uma fortuna. Por isso, sorriu, exibindo uma fileira incompleta de dentes marrons.

– A Ainswood House está fechada e todo mundo saiu – mentiu para as prisioneiras. – Parece que estão atrás de vocês. – Ela balançou a cabeça. – Duas fugitivas. Sorte que eu as encontrei. Algumas pessoas não se importariam de vocês serem da realeza. Achado não é roubado, é o lema delas. E sabe o que fazem com as meninas que encontram?

A mais velha puxou a mais nova para perto.

– É, sabemos. Lemos sobre isso na *Argus*.

– Então, se não querem que o mesmo aconteça com vocês, recomendo que fiquem bem quietinhas e não me causem problema.

– Ela virou a cabeça bruscamente para a janela. – Vejam onde estamos. Não é uma parte elegante da cidade. Só preciso abrir a porta e dizer “Alguém quer duas moças bonitas?”, e vocês sairão das minhas mãos.

– Não seria nada legal – interveio Nell, inclinando-se em direção às garotas. – Não importa o que vocês tenham lido sobre o que

acontece com as garotas. Não é nem metade do que acontece de verdade. Tem coisas tão horríveis que eles não colocam nem no jornal policial.

– Vou levar vocês a um lugar seguro – garantiu Coralie. – Desde que se comportem. E vamos avisá-los para virem pegar vocês. Quanto mais rápido, melhor. Garotas que não conseguem ganhar para se manter não servem para mim.

Tom havia conseguido segui-las por um bom tempo, já que poucos veículos poderiam se mover em velocidade nas ruas apinhadas – e, naquele caso, ainda se tratava de uma carruagem velha. Mas, preso num emaranhado de veículos e pedestres, as perdera de vista perto da Torre, e não pôde recuperar a pista, apesar das horas e horas de busca.

No fim da manhã, apresentou-se a Lydia. A descrição que fez da roupa e do tamanho das duas não deixou dúvida de que eram Elizabeth e Emily. Lydia desejava que a raptora não fosse Coralie, mas quanto a isso não havia dúvidas. Desde Seven Dials até Stepney, todos os moleques de rua conheciam a cafetina – e tinham o bom senso de ficar bem longe dela.

Depois de mandar Tom à cozinha para comer, Lydia despachou um mensageiro até Ainswood, dizendo que largasse tudo e fosse a Londres imediatamente. Em seguida, levou Tamsin e Bertie para a biblioteca para arquitetarem um plano de ação.

Até agora, haviam sido o mais discretos possível, por vários motivos. Senhoritas bem-criadas que fugiam, violando as regras da alta sociedade, poderiam infringir outras normas durante a jornada. Suas reputações ficariam prejudicadas, se é que não arruinadas, caso a notícia se espalhasse.

Mas esse não era o pior risco. Lydia tinha inimigos. Não queria que eles saíssem à procura de Elizabeth e Emily e se vingassem por

meio delas. Deixara isso claro para sua rede de espiões. Infelizmente, no momento, as tuteladas de Ainswood já estavam em mãos inimigas.

– Não temos escolha – disse aos companheiros. – Precisamos oferecer uma grande recompensa pelo retorno das duas em segurança e esperar que a cobiça seja mais forte do que a inimizade.

Ela e Tamsin redigiram rapidamente o anúncio e Bertie levou-a à redação da *Argus*. Àquela altura, a edição atual da revista já estaria impressa. Se não estivesse, Macgowan deveria parar as prensas e imprimir os panfletos.

Enquanto Bertie estava fora, mais mensagens foram mandadas, dessa vez para a rede de informantes de Lydia, buscando informações sobre o esconderijo atual de Coralie.

– Não que eu espere muitos resultados dessa fonte – disse a Tamsin. – O corpo de uma garota dela foi tirado do rio há alguns dias. E não é a primeira vez que Coralie não é encontrada ao ser procurada para interrogatório. Ela sabe que não vão passar muito tempo procurando-a. A polícia, por assim dizer, está sobrecarregada, tem recursos limitados e há pouquíssimo incentivo financeiro para encontrar a assassina de uma prostitutazinha.

Para sobreviver, os detetives da Bow Street, por exemplo, dependiam principalmente do dinheiro das recompensas, tanto públicas quanto privadas. A Coroa não se interessava muito em dar grandes recompensas, provindas de verbas públicas, para resolver crimes como o assassinato de pessoas consideradas insignificantes. Além disso, nesses casos, as verbas particulares nunca eram oferecidas.

– O covil dela só pode ser em Londres – disse Tamsin. – Ela precisa ficar de olho nas garotas.

– O problema é que é muito fácil se esconder em Londres – retrucou Lydia.

Em seguida, ela chamou uma empregada e pediu a touca e o spencer.

– Você vai sair?! – exclamou Tamsin. – Não é possível que vai procurá-la sozinha.

– Vou à Bow Street. Conseguiremos a ajuda deles sem problemas, mas quero falar diretamente com os policiais e os parasitas habituais. Eles podem ter pistas sem nem perceber que são pistas. – Ela encarou Tamsin. – Os homens não veem o mundo como as mulheres. Nem sempre enxergam o que está debaixo do nariz.

Bess apareceu com as peças pedidas. Depois de vesti-las, Lydia se virou para Tamsin.

– Coralie não vai jogar limpo. Se ela fosse fazer isso, já teríamos tido notícias.

– Quer dizer, um bilhete pedindo resgate.

Assentindo, Lydia pegou o relógio de bolso.

– Já passa do meio-dia. Ela está com Elizabeth e Emily desde o amanhecer. Por que se incomodar em mantê-las se poderia trazê-las aqui diretamente, fingir que as resgatou e exigir uma recompensa? – Ela guardou o relógio. – Quando ela achou que poderia se encrencar, logo fingiu que havia “resgatado” você, lembre-se. Se ela entregasse as meninas imediatamente, saberia que eu não teria motivos para processá-la e precisaria exprimir minha gratidão em moeda do reino. Essa seria a abordagem prática. Com certeza há ressentimento em jogo, e ela está preparando alguma encrenca. Não vou ficar aqui sentada à espera, lhe dando a dianteira.

Após prometer manter Tamsin informada de seu paradeiro, Lydia partiu para a Bow Street.

Bertie Trent estava sentado no pequeno escritório que a Srta. Grenville havia ocupado na *Argus* até ser elevada a duquesa,

aguardando que os panfletos fossem impressos. A espera estava sendo um período extremamente desagradável, em que precisava lidar com sua consciência.

Na viagem de volta a Londres, Tamsin lhe contara sua história. Bertie não a culpava por ter fugido. A mãe dela não era mesmo boa da cabeça e o pai parecia ter o dom da ausência, sempre usando os negócios como desculpa. Ele havia praticamente abandonado a filha.

Do mesmo modo, muitas pessoas – os Mars, por exemplo – pensavam que Ainswood tinha abandonado suas tuteladas. Mas Bertie compreendia que assuntos familiares podiam ser complicados. O parentesco podia enlouquecer uma pessoa. A própria irmã de Bertie era-lhe um aborrecimento desde que ele se entendia por gente. Mesmo assim, Bertie ficaria arrasado se algo acontecesse com ela.

De qualquer modo, as mulheres costumavam representar um problema. Quando o homem não sabia o que fazer com elas, a solução mais simples era ignorá-las, ficar longe e evitar situações desagradáveis. Isso não significava que a pessoa não tinha sentimentos. Talvez o Sr. Prideaux não tivesse percebido como as coisas iam mal em casa.

Quem sabe agora o sujeito estaria enxergando com mais clareza. Se, lá no fundo, ele amasse a filha, devia estar morrendo de preocupação.

Afinal de contas, Bertie estava morrendo de preocupação com as tuteladas de Ainswood mesmo sem nunca tê-las visto. Até mesmo Dain estava perturbado. Bertie nunca o vira falar de forma tão aérea quanto no dia em que a notícia chegara. Nem se comportar de modo tão estranho – a ponto de arrumar a mala de Bertie. Logo Belzebu, que constantemente mantinha os serviçais saltitando para cumprir suas ordens.

Bertie odiava imaginar a situação em que o Sr. Prideaux devia estar, visualizando todas as situações horríveis que a filha poderia

experimental, supostamente a caminho da América com um homem que poderia ser um patife.

A cada hora que passava, sua consciência gritava mais alto e mais agudo.

Olhou, infeliz, para a mesa arrumada, para todos os tinteiros e penas, lápis e papel. Deveria perguntar primeiro a Tamsin, mas ela já tinha preocupações suficientes, e Bertie não queria que a consciência dela a incomodasse. Além disso, se um homem não podia confiar em si mesmo, em quem confiaria? No momento, estava bastante claro o que era o correto.

Pegou uma folha de papel, destampou o tinteiro e pegou uma pena.

Horas depois de partir da Ainswood House, Lydia estava olhando o cadáver de uma senhora. Os restos se encontravam numa câmara fria reservada para isso, no pátio do escritório do magistrado de Shadwell.

Um dos encarregados de dragar o rio em busca de corpos havia recuperado aquele na noite anterior. Lydia descobrira isso durante sua visita à Bow Street. O policial que o recolhera notara as marcas características no cadáver e pedira que um investigador viesse comparar com as encontradas na jovem prostituta retirada do rio alguns dias antes.

O rosto da velha fora retalhado do mesmo modo. O corte profundo no pescoço – que quase a decapitara – era uma evidência clara do uso do garrote.

– Acha que também é trabalho de Coralie, Sua Graça? – perguntou o jovem policial Bell, que estava com Lydia.

– É trabalho dela, sim. Mas não é o tipo de vítima que ela escolhe. As dela sempre são jovens. Por que atacaria uma velha louca?

– Louca? – O policial a encarou. – O que lhe diz que a falecida era louca?

– Ela era chamada assim quando eu era pequena. Trabalhava procurando cadáveres no rio, acho. Ou o marido dela é que trabalhava assim. Ela costumava ter discussões frequentes com pessoas inexistentes. As crianças acreditavam que gritava com os fantasmas dos afogados. Eu mesma a ouvi uma vez. Parecia um bate-boca sobre dinheiro.

– Talvez o fantasma a estivesse censurando por ter esvaziado os bolsos dele.

Lydia deu de ombros.

– Todos os dragadores fazem isso. É uma das vantagens do trabalho.

– É incrível a senhora reconhecê-la. Apesar de ela não ter ficado muito tempo no rio, a faca ou o caco de vidro fez um bom trabalho.

– Eu a vi há alguns meses quando estive em Ratcliffe, entrevistando prostitutas. Fiquei surpresa ao ver que ela ainda estava viva. Por isso, prestei mais atenção do que o normal. Reconheci o cabelo espalhafatoso tingido de vermelho e o emaranhado de tranças. E a mancha escura no pulso. Marca de nascença. Eu só a ouvi ser chamada de “Dorrie Maluca”. Mas não sei se é o nome dela ou uma referência ao fato de ela trabalhar num daqueles barquinhos que chamam de *dory*.

– Mesmo assim, já ajuda. É mais provável conseguirmos alguma informação sobre “Dorrie Maluca” do que sobre “Mulher não identificada”. Não que isso adiante para Sua Graça – acrescentou, cobrindo novamente o cadáver. – Esta mulher morreu muito antes de Coralie encontrar as tuteladas do duque. Só se a senhora acha que há alguma importância no fato da vítima ser diferente das outras.

Ao erguer os olhos, ele descobriu que estava falando sozinho. A duquesa fora embora.

– Sua Graça?

Ele saiu correndo da câmara para o pátio. Apesar de o sol ainda não ter se posto, a névoa havia chegado, mergulhando a área na penumbra. Ele chamou pela duquesa, mas não obteve resposta. Ouviu passos fracos nas pedras e foi rapidamente naquela direção.

Pouco tempo depois, o recém-chegado duque de Ainswood tentava digerir a notícia tremendamente desagradável.

– Shadwell? – gritou Vere. – Ela foi ao East End sozinha? Todo mundo perdeu a cabeça? Vocês não veem o que Lydia está aprontando? O mesmo que fez no Vinegar Yard. Ela acha que pode enfrentar um bando de cortadores de gargantas sem levar nada mais do que o maldito relógio de bolso. E sem Susan.

– Au! – fez a cadela.

Vere olhou-a, irritado.

– Como você deixou que ela fosse sozinha, sua cadela idiota?

– Lydia saiu há horas – explicou Tamsin. – Susan estava com Bertie. Lydia só ia aos escritórios dos magistrados. Estava com o cocheiro e um laçao. Tenho certeza de que não vai fazer nada impensado.

– Então você é uma mulher lamentavelmente iludida.

Vere irrompeu para fora da biblioteca e seguiu pelo corredor até a porta da frente. Abriu-a antes que o empregado pudesse e quase pisou no policial parado na soleira.

– É melhor que você tenha uma mensagem da minha esposa – disse o duque. – E é melhor dizer que ela está sentada quietinha no escritório de um magistrado em Shadwell.

– Lamento, Sua Graça. Gostaria de tê-la comigo, e é minha culpa se essa não é a realidade. Eu estava com a duquesa. Desviei o olhar por um momento e ela sumiu. A pé, infelizmente. Encontrei a

carruagem dela, mas a duquesa não estava dentro. Espero que alguém aqui possa me ajudar a juntar as peças como ela conseguiu.

Se Lydia não estava mais em Shadwell, Vere não sabia onde procurá-la. Obrigou-se a ficar calmo – pelo menos transparecer calma – e convidou o policial a entrar.

O nome do sujeito era Joseph Bell. Novo no serviço, estava substituindo temporariamente um colega ferido no cumprimento do dever. Era jovem, bonito e mais bem-educado do que os policiais comuns.

Ele resumiu sua história, dizendo que sem dúvida a duquesa sabia mais sobre Dorrie Maluca do que dera a entender.

– Ela se certificou de ir embora antes que eu pudesse fazer mais perguntas. Se Coralie matou a velha... e é o que tudo indica... ficou a dúvida sobre o motivo. A duquesa devia saber a resposta. Supus que a velha fosse uma ameaça para a cafetina. Que sabia onde ela estava escondida, talvez, e cometeu o erro de abrir a boca. Ou ameaçou fazer isso.

– Ou, então, ela possuía um belo esconderijo que Coralie desejava – completou Tamsin. – Lydia devia ter um destino muito específico em mente. Caso contrário, não teria saído com tanta pressa. – Ela franziu a testa. – Mas não entendo por que não mandou notícias sobre seu paradeiro, como prometeu.

Vere não queria pensar nisso. O dia inteiro fora um pesadelo, desde que havia recebido a última mensagem dela. Exausto, Mars saíra cambaleando da carruagem na primeira parada para trocar os cavalos. Torceu o tornozelo e precisou ser deixado na estalagem. Então um cavalo ficou manco. A 15 quilômetros de Londres, um bêbado guiando uma *dormeuse* havia trombado com uma das rodas da carruagem. Exasperado, Vere caminhou até a troca seguinte, alugou um cavalo e percorreu o resto da distância galopando a toda velocidade. Quando enfim chegou em casa, descobriu que sua esposa não estava.

O pesadelo que o angustiara durante a frustrante viagem até Londres agora era protagonizado não só por suas tuteladas, mas também pela esposa. Ela mandara chamá-lo. Ela precisava dele. Vere tinha vindo o mais depressa possível, como acontecera no caso de Robin.

*Tarde demais*, repetia-se a frase em sua cabeça. *Tarde demais*.

– Sua Graça?

Vere saiu do pesadelo e se obrigou a se concentrar em Bell.

– O nome “Dorrie Maluca” parece não ser familiar para ninguém.

– Era uma mulher que trabalhava recolhendo corpos no rio, segundo Lydia. Vista pela última vez nas vizinhanças da estrada de Ratcliffe. – Ele revirou as lembranças, mas em vão. – Se eu já a vi por lá, não notei, porque estava bêbado demais ou ocupado demais brigando.

– Se Jaynes esteve lá com o senhor, talvez ele tenha notado – observou Bertie.

Vere encarou-o com um olhar vazio.

– Além disso, ele nasceu e foi criado em Londres – continuou Bertie. – Se a Srta. Gre... ou, melhor, se a *duquesa* já ouviu falar de Dorrie Maluca, imagino que Jaynes também. Parece que a velha já foi meio famosa.

O olhar atônito de Vere se virou para Tamsin, que estava dando um sorriso luminoso para seu pretendente.

– Que esperteza de sua parte, Bertie! – exclamou ela. – Deveríamos ter pensado logo de cara no Jaynes. – Tamsin se levantou da cadeira e foi até a mesa da biblioteca, pegando um papel numa das pilhas bem organizadas. – Ele vai começar a ronda da noite daqui a meia hora. Vocês devem encontrá-lo no Pearkes’s, se partirem imediatamente.

Os três homens e a cadela partiram da casa um instante depois.

Lydia tinha conseguido enganar o policial, mas não enganou Tom. Quando voltou para a High Street, o moleque saltou de uma viela.

– Para onde você vai? Sua carruagem chique *tá* lá atrás. – Ele a indicou com o polegar.

– Não posso levar uma carruagem chique aonde vou.

*Nem policiais*, acrescentou mentalmente. Os moradores do submundo de Londres podiam detectar agentes da lei a quilômetros de distância. Ao descobri-los, os criminosos desapareciam e seus conhecidos passavam a “nunca ouvir falar deles”.

No momento, Coralie podia saber que estava sendo procurada, mas iria se considerar em segurança. Lydia preferia não estragar essa ilusão. Em circunstâncias normais, Coralie já era perigosa. Acuada, iria se transformar numa fera hidrófoba.

Lydia franziu a testa para Tom.

– A Srta. Price mandou você me seguir?

O garoto balançou a cabeça.

– Não, Srta. G. Resolvi segui-la porque, se a senhorita se encrencar, vai ser minha culpa, porque eu perdi as garotas.

– Se você não as tivesse visto, eu não teria a mínima ideia de onde procurar. Mas não vou discutir com você. Vou precisar de ajuda, e acho que você serve.

Uma carruagem de aluguel estava se aproximando. Lydia fez sinal, mandou o cocheiro ir para Ratcliffe e embarcou com Tom.

Explicou a situação. Contou a ele sobre Dorrie Maluca e suas suspeitas de que Coralie queria transformar a moradia da velha num esconderijo. Como Dorrie era encrenqueira, sem dúvida a cafetina a assassinara e jogara no rio.

– A casa é importante. Ela fica isolada, num trecho da beira do rio do qual só os ratos parecem gostar – explicou Lydia. – Mas Dorrie tinha um barco... Isso também é importante. Acho que Coralie pretende mandar um bilhete pedindo resgate, me atraindo até lá. Deve ser uma armadilha. Até agora não recebi notícias da

Srta. Price sobre um bilhete de resgate, logo Coralie pretende esperar até o anoitecer. No escuro, é mais fácil montar uma emboscada, e ela não teria dificuldade para escapar logo depois, de barco. A melhor forma de estragar os planos dela é chegar de surpresa.

– Acho que a melhor forma é trazer o grandão do seu marido. E uns outros caras grandões com porretes.

– Na hora que saí para Shadwell, Sua Graça não estava em casa. Não sei quando ele vai voltar. De qualquer modo, não há tempo para chamá-lo nem mais ninguém, e esperar que venham. Já está escurecendo. Não temos um minuto a perder se quisermos pegá-la de surpresa. Precisamos nos virar com qualquer reforço que possamos arranjar nas vizinhanças da casa da Dorrie Maluca. Do tipo que pareça pertencer ao local.

– Conheço uns sujeitos lá – afirmou Tom. – E umas garotas boas.

Enquanto isso, na casa imunda de Dorrie Maluca, Nell sucumbia rapidamente ao terror cego.

Desde que Annette tinha ido embora, ela se tornara a principal garota de Corrie. Tinha ficado com todos os vestidos de Annette, que eram de longe os mais bonitos, e com todos os clientes especiais da garota, que não eram tão bonitos. Porém, pagavam mais, e Nell ficava com metade. O trabalho costumava ser bastante desagradável, mas nunca era escasso.

Naquele dia, Corrie havia prometido que Nell praticamente não iria trabalhar mais, porque elas ficariam ricas e iriam para Paris. Pegariam Annette e tomariam de volta tudo que ela roubara, e enriqueceriam ainda mais.

Quanto mais o tempo passava, menos Nell gostava do plano. Fariam a primeira parte da viagem no barco gosmento e sujo amarrado a poucos metros dali, num cais meio despedaçado. Ela

não gostava de barcos, em especial dos pequenos e dos que tinham sido usados para recolher cadáveres no rio. Não sabia como Corrie conseguira a embarcação nem a casa – por mais imunda que fosse, parecia ter sido ocupada até recentemente.

No momento, a escuridão se adensava e o vento soprava do rio através de numerosas frestas. Corrie estava lá embaixo no barco, carregando itens necessários para a viagem. As garotas ricas estavam trancadas na despensa, mas continuavam em silêncio, e Nell se sentia muito sozinha. Os uivos do vento soavam como gemidos humanos, e a casa estalava e rangia, dando a impressão de que alguém caminhava nela.

Nell sabia que a residência havia pertencido a uma pessoa que recolhia corpos no rio, porque cartazes oferecendo recompensas pela recuperação dos cadáveres estavam grudados nas paredes. Claramente aquela casa abrigara uma grande quantidade de mortos. Para ela, o lugar cheirava a podridão. Estremecendo, fitou o papel sobre a mesa.

Corrie passara horas escrevendo um bilhete depois do outro no verso de velhos panfletos, e a cada novo texto, exigia mais dinheiro. De tempos em tempos, divertia-se indo à despensa e dizendo às meninas o que faria com elas se a duquesa de Ainswood não aceitasse as exigências.

O problema era que, a cada minuto, Nell tinha mais certeza de que Coralie Brees faria o que ameaçava, apenas por ódio. Não tinha motivo para poupar as meninas, e não era do seu feitio deixar para trás alguém que pudesse dar com a língua nos dentes. Ela estaria com o dinheiro do resgate e um barco, e poderia escapar facilmente durante a noite. Até Nell corria perigo.

Então a porta se abriu e Corrie entrou. Pegou a touca e o xale de Nell num prego e jogou-os para ela.

– Está na hora. Dá para você ir e voltar da loja de bebidas em

dez minutos. Se você demorar um minuto a mais, mando Mick para garantir que você se arrependa.

Nell deveria levar o bilhete à loja de bebidas, entregá-lo com uma moeda ao menino que varria o chão e ordenar que ele o entregasse na Ainswood House. Sem saber de nada, o garoto não teria o que contar. Corrie obviamente não queria se arriscar a que Mick ou Nell fossem subornados para traí-la.

Devagar, Nell colocou a touca e amarrou as fitas. Devagar, pôs o xale. Assim que saísse pela porta, teria apenas dez minutos, e não conseguia decidir o que era pior: voltar e se arriscar com Corrie (suas chances agora pareciam quase tão pequenas quanto as das meninas); correr feito louca até a Ainswood House, com Mick nos calcanhares e provavelmente um exército de policiais e magistrados em seu destino, se conseguisse chegar tão longe; ou disparar até o bote e se aventurar no rio traiçoeiro.

Quando passou pela porta, sua decisão estava tomada.

Escutando o som de passos que se aproximavam rapidamente, Lydia se escondeu atrás de um bote emborcado. Um instante depois, ouviu-os seguirem para o rio, e não para o caminho que dava na estrada. Espiando por trás do bote, viu uma figura feminina tropeçar nas pedras perto dos restos apodrecidos de um cais.

Sacou a faca que uma das prostitutas lhe emprestara e se aproximou em silêncio do vulto, rezando para que fosse Coralie. Preocupada em soltar a corda presa ao cais, a pessoa não notou sua aproximação.

Lydia encostou a faca nas costas da mulher.

– Se gritar, eu arranco os seus rins – sussurrou.

A mulher ofegou e ficou absolutamente imóvel. Não era Coralie – a não ser que ela tivesse murchado. Era frustrante, mas poderia ter sido pior.

Por acaso se tratava de Nell, que devia ter vindo da casa, portanto sabia o que estava acontecendo lá. Lydia empurrou-a na direção das pedras escorregadias embaixo do cais.

– Se você cooperar, garanto que nada de ruim vai lhe acontecer – disse baixinho. – As meninas estão vivas?

– Elas e-estão. Pelo menos estavam quando eu saí.

– Na casa da mulher que recolhia cadáveres no rio, a 400 metros a leste daqui?

– É. – Nell tremia, batendo os dentes. – Corrie tá com elas, e com Mick vigiando do lado de fora. Eu deveria mandar o bilhete de resgate e voltar logo. A qualquer minuto eles vão sair me procurando.

– Ela irá matá-las, não é?

– Sim. Elas e a senhora. Ela não ia fazer o que o bilhete diz. Ia esperar para surpreender a senhora, matá-la e pegar o dinheiro. Acho que ela vai matar as garotas assim que isso acontecer. Disse que ia me levar pra Paris, mas não vai, eu sei. Ela vai me matar no bote e me jogar no rio. – Nell começou a soluçar. – Eu sabia que ia ser ruim – falou, ofegante. – Assim que vi que ela não estava levando as duas logo de volta, como disse que ia fazer. Ela odeia a senhora, mais do que tudo no mundo.

Lydia se afastou, desamarrou o bote e deixou-o ficar à deriva. Agora Coralie não poderia escapar com ele.

– Preciso pegar as tuteladas do Ainswood – disse Lydia. – Você pode vir junto ou tentar alcançar a Bell and Bottle. Assim que chegar lá, você estará em segurança.

– Eu vou com a senhora. Nunca chegaria inteira à Bell and Bottle. Mick é tão ruim quanto o Jos e o Bill.

Assim, Lydia precisaria primeiro dar um jeito em Mick, depressa e em silêncio. Não seria fácil. Seus aliados eram três moleques de rua, nenhum com mais de 10 anos, e dois dos espécimes de prostituta

mais lamentáveis que já havia encontrado. Mas era o melhor que tinha conseguido em tão pouco tempo, mesmo com a ajuda de Tom.

Todas as outras pessoas disponíveis nas redondezas estavam bêbadas ou doentes demais ou eram maldosas demais. Naquela hora, Lydia daria qualquer coisa para ter Ainswood ao seu lado.

Mas ele não estava ali, e ela só podia torcer para que Nell estivesse certa: Coralie iria mesmo esperar até obter o resgate para realizar sua vingança maligna por meio de Elizabeth e Emily.

E, assim, Lydia torcia e rezava, enquanto partia com Nell para a casa de Dorrie Maluca.

Poucos minutos depois de a porta se abrir com a saída de Nell, Elizabeth e Emily ouviram um som. Como a anfitriã dera uma descrição detalhada do que pretendia fazer com elas, não tiveram dificuldade para compreender o que ele significava.

No silêncio, era bem fácil distinguir o ruído de vidro quebrando. As duas já tinham visto a garrafa: Coralie a balançara diante do rosto delas várias vezes.

Contendo a repulsa, Elizabeth pegou um saco que se retorcia, escondido embaixo de um monte de palha apodrecida. Em seguida, afrouxou um pouco a tira da anágua que ela rasgara para amarrá-lo. Empurrou Emily para que avançasse e se espremesse ao lado da porta.

– Nada de heroísmo – sussurrou Elizabeth. – Apenas *corra*.

Mordendo o lábio, Emily assentiu.

Esperaram durante o que pareceu um ano, mas foram apenas cerca de dois minutos, antes que a porta se abrisse e Coralie entrasse com a garrafa quebrada na mão.

Emily gritou, a irmã jogou o saco na cara da cafetina. Coralie berrou quando um rato aterrorizado se prendeu em seu cabelo. Elizabeth se chocou contra a bruxa, derrubando-a, e a caçula saiu

correndo pela porta. Um instante depois, Elizabeth se recuperou e foi atrás dela.

Ouviu a irmã gritando, viu o ogro Mick perseguindo-a, escutou os palavrões da cafetina.

Correu para salvar a irmã.

Lydia já ia atrás de Mick, que estava nos calcanhares da garota, quando viu Coralie irromper da casa.

– Nell, Tom, todos vocês, ajudem as meninas! – gritou ela, depois perseguiu Coralie, que ia na mesma direção. Furiosa, a cafetina era muito mais perigosa do que Mick. – Desista, Corrie! Nós somos muitos.

Coralie se deteve, virando-se para Lydia. Hesitou apenas um instante, então xingou e mudou de rumo, correndo para o cais decrépito.

Lydia foi atrás, porém mais devagar, mantendo distância.

– O barco foi embora! Não há saída, Corrie!

A cafetina continuou correndo pelo caminho cheio de lixo, depois desceu as pedras escorregadias. Proferiu uma série de palavrões enquanto disparava; “puta” foi só o mais ameno.

Acima dos xingamentos capazes de rachar os tímpanos, Lydia escutou ao longe o rugido inconfundível de um mastim.

– Graças a Deus.

Não estava nem um pouco ansiosa para se embolar com Coralie sobre as pedras escorregadias. Sua faca teria pouca utilidade caso ela tropeçasse e rachasse o crânio. Permaneceu no caminho acima.

– Largue a garrafa, Corrie! Você ouviu a cadela. Não adianta lutar! Ela vai despedaçar você.

Coralie atravessou as pedras, passou por baixo do cais, e foi em frente. Estava indo para o bote emborcado onde Lydia havia se escondido antes.

Os latidos se aproximavam, porém Susan continuava a minutos de distância. Coralie poderia desvirar o bote e colocá-lo no rio. Iria fugir, e as frustrações daquela noite só iriam torná-la mais perigosa, onde quer que ela aparecesse em seguida.

Lydia não iria deixá-la escapar.

Vere e seus companheiros tinham ouvido os gritos e correram na direção deles. Enquanto chegavam perto da margem do rio, ele viu um brutamontes se aproximando de uma menina, e várias figuras menores partindo para cima dele.

– Lizzy! Em! – gritou. – Por aqui!

Precisou gritar várias vezes para se fazer ouvir acima dos latidos furiosos de Susan, que forçava a coleira, louca para matar. Mas, enfim, a ordem foi ouvida e todo o grupo se imobilizou por um tempo, depois se dispersou. Duas formas esguias vieram cambaleando até ele. Mick ficou sozinho, olhando loucamente ao redor.

– Pegue-o! – ordenou Vere à cadela, e soltou a guia.

Susan perseguiu Mick, que correu para o rio. A cadela o pegou pela perna e ele caiu na lama. Susan manteve as mandíbulas cravadas na carne dele.

Então Trent e Jaynes surgiram. Vere deixou Mick com eles enquanto corria para suas tuteladas, que tinham parado para observar a cena.

– Vocês estão bem?

Em meio à escuridão, mal conseguia identificar os rostos, mesmo estando tão perto. Mas podia ouvi-las ofegando, tentando falar.

Abraçou-as e as puxou para si. As meninas o abraçaram também. De repente, um cheiro de podridão chegou às narinas dele.

– Por Deus, vocês estão fedendo – disse com a garganta apertada. – Quando tomaram banho pela última vez?

Não pôde ouvir a resposta, porque Susan já latia de novo, freneticamente, após soltar o prisioneiro, que estava aos cuidados de Jaynes e Bertie.

Vere olhou ao redor. Viu várias figuras na névoa do anoitecer, e nenhuma tinha a menor semelhança com sua esposa.

– Lydia! – gritou.

– Au! – fez Susan, em seguida correu para o oeste.

Vere soltou abruptamente suas tuteladas e foi atrás dela.

Disparou pela escuridão, através de uma névoa gelada que fedia a podridão. Não conseguia enxergar o caminho; apenas seguia cegamente os latidos da cadela.

– Lydia! – gritou e gritou, mas a única resposta eram os latidos de Susan, cada vez mais agudos, mais nervosos.

Tropeçou numa pedra, agitou os braços em busca de equilíbrio, endireitou-se e continuou correndo. As imagens rasgavam seu cérebro: de Charlie e Robin, de tumbas frias, de rostos vivos, de todos que ele já havia amado dissolvendo-se na névoa, dissolvendo-se em sombras e se esvaindo.

*NÃO! Desta vez, não. Ela, não, por favor, Deus, ela, não.*

– Estou indo – gritou com os pulmões ardendo.

Uma forma escura surgiu adiante. Ele notou o bote virado tarde demais. Tropeçou, caindo de cara na lama. Levantou-se, cambaleante, e voltou a andar, mas parou um instante depois de vê-las.

A menos de 3 metros, havia um emaranhado de membros retorcendo-se no chão e no lixo à beira do rio. Susan saltou para elas, então recuou para longe, latindo feito louca.

Ela não sabia o que fazer. Nem Vere. Viu o clarão de uma lâmina, mas não dava para distinguir quem a segurava nem se ambas

estavam armadas. Um movimento errado e a mulher que amava poderia levar uma facada. Ele limpou a garganta seca.

– Pare de brincar, Lydia – disse, com o máximo de calma possível. – Se não acabar com ela em dez segundos, eu faço isso por você e estrago sua diversão.

Houve um movimento súbito – um braço se levantou bruscamente, a lâmina reluzente – e, em seguida, um berro de triunfo que fez seu coração parar, porque não era da sua esposa. Depois, outro grito e movimentos frenéticos.

Viu o emaranhado de corpos ficar imóvel no mesmo segundo em que escutou a voz rouca, ofegante:

– Se mexer um cílio, corto você de orelha a orelha.

Era a voz de sua esposa.

– Precisa de ajuda, Lydia? – perguntou, aproximando-se, com a voz trêmula.

– S-sim... Por... favor... Tenha... cuidado... Ela... luta... sujo...

Foi bom Lydia ter avisado. A cafetina parecia meio morta, mas, assim que Vere separou as duas, ela se recuperou e tentou voltar à batalha. Mallory arrastou-a para longe do alcance de sua esposa exausta. A cafetina se debatia e gritava tanto que poderia acordar toda a região de Rotherhithe, na margem oposta.

– Apague-a – pediu Lydia, ofegante, porque a bandida não dava sinais de cansaço; lutava como a louca que era.

– Não posso bater numa mulher.

Lydia se aproximou, desviou-se de um punho e socou o queixo de madame Brees, que se afrouxou.

Vere deixou o corpo inerte desabar no chão. Susan saltou à frente, ansiosa, rosnando.

– Em guarda – disse à cadela.

Susan ficou acima de Corrie, ainda rosnando, com as mandíbulas enormes gotejando saliva a centímetros do rosto da cafetina.

Vere foi até a esposa, que estava curvada, pressionando a

cintura. Empurrou a mão dela para longe, sentiu a umidade. Seu coração mergulhou num buraco sem fundo.

– Desculpe – lamentou-se ela, a voz tão fraca que mal dava para ouvir. – Acho que a bruxa me atingiu.

Vere a amparou. Dessa vez, quando Lydia se tornou um peso morto em seus braços, soube que a esposa não estava fingindo.

## CAPÍTULO 18

Francis Beaumont estava na multidão de espectadores perto da Bell and Anchor, observando o duque de Ainswood carregar o corpo imóvel da esposa para dentro da carruagem. Em questão de minutos, o local fervilhava com a notícia de que uma cafetina da Drury Lane havia assassinado a duquesa.

Beaumont estava muito triste. Não que se lamentasse pela duquesa, mas por si mesmo. Sem dúvida Coralie iria ser enforcada e se certificaria de estar bem acompanhada no cadafalso. Ela contaria sua bela e longa história, que tinha Beaumont como astro principal.

Deveria tê-la matado na primavera anterior em Paris, em vez de ajudá-la a fugir. Mas, na ocasião, não estava pensando com muita clareza, pois se envolvera em problemas domésticos, além de num caso de luxúria não correspondida.

Saíra do Pearkes's disposto a assassiná-la, pois soubera lá o que a cadela idiota havia feito. Não demorou muito a deduzir onde ela estaria, porque um desenhista da *Police Gazette* lhe contara sobre a velha que fora retalhada e garroteada. Pela descrição do ilustrador, Beaumont não teve dificuldade para descobrir quem era a mulher e quem era a assassina.

Infelizmente, a duquesa de Ainswood tinha encontrado a cafetina antes dele. Beaumont estava a menos de 20 metros da casa quando o estardalhaço começara. Assim que Grenville disse a Coralie que havia muitas pessoas com ela, afastou-se. Se a cafetina o visse, acabaria chamando-o e ele figuraria entre os criminosos. Se tivesse percebido que a duquesa estava apenas com três moleques

magricelos e duas prostitutas desdentadas e tuberculosas, talvez fosse menos cauteloso.

Mas não tivera como saber, em meio à névoa e à confusão.

Agora não podia fazer nada. Os policiais haviam chegado minutos depois de Ainswood e seus homens. Todo o embate não devia ter demorado mais de quinze minutos. Logo, logo, Corrie seria encarcerada e estaria berrando tudo que sabia para todo mundo que pudesse ouvir – ou seja, o distrito inteiro.

Ele precisaria fugir. Agora mesmo. Não ousava retornar à casa para pegar roupas ou dinheiro. Todo mundo sabia onde Francis Beaumont morava, pois a esposa era uma artista famosa.

*Ela* não sentiria sua falta. Haveria uma fila de homens com 10 quilômetros de comprimento para ocupar seu lugar. E, na frente da fila, estaria um conde francês louro.

Essa perspectiva era quase tão dolorosa quanto o cadafalso. Porém, Beaumont precisava enfrentá-la. Tinha dinheiro suficiente para alugar uma carruagem postal e, se partisse imediatamente, chegaria à costa muito antes que alguém notasse sua fuga.

Estava atravessando a multidão, tomando cuidado para não demonstrar pressa, quando os policiais se aproximaram carregando Coralie numa maca improvisada.

– Espero que a puta esteja morta! – gritou uma prostituta perto dela.

– Não está! – berrou outra pessoa. – É uma pena. A duquesa só quebrou o maxilar dela.

Depois que um guarda confirmou a notícia, todos ficaram desapontados.

Foi quando Beaumont percebeu que Grenville tinha mais amigos do que inimigos naquele bairro. Duas prostitutas, mesmo moribundas, haviam tentado ajudá-la a salvar as tuteladas de Ainswood. Ele olhou ao redor, viu prostitutas cascas-grossas soluçando, xingando Coralie.

Até os moleques de rua estavam chorando.

Percebeu tudo isso em apenas um minuto, e logo viu como se aproveitar da situação. Sabia explorar o sofrimento, envenenar mentes e agitar os corações mais simples até a amargura e a fúria. Por isso, enquanto abria caminho pela multidão, fez algumas observações descuidadas.

A multidão de marinheiros, prostitutas, cafetões, mendigos e outras escórias da beira do rio se transformou numa turba assassina. O rugido abafou os avisos e ameaças da polícia de proclamar a Lei Antiprotesto. A multidão virou a carroça que deveria transportar Coralie para o magistrado de Shadwell, tirou os policiais do caminho e atacou os prisioneiros.

Instantes depois, Coralie Brees, irreconhecível, estava morta nas pedras do calçamento e, em pouco tempo, Mick acabou sangrando até a morte.

A essa altura, a turba já havia se desfeito... e Francis Beaumont seguia para casa.

Após algumas horas, Vere estava sentado segurando uma mão fria demais, como já fizera tantas vezes – com seu tio, Charlie e Robin.

Agora, segurava a mão da esposa.

– Nunca perdoarei você, Lydia – disse com a voz embargada. – Você tinha que permanecer em casa e ser o general, e não sair por aí lutando sozinha. Você não pode ficar fora de vista nem por um minuto... Eu devo ter morrido há meses e não sei, pois agora estou no inferno. Só não me enforco porque seria redundante.

– Meu Deus, que drama você está fazendo. – Lydia abriu um dos seus meios sorrisos de zombaria. – Ela só me deu um talhinho.

Não tinha sido só “um talhinho”. Se não fossem tantas camadas de roupas, um espartilho rígido e o relógio de bolso do tio Ste, a

duquesa não estaria viva. O relógio desviara a lâmina, que não cortara a carne da forma adequada.

O médico acabara de sair do quarto com lorde Dain, depois de tratar o ferimento e fazer um curativo.

– Assim que você ficar boa – disse Vere –, vou lhe dar uma bela surra.

– Você não bate em mulheres.

– Vou abrir uma exceção. – Ele olhou, irritado, para a mão que estava segurando. – Você está gelada.

– É porque você prendeu a circulação.

Ele aliviou o aperto.

– Assim está melhor – murmurou ela.

– Desculpe. – Ele fez menção de soltá-la.

– Não, não. Sua mão é tão grande e quente! Adoro suas mãos malignas, Ainswood.

– Veremos quanto você gosta delas quando eu lhe der as merecidas palmadas no traseiro.

Ela sorriu.

– Nada me deixou tão feliz na vida quanto a sua chegada esta noite. Coralie luta sujo e era difícil me concentrar porque estava preocupada com as meninas. Não sabia se teria condições de ajudá-las assim que acabasse com ela. A fúria. A loucura. Quando estão agitadas de verdade, essas pessoas têm uma força sobre-humana. Não queria me embolar com ela. Sabia o que iria enfrentar. Mas não tive escolha. Não podia deixar que ela fugisse.

– Eu sei.

– Mandei um menino pedir ajuda na Bell and Bottle. Mas não podia me arriscar esperando que o auxílio chegasse. Como aconteceu...

– Lizzie e Em estariam mortas se você tivesse esperado – interrompeu ele. – Ela entrou na despensa para matá-las. – Ele contou a Lydia sobre o rato que as duas tinham apanhado e jogado

em cima de Coralie. – Mesmo assim, o ardil só lhes deu alguns minutos de vantagem. Para a sorte delas, você chegou bem na hora. Você salvou a vida delas, Lydia. Você e seu exército maltrapilho.

Ele se curvou e beijou a mão dela.

– Não exagere. Nunca teríamos sucesso sem reforços. Mesmo que eu conseguisse dominar Coralie... e não foi uma batalha fácil... ainda precisaria cuidar do Mick. Quando eu o alcançasse, ele já poderia ter feito muito mal às suas meninas.

– Eu sei. Tom acertou a cabeça dele com uma pedra. O brutamontes nem teve tempo para sentir dor. Mas ele não representou problema para Susan. – Vere franziu a testa. – Meu Deus, eu não fiz absolutamente nada. Deixei a cadela cuidar do Mick. Fiquei olhando você brigar com a cafetina, como numa luta de boxe.

– O que mais você poderia fazer? – questionou ela, apoiando-se nos travesseiros. – Ninguém com um mínimo de bom senso interferiria numa situação daquelas. Você fez exatamente o que deveria. Você não tem ideia de quanto a sua voz me animou e me encorajou. Eu estava ficando muito cansada... e um pouco nervosa, devo admitir. Mas quando você disse para eu parar de brincar e acabar com ela, a sensação foi que tomei uma bebida forte e reanimadora. Eu não suportaria perder enquanto você estivesse olhando. Seria humilhante demais. – Ela entrelaçou os dedos nos dele. – Você sabe que não pode fazer sempre tudo. Às vezes tem que se contentar em dar apoio moral. Não preciso ser mimada e protegida. Não preciso que me defendam. Só quero que acreditem em mim.

– Que acreditem em você... – repetiu ele, balançando a cabeça.  
– É só isso que você quer, é?

– Sua crença em mim significa muita coisa. Vendo como você despreza as pessoas do meu sexo, devo considerar seu respeito pela

minha inteligência e minhas habilidades como a mercadoria mais preciosa.

– A *mais* preciosa? – Ele soltou a mão, depois se levantou e foi até a janela para contemplar o jardim. Então se aproximou de novo, postando-se junto ao pé da cama, apoiado no balaústre. – E o amor, Lydia? Você acha que, com o tempo, poderia se tornar condescendente a ponto de suportar meu amor? Ou será que o amor só serve para os simples mortais? Talvez os divinos Ballisters não tenham mais necessidade dele do que as divindades olímpicas teriam de uma carruagem para levá-las a Delfos ou de uma embarcação para carregá-las a Troia.

Ela o encarou por um longo momento e suspirou.

– Ainswood, deixe-me explicar uma coisa: se a ideia é fazer uma declaração de amor à sua esposa, diga apenas “eu te amo”. *Não* é para provocar, desafiar, agir do seu modo beligerante. Este deveria ser um momento de ternura, e você o está estragando. Estou com vontade de jogar um balde de carvão em cima de você.

Vere estreitou os olhos e trincou os dentes.

– Eu te amo – disse, carrancudo.

Ela levou a mão ao peito e fechou os olhos.

– Estou dominada por... por alguma coisa. Acho mesmo que vou desmaiar.

Ele retornou à lateral da cama e tomou as mãos dela com firmeza.

– Eu amo você, Lydia. Comecei a me apaixonar quando você me derrubou de bunda no chão, no Vinegar Yard. Mas só fui me dar conta na nossa noite de núpcias... ou pelo menos antes fingia não saber. Porém, não consegui falar nada, porque você não estava apaixonada por mim. Isso foi idiotice. Você poderia morrer naquela noite e eu nem teria me confortado dizendo como você é importante para mim.

– Você disse de centenas de modos. Eu não precisava das três

palavras mágicas, mas fico satisfeita em ouvi-las.

– “Satisfeita” – repetiu ele. – Bom, acho que assim está melhor. Você está satisfeita por ser dona do meu coração. – Vere soltou as mãos dela. – Talvez, quando estiver se sentindo mais forte, você consiga demonstrar mais entusiasmo. Talvez, em uma ou duas décadas, possa estar mais amolecida para extravasar seus sentimentos.

– Certamente não farei isso – replicou ela enquanto Vere dava um passo atrás e começava a se despir.

Ele se deteve, encarando-a.

– Por que diabos eu deveria extravasar? – indagou ela. – Pretendo mantê-los aqui dentro. No coração. – Ela apontou para o peito. – Onde sempre os mantenho. Onde está escrito “Eu te amo” e em seguida todos os seus nomes e títulos.

Ele sentiu um sorriso se formar em sua boca, e uma pontada estranha no coração que ela havia roubado.

– Você deve ser cego – continuou Lydia –, pois não viu essa declaração escrita lá há tanto tempo.

O pequeno sorriso se transformou num sorriso maroto.

– Bom, deixe-me tirar a roupa, querida. Depois, vou para a cama dar uma olhada mais de perto.

Normalmente, um tumulto nas ruas de Londres provocava uma explosão de indignação e o mesmo tipo de pânico que se nutria diante da notícia de uma invasão estrangeira.

A balbúrdia em Ratcliffe, que figurou a todos os jornais matinais, mal teve repercussão, pois um acontecimento mais catastrófico havia ocorrido.

Como Bertie previra, Miranda, a heroína de “A rosa de Tebas”, tinha afiado uma colher nas pedras da masmorra. Mas, para seu choque, na manhã de terça-feira – quando enfim conseguiu ler a

*Argus* da véspera –, Miranda não cavou um túnel com ela. Em vez disso, cravou a arma improvisada em Diabolo e fugira.

No último parágrafo do capítulo, o vistoso vilão da história “olhou em direção ao portal por onde a jovem havia desaparecido, até que a sombra da morte obscureceu-lhe a visão. Ainda assim, seus olhos continuaram fixos na porta, enquanto ouvia o precioso líquido pingar do corpo enorme nas pedras frias. Sua vida se esvaía vagarosamente... perdida, inútil, desperdiçada”.

Londres ficou devastada.

O evento fictício chegou às primeiras páginas de vários periódicos matutinos. Só os mais discretos, como o *Times*, optaram por desconsiderá-lo, apenas mencionando, num canto obscuro, “um distúrbio diante da redação da *Argus*” no fim da tarde de quarta-feira.

O distúrbio foi causado por uma grande reunião de leitores ultrajados. Alguns ameaçavam queimar o prédio. Outros desejavam fazer picadinho do editor.

Macgowan chegou à Ainswood House no início da tarde de quinta-feira para informar que um boneco representando S. E. St. Bellair tinha sido enforcado na Strand. Ele estava em êxtase, declarando que a duquesa era um gênio.

Ainswood havia carregado Lydia para o sofá da sala de estar, e agora ela se achava rodeada de gente. Assim, o anúncio de Macgowan foi perfeitamente audível para Emily, Elizabeth, Jaynes, Bertie e Tamsin – assim como para os serviços perto da porta. Sem perceber a carranca de Lydia, o editor prosseguiu fazendo uma ode a Lydia, logo ninguém teve a menor dúvida de quem era St. Bellair.

Extremamente empolgado, ele demorou a perceber o que tinha revelado. No momento em que se deu conta, tapou a boca, de olhos arregalados, com o rosto escarlate.

Ela abanou a mão, sem dar importância.

– Não faz mal. O mundo conhece o resto dos meus segredos. É

melhor que saiba deste também. – Lydia balançou a cabeça. – Um boneco meu enforcado. Por Deus, as pessoas levam mesmo a sério as histórias românticas. Bom... – Seu olhar percorreu os espectadores, cujas expressões iam da incredulidade à consternação... e até a um educado ar inexpressivo. – Pode ser uma baboseira sentimental, mas é uma baboseira popular, e é de minha autoria.

– Ah, mas é tão desapontador... – comentou Emily. – O Diabolo era o meu personagem predileto.

– E o meu – concordou a irmã.

– Meu também – disse Bertie.

Tamsin conteve a língua: tinha fé em Lydia.

Ainswood estivera parado num canto da sala, perto da janela, observando os hóspedes. Seu rosto estava inexpressivo, exceto pelos demônios que dançavam no seu olhar.

– Achei a escolha da arma um toque adorável, Lydia. Matar uma pessoa com uma colher... Não consigo pensar em muitos assassinatos mais ignóbeis do que esse.

Ela recebeu esse elogio dúbio com um gracioso gesto de cabeça.

– E o mais importante – continuou seu marido –, você causou um frisson. Quando vazar a verdadeira identidade do autor, o clamor que virá em seguida abafará o atual. Todas aquelas almas que abençoadamente ignoram quem é Miranda e quais são seus feitos serão obrigadas a compensar o tempo perdido. – Ele voltou a atenção para Macgowan. – Se eu fosse você, começaria a publicar volumes encadernados com vários capítulos. Uma edição barata para as massas e uma bonita, encadernada em couro, para os graúdos. Capitalizar a empolgação antes que ela acabe.

Lydia conseguiu ocultar a surpresa a tempo. Ela nunca esperaria que Ainswood fosse se preocupar, quanto mais imaginar modos de explorar o potencial comercial de sua “escrevinhação”. Mas, afinal de contas, ele adorava um estardalhaço.

– Pensei em aproveitar o momento também – disse Lydia. – Mas não tinha pensado em volumes encadernados. É uma ideia brilhante. Mas não queremos que os leitores percam o interesse pelo resto da história, agora que o personagem favorito está a caminho do inferno.

Lydia refletiu brevemente.

– Você deve publicar um informe amanhã de manhã – ela instruiu Macgowan. – Vai anunciar uma edição especial da *Argus*, que estará disponível na próxima quarta-feira, contendo os quatro últimos capítulos de “A rosa de Tebas”. Se Purvis reclamar que não pode fazer as ilustrações a tempo, você precisará arranjar outra pessoa.

Macgowan já estava com os dois capítulos seguintes. Lydia mandou Tamsin pegar os últimos, trancados na escrivaninha de seu gabinete. Logo o editor saiu com os preciosos textos, mais empolgado ainda do que havia chegado. Sem dúvida previa outro salto nos lucros num futuro muito próximo.

Depois que ele saiu, Ainswood expulsou os outros da sala. Afofou os travesseiros atrás de Lydia e ajeitou a manta; puxou um banco para perto e se acomodou. Apoiando o queixo na mão, olhou-a com reprovação.

– Você é má.

– É exatamente o que você merece.

– É um truque muito sujo.

Ela fez uma expressão de inocência.

– O quê?

– Não sei exatamente o que é. Mas sei que você enganou todo mundo, porque eu a conheço. Ninguém enxerga o demônio que você é. Eu enxergo.

– Acho que é preciso ser um para reconhecer outro.

Vere abriu seu sorriso matador. Do lado de fora, o sol não conseguia atravessar as nuvens pesadas. Mas, no lugar onde ela

estava, a luz dourada daquele sorriso penetrava todos os poros e células, aquecendo-lhe o corpo e derretendo seu cérebro.

– Não adianta – afirmou Lydia, cônica do próprio sorriso beatífico, absolutamente idiota. – Não vou lhe contar o resto da história. Você só está me deixando excitada.

O olhar maroto de Vere percorreu lentamente o corpo de Lydia, do topo da cabeça até os dedos dos pés que se enrolavam sob o roupão.

– Se eu pudesse deixá-la ofegando de luxúria, você me contaria. Mas isso vai contra as ordens do médico.

– Ele só disse que eu deveria evitar esforço exagerado e não forçar o ferimento. – Ela lançou-lhe um olhar de soslaio. – Use sua imaginação.

Vere se levantou e começou a se afastar.

– Parece que você está sem imaginação.

– Ledo engano – retrucou ele sem se virar. – Só estou indo trancar as portas.

Vere mal teve tempo de ajeitar a roupa da esposa e a dele depois do interlúdio íntimo. Isso porque as meninas – que aparentemente não tinham senso de discrição – decidiram bater à porta da sala de estar no momento exato em que ele começava a interrogar a esposa sobre Miranda.

– Vão embora! – ordenou ele.

– O que vocês estão fazendo? A prima Lydia está bem?

– Au! – fez Susan.

Ele ouviu o pânico nas vozes e lembrou que elas haviam sido expulsas do quarto de Robin quando o irmão contraiu a doença mortal.

Foi até a porta, tirou a cadeira que enfiara sob a maçaneta e abriu-a, deparando com dois rostos pálidos e preocupados.

– Eu só estava dando uma surra na minha mulher. De maneira amigável.

Dois olhos verde-mar saltaram para Lydia, que descansava numa postura digna, meio deitada no sofá. Ela sorriu.

– Como é que você pôde... Ai! – gritou Emily, enquanto Elizabeth lhe dava uma cotovelada nas costelas.

– Ele quis dizer *aquilo* – sussurrou Elizabeth.

– Ah.

Susan primeiro o cheirou, desconfiada. Depois andou até o sofá para farejar a dona. Em seguida, grunhiu e se deitou diante do sofá.

Encorajadas, as meninas também avançaram até a duquesa e se acomodaram no tapete, perto de Susan.

– Desculpe – disse Elizabeth. – Não me ocorreu... Tia Dorothea e tio John nunca se trancaram na sala com esse objetivo.

– Nem em nenhum cômodo – completou Emily. – Pelo menos que eu tenha notado.

– Os dois precisam ter feito em algum momento. No quarto. Eles têm nove filhos.. e mais três quartos de um.

– Quando se tem nove e três quartos – disse Vere, aproximando-se delas –, acho que o quarto é o único lugar onde é possível ter alguma privacidade... se a pessoa trancar as portas.

– Vocês podem fazer onde quiserem – declarou Elizabeth, magnânima. – Não vamos interromper de novo. Nós só não percebemos.

– Agora que sabemos, vamos ficar longe... e tentando imaginar a cena – falou Emily com um risinho.

– Ela é muito nova – explicou a irmã. – Basta ignorá-la.

– Nós gostamos da Susan – disse Emily a Lydia.

Ela começou a coçar atrás da orelha da mastim, que só precisou desse encorajamento para largar a cabeçorra no colo da menina, fechar os olhos e mergulhar num êxtase canino.

– Quando não está caçando vilões, ela é muito doce – comentou

Elizabeth. – Temos meia dúzia de mastins em Longlands.

– Sinto falta deles – murmurou Emily. – Mas não podíamos trazer nenhum para Blakesleigh, porque eles babam demais, segundo tia Dorothea, e cachorros enfiam a língua em lugares impróprios. Ela prefere cães que não babam tanto. Diz que são mais higiênicos.

– Ela acredita que Robin pegou difteria de um dos cães – esclareceu Elizabeth. – Os garotos tinham ido caçar coelhos e estavam com os cachorros. Ninguém sabe o que os cães fizeram, mas Rolf, que na época era só um filhote, voltou coberto de sujeira, fedendo. Mas duas mulheres do povoado também pegaram, e elas não estiveram com nossos cachorros.

– E nenhum dos outros garotos pegou mesmo acompanhando Robin – completou a irmã. – Não faz sentido.

– Ninguém sabe direito como se contrai essa doença – explicou Lydia. – Eles não entendem por que às vezes ela devasta uma cidade inteira e às vezes só ataca um punhado de pessoas. Também não podemos prever quem terá um caso ameno e quem terá um caso fatal. É bastante injusto – acrescentou gentilmente.

– Pelo menos ele morreu depressa – observou Elizabeth. – Tudo acabou em dois dias. Robin ficou inconsciente quase o tempo todo. A enfermeira disse que ele não sofreu muito, se é que sentiu alguma coisa. Estava fraco demais até para ficar com medo.

Vere havia andado até a janela e agora contemplava o crepúsculo que se avizinhava. Ao menos isso dava perceber através da visão enevoada.

– Tenho certeza de que, no fim, ele não estava com medo – falou Elizabeth. – Porque o primo Vere estava com ele.

– Todas as outras pessoas ficaram aterrorizadas – acrescentou Emily. – O médico disse que tia Dorothea precisava ficar longe, senão poderia adoecer, e mesmo se sobrevivesse, o bebê que ela amamentava poderia pegar a doença e morrer. E que o tio John

também deveria se afastar, porque poderia passar a doença para ela. Os dois não deixaram que a gente chegasse perto do Robin.

– Estavam tentando proteger vocês, como tentaram proteger todos os filhos deles – argumentou Lydia.

– Eu sei, mas foi muito difícil – disse Elizabeth.

– Mas então o primo Vere chegou – interveio sua irmã – sem medo de nada. Ninguém conseguiu mantê-lo afastado. Ele entrou no quarto e ficou com Robin assim como ficou com papai. Ele segurou a mão do papai. Não o deixou nem por um minuto... e fez a mesma coisa com Robin.

– O primo Vere não vai contar nada disso a você – afirmou Elizabeth. – Ele finge que não está ouvindo. Foi o que fez quando tentamos agradecer.

– Eu ouvi tudo – retrucou Vere, se esforçando para enunciar as palavras. Sua voz estava áspera.

Deu as costas para a janela e viu três pares de olhos fixos nele com um brilho agourento.

– Meu Deus, que estardalhaço vocês fazem! Eu adorava o garoto. Por que não deveria ficar de vigília em seu leito de morte? O que diabos eu tinha a perder? – Ele avançou, irritado, encarando aqueles rostos jovens. – Por que vocês me consideram um herói? Isso é doentio. Vocês vão fazer Lydia vomitar. Já *ela* – acrescentou, meneando a cabeça na direção de Lydia – é uma verdadeira heroína. Ela correu para salvar vocês mesmo não conhecendo nenhuma das duas e tendo todos os motivos para viver, já que acabara de se casar. Ela salvou suas vidinhas maléficas e, em vez de agradecer e prometer que serão boas meninas de agora em diante, vocês continuam com essa ladainha sobre uma coisa que fiz há séculos.

Esse discurso pouco gracioso teve o desejado efeito estimulante. As meninas pestanejaram, enxugando as lágrimas e viraram o rosto contrito para Lydia. Obedientemente, agradeceram por ter salvado suas vidas e prometeram ser boas no futuro.

– Deixem essa bobagem de lado – retrucou ela. – Essas carinhas inocentes podem ter enganado os Mars, mas não a mim.

As expressões angelicais se transformaram gradualmente em cautelosas à medida que Lydia prosseguia:

– Senhoritas inocentes não xeretam a correspondência dos outros nem leem qualquer coisa. Vocês são trapaceiras e insolentes. Nenhuma jovem dama obediente deveria ter a mínima ideia de como escapar de um lar vigilante, quanto mais fazer isso no meio da noite sem ser vista. E ainda mais: sem ser vista por mais de uma semana. Por mais que eu admire sua engenhosidade e compreenda seu desespero, nascido do culto aparentemente cego ao primo maligno – a esperança começou a reluzir nos rostos jovens –, também está claro que vocês foram mal supervisionadas nos últimos dois anos. Podem ter certeza de que isso vai acabar.

O tom sério de Lydia deixou até Susan empertigada.

– Au – fez ela.

A esperança sumiu dos seus rostos. As duas encararam Vere, com olhares de súplica.

– Não queríamos causar problema – garantiu Elizabeth.

– Só queríamos estar com  *você*  – completou Emily.

– É, mas nós estamos juntos, veja bem – disse Vere. – Lydia e eu pensamos do mesmo modo, e a mente é dela, já que eu sou homem e não tenho uma.

Suas tuteladas trocaram olhares perturbados.

– Nós queríamos ficar com vocês – continuou Elizabeth. – Não importa quanto a prima Lydia é rígida; pelo menos não é tímida nem chata.

– Talvez ela nos ensine a lutar – falou Emily, animando-se.

– Certamente que não – retrucou Vere.

– E a fumar charuto sem enjoar – acrescentou Elizabeth.

– Nem pensar! É muito nojento ver uma mulher fumando.

– Então por que você lhe deu um dos seus charutos? –

perguntou Elizabeth, toda inocente.

– Porque ela... ela é diferente. Ela não é normal. – Vere fuzilou a garota com os olhos. – Como vocês souberam disso?

– Lemos no *Whisperer* – respondeu Emily.

– Um jornaleco sensacionalista – explicou Lydia, pois o marido não parecia conhecer. – Você é um dos principais assuntos. Eles têm repórteres excelentes. Em geral, as informações são acuradas. Eu mesma uso-as de vez em quando. – Seu olhar pensativo se voltou para as meninas. – Não acho que as jovens mulheres devam ser separadas das realidades mundanas. O que eu leio elas podem ler... mas a leitura será feita numa reunião familiar, seguida de discussão. Quanto a lutar...

– Maldição, Lydia...

– Até mesmo as jovens damas devem saber as habilidades básicas de defesa pessoal. Com o acompanhamento adequado, elas não devem precisar disso... no mundo ideal. Mas a vida é imprevisível.

As meninas saltaram de pé imediatamente e começaram a abraçar e beijar a duquesa.

Ele viu os olhos de Lydia brilharem. Ela sabia que as garotas dariam um bocado de trabalho e não poderia estar mais feliz.

A morte lhe arrancara o amor da mãe e da irmã, mas ela mantivera o coração aberto. Tinha feito uma família das mulheres que precisavam dela, jovens e velhas. Agora construiria uma família com Elizabeth e Emily, e iria amá-las sem restrições, como o amava.

Vere não fora sábio como Lydia. A perda das pessoas amadas o fizera afastar as que permaneciam, que ele poderia ter amado. Dias antes, depois do pesadelo com Robin, o duque percebera que sentia raiva do menino. Ele o traíra ao morrer – como Charlie. E Vere o trancara do lado de fora, junto com todos e tudo que fossem ligados a ele.

Mas a fúria louca e sofrida não era o único motivo. Vere sabia

que havia sido covarde. Diferentemente da esposa, temera se arriscar outra vez. Tivera medo de amar.

O amor precisara pegá-lo desprevenido. Fora o que Lydia fizera diversas vezes. Furtiva, ardilosa, recusando-se a jogar segundo as regras. Era assim que o amor funcionava. E ele estava explodindo de felicidade.

Com uma expressão ofendida, Vere disse, lamentoso:

– Ah, isso é a sua cara, Lydia, ficar com todo o afeto para você. Não vou receber nada? Só as malditas mulheres têm direito?

– Venha cá – disse a duquesa. – Vamos dividir.

## CAPÍTULO 19

Na quarta-feira seguinte, Diablo ainda sangrava até a morte nas páginas da *Argus*. O serviçal, Pablo, correu na direção do patrão, escorregou na poça de sangue, caiu em cima dele e começou a chorar convulsivamente.

– Argh. Saia de cima. Você está *fedendo*.

Essas palavras emanaram do cadáver.

O fedor de Pablo fez reviver o patrão com a mesma eficácia de um sal aromático. Em pouco tempo, descobriu-se que a colher mortal atingira um ponto poucos centímetros abaixo do coração e que Diablo não iria morrer, ainda que estivesse sangrando feito um porco no espeto. O gotejar que ele tinha ouvido era do conteúdo de uma garrafa de vinho que Miranda havia derrubado ao fugir.

Se ela não o tivesse chutado na virilha ao cravar a colher, ele conseguiria manter o equilíbrio e agarrá-la. Porém, caíra e perdera a consciência. Seu crânio latejava, o tronco sangrava e as partes baixas provavelmente estavam danificadas para sempre, mas ele ainda estava vivo. E furioso.

Londres se rejubilou e continuou lendo com avidez. Quando chegou ao fim, a cidade soltou um suspiro coletivo de satisfação.

Como todos os heróis de verdade, Diablo salvou a heroína, recuperou a Rosa de Tebas e matou Orlando, que havia se revelado o verdadeiro vilão da história.

E os mocinhos viveram felizes para sempre.

Na Ainswood House, os últimos capítulos foram lidos em voz alta na biblioteca. Com a ajuda do primo, o marquês de Dain, Lydia fez

as honras diante de uma plateia composta por Vere, Jessica, Dominick, Elizabeth, Emily, Tamsin, Bertie, Jaynes e os empregados que tiveram a sorte de estar postados ao alcance da audição.

Dain havia chegado à casa dos Ainswoods a tempo de ver o corpo aparentemente sem vida de sua prima ser carregado para dentro de casa. Tinha mantido Vere quieto num canto do quarto enquanto o médico trabalhava. Ao término, Dain saíra com o doutor, deixando que o duque discutisse com a esposa.

No dia seguinte à tardinha, Dain discutiu com a própria mulher que, contrariando suas ordens, deixara Athcourt e viajara numa pressa suicida até a casa do marquês em Londres. Tinha trazido a Semente do Diabo porque o menino estava preocupado com o pai e berrara como um louco quando Jessica tentara partir sem ele.

Mas, naquele dia, o bastardo se mostrava milagrosamente bem-comportado. Estava sentado mudo no tapete entre Emily e Elizabeth, fascinado pela história. Mesmo durante a pausa de meia hora para descansar e comer alguma coisa antes dos dois últimos capítulos, ele apenas brincou em silêncio com Susan e permitiu que as meninas o atulhassem com mais doces do que o recomendado.

Vere não sabia se o menino entendia a história ou se fora cativado pelos declamadores. Ele adorava Dain e acreditava que todo mundo devia ficar absolutamente quieto e prestar bastante atenção enquanto o pai lia. Era de esperar que a concentração do menino diminuísse quando outra pessoa assumisse a leitura do folhetim. Porém, essa outra pessoa era Lydia, que não apenas lia, mas representava cada personagem, dando-lhes vozes e maneirismos. Em suma, ela *atuava*, apesar de ter prometido solenemente a Vere que não sairia do sofá.

Dominick ficou em transe o tempo todo e, no fim, aplaudiu com tanto entusiasmo quanto os adultos e saltou de pé para se juntar à ovação. Lydia respondeu à aclamação com uma reverência profunda. Era o mesmo gesto extravagantemente teatral que fizera para o

duque de Ainswood depois do desempenho na Blue Owl; ela até mesmo tirou seu chapéu imaginário.

Só agora, enfim, Vere percebeu por que aquela reverência lhe parecera familiar. Tinha visto uma réplica perfeita dela muito antes de ter posto os olhos em Lydia, quando era um colegial em Eton.

Virou-se para Dain, que estava com a sobrancelha arqueada, fitando a prima.

– Você reconhece, não é? – perguntou Vere.

– Você disse que ela era uma excelente imitadora, mas não faço ideia de quando ela me viu fazer isso.

– Fazer o quê? – indagou Lydia, voltando finalmente para o sofá.

Vere ficou de cara fechada, até que ela voltou a se acomodar nas almofadas e pôs os pés para cima.

– A reverência. A reverência teatral.

– Meu pai era ator – explicou ela.

– O pai do Dain não era. Mas o Dain começou a fazer essa reverência quando tinha apenas 10 anos. Eu a vi pela primeira após sua vitória sobre Wardell, um garoto com o dobro do tamanho dele e dois anos mais velho. Quando estávamos em Eton.

– Eu a vi pela primeira vez no pátio da estalagem em Amesbury – contou Lady Dain. – Depois que ele e Ainswood trocaram socos. É bem característico, não é? Sebastian tem mesmo um jeito teatral. Mas os Ballisters sempre gostaram de se mostrar. Parece que têm uma queda pelo drama. É uma das várias habilidades que eles não têm escrúpulos de usar para obter o que desejam.

– O primeiro conde de Blackmoor costumava divertir o rei com suas imitações – disse Dain a Lydia. – O avô da mãe e os irmãos dele gostavam bastante do teatro, e das atrizes, na juventude. Antes da época do meu pai, as trupes de atores costumavam ser convidadas a Athcourt para entreter os convidados.

– Naturalmente, Lydia, você só pode ter herdado os talentos dos

Ballisters – completou Vere. – Toda a beleza, os dons intelectuais e a virtude vêm daí.

– A virtude, não – reagiu Dain. – Esse nunca foi nosso ponto forte. Nós tivemos nossa cota de hipócritas devotos: meu pai, por exemplo, e o avô de Lydia. Mas produzimos pelos menos um demônio a cada geração.

Àquela altura, o demônio que Dain havia produzido começou a mostrar sinais de inquietação. As meninas o chamaram para brincar no jardim com elas e Susan. Tamsin foi supervisioná-los e, como sempre, Brent a seguiu.

– Estou completamente pasmo – comentou Dain, quando o jovem contingente saiu. – Nunca vi a Semente do Diabo ficar quieta tanto tempo.

– Ele estava sob o feitiço de uma tremenda contadora de histórias – explicou Vere. – Nenhum homem, mulher ou criança consegue resistir.

– Os deuses devem ter lhe dado esse talento, prima – disse Dain. – Nunca ouvi falar de alguém nosso que o tivesse. Temos algumas belas cartas nos arquivos e um bom número de discursos políticos empolgantes. Mas toda poesia que vi é abominável. Nunca encontrei uma história escrita por algum Ballister a partir do nada.

– Minha mulher não tem consideração por esse talento – revelou Vere. – Ela se refere a “A rosa de Tebas” como “baboseira sentimental”, e esse é o epíteto mais gentil que ela dedica ao texto. Se Macgowan não tivesse vazado o segredo, ela jamais teria admitido que o escreveu.

– Ele não serve a nenhum objetivo útil – alegou Lydia. – Só entretém. Com uma moral simples: os bons terminam felizes, os maus terminam infelizes. Não tem nada a ver com a vida real.

– Nós precisamos *viver* vidas reais, querendo ou não – observou Vere. – E você sabe, melhor do que a maioria das pessoas, que tipo

de vida a grande massa da humanidade leva. Dar a ela algumas horas de folga é entregar um enorme presente.

– Não acho – reagiu Lydia. – Começo a achar que isso é socialmente irresponsável. Por causa dessa maldita história, meninas cismam de buscar situações empolgantes que não encontram em casa. Imaginam que podem despachar vilões com colheres afiadas...

– Você está me dizendo que os membros do seu sexo são tão imbecis que não conseguem distinguir fato de ficção – interrompeu o duque. – Qualquer pessoa idiota a ponto de tentar um dos truques de Miranda é imprudente por natureza ou não tem um mínimo de bom senso. Esse tipo de gente fará algo idiota com ou sem suas sugestões. Minhas tuteladas são um exemplo perfeito.

– Suas tuteladas provam meu argumento.

– Você as chamou de “garotas temíveis”, antes mesmo de pôr os olhos nelas – retrucou Vere, elevando a voz. – Elas são Mallorys, Lydia, e nossa família vêm gerando canalhas desde o alvorecer dos tempos. Você não usará Lizzy e Em como desculpa para parar de escrever essas histórias maravilhosas que gosta de chamar de “fanfarrice romântica” e “lixo”. Você é uma escritora talentosa, com jeito para se comunicar com leitores de ambos os sexos, de todas as idades e origens. Não permitirei que jogue fora esse dom. Assim que você estiver bem, irá começar outra história, maldição, nem que eu precise trancá-la numa sala!

Ela pestanejou, aturdida, então respondeu:

– Meu Deus, quanto alarde! Eu não fazia ideia de que você gostava tanto.

– Gosto, sim. – Ele se levantou, foi até a lareira e voltou. – Eu seria analfabeto se não fossem as fanfarrices românticas, as baboseiras sentimentais e as histórias improváveis. Minha iniciação foi com *As mil e uma noites*. Meu pai lia para mim, e esses contos me deixaram com fome de ler mais livros, mesmo sem ilustrações.

– Minha mãe me dava livros – contou Dain, com a voz muito

baixa. – Eles me proporcionaram alguns dos momentos mais felizes da infância.

– Nós os lemos para Dominick – disse Jessica.

– Você viu como se portou o garoto – insistiu Vere. – Enquanto você lia, não existia nada mais no mundo além de sua história. Ele não deu um pio durante mais de meia hora. Robin também reagia assim. Ele adoraria sua história, Lydia.

A sala caiu num silêncio pesado. Então a voz tranquila de Lydia rompeu a tensão:

– A próxima história será para ele. E vai ser dez vezes melhor do que qualquer coisa de *As mil e uma noites*.

– É claro que será dez vezes melhor – comentou Dain, afável – Não pode ser diferente, vindo de uma *Ballister*.

Algo cutucava a mente de Vere, incomodava-o, mas ele não sabia o quê.

*O avô da mãe e os irmãos dele gostavam bastante do teatro, e das atrizes...*

*A virtude não... nunca foi nosso ponto forte... um demônio a cada geração...*

*Não pode ser diferente, vindo de uma Ballister.*

Naquela noite, o duque de Ainswood sonhou com Carlos II. Lydia entretinha Sua Majestade com uma imitação do terceiro marquês de Dain, que estava entre os cortesãos, usando apenas um chapéu emplumado e a atriz Nell Gwyn pendurada em seu braço.

Vere acordou quando o céu começava a clarear. Sua esposa dormia a sono solto. Ele saiu da cama, foi até o outro lado do quarto sem fazer barulho, pegou o diário da mãe dela e se postou junto à janela para lê-lo. Não demorou muito. Ao término, estava tão insatisfeito quanto na primeira leitura. Os hiatos entre as anotações, a sensação de que havia algo faltando, o orgulho que não lhe

permitia reclamar. A primeira anotação é que continha o trecho mais próximo de uma queixa: uma descrição do marido feita com desprezo, o sentimento amargo quando falava do próprio pai.

*... a memória não se submete à vontade, nem à de um Ballister, e o nome e a imagem persistem muito tempo depois da morte...*

De quem seria o nome e a imagem que persistiam na memória dela?, pensou Vere.

*Nenhuma jovem dama obediente deveria ter a mínima ideia de como escapar de um lar vigilante,* dissera Grenville.

Anne Ballister estivera muito bem protegida, abrigada.

Como os caminhos dela e de John Grenville – um ator de terceira categoria – haviam se cruzado? Como ele conseguira chegar até Anne, seduzi-la e convencê-la a fugir para a Escócia? O pai dela era um “hipócrita devoto”, segundo Dain. As trupes de atores não eram convidadas a Athcourt no tempo do pai de Dain. O pai de Anne também não iria chamá-los para sua casa.

Vere reconhecera todas as pistas que Grenville havia posto em “A rosa de Tebas”. Enlevados pelas aventuras, os leitores não as perceberam. Só com a revelação da perfídia de Orlando é que se discerniram as sementes, plantadas de modo tão inteligente durante os capítulos anteriores.

Procurou pistas no pequeno diário, mas não encontrou nada, apesar de ter certeza de que estavam ali em algum lugar. Devolveu o caderno à mesinha de cabeceira e foi para seu quarto de vestir.

Segundo Belzebu, a firma de advocacia Carton, Brays & Carton era constituída de “um bando de babões incompetentes”. Por isso, Dain havia dispensado os serviços deles assim que pôs a mão na herança.

Na época, Belzebu devia ter dado um olhar mais petrificante do que o usual, porque nada parecia ter saído do lugar nos nove anos que se passaram, inclusive – ou sobretudo – a poeira.

O velho Sr. Carton não se encontrava, “porque está caduco”,

informou o funcionário a Vere. O jovem Sr. Carton estava no tribunal, também prestes a ficar "caduco". O Sr. Brays não estava comprometido no momento, mas sem dúvida estava bêbado "como de praxe".

– É uma situação lamentável, Sua Graça, mas é um emprego, o único que tenho no momento, e tento fazer o máximo possível.

O funcionário se chamava Miggs e era pouco mais do que um garoto – alto e magro –, com muitas espinhas e uma penugem aspirando a se tornar bigode.

– Se você fizer o que eu pedir sem a aprovação dos seus superiores, provavelmente vai perder o emprego – disse Vere.

– Muito improvável. Eles não podem fazer nada sem mim. Não conseguem encontrar nada e, quando eu encontro para eles, não sabem o que significa e eu preciso explicar. Se eu fosse embora, perderiam todos os clientes, que já não são muitos, e a maioria fui eu que conquistei.

Vere explicou o que estava procurando.

– Vou dar uma olhada.

O rapaz entrou numa sala e só voltou meia hora depois.

– Não consegui encontrar nenhum registro. Mas isso não quer dizer muita coisa. O velho guardava tudo na cabeça, por isso caducou. Terei que ir às catacumbas, senhor. Pode demorar alguns dias.

Vere decidiu ir com ele. Acabou sendo a atitude mais sensata, porque as "catacumbas" eram um porão úmido, o equivalente a um quarto de despejo da Carton, Brays & Carton: montes de caixas repletas de documentos. Estavam simplesmente empilhadas, uma em cima da outra, sem qualquer ordem lógica.

Trabalharam o dia todo, só parando ao meio-dia e no fim da tarde para uma cerveja com tortas. Vere pegava as caixas e o funcionário examinava depressa o conteúdo, hora após hora,

enquanto vários insetos e roedores voavam e corriam de um lado para outro, entrando e saindo das fendas.

Pouco antes das sete horas da noite, Vere subiu, cansado, a escada do porão e saiu à rua. Seu lenço de pescoço, agora cinza, pendia frouxo. Teias de aranha se agarravam ao casaco, junto com poeira e a mais variada sujeira. O suor escorria pelo rosto imundo. As mãos estavam pretas. Mas carregavam uma caixa, que era o que importava.

Vere seguiu assobiando para casa.

Para acalmar o grupo excessivamente ansioso encarregado de cuidar dela, Lydia dissera que tiraria um cochilo antes do jantar. Isso não significava que quisesse mesmo cochilar. Tinha levado um livro para o quarto principal com a intenção de lê-lo, mas acabara caindo no sono.

Acordou com um barulho e flagrou o marido atravessando a janela.

Nem precisou perguntar por que ele não entrara pela porta como uma pessoa normal: bastou um olhar para entender o motivo.

Naquela manhã, Vere havia falado que iria se encontrar com o Sr. Herriard para tratar dos acordos do casamento, e provavelmente passaria algumas horas fazendo isso. As negociações tinham sido adiadas devido à busca pelas tuteladas e, no dia anterior, Dain lembrara o assunto ao amigo antes de ir embora.

– Um dos termos do acordo era limpar a chaminé do Sr. Herriard? – questionou Lydia, avaliando os quase 2 metros de destroços humanos.

Ainswood olhou para a pequena caixa em suas mãos.

– Ahn... não exatamente.

– Você caiu num fosso de esgoto.

– Não. Ahn... – Ele franziu a testa. – É melhor eu me limpar

primeiro.

– Vou tocar a sineta para o Jaynes.

Ele balançou a cabeça. Lydia saiu da cama.

– Vere? – disse ela, com a voz suave. – Alguém bateu na sua cabeça?

– Não. Só me deixe lavar o rosto e as mãos. Mais tarde posso tomar um banho.

Ele entrou rapidamente em seu quarto de vestir, ainda segurando a caixa. Lydia supôs que os acordos matrimoniais contivessem algo de que ela não iria gostar. Conteve a curiosidade e esperou, andando de um lado para outro.

Vere emergiu do quarto de vestir alguns minutos depois, usando apenas um roupão, ainda com a caixa. Puxou uma cadeira para perto da lareira e convidou-a a ocupá-la. Ela se sentou.

O duque se acomodou no pequeno tapete aos seus pés e abriu a caixa. Pegou um objeto oval e pôs na mão dela. Era uma pequena pintura de um rapaz de cabelos claros e olhos azuis com um sorrisinho.

Era quase como se olhar num espelho.

– Ele parece... meu irmão. – Sua voz soava fraca, seu coração estava martelando.

– O nome dele era Edward Grey – explicou Ainswood baixinho. – Era um ator e dramaturgo promissor. A mãe era uma atriz conceituada, Serafina Grey. O pai era Richard Ballister, tio-avô da sua mãe, nascido de um segundo casamento, quando o próprio pai já tinha mais de 60 anos. Ele gerou Grey em sua juventude louca, ao pular a cerca.

Vere tirou da caixa um pedaço de papel amarelado com um fragmento da árvore genealógica dos Ballisters – o ramo de Anne –, e os nomes e datas eram escritos na letra minúscula e precisa da mãe de Lydia. O segundo casamento tardio explicava por que

Richard Ballister era apenas três anos mais velho do que o pai de Anne.

O olhar de Lydia desceu até onde seu nome estava escrito, ligado ao da mãe e ao de Edward Grey. Ela olhou para a pintura. Depois, de novo para a árvore genealógica que Anne desenhara com tanto esmero. E mais uma vez para a miniatura.

– Este é o meu pai – disse baixinho, admirada.

– É.

– E não John Grenville.

– Não há dúvida, sua mãe deixou isso bem claro. Como uma verdadeira Ballister, documentou tudo. Acho que ela pretendia lhe entregar isso quando você chegasse à idade adulta. Mas John Grenville acabou pegando o material e vendendo ao terceiro marquês de Dain, através dos advogados dele. O recibo da transação é de agosto de 1813.

– Isso explica a origem do dinheiro para viajar à América – disse Lydia, encarando o marido. – Isso explica muita coisa.

Sua mãe havia fugido para a Escócia com Edward, e não com o homem que Lydia considerava como pai.

– A caixa contém cartas de amor que ele escreveu para ela – continuou Vere. – Pelo menos vinte. Não tive tempo de examinar e separar tudo. – Ele a fitava com um olhar suave e um sorriso de menino, meio sem jeito. – Só pelo pouco que li, deu para perceber que Grey venerava sua mãe. Ele era bastardo, mas os dois se apaixonaram profundamente e conceberam uma criança com amor.

– Eu amo você – declarou-se Lydia com um nó na garganta. – Não sei como isso tudo lhe ocorreu, não sei o que o levou a procurar uma coisa que mais ninguém supôs que existisse. Mas sei que você fez isso pelo amor que sente por mim. Ainswood, estou muito irritada. Antes de conhecer você, nunca tinha chorado tanto.

Os olhos dela estavam marejados. Lydia nem tentou falar mais; apenas escorregou da cadeira para os braços dele.

Apesar de ser ilegítimo, Edward Grey fora bem próximo do pai, que havia providenciado seu sustento e educação. Ele era um dos numerosos dependentes que compareciam às reuniões familiares. Foi assim que Edward e Anne se conheceram. Disseram-lhe que ele era um “primo distante”. Os dois se apaixonaram.

Durante uma visita de Anne, Grey discutiu com Richard, que desaprovava veementemente a carreira de ator que o filho decidira abraçar. Edward foi deserdado. Quando Anne descobriu o que havia acontecido, insistiu em ir com ele. Edward queria esperar até ter certeza de que poderia sustentá-la. Ela se recusou. Agora sabia que o pai jamais consentiria com a união dos dois, pois a obrigaria a se casar com um homem de sua escolha. Para Anne, isso estava fora de questão.

Por isso, fugiu com Edward para a Escócia.

Lá era possível se casar sem pastor, sem igreja, sem proclamas, sem permissão dos pais. O casamento foi legal, mas não segundo os padrões dos parentes dela. Os Ballisters tinham tanta consideração pelas antigas leis e tradições selvagens da Escócia quanto pelos rituais bizarros de hindus e hotentotes. Aos olhos deles, Anne era uma prostituta, amante de um bastardo.

A caixa que Ainswood resgatara continha cartas dos advogados notificando a Anne que fora deserdada, não possuía direitos legais para com a família e estava proibida – sob pena de ser processada – de tentar qualquer reivindicação, financeira ou não, ou de entrar em contato de qualquer forma.

Mas, quando fugiram, Anne e Edward já sabiam que isso aconteceria. Eles conheciam bem os parentes e tinham consciência de que as portas estavam permanentemente fechadas.

Contudo, não poderiam saber que, dentro de três curtos meses, um pedaço de cenário cairia sobre Edward durante um ensaio e o mataria. Ele não tivera tempo de fazer qualquer provisão para a esposa e para a criança que ela carregava no ventre.

Um mês depois, John Grenville se casou com Anne. Ele a convenceu de que a amava de verdade, como Ainswood já lera no diário. Ela estava com 17 anos, grávida, sem ter a quem recorrer. Achou que John fora generoso em aceitar o filho de outro homem como se fosse seu. Anne só percebeu que cometera um erro quando ele tentou usar o bebê para abrir os corações e as carteiras dos Ballisters, ainda que em vão.

Mesmo assim, ela não tinha muita opção além de ficar com John, pelo menos no início. Era ele ou as ruas, já que não havia outro modo de ganhar a vida. Após o nascimento de Sarah, Anne ficara doente por muito tempo e, depois, nunca mais recuperou completamente as forças. Se estivesse forte, Lydia tinha certeza de que ela acabaria abandonando John Grenville.

Propositalmente, Anne não deixara muitas pistas para John explorar sua morte ou a verdadeira identidade de Lydia. O diário constituía um escândalo muito pequeno, se comparado com o grande drama que a caixa encerrava. Todos os editores de Londres lutariam por aqueles documentos. Não era de se espantar que Carton, Brays & Carton tivessem pagado uma bela quantia por aquele tesouro e o tivessem enterrado prontamente.

Sem dúvida a caixa passara despercebida quando o atual marquês de Dain trocara de advogados. O diário, assim como os outros registros, devia ter ido para a nova firma, onde tudo foi adequadamente separado e os materiais relevantes haviam sido mandados para Athcourt. Como Dain residira em Paris até a primavera anterior, e não em Devonshire, Vere não se surpreendia com o fato de o diário ter ficado escondido numa gaveta, numa pasta ou numa prateleira junto com outros itens de arquivo. O surpreendente era Lady Dain tê-lo encontrado.

Mas isso não era nem de longe tão espantoso quanto a "descoberta" de Ainswood. Porém, como sempre, ele não admitiria que tinha feito qualquer coisa fora do comum.

Na tarde seguinte, enquanto os jovens da casa estavam fora, assistindo a um desfile em honra à rainha de Portugal, Lydia e Ainswood contaram tudo a Dain e Jessica. Como conhecia os Ballisters, o marquês acreditou na história sem nenhum problema. Acreditaria nela mesmo que os documentos não estivessem espalhados à sua frente na grande mesa da biblioteca. Para ele, incrível era o fato de o duque de Ainswood ter desencavado aquilo.

– Como, diabos, você percebeu o que ninguém nem sequer imaginou? – perguntou ao amigo. – E que anjo da guarda o levou direto para a Carton, Brays & Carton?

– Foi você que me falou que os Ballisters não são de fazer confidências. Foi você que tagarelou sobre imitações e quedas pelo teatro. Foi você que observou como era extraordinário que a marca de nascença da família, o santo brasão dos Ballisters, tivesse aparecido numa mulher. Mas Anne jamais “confidenciou” essa questão milagrosa em seu diário particular. Era natural ficar desconfiado. Tudo que fiz foi encaixar as peças. Como ela fugiu na época do seu pai, comecei pelo ponto mais lógico: com os advogados do seu pai. Não esperava encontrar as respostas lá; apenas queria ser posto na trilha certa.

Vere lançou um olhar exasperado para o grupo.

– Agora que sabemos a identidade de Lydia e ela não precisa se preocupar com o sangue ruim de John Grenville, não acham que merecemos uma comemoração? Não sei vocês, mas eu gostaria de uma bebida.

Na manhã de segunda-feira, Bertie e sua quase noiva estavam numa das salas de estar da Ainswood House, mas não com o objetivo de fazer o que os jovens casais fazem quando têm um momento de privacidade.

Estavam tentando descobrir como acabar com uma guerra.

Todos os outros se encontravam na biblioteca, discutindo o futuro deles, desde a hora do desjejum: Dain, Ainswood, Jessica e Lydia, com a ajuda entusiasmada de Elizabeth, Emily e até Dominick.

Não conseguiam entrar num consenso sobre o local onde o casamento deveria acontecer: Longlands, Athcourt, Londres – na casa de uma das famílias ou na igreja. Também não se decidiam sobre quem tinha o direito de fornecer o dote de Tamsin, sobre o lugar onde os recém-casados morariam ou sobre a renda necessária para manter o lar.

Como era Dain e Ainswood que mais discutiam, um meio-termo estava fora de questão. As damas poderiam ter negociado um arranjo aceitável, mas os homens não permitiam, porque isso significaria fazer concessões.

Tamsin estava muito incomodada, pois não queria um dote. Mas não desejava magoar ninguém. Bertie estava incomodado por ela e por si mesmo. Porém, não podia dizer uma palavra sequer sobre o próprio futuro, porque veriam tal atitude como uma tomada de partido.

– Pelo andar da carruagem – disse ele –, só farão um acordo depois do Juízo Final. Nesse meio-tempo, meus avós voltarão da França e insistirão para morarmos lá.

– Sei que parece ingratidão – falou Tamsin –, mas uma fuga para a Escócia está começando a exercer um forte apelo.

– Não é necessário – replicou Bertie, baixando a voz. – Não se pode andar dez minutos em Londres sem tropeçar em uma igreja. E onde há uma igreja há um pastor.

Os enormes olhos castanhos dela se viraram para ele.

– Nós falamos que só iríamos dar um passeio.

Bertie deu um tapinha no peito.

– Eu tenho a licença para o casamento.

Ele a carregava desde que Dain lhe dera, alguns dias antes. Como documentos importantes costumavam desaparecer por

décadas em certas famílias, Bertie achou melhor manter aquele ali junto ao corpo o tempo todo.

– Vou pegar minha touca – avisou ela.

Em questão de minutos, saíram. Só precisariam caminhar um curto trecho até a St. James Square e andar pela York Street. No fim da rua, ficava a igreja de St. James.

Estavam prestes a entrar na York quando depararam com um homem bem-vestido de meia-idade usando óculos.

Ele se deteve, e Tamsin estacou.

– Papai! – gritou ela.

– Tam! – O sujeito abriu os braços.

Ela soltou Bertie e correu para os braços do pai.

– Ora, ora! – exclamou Bertie. – Por Júpiter!

Assim que os primeiros arroubos cessaram, Bertie os levou para a York Street, a fim de não atraírem a atenção da Ainswood House.

– Nós estávamos tentando nos casar logo – explicou ele ao Sr. Prideaux. – Antes de sentirem nossa falta. Eu não estava fugindo com ela nem nada.

Ele exibiu a licença como prova. Enquanto o Sr. Prideaux examinava o documento, Bertie acrescentou:

– Espero que o senhor não vá criar problemas. Está tudo acertado, como lhe escrevi, ela está bem e em segurança, e posso cuidar dela. Não precisamos de nada... Gostaríamos de ter a sua bênção, se o senhor puder dá-la, mas ficaremos sem ela, se for preciso.

Àquela altura, Tamsin já havia se soltado do pai e estava agarrada ao braço de Bertie.

– O senhor não vai mudar a cabeça dele, papai, nem a minha. Não vou voltar para mamãe.

O pai devolveu a licença a Bertie.

– Nem eu. Sua mãe nem me avisou que você havia fugido. Só descobri há uma semana. Estava em Plymouth me preparando para ir à América quando a carta de Sir Bertram enfim me alcançou. Sua mãe esperou um sinal do Todo-Poderoso antes de decidir mandá-la ao meu secretário. – Ele tirou os óculos, limpou-os com o lenço e, em seguida, colocou-os de volta. – Bom, eu cuidei de você muito mal, muito mal mesmo, Tam. Ouso dizer que este jovem será muito melhor.

– Ah, não precisa se martirizar, papai. Não posso culpar o senhor por fugir de mamãe. Se eu tivesse um serviço que me mantivesse longe dela, trabalharia dia e noite. – Ela estendeu a mão. – Venha conosco, seja bonzinho e entregue a noiva.

Ela deu um dos braços ao pai e o outro a Bertie, e os três partiram para a igreja.

Foi uma caminhada bem curta, mas Bertie conseguiu pensar um bocado nesse tempo. Quando chegaram à St. James, ele disse:

– Sabem, acho que ninguém vai discutir com o pai da noiva se ele disser que esta igreja e este tipo de casamento estão bem para ele, sem se importar com belos enfeites. E se nós chamássemos todo mundo, o pessoal que está na Ainswood House? Com certeza você gostaria que Grenville estivesse no seu casamento, Tamsin. Fora que Lizzie e Em não puderam ver Ainswood ser algemado. – Ele fez uma careta. – Fico incomodado em desapontá-las.

A noiva encarou-o com os olhos brilhantes.

– Você é o homem mais precioso e mais gentil do mundo, Bertie Trent. Você pensa em todas as pessoas. – Ela se virou para o Sr. Prideaux. – Está vendo, papai? Vê como tenho sorte?

– Claro que sim – respondeu ele, e o rosto de Bertie ganhou um tom vívido de escarlata. – Espero que seu noivo me permita a honra de escrever o convite para seus amigos.

Foi o que aconteceu, e um membro do conselho paroquial levou-o à Ainswood House.

Menos de quinze minutos depois, os convidados entraram em bando na igreja de St. James, sem discussões. Como a terna sensibilidade de Susan não suportava lágrimas, a cadela tentou confortar os que choravam lambendo mãos e soltando um latido ocasional.

Acostumado com as esquisitices dos ricos, o pastor recebeu tudo com bom humor. Ainda que tivesse ficado abaixo dos altos padrões de certos nobres, o casamento deixou todas as partes felizes, principalmente os noivos – e isso, afinal de contas, era só o que importava.

Depois da cerimônia, o Sr. Prideaux convidou todos ao Pulteney Hotel, onde estava hospedado, para “comer e beber alguma coisa”.

Logo se descobriu de onde Tamsin havia herdado sua eficiência, pois um desjejum farto de casamento foi organizado e servido em pouquíssimo tempo.

Bertie percebeu que a noiva não herdara apenas a eficiência. O Sr. Prideaux lhes deu um “presentinho” – reservou uma suíte –, acabando com as discussões sobre o local da noite de núpcias. Até mesmo Bertie, incapaz de somar libras, xelins e *pence* sem ter uma violenta dor de cabeça, deduziu que o sogro possuía bolsos fundos.

Depois que os empregados saíram, agitados exageradamente, ele se virou para a noiva.

– Acho que você se esqueceu de dizer que seu pai é rico como Salomão – falou em tom afável.

Ela ruborizou e mordeu o lábio.

– Ora, sei que você devia ter um bom motivo. Não vai ficar com vergonha de me contar, não é? Você não estava preocupada com a hipótese de eu ser um caçador de fortunas. Mesmo se eu quisesse ser, meu cérebro não funciona assim. Nem sei o que dizer a uma garota quando gosto dela, quanto mais fingir que gosto quando não

gosto e, na verdade, só quero o dinheiro dela. Em geral, falo tudo que penso, e você sempre me entende, não é?

– É, claro que entendo. – Tamsin se afastou dele, tirou os óculos e esfregou-os na manga, depois recolocou-os. – Em Athcourt, quando você me pediu em casamento, eu ia contar sobre meu pai. Mas você disse que havia fugido das herdeiras que sua tia vivia levando. Fiquei alarmada. Sei que é bobagem, mas tive medo de você me ver apenas como uma herdeira. Achei que você ficaria desconfortável, que seu orgulho não poderia suportar. Desculpe, Bertie. – Ela empinou o queixo. – Não sou mentirosa, mas também não queria que você fugisse.

– Não podia se arriscar, é? – Ele meneou a cabeça. – Bom, vou lhe dizer uma coisa, Lady T: você foi excelente. Eu não fugi, certo? E nem vou.

Não conseguiu conter uma gargalhada. Achava engraçado ela estar preocupada com a possibilidade de ele fugir. Ainda rindo, ele avançou e puxou-a para os seus braços.

– Não vou a lugar nenhum. – Bertie beijou seu nariz bonito. – A não ser, talvez, para a nossa cama chique, com minha mulher. – Ele olhou em volta. – Isto é, se pudermos descobrir onde diabos ela fica.

## CAPÍTULO 20

### *Longlands, Northamptonshire – Uma semana depois*

Como se comunicavam regularmente com a Ainswood House, os empregados de Longlands conheciam muito bem os padrões de organização exigidos pela nova senhora.

Dessa forma, apesar de serem avisados apenas 24 horas antes da chegada da família, os funcionários de Longlands se apresentaram com vestes cerimoniais completas para recebê-los. As tropas domésticas estavam limpas, engomadas e enceradas da cabeça aos pés, enfileiradas com precisão militar e em posição de sentido.

Toda essa perfeição disciplinada se dissolveu num caos de gritos, assobios e aplausos quando o duque de Ainswood pegou a esposa no colo e a carregou através do portal ancestral.

A governanta chorou ao ver as jovens damas de quem sentia tanta falta correrem em sua direção. As três se abraçaram com intensidade. Até Morton, o administrador, enxugou uma lágrima enquanto o patrão colocava a esposa no chão em meio a uma receptiva horda de mastins que fizeram estremecer a decoração do hall.

Os cães se aquietaram abruptamente quando Susan entrou um instante depois, rebocando Jaynes. Com as orelhas baixas e a cauda rígida, a cadela demonstrava toda a sua hostilidade. Os outros eram machos e, além de intrusa, ela estava em menor número – quatro

contra um. Ainda assim, deixou claro que estava preparada para despedaçá-los. Isso pareceu confundir os outros caninos.

– Au – disse um deles, inseguro.

– Au! – repetiu um dos seus companheiros, de forma mais ousada.

Um terceiro latiu, depois correu para a porta e voltou. Susan permaneceu tensa, com os dentes à mostra, rosnando.

– Venha, não seja rabugenta – disse Vere. – Não está vendo? Eles querem *brincar*. Não quer brincar, querida?

Susan grunhiu e olhou, irritada, para eles, mas sua postura relaxou um pouquinho. Então um dos cães saltou adiante com uma bola nas mandíbulas enormes e a largou a uma distância segura de Susan.

– Au! – fez ele.

Cautelosamente, Susan farejou a bola. Depois de grunhir mais um pouco, pegou-a com a boca e saiu trotando em direção à porta. Os outros cães foram atrás.

Vere encarou a esposa.

– Esses bichos são capazes de fazer qualquer coisa em troca *daquilo*. Estou espantado por eles não terem se arrastado de barriga no chão.

O duque deu o braço a Lydia e os dois começaram a subir a escada.

– Eles não terão nenhum “aquilo”. Ela é grande demais e, provavelmente, uma mistura de raças. Foi por isso que eu a consegui por uma pechincha. Os antecedentes dela são suspeitos. Talvez você não queira cruzá-la com seu plantel de pedigree.

– Os Mallorys não são tão exigentes com relação à linhagem quanto os Ballisters. Você, por exemplo, preferiu ter como pai um filho ilegítimo porque, bastardo ou não, ele tinha sangue nobre nas veias.

– Eu não ligaria se meu pai tivesse sido filho de um limpador de

chaminés. O que importa é que ele amou de verdade minha mãe e a fez feliz, e deu o seu melhor. O que importa é o caráter e o esforço, e não as linhagens.

Todo mundo sabia que os Ballisters eram os maiores esnobes do mundo, mas Vere resolveu não continuar com a discussão, pois os dois já haviam chegado ao primeiro andar e estavam entrando na ala da família. Com o coração martelando de modo tão doloroso, seria impossível fazer provocações.

As paredes eram cobertas por quadros: não as obras-primas de retratos e paisagens que adornavam os aposentos públicos, mas desenhos, aquarelas e pinturas a óleo de natureza muito mais informal e íntima, capturando gerações da vida familiar dos Mallorys.

Na metade do caminho para os aposentos dos senhores, Vere parou diante do retrato que sabia que estaria ali. Não o contemplava havia dezoito meses. Sua garganta se fechou. Seu peito se apertou.

– Este é Robin – disse à esposa. Era difícil enunciar as palavras, mas ele seguiu em frente: – Já lhe falei sobre ele. Lizzy e Em lhe falaram sobre ele. Agora você o conhece.

– Uma criança linda.

– É. Temos outras pinturas, mas esta é a melhor. – O aperto começou a afrouxar. – É a que melhor o retrata. O artista captou o sorriso que Robin costumava guardar mais para si mesmo, como se risse de uma piada particular. Charlie tinha o mesmo sorriso. Que Deus me ajude, que idiota eu fui. Deveria tê-lo levado comigo. Como é possível olhar o rosto desse menino e não ver o sol brilhando? Só Deus sabe de como eu precisava disso.

– Você não esperava ver o sol brilhando de novo – disse ela baixinho.

Ele a encarou, notou a compreensão no azul profundo de seus olhos.

– Não sei se eu o teria encontrado se você não tivesse me ensinado como. Falei sobre ele, ouvi Lizzy e Em falarem sobre ele –

continuou Vere. Cada vez mais sua voz adquiria firmeza, segurança. – Está ficando mais fácil à medida que os dias passam. Ainda assim, eu não sabia se conseguiria encará-lo hoje. Eu não tinha me mostrado à altura da memória dele, coitadinho. Eu carregava no coração a morte, a podridão e uma fúria negra, fria. Uma atitude totalmente injusta de minha parte, pois o menino só me deu alegria durante seis meses. – Mallory voltou a fitar o retrato. – Sempre vou sentir falta dele, por isso é bem provável que eu sofra de vez em quando. Mas tenho lembranças felizes. Muitas. Isso é uma bênção. E tenho uma família com quem compartilhar essas lembranças... o que é outra bênção.

Vere ainda poderia se demorar mais diante do retrato e dizer mais coisas. Porém, haveria tempo suficiente para isso, para falar, para compartilhar recordações.

De qualquer modo, ele já havia decidido o que fazer, e essa era a sua prioridade. Abriu a porta dos aposentos ducais e levou-a para o quarto. Era um cômodo enorme, digno do chefe da família, mas era quente. O sol do fim de outubro reluzia no lambri de carvalho dourado e reluzia nos fios de ouro dos cortinados de um azul intenso que adornavam as duas janelas e a cama imensa, esculpida de forma elaborada, construída séculos antes para uma visita do rei Jaime I.

– A última vez que vi esta cama foi quando assisti à partida de Robin para a outra vida. Minha última lembrança é de um menininho morrendo aqui. Agora posso carregá-la no coração, junto com outras. *Eu não cheguei tarde demais.* Estava ao lado dele quando precisou. É uma memória agriçoce, mas não insuportável.

– Eu tenho algumas assim também.

Lydia, da mesma forma, havia estado junto a leitos de morte, tinha segurado a mão de entes queridos, sentido a pulsação enfraquecer e sumir.

– Sua mãe, sua irmã – disse ele.

A duquesa assentiu. Ainswood se aproximou.

– Esta será nossa primeira lembrança neste quarto. Quero que seja perfeita. Ela deve estabelecer o clima para o resto da nossa vida aqui, juntos. Porque este é o nosso *lar*.

Lydia olhou para a cama, depois para ele. Sua boca se curvou ligeiramente para cima.

Ela entendia.

Vere olhou para baixo. Lydia estava usando um dos seus vestidos novos: uma peliça cor de lavanda abotoado de cima a baixo.

– Quantos botões! – murmurou ele.

Grudou a boca na dela e lhe deu um beijo longo, lento e profundo ao mesmo tempo que desabotoava devagar o vestido, até logo abaixo da cintura. Então se afastou e se ajoelhou para continuar o trabalho, porém mais depressa.

Quando terminou, encarou-a. Ela se livrou da roupa, deixando-a cair no chão. Foi até a cama, lançando um olhar rápido mas devastador por cima do ombro. Encostou-se no balaústre para se equilibrar e enfiou a mão por baixo das anáguas.

Ainda de joelhos, hipnotizado, observou a ceroula de seda escorregar para o chão. Ela afrouxou as fitas do corpete das anáguas e os seios se desnudaram até bem perto dos mamilos.

Lydia se virou lentamente e segurou o balaústre com as duas mãos. Ele se levantou de um salto e se despiu por completo. Ela observava tudo por cima do ombro, a boca farta ainda curvada num minúsculo sorriso diabólico.

– Libertina, Sua Graça. A senhora se tornou uma libertina e depravada.

– Tenho um professor excelente – replicou ela baixinho.

Mallory segurou seus seios com as mãos em concha, fazendo uma trilha de beijos pelos ombros e pelas costas dela. Sentiu-a estremecer de prazer e ardeu de impaciência.

– Eu te amo – disse ela. – Possua-me assim.

Lydia encostou o lindo traseiro na virilha de Vere. A musselina lhe fazia cócegas na haste inchada, um tormento enlouquecedor que provocou nele uma gargalhada áspera. Em público, ela era capaz de congelar um homem com um golpe daqueles olhos glaciais. Em particular, era puro fogo, a mais libertina das meretrizes.

Ele suspendeu as saias.

– Assim, duquesa? É assim que você me quer?

– É, assim. Agora.

Mallory a segurou, emaranhou os dedos nos caracóis sedosos e encontrou calor úmido. *Agora*, dissera ela, tão impaciente quanto ele.

O duque a penetrou e a possuiu como ela desejava, como ambos desejavam. Ela sabia.

Vere queria que aquele quarto ecoasse com gritos de paixão, gargalhadas e juras de amor. Os dois não eram domesticados nem decorosos, mas desafiadores, intrépidos, de sangue quente. Não eram totalmente civilizados e jamais seriam.

E assim fizeram amor como as criaturas passionais que eram e, quando caíram na cama, repetiram a dose. E pela terceira vez. Ferozmente, jubilosamente, ruidosamente, desavergonhadamente.

Quando, enfim, se esparramaram na cama, exaustos, com os corpos úmidos e nus entrelaçados, o cheiro da paixão pairava no ar, em meio à luz dourada e carmim do sol poente, e os sons do amor que haviam feito pareciam ecoar no quarto.

– Bom, esta é uma lembrança que aquece um homem na velhice – disse Vere. – E lhe dá motivo para viver até uma idade muito avançada.

– É melhor você viver mesmo. Senão vou encontrar outro.

– Se você tentar encontrar um substituto, vai ficar tristemente desapontada. Eu sou insubstituível. Sou o único homem no mundo inteiro que tem a combinação perfeita de qualidades. – Ele acariciou preguiçosamente o seio dela. – Você pode fixar esse seu olhar de

Ballister em mim quanto quiser, mas não vai me petrificar. Pode bater em mim quanto quiser sem se preocupar em causar qualquer dano. Pode cometer qualquer tipo de ultraje que sua mente maligna conceber, e tenha certeza de que eu participarei de boa vontade. Você é uma encenqueira, Lydia. Um demônio Ballister. Nada menos do que um canalha Mallory serviria para você.

– Então é melhor ficar comigo por muito tempo. Caso contrário, vou acompanhar você até a outra vida.

– Não duvido que você faça isso. – Ele gargalhou. – Você não hesitaria, nem na boca do inferno, em meio a chamas e demônios uivando. Mas vou me esforçar para adiar isso o máximo possível.

– Só peço que você se esforce ao máximo.

– Pode ter certeza de que vou fazer um esforço de primeira classe para ser um dos Mallorys de vida longa. – Vere roçou no corpo dela, passando dos seios para a barriga. – Para começar, estou muito curioso para ver que tipo de monstros iremos produzir.

Lydia pôs a mão sobre a dele.

– Eu também. Seria um feito grandioso se concebêssemos um bebê neste dia, nosso primeiro dia juntos nesta casa, nesta cama. Uma criança concebida com amor, à luz do sol... – Ela sorriu. – E completamente desinibidos.

– Uma criança seria uma excelente recordação – disse ele com a voz rouca.

– A melhor. – Ela aproximou o rosto dele. Em seus olhos glaciais, dançavam demônios gêmeos, que só ele podia ver. – Talvez – sussurrou Lydia – só mais uma vez. Sei que não há como ter certeza...

Ele a beijou.

– Pode ter certeza, madame, de que darei o meu melhor.

E deu.

## EPÍLOGO

**N**a edição de 1829 do *Registro anual*, sob o cabeçalho “Nascimentos de julho”, surgiu a seguinte nota: “No último dia 20, em Longlands, Northands, a duquesa de Ainswood deu à luz um menino.”

O futuro duque, batizado de Edward Robert, foi o primeiro de sete filhos do casal. Algumas das crianças tinham cabelos claros e olhos azuis, outras, cabelos escuros e olhos verdes.

Mas todas eram encrenqueiras, absolutamente todas.

## SOBRE A AUTORA

© 2008 Walter M. Henritze



**Loretta Lynda Chekani** nasceu em 1949 numa família albanesa. Assim que aprendeu a escrever, passou a pôr no papel as histórias que inventava. Formou-se em inglês pela Clark University, onde trabalhou meio período como professora ao mesmo tempo que escrevia roteiros. Foi quando conheceu um produtor que a incentivou a publicar suas histórias. Os dois acabaram se casando. Com o sobrenome do marido, Loretta Chase vem publicando romances históricos desde 1987, pelos quais ganhou vários prêmios,

inclusive dois RITA, da Associação Americana de Escritores de Romances, um deles por *O príncipe dos canalhas*, também publicado pela Arqueiro.

[www.lorettachase.com](http://www.lorettachase.com)

## CONHEÇA OUTROS ROMANCES DA EDITORA ARQUEIRO



### O DUQUE E EU *Julia Quinn*

Simon Basset, o irresistível duque de Hastings, acaba de retornar a Londres depois de seis anos viajando pelo mundo. Rico, bonito e solteiro, ele é um prato cheio para as mães da alta sociedade, que só pensam em arrumar um bom partido para suas filhas.

Simon, porém, tem o firme propósito de nunca se casar. Assim, para se livrar das garras dessas mulheres, precisa de um plano infalível.

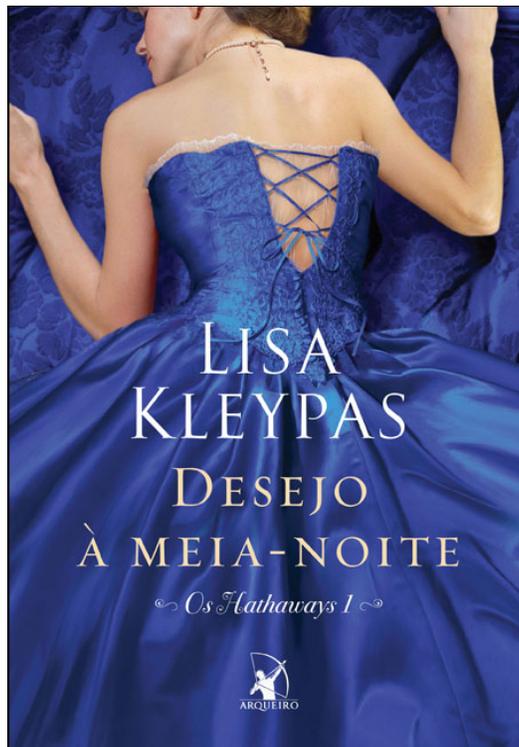
É quando entra em cena Daphne Bridgerton, a irmã mais nova de seu melhor amigo. Apesar de espirituosa e dona de uma personalidade marcante, todos os homens que se interessam por ela

são velhos demais, pouco inteligentes ou destituídos de qualquer tipo de charme. E os que têm potencial para ser bons maridos só a veem como uma boa amiga.

A ideia de Simon é fingir que a corteja. Dessa forma, de uma tacada só, ele conseguirá afastar as jovens obcecadas por um marido e atrairá vários pretendentes para Daphne. Afinal, se um duque está interessado nela, a jovem deve ter mais atrativos do que aparenta.

Mas, à medida que a farsa dos dois se desenrola, o sorriso malicioso e os olhos cheios de desejo de Simon tornam cada vez mais difícil para Daphne lembrar que tudo não passa de fingimento. Agora ela precisa fazer o impossível para não se apaixonar por esse conquistador inveterado que tem aversão a tudo o que ela mais quer na vida.

Primeiro dos oito livros da série Os Bridgertons, O duque e eu é uma bela história sobre o poder do amor, contada com o senso de humor afiado e a sensibilidade que são marcas registradas de Julia Quinn, autora com 8 milhões de exemplares vendidos.



DESEJO À MEIA-NOITE  
*Lisa Kleypas*

Após sofrer uma decepção amorosa, Amelia Hathaway perdeu as esperanças de se casar. Desde a morte dos pais, ela se dedica exclusivamente a cuidar dos quatro irmãos – uma tarefa nada fácil, sobretudo porque Leo, o mais velho, anda desperdiçando dinheiro com mulheres, jogos e bebida.

Certa noite, quando sai em busca de Leo pelos redutos boêmios de Londres, Amelia conhece Cam Rohan. Meio cigano, meio irlandês, Rohan é um homem difícil de se definir e, embora tenha ficado muito rico, nunca se acostumou com a vida na sociedade londrina.

Apesar de não conseguirem esconder a imediata atração que sentem, Rohan e Amelia ficam aliviados com a perspectiva de nunca mais se encontrarem. Mas parece que o destino já traçou outros planos.

Quando se muda com a família para a propriedade recém-herdada em Hampshire, Amelia acredita que esse pode ser o início de uma vida melhor para os Hathaways. Mas não faz ideia de quantas dificuldades estão a sua espera.

E a maior delas é o reencontro com o sedutor Rohan, que parece determinado a ajudá-la a resolver seus problemas. Agora a independente Amelia se verá dividida entre o orgulho e seus sentimentos.

Será que Rohan, um cigano que preza sua liberdade acima de tudo, estará disposto a abrir mão de suas raízes e se curvar à maior instituição de todos os tempos: o casamento?



AS REGRAS DA SEDUÇÃO  
*Madeline Hunter*

Lorde Hayden Rothwell chega à casa de Alexia Welbourne sem aviso e sem ser convidado – um homem poderoso e sedutor, movido por interesses obscuros. Sua visita anuncia a ruína financeira da família de Alexia e o fim das esperanças da jovem de um dia conseguir um bom casamento.

Para se sustentar, a moça recebe a proposta de ser dama de companhia de Lady Henrietta Wallingford e preceptora de sua filha. O problema é que a oferta vem do sobrinho de Henrietta, ninguém menos que lorde Hayden.

Morando na casa da tia de Rothwell, Alexia descobre que a proximidade com o homem que destruiu sua família pode ser perigosamente irresistível. Num gesto impensado, ela se entrega a ele, e ambos se veem obrigados a se casar.

O que Alexia não sabe é que os atos aparentemente arrogantes de seu belo e sensual marido são motivados por uma dívida de honra que pode levá-lo a sacrificar tudo.

Com tantas mágoas e segredos entre eles, o casal tem tudo para se manter afastado. Mas Hayden é um homem apaixonante e Alexia, a tentação que o faz perder a cabeça. Morando sob o mesmo teto, eles acabam se aproximando e, juntos, vão descobrir um jogo de sedução em que cada um faz as próprias regras.



LIGEIRAMENTE CASADOS  
*Mary Balogh*

À beira da morte, o capitão Percival Morris fez um último pedido a seu oficial superior: que ele levasse a notícia de seu falecimento a sua irmã e que a protegesse – “Custe o que custar!”.

Quando o honrado coronel lorde Aidan Bedwyn chega ao Solar Ringwood para cumprir sua promessa, encontra uma propriedade próspera, administrada por Eve, uma jovem generosa e independente que não quer a proteção de homem nenhum.

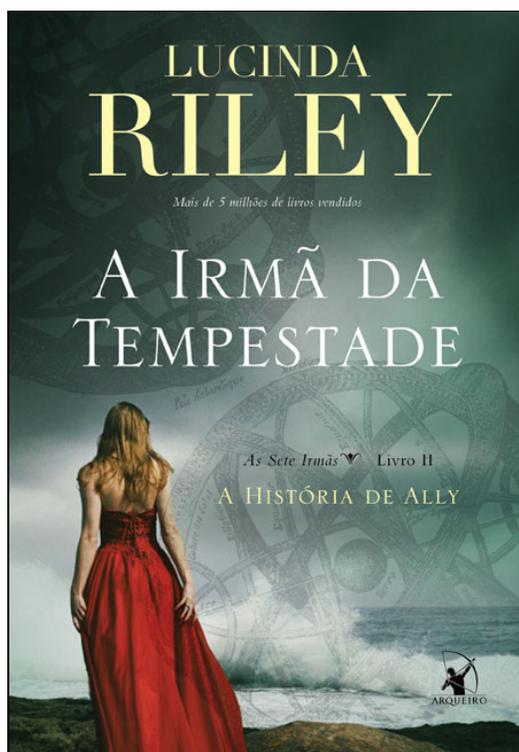
Porém Aidan descobre que, por causa da morte prematura do irmão, Eve perderá sua fortuna e será despejada, junto com todas as pessoas que dependem dela... a menos que cumpra uma condição deixada no testamento do pai: casar-se antes do primeiro aniversário da morte dele – o que acontecerá em quatro dias.

Fiel à sua promessa, o lorde propõe um casamento de

conveniência para que a jovem mantenha sua herança. Após a cerimônia, ela poderá voltar para sua vida no campo e ele, para sua carreira militar.

Só que o duque de Bewcastle, irmão mais velho do coronel, descobre que Aidan se casou e exige que a nova Bedwyn seja devidamente apresentada à rainha. Então os poucos dias em que ficariam juntos se transformam em semanas, até que eles começam a imaginar como seria não estarem apenas ligeiramente casados...

Neste primeiro livro da série Os Bedwyns, Mary Balogh nos apresenta à família que conhece o luxo e o poder tão bem quanto a paixão e a ousadia. São três irmãos e três irmãs que, em busca do amor, beiram o escândalo – e seduzem a cada página.



A IRMÃ DA TEMPESTADE  
*Lucinda Riley*

Ally D'Aplière é uma grande velejadora e está se preparando para uma importante regata, mas a notícia da morte do pai faz com que ela abandone seus planos e volte para casa, para se reunir com as cinco irmãs. Lá, elas descobrem que Pa Salt – como era carinhosamente chamado pelas filhas adotivas – deixou, para cada uma delas, uma pista sobre suas verdadeiras origens.

Apesar do choque, Ally encontra apoio em um grande amor. Porém mais uma vez seu mundo vira de cabeça para baixo, então ela decide seguir as pistas deixadas por Pa Salt e ir em busca do próprio passado.

Nessa jornada, ela chega à Noruega, onde descobre que sua história está ligada à da jovem cantora Anna Landvik, que viveu há mais de cem anos e participou da estreia de uma das obras mais

famosas do grande compositor Edvard Grieg. E, à medida que mergulha na vida de Anna, Ally começa a se perguntar quem realmente era seu pai adotivo.

Em *A irmã da tempestade*, segundo volume da série *As Sete Irmãs*, as vidas de duas grandes mulheres separadas por gerações se entrelaçam numa história sobre amor, ambição, família, perda e o incrível poder de se reinventar quando o destino destrói todas as suas certezas.

## INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores da EDITORA ARQUEIRO, visite o site [www.editoraarqueiro.com.br](http://www.editoraarqueiro.com.br) e curta as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos, você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar de promoções e sorteios.



[www.editoraarqueiro.com.br](http://www.editoraarqueiro.com.br)



[facebook.com/editora.arqueiro](https://facebook.com/editora.arqueiro)



[twitter.com/editoraarqueiro](https://twitter.com/editoraarqueiro)



[instagram.com/editoraarqueiro](https://instagram.com/editoraarqueiro)



[skoob.com.br/editoraarqueiro](https://skoob.com.br/editoraarqueiro)

Se quiser receber informações por e-mail, basta se cadastrar diretamente no nosso site ou enviar uma mensagem para [atendimento@editoraarqueiro.com.br](mailto:atendimento@editoraarqueiro.com.br)

Editora Arqueiro  
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia  
04551-060 – São Paulo – SP  
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818  
E-mail: [atendimento@editoraarqueiro.com.br](mailto:atendimento@editoraarqueiro.com.br)

# Sumário

[Créditos](#)

[Prólogo](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Epílogo](#)

[Sobre a autora](#)

[Conheça outros romances da Editora Arqueiro](#)

[Informações sobre a Arqueiro](#)